



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Robson Rafael de Oliveira Nascimento

**Interfaces do discurso de cavalaria medieval da *Crónica do Condestabre* na
biografia *Nada a perder*, de Edir Macedo
Uma nova guerra santa no Brasil**

Rio de Janeiro

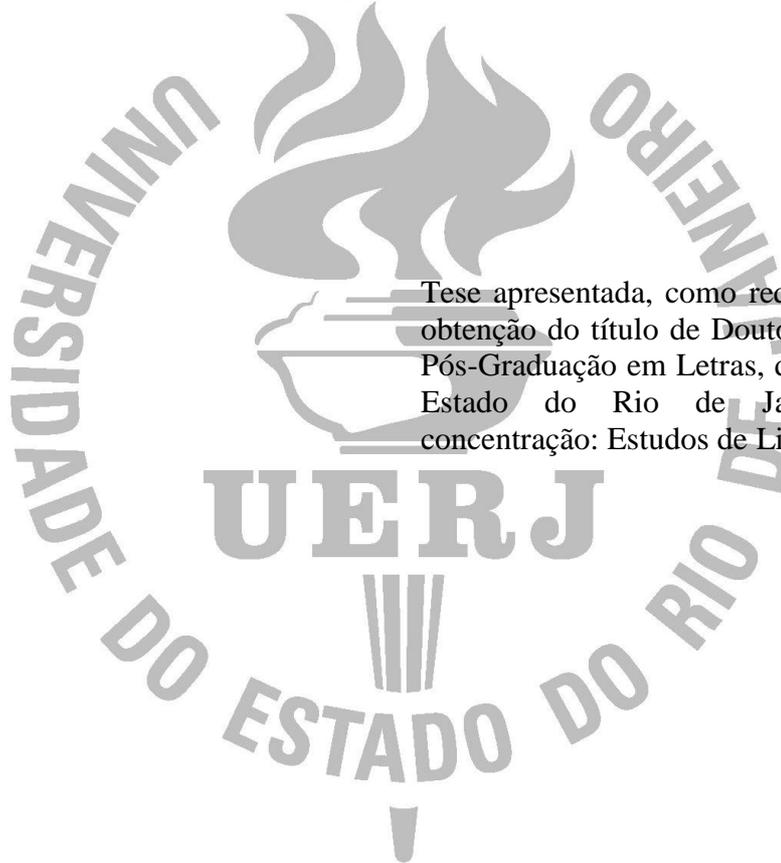
2022

Robson Rafael de Oliveira Nascimento

Interfaces do discurso de cavalaria medieval da *Crónica do Condestabre* na biografia

***Nada a perder*, de Edir Macedo**

Uma nova guerra santa no Brasil



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Cristina Batalha

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

N244 Nascimento, Robson Rafael de Oliveira.
Interfaces do discurso de cavalaria medieval da Crônica do Condestabre na biografia Nada a perder, de Edir Macedo: uma nova guerra santa no Brasil / Robson Rafael de Oliveira Nascimento. – 2022.
291 f.

Orientadora: Maria Cristina Batalha.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Religião na literatura - Teses. 2. Cristianismo – Teses. 3. Macedo, Bispo, 1945-. Nada a perder – Teses. 4. Lopez, Fernão. Ca. 1380. Crônica de Condestabre de Portugal – Teses. I. Batalha, Maria Cristina, 1947-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82:2

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Robson Rafael de Oliveira Nascimento

Interfaces do discurso de cavalaria medieval da *Crónica do Condestabre* na biografia

***Nada a perder*, de Edir Macedo**

Uma nova guerra santa no Brasil

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 02 de fevereiro de 2022.

Banca examinadora

Prof^a. Dra. Maria Cristina Batalha (Orientadora)

Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Cláudia Maria Amorim

Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Sérgio Nazar David

Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dra. Andreia Cristina Lopes Frazão

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Leila Rodrigues da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

A Jesus, que me incomoda muito com sua entrega pacífica.

AGRADECIMENTOS

A Cristo pela inspiração maior, pela verdadeira resistência, que é negar a si mesmo.

Aos meus pais pela formação moral e minha esposa Cristiane pelo sustentáculo nos momentos difíceis.

À saudosa professora Maria do Amparo, pela recepção simpática do meu projeto bem como a orientação nos primeiros momentos desta jornada. Saudade.

À professora Sheila Moura Hue por ser a influência determinante na minha trajetória acadêmica desde sempre e à professora Maria Cristina Batalha, pela acolhida gentil e zelosa nesta reta final do doutorado.

Aos pastores Robson Moura e Eduardo Carolli, pelo material proveitoso de pesquisa e pelas ótimas conversas sobre esta Tese, sem as quais ficaria muito mais difícil concluir este desafio.

À amiga dos momentos mais complicados e de dúvida nesta caminhada Émili Olenchuk, pelas valiosas conversas e esclarecimentos.

RESUMO

NASCIMENTO, Robson Rafael de Oliveira. *Interfaces do discurso de cavalaria medieval da Crónica do Condestabre na biografia Nada a perder, de Edir Macedo - uma nova guerra santa no Brasil*. 2021. 291 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O propósito deste trabalho é apresentar a construção de um discurso de guerra santa na *Crónica do Condestabre*, que se reflete na retórica da biografia contemporânea *Nada a perder*, do bispo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo. Pretende-se com esta investigação estabelecer um paralelo discursivo e ideológico entre a figuração do herói português com a pregação do evangélico neopentecostal, de um cristianismo belicoso e vencedor. A narrativa em sua biografia, bastante cronística e hagiográfica, em seu objetivo de pregar vitória contra os denominados inimigos da fé cristã, guarda muitos alinhamentos com a figuração cavaleiresca de Nun'Álvares Pereira, que retrata, em sua compilação cronística, a devoção dos cavaleiros em defender as doutrinas de Cristo por meio das armas.

Palavras-chave: Cavaleiros. Nun'Álvares Pereira. Guerra santa. Macedo. Neopentecostais. Universal.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Robson Rafael de Oliveira. *Interfaces of the medieval cavalry discourse of the Crónica do Condestabre in the biography Nada a perder, by Edir Macedo - a new holy war in Brazil*. 2022. 291 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The aim of this work is to present the construction of a holy war discourse in the *Cronica do Condestabre*, that is reflected in the contemporary biography rethoric *Nada a Perder*, by the Universal Church of the kingdom of God's founder bishop, Edir Macedo. It is intended, with this investigation, to establish a discursive and ideological comparison between the Portuguese hero figure and the neo-Pentecostal evangelical preaching, of a bellicose and victorious Christianity. The narrative in his biography, rather chronicle and hagiographic in its objective of preaching victory against the so-called Christian faith enemies, preserves a great number of alignements with Nun'Alvares Pereira knightly figuration, which depicts, in his chronicle compilation, the knights devotion in defending Christ's doctrines through weapons.

Keywords: Knights. Nun'Álvares Pereira. Holy war. Macedo. Neo-Pentecostals,

Universal.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	09
1	DA PAZ DE CRISTO À GUERRA SANTA – OS FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS DO CAVALEIRO MEDIEVAL CRISTÃO	18
1.1	Os primeiros três séculos da era cristã: paz, não resistência e amor aos inimigos	21
1.2	O início da reação: o surgimento do Deus belicoso a favor dos cristãos	43
1.3	A estatização e legalização da força bélica cristã	55
1.4	A institucionalização da força bélica cristã: possíveis origens do cavaleiro cristão	70
2	A <i>CRÓNICA DO CONDESTABRE</i>: NUN'ÁLVARES PEREIRA, O COMBATENTE CRISTÃO IDEAL	89
2.1	O gênero crônica através da História na construção dos valores monárquicos, religiosos e bélicos	90
2.2	D. Nun'Álvares Pereira: a época e o homem	105
2.3	A <i>Crónica do Condestabre</i> e a imagem do defensor da Cristandade	116
3	AS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS E SEU CRISTO GUERREIRO	143
3.1	Um caminho do cristianismo medieval ao moderno: importantes transições	158
3.2	As origens do movimento pentecostal	162
3.3	O movimento pentecostal e neopentecostal no Brasil	169
3.4	O neopentecostalismo e suas características	185
4	REINVENÇÕES DA GUERRA SANTA MEDIEVAL NOS SÉCULOS XX E XXI – CONEXÕES DA <i>CRÓNICA DO CONDESTABRE</i> COM A BIOGRAFIA <i>NADA A PERDER</i>, DE EDIR MACEDO, O NOVO “CAVALEIRO” DEFENSOR DA CRISTANDADE	203
4.1	O <i>discurso</i> e a legitimação da guerra santa	204

4.2	O Nada a perder e suas características cronísticas e hagiográficas: um novo herói cavaleiresco ressurgue	211
4.3	A Crónica do Condestabre e Nada a perder: um discurso, uma ideologia. Algumas considerações	222
4.4	As obras e a tradição cronística do Ocidente	228
4.5	Nun'Álvares Pereira e Edir Macedo, cavaleiros defensores da cristandade	248
	CONCLUSÃO	261
	REFERÊNCIAS	268
	ANEXO A – Representatividade dos evangélicos no Legislativo nacional brasileiro	286
	ANEXO B – Genealogia das principais igrejas evangélicas brasileiras	287
	ANEXO C – Analogia entre o neopentecostalismo e o Candomblé e suas consequências culturais – Autoridade Espiritual	288
	ANEXO D – Saúde e prosperidade	289
	ANEXO E – Confissão positiva	290
	ANEXO F – Tabela comparativa entre as escolas de Análise de Discurso Francesa e Anglo-Saxã	291

INTRODUÇÃO

Foi a partir de uma disciplina do Mestrado, no primeiro semestre de 2014, que fui despertado para a importância da literatura medieval. Partindo de uma leitura orientada pela queridíssima professora Maria do Amparo, que nos deixou no início deste ano de 2021, da intrigante *Crônica do Condestabre*, e das deliciosas e divertidas cantigas, embora indecifráveis num primeiro momento, seduzi-me pela matéria. Conseguia rir de algo escrito há quase mil anos (o que me levou a apresentar na Faculdade de História na UFRJ, em 2018 uma comunicação sobre o riso na “Idade das Trevas”¹), e isto me impressionava, com relação à extrema atualidade e relevância da produção literária daquele tempo. Encantava-me com as histórias dos cavaleiros, tão vibrantes e deleitosas, heróis que não deviam em nada àqueles dos filmes e desenhos animados de hoje em dia. Seus códigos de conduta, e honra, sua coragem... Eram soldados de integridade dispostos ao sacrifício máximo, assim como os que queremos imitar quando criança. E talvez como adulto... A Revista *Mundo Antigo*, da UFF, publicou um artigo meu em 2017, intitulado *A reprodução ideológica d’O livro da Ordem da Cavalaria, de Raimundo Lúlio, no estatuto dos Policiais Militares do Estado do Rio de Janeiro*². Percebi, surpreso, que era possível estudar literatura com prazer, uma cultura cada vez mais solapada por infinitos manuais acadêmicos enfadonhos, tristes e afastadores da verdadeira essência da leitura. Era, enfim, divertido estudar literatura, e foi por meio das longínquas obras produzidas na Alta Idade Média e Central, em sua língua portuguesa arcaica, que fui tocado para isto. Mesmo Camões, sobre o qual pesquisei no Mestrado, com o seu majestoso *Os Lusíadas*, não me fizera rir e me emocionar tanto com a rica humanidade das cantigas e das crônicas, em especial da que usamos como corpus nesta Tese: a *Crônica do Condestabre*. Acho que minha identidade estava na “Idade das Trevas”, rótulo depreciativo posto pelos presunçosos renascentistas e seus asseclas.

¹ NASCIMENTO, Robson Rafael de Oliveira. *Risos na “Idade das Trevas” provocados pelas Cantigas de Escárnio e Maldizer de Afonso X*. Disponível em <<https://www.pem.historia.ufrj.br/CadernoDeResumos.pdf>> Acesso em 15/02/2021.

² *Idem*. *A reprodução ideológica d’o livro da Ordem da Cavalaria, de Raimundo Lúlio, no estatuto dos Policiais Militares do Estado do Rio de Janeiro*. Disponível em <<http://www.nehmaat.uff.br/revista/2017-1/artigo02-2017-1.pdf>> Acesso em 15/02/2021.

A ministração da professora Amparo tinha me tirado do lugar, dizendo isto com uma nota de tristeza pela sua partida, que não verá a semente que lançou em meu coração germinar e se tornar esta árvore aqui.

Apresento com humildade, como uma contribuição aos estudos de literatura medieval, esta semente germinada, um encanto pelo deleite proporcionado por estas leituras e pelo que se revelaram para mim como gigantemente pertinentes dada a presença na nossa cultura ocidental. Este, portanto, é um produto de muito enfado, contudo de amplo prazer também.

Escritas na era em que foi construída a identidade de muitas nações, as literaturas medievais marcaram a humanidade para sempre com suas histórias de heroísmo e aventuras. Tais feitos lendários eternizaram-se no imaginário popular através de contos, novelas e romances que se tornaram inspiração para guerreiros de muitas nações do Ocidente. Muitos heróis, elaborados na Idade Média (como os lendários Cavaleiros dos romances de cavalaria), transformaram-se em verdadeiros modelos de virtude para muitos durante séculos:

Todas as civilizações praticaram a guerra, e a praticam ainda, e quase todas têm o guerreiro como máximo herói, geralmente no topo das classes sociais e dirigentes. É tido como uma mostra, ou um ícone, da questão de sobrevivência, pela necessidade de usar armas para defender o grupo, a cultura, a civilização ou o império (LUPI, 2010, p. 127).

Os cavaleiros retratados nas literaturas, como defensores do cristianismo medievo, em seu propósito de combater os considerados inimigos da Cristandade, exaltavam o valor das armas em nome de seu Deus e, autorizados a usar da força, pregavam a obediência à Igreja por meio da arte da guerra. Segundo Ramon Llull, em seu *Livro da Ordem da Cavalaria*, cumpre ao cavaleiro estar condizente com a missão que lhe foi confiada de defender a fé cristã, primeiramente em seu procedimento pessoal e depois os da mesma fé em sua comunidade (LLULL, 2000, p. 22). E tal código de conduta ainda reverberaria por toda a Europa pós-cruzadística inspirando e regulando os guerreiros para que empunhem bem suas espadas contra infiéis e criminosos.

A mitificada Idade Média caracterizou-se por grandiosos conflitos entre cristãos e muçulmanos por posse de grandes territórios e da própria cidade de Jerusalém, sagrada para as duas religiões. Era conveniente, portanto, propagar ideais de guerra sancionadas pelo cristianismo, pois o projeto de dominação mundial

da Igreja ainda era sonhado pelos papas. Pelo sangue derramado do Outro também se devia transmitir a fé de Cristo, originariamente fundamentada no amor e na paz com o semelhante, conceito que vai se transformando ao longo do tempo até chegar a este ponto, conforme veremos nesta pesquisa. Aos poucos, fatores sócio-políticos vão tornando os discípulos de Jesus Cristo em guerreiros letais, capazes de conquistar extensões de terras sob um estandarte que ostenta a cruz, símbolo máximo de injustiça e brutalidade estatal.

Quando terminam aqueles confrontos cruentos na Terra Santa, com derrota para os cristãos, a cavalaria desloca sua belicosidade para a manutenção da ordem nos reinos europeus. Surge, então, a reelaboração do guerreiro na literatura como forma de fazer retornar o desejo de luta pela fé cristã. Heróis são exaltados nas páginas das obras das novelas de cavalaria, nas crônicas e na poética de maneira geral como parte de um esforço para se agregar ao tal cavaleiro as virtudes cristãs para o controle da Igreja, o poder maior naquele momento da História europeia. Temos construída, então, a figura do *cavaleiro*, o soldado ideal, cheio de qualidades, digno de toda a admiração e de fama e riqueza cobiçadas.

Particularmente a cronística portuguesa medieval elevará as qualidades deste personagem, muito embora tenha a intenção de ser relato histórico, e portanto tomado como verídico. Ocorre na escrita especial enfoque no que se apresenta como um cavaleiro, com base nos preceitos de Lull e em outras obras, destacando-se o sucesso no empreendimento de guerra por ação de Deus, sob o comando de um rei com a alta missão de derrotar o mal interno ou invasor. É o desfile de heróis nas páginas da história de Portugal, todos estimados na mais alta conta pelos lusitanos até hoje, que lhes rendem homenagens, feriados e paradas militares. Caracteres que são reverenciados por lutarem pelo seu país em nome de sua religião com muita retidão e afinco, cujas espadas se ergueram para preservar a nação das ameaças de um costume estrangeiro, contrário ao cultivado originariamente.

Nesta variante de crônicas portuguesas que nos foi apresentada pela saudosa e querida professora Amparo, uma representaria melhor, na minha opinião, este ideal de cavaleirismo cristão: *A Crónica do Condestabre*. Nun' Álvares Pereira, o Comandante de Aljubarrota, líder da célebre vitória do dia 14 de agosto de 1385 que libertou os portugueses do domínio castelhano, digno de inúmeros preitos pelos séculos, simboliza bem a iconografia do guerreiro “com uma cruz na mão e uma

espada na outra”. Puro, destemido, íntegro e fiel, Nun’Álvares é a personificação do cavaleiro perfeito idealizado pelos escritores, que desta vez não foi apenas uma lenda. Dispomos de vasta bibliografia sobre o herói lusitano, além da crônica que lhe retrata, dos feitos que foi capaz de realizar, o que lhe rende muita homenagem de seu povo. E tais qualidades se devem à sua entrega ao perigo e, principalmente, à sua fé. Era um homem profundamente devoto e tudo o que fazia refletia esta peculiaridade. Travou as guerras porque era convencido da missão de manter a sua terra sob a influência de seu Deus. Católico apostólico romano, lutou até o fim pela sua Igreja, que cria ser a única verdadeira, e sua lealdade estava com o Sucessor de Pedro, o Senhor das Guerras naquele momento histórico. E não sendo um conto de teor apenas lendário, mas ao contrário, que se pretendia estar baseado em um acontecimento real, só coube ao cronista (desconhecido talvez para não querer ofuscar seu admirado), organizar suas histórias num discurso laudatório, porém, verídico, cheio de ação e aventura e patriótico, que produz boas horas de entretenimento.

Como foi dito, o que nos pressionou a um contato mais detido foi a atualidade e presença das obras medievais e a ressonância cultural provocada por elas. E essas ideias de heroísmo, cavaleirismo e, sobretudo, de guerra santa vêm sendo repetidas e aceitas, advindo delas não apenas literatura ficcional ou uma vastíssima gama de produção midiática, mas também como esteio de *modus operandi* de sistemas filosófico-religiosos, movedores de grandes massas de população. O *discurso* de guerra contra o infiel ressurgiu com força nos tempos presentes com aquelas mesmas características medievais, salvaguardando obviamente as muitas diferenças culturais entre aquela época e a nossa, que intencionamos explicitar nesta Tese. Assim, podem ser perceptíveis semelhanças na intenção de inspirar novos combatentes dos inimigos da fé cristã, personificados em certos religiosos de outras fés, especialmente de matriz africana. Estes, considerados perniciosos à ortodoxia neopentecostal e até mesmo ao desenvolvimento econômico do país, serão os novos “mouros” na biografia hagiográfica contemporânea do bispo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo. Através da trilogia *Nada a perder*, publicada em 2012, lemos uma possível aproximação daquele cavaleiro medieval, dotado das virtudes de Llull, tais como santidade, coragem, dedicação e fidelidade no cumprimento da missão que é pregar o Evangelho de Cristo. Por meio de marcante hostilidade e fervor de ânimo, Edir Macedo

fundamenta sua denominação neopentecostal, inaugurando no Brasil a doutrina que ficaria conhecida como *batalha espiritual*, que consiste, em linhas gerais, na sujeição de todas as coisas a uma guerra contra o diabo. Prega que é preciso libertação para se curar de doenças e vícios provocadas pelo maligno, segundo sua nova religião cristã, e que para isto, deve-se também combater o mal, cujos demônios têm que ser expulsos através de rituais acalorados de exorcismo.

A fixação de um ideal de combatividade em nome da fé cristã verificada na literatura cavaleiresca do Medievo, desse modo, reduplica-se em medida considerável na retórica das igrejas neopentecostais, fundadas a partir dos anos 70, que foi mais acentuada e desenvolvida pela IURD. “O conceito neopentecostal, desde então, virou expressão consagrada entre os estudiosos do fenômeno religioso pentecostal no Brasil” (MORAES, 2010, p. 3). A chamada terceira onda do pentecostalismo no Brasil, designação feita por Paul Freston³ e aceita por outros destacados especialistas em Antropologia, será enfocada nesta pesquisa como reduplicadora de uma ideologia cavaleiresca de combate pelo Cristianismo. Com uma retórica de exaltação à força e à belicosidade, o movimento neopentecostal surgiu no Brasil na segunda metade do século XX, na década de 60, com a fundação da Igreja Deus é Amor, por David Miranda. Sua pregação consiste na repulsa e luta contra o mal, segundo supõem, representado nos inimigos da sua fé, tais como sectários de outras religiões, mesmo algumas delas também sendo cristãs. À semelhança dos cavaleiros figurados na literatura medieval como defensores armígeros da religião de Jesus Cristo, os neopentecostais, por meio da pregação, erguem uma bandeira de guerra contra os que denominaram adversários da fé de Cristo caracterizando-se pela

exclusividade nos serviços e meios de salvação com pouca abertura interdenominacional; ênfase na realização de milagres mediatizados pelas igrejas com testemunhos públicos dos mesmos; ênfase em rituais emocionais e, sobretudo, em rituais de cura, associados a uma representação, demoníaca dos males; uso intenso dos meios de comunicação de massa: impressos, radiofônicos, televisivos e informatizados; combinação de religião com marketing, dinheiro e, em alguns casos, política; sensibilidade para captar os desejos dos fiéis oriundos não somente das baixas camadas sociais; projeto de constante

³ A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), mas existem outros grupos expressivos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), as Comunidades Evangélicas, Igreja Renascer em Cristo e a Comunidade Sara Nossa Terra.

expansão, em alguns casos para além das fronteiras nacionais (ORO, 2001, p. 73).

Macedo lança as bases doutrinárias de sua igreja no *Nada a perder* afirmando a imagem de um homem que, apesar das perseguições e angústias venceu os poderes das trevas. Como cavaleiro, lutou até o fim contra o diabo e sagrou-se triunfante⁴, terminando sua obra com a ereção do gigantesco Templo de Salomão, cuja inauguração, a 31 de julho de 2014, em São Paulo, contou com a presença das maiores autoridades civis do país. Imprimiu peregrinações à Terra Santa, nos lugares sagrados, para se aproximar de Deus, sonho, aliás de todo homem medieval para obter sua salvação, daí as expedições de milhares a Jerusalém naquela época para dar sua vida pela Igreja em batalha, vide as Cruzadas. O bispo, segundo a sua biografia, realizou milagres, ergueu dezenas de templos e principalmente venceu o diabo e seus seguidores, encarnados nos adeptos de religião afro-brasileira e em outros. Sua caminhada, portanto, lembra muito a de um santo cavaleiro estando bem aos moldes das hagiografias e crônicas da Idade Média, conexão que pretendemos estabelecer nesta pesquisa.

A biografia hagiográfica de Nun'Álvares nos permitirá perceber um *discurso*, que grafaremos nesta Tese em itálico, devido ao seu significado como

Disciplina que, em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu 'contexto', visa a articular sua enunciação sobre certo lugar social (MAINGUENEAU, 1996, p. 13, 14, *grifo do autor*).

O enaltecimento da guerra santa, ou seja, aquela feita em nome de Deus, é uma das questões que buscamos elucidar nessa pesquisa, portanto. Com apoio nas assertivas da Análise do Discurso, no relevo que dá à *ideologia*⁵, como formadora do

⁴ “Santos guerreiros” são bastante apreciados no Brasil, contando uma grande quantidade de devotos. No dia 23 de abril comemora-se no Estado do Rio de Janeiro o dia de São Jorge, “o Santo Guerreiro”, que também é padroeiro da Polícia Militar, e no sincretismo com as religiões afro-brasileiras, Ogum, o orixá das lutas. Sua lenda nos é trazida por Jacopo de Varazze na *Legenda Aurea* cujo trecho reproduzimos aqui: “Quando sitiavam a cidade [de Jerusalém] e a resistência dos sarracenos não permitia o assalto final. O bem-aventurado Jorge apareceu em trajes brancos e armado de uma cruz vermelha, fazendo sinal aos seus sitiantes para irem atrás dele e atacarem sem medo, que conquistariam a cidade. Animados por essa visão, venceram e massacraram os sarracenos” (VARAZZE, 2003, p. 370).

⁵ Um conceito interessante que usaremos de *ideologia*, sentido que usaremos nesta Tese e razão pela qual grafaremos a palavra em *itálico*, está por José Luiz Florin no seu livro *Linguagem e Ideologia*: “O discurso, por sua vez, também é determinado por coerções ideológicas. Ora, se a

discurso, uma vez que o texto deve ser analisado considerando-se sua realidade sócio-histórica e o meio em que foi produzido, pretendemos identificar as estratégias discursivas usadas pelo cronista do Condestável de glorificar a guerra santa bem como dar sua justificação, mostrando o valor e nobreza na batalha. Questões que também serão apontadas no *Nada a perder*, visto que notamos características parecidas na obra contemporânea, tais como a abordagem sob um perspectiva hagiográfica, de santificação do personagem principal, que, no caso, é o bispo Macedo, e a exaltação do brio cavaleiresco, que é a admiração e desejo que o interlocutor é levado a ter pela luta contra os inimigos do cristianismo neopentecostal.

Começamos esta Tese explicitando os fundamentos discursivos dos cavaleiros medieval e contemporâneo, fazendo um percurso de Jesus Cristo, sua paz e amor aos inimigos, até a realidade da guerra santa feita em seu nome. Será uma representação da história do cristianismo bem como a transformação de sua mensagem de entrega pacífica sem resistência em ideologia guerreira. Através da literatura, será possível perceber a mudança do *discurso* ao longo dos tempos que culmina numa retórica que ratifica o uso de força bélica cristã.

O segundo capítulo tratará da ambientação cavaleiresca já bem arraigada, que produzirá a *Crônica do Condestabre*, assim como a apresentação da obra, cujo trabalho discursivo de enaltecimento à guerra santa receberá algumas ponderações. Trilharemos um caminho de história do gênero crônica no Ocidente, as obras que lhe dão fundamentos desde o Egito Antigo até a cronística ibérica medieval de Afonso X no século XIII, que “suscitou várias celebrações das memórias do triunfalismo cristão hispânico” (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 173), tendo todas em comum a exaltação do poder régio e sua autoridade divina, atribuição de certas ações a deuses e glorificação de heróis coletivos ou individuais. Seguimos para uma sucinta exposição do mundo encontrado por D. Nun’Álvares Pereira, e como ele o teria marcado, firmando-se como um dos personagens mais importantes da história lusitana, que fez com que seu cronista tivesse a inspiração para compor a crônica que estudamos aqui. Depois passamos a abordar a obra medieval mostrando as estratégias de construção de um *discurso* glorificador da guerra em nome de Deus.

consciência é constituída a partir dos discursos assimilados por cada membro de um grupo social, não há individualidade de espírito nem uma individualidade discursiva absoluta” (FLORIN, 1998, p. 36).

Discorrer sobre movimento neopentecostal e sua historicidade no mundo e em nosso país é do que nos ocuparemos no terceiro capítulo. Com grande utilização de notícias e reportagens, mostraremos a grande influência exercida pelas religiões neopentecostais e a popularidade que alcançaram a ponto de mexer com os destinos políticos do Brasil. Será pontuado a adoção e implantação do ideal de guerra santa pelos neopentecostais, evidentemente diferente do cultivado no Medievo, mas com a mesma ardência loquaz, e as interpretações deste *discurso* que redundaram em atos reais de violência e, por extensão, no aumento do poderio político do grupo, visto seu entendimento de que, se estão em guerra, precisam se organizar para tomar o controle do país. A seguir expomos as características do neopentecostalismo, que diverge dos seus antecessores protestantes, criando uma nova forma de compreender o Cristianismo, longe do ascetismo tradicional, mas valorizando o fruir dos prazeres mundanos, na chamada Teologia da Prosperidade e, principalmente exacerbando a guerra santa, característica que dá identidade entre outras, à Igreja Universal do Reino de Deus.

Chegamos no objetivo central desta pesquisa neste quarto capítulo, que é estabelecer as conexões discursivas entre a *Crônica do Condestabre* e o *Nada a perder*, com o intuito de mostrar certa permanência de uma guerra santa mesmo em tempos de celebração de diversidade e tolerância religiosa. Iniciamos valorizando o *discurso* como veículo de *ideologia*, apoiados na Análise do Discurso, ao que seguimos para a segunda obra que nos serve de corpus nesta Tese. Passamos a uma leitura de *Nada a perder* apresentando suas características literárias que têm como objetivo a mesma das hagiografias medievais de Jacopo de Varazze, ou seja, inspirar para imitação. Depois, usando ainda as contribuições da Análise do Discurso, estabeleceremos as ligações entre as obras como *discursos autoritários* (no falar da professora Eli Orlandi) e outras conexões que as une com a tradição da cronística ocidental. Demos, por fim, o enfoque final às passagens de ambas as literaturas em que se enaltece a guerra contra os inimigos da fé cristã, personificados nos “mouros” e nos adeptos das religiões de matriz africana respectivamente.

Longe de pretender responder à famosa pergunta que se faz no Estudo da Literatura, *o que o autor quis dizer?*, queremos enriquecer o debate sobre o nosso modo de ler. Não desejamos ser petulantes para determinar uma leitura única, mas suscitar a discussão acerca dos muitos temas que nos são apresentados nas obras

que examinamos. Também não queremos ser mais um manual dentre tantos de que se dispõem, que infelizmente reduplicam muitos conceitos equivocados ou viciados, que reduzem os trabalhos acadêmicos a meros panfletos ideológicos. Ansiamos por uma renovação nas leituras, uma dessacralização dos heróis, uma revelação que só é dada por uma análise mais aprofundada. Esperamos alcançar esse intuito, na mostra dos processos históricos e nos efeitos lesivos causados pelo *discurso*, nas estratégias nele empregadas. Como medievalista, orientando da estimadas professoras Maria do Amparo e Maria Cristina Batalha, busco também, como não poderia deixar de ser, lutar nesta Tese para desfazer estereótipos depreciativos sobre a Idade Média, projetando anacronicamente sobre ela conceitos e construções ideológicas dos dias de hoje, extremamente danosos para uma compreensão panorâmica da literatura daquele tempo, bem como da sua época. Afinal, faz-se muito necessário, em tempos de “guerra ideológica”, lutarmos para que a universalidade das boas literaturas não seja reduzida a rele propaganda e que não haja o predomínio de revisionismo histórico que tanto prejudica a leitura das obras.

1 DA PAZ DE CRISTO À GUERRA SANTA – OS FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS DO CAVALEIRO MEDIEVAL CRISTÃO

Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Epístola do Apóstolo S. Paulo aos Efésios, VI, 1992, 10-13).

Por isso o Senhor disse que o reino dos céus é objeto de violência e são os violentos que se apossam dele, isto é, os que pela violência e pela luta, pela vigilância e perseverança se apossam dele. (...) Quanto a mim é assim que corro, não ao incerto, é assim que pratico o pugilato, mas não como quem golpeia o ar; encho de livro o meu corpo e reduzo-o à servidão, para que, depois de ter pregado aos outros eu mesmo não seja reprovado”. (...) Para nós era mais importante amar a Deus, por isso o Senhor nos deu e o Apóstolo transmitiu este ensinamento: encontrar Deus pela luta. Por outro lado, o nosso bem seria incompreendido se não fosse conseguido à custa de esforço (IRENEU DE LYON, 1995, p. 378).

“Quis fortemente lutar e, lembrado do meu juramento, peguei as armas da devoção e da fé, mas, enquanto eu lutava no ataque, os vários sofrimentos e os longos suplícios me venceram. A mente ficou firme e a fé forte, e minha alma lutou longamente, inamovível contra as penas furiosas. Mas – quando, recrudescendo a sevícia de um juiz duríssimo, ora os flagelos ainda laceravam a mim já fatigado, ora os bastões contundiam, ora a roda esticava, ora o alicate escavava, ora a flama torrava – a carne me abandonou na luta, a fraqueza do corpo cedeu, e não a alma, mas o corpo se rendeu na dor”. Com certeza tal alegação pode ajudar para o perdão, (...). Lutemos de bom grado e com prontidão por essa palma das boas obras salvadoras, corramos todos no estádio da justiça, tendo Deus e o Cristo como espectadores (CIPRIANO DE CARTAGO, 2016, p. 58, 166).

Depois de pedir a Deus, pelo próprio Jesus Cristo de que Celso se faz acusador, que fizesse resplandecer em nossos corações, pois ele é a verdade, os argumentos que refutam a mentira, volto à carga neste sétimo livro com a oração dirigida a Deus pelo profeta: “Aniquila-os, Senhor, por tua verdade!” (Sl 53,7): quer dizer, destrói os discursos contrários à verdade; pois é a eles que a verdade de Deus destrói.” (ORÍGENES, 2004, p. 304).

É abundante o uso de palavras no tom exaltado que destacamos acima, cujo campo semântico remete à guerra, pelo Apóstolo Paulo, bispos Irineu de Leão, Cipriano de Cartago e Orígenes de Alexandria. Lemos emprego largo da metáfora de luta espiritual, resistência, com guerra física, na qual as armas são concretas. A ilustração é clara. Querem o Apóstolo dos Gentios e os Pais da Igreja recomendar o esforço para que cristãos de seu tempo resistam à tentação de renegar seu mestre Jesus, mesmo sendo submetidos a horríveis torturas e à condenação final que era a morte. Era preciso “lutar” para se manter firme contra o desânimo e a desistência,

pois a prova era grande. Paulo associa os elementos de fé e o empenho para praticá-los ao aparato bélico visto num soldado do Império Romano. O combate é contra “os dardos inflamados do inimigo”, porém, nada contendo que aponte para um conflito físico efetivo. Irineu de Leão vai além numa metáfora mais agressiva. Diz que não se ganha o reino dos céus “sem violência” e que pratica o pugilato “não dando golpes no ar”, mas esforçadamente “lutando” pela incorruptibilidade, que é a salvação eterna. Cipriano, à semelhança de Irineu, promovendo a luta espiritual e valendo-se das “armas da devoção e da fé”, utiliza a representação do estádio romano, onde é sabido que havia muitas competições severas e premiações para os vencedores. Na arena dos gladiadores e das bigas era mister força, técnica e acima de tudo extrema vontade sendo, portanto, tais lutadores usados como exemplo para que os crentes em Jesus suportem as adversidades até final, pois haveriam de alcançar, não um ramo de louros, mas a vitória de uma vida eterna. Os bispos escritores desejavam também, através desta figura de linguagem incutir que a justiça divina será feita e dará, enfim, a retribuição àqueles que infligiram tantos males aos seguidores de Cristo, muito embora não seja seu desejo, pois pregavam o perdão e o amor pelos seus algozes. O combate, portanto, seria puramente espiritual, não intencionando agressão física ou revide a um ataque feridor qualquer.

No trecho do *Contra Celso* de Orígenes lemos “Aniquilar” e “destruir”, que significa obviamente desconstruir argumentos contrários ao que foi considerado ortodoxo, sem qualquer conotação de guerra física. Significa revelar o que foi tido como “verdade”, ou conhecimento correto de Deus em oposição ao que se concebe como desvios religiosos. A “verdade de Deus”, então, significaria observância às suas leis e não cometimento de pecados, e qualquer ensinamento oposto a isto, segundo o bispo de Alexandria, devia ser “destruído”. A rudeza deste trecho da obra *Contra Celso* e de toda a literatura cristã dos primeiros séculos da sua era, no entanto, se limita apenas a um reforço na urgência de se manter a verdadeira doutrina ensinada por Jesus Cristo, que pregou uma paz sem resistência e reação a todo tipo de ação violenta contra quem quer que seja. A “peleja” seria argumentativa, ideológica, sem viés marcial ou apoio a uma guerra em que se usam lanças e espadas, muito pelo contrário. Os primeiros cristãos valeram-se justamente de suas entregas pacíficas a sacrifícios e mortes horríveis para pregar na prática o que aprenderam de seu Mestre Nazareno: “amai vossos inimigos”. A fé cristã, assim, nasce e permanece durante seus três séculos iniciais sob um conceito de não

reação violenta àqueles que a perseguiram e a tentaram eliminar tão cruelmente, como mostraremos no decorrer deste capítulo.

Os livros de Irineu, Cipriano, Orígenes e outros da chamada Patrística, sobre os quais dissertaremos mais adiante, são representativos dessa mudança gradual no pensamento cristão no que diz respeito a ataque e defesa dos considerados inimigos da fé cristã, cuja ideia de combatividade física atinge seu auge nas bandeiras da cavalaria medieval e que retorna na biografia do bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, *Nada a perder*. Temos na *Crônica do Condestabre*, desse modo, na figura de D. Nun'Álvares Pereira, a personificação deste herói armígero que ergue sua espada em defesa da fé de Cristo e de seu país, constituindo-se num modelo a ser venerado, segundo o seu escritor, e segundo o que se concebia como guerreiro ideal na época. E tal heroísmo é copiado em grande medida na biografia do “heresiarca” contemporâneo, que elege alguns caracteres e outras religiões como “inimigos da fé cristã”, combatendo-os com a mesma energia que se observou da Alta Idade Média até a Baixa, período do surgimento, ascensão e declínio da cavalaria. Passamos, então, a delinear um percurso da evolução do pensamento cristão, representado na literatura, que concerne à paz e à guerra, bem como os marcos históricos de mudanças e suas fases.⁶

1.1 Os primeiros três séculos da era cristã: paz, não resistência e amor aos inimigos

“Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”.⁷

⁶ Jean Flori na sua obra *Cavalaria: A Origem dos nobres guerreiros da Idade Média* traça um interessante caminho da evolução do pensamento cristão frente ao tema das guerras travadas por cristãos, que nos serve de base e que ampliamos aqui. O medievalista separa em três fases o assunto: “*Da paz de Cristo à paz do claustro*”, onde o autor apresenta Jesus e seu pacifismo, citando rapidamente Orígenes de Alexandria, Hipólito de Roma, Tertuliano e Maximiliano em suas recusas em retribuir os seus algozes pelo tipo de morte que sofreram e pela recusa em servir ao exército; “*Da paz do claustro à paz de Deus*”, onde explica que, a partir do século IV e até o VIII, a igreja, agora alinhada com o Estado, se seculariza, surge por conseguinte o monasticismo e já vai nascendo a ideia de *guerra justa*, com Carlos Magno; “*Da paz de Deus à paz da cruzada*”, que indo do século VIII até o século XIII firma o ideal de “guerra aos infiéis” realizada em toda sua plenitude nas Cruzadas (FLORI, 2005. pp. 125-138).

⁷ A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Evangelho de S. Lucas, XXIII, 34. “Durante a própria paixão e na cruz, antes que se chegasse à crueldade da morte e à efusão do sangue, quanta infâmia afrontosa pacientemente ouvida, quantas irrisões injuriosas toleradas! Recebeu as cusparadas dos que o insultavam aquele que, pouco antes, reconstituíra com a sua saliva os olhos do cego. Aguentou os

A doutrina de amor ao próximo e não agressividade de Jesus Cristo,⁸ crucificado no ano 30 da era cristã por ordem do procurador romano da Judéia Pôncio Pilatos, se expande pelo território da Palestina até os extremos do antigo Império Romano, produzindo literaturas que visavam sistematizar as bases da fé cristã, além de animar os fiéis para que continuassem firmes em meio às terríveis perseguições que os assolavam neste primeiro século. O Apóstolo S. Pedro, o discípulo responsável pela condução dos demais, comissionado pelo próprio Jesus a “apascentar as suas ovelhas” (Evangelho de S. João XXI, 17), pois sobre “esta pedra edificaria a sua Igreja” (Evangelho de S. Mateus XVI, 18) tem duas significativas epístolas atribuídas a ele com vistas ao alicerçamento da fé cristã e uma apócrifa, datada do século II.⁹ Ele foi um pobre pescador que aceitou a convocação de Cristo para ser “pescador de homens” e passou a segui-lo, vivenciando muitas histórias com o seu mestre. Teve uma sogra curada por Jesus, foi salvo de uma tempestade, preso por anunciar o evangelho, e o fato que mais o destaca: sua negação três vezes a Cristo. Arrependido, depois da crucificação, ele continua sua caminhada como o mais notável discípulo, pregando a palavra da nova fé monoteísta por toda a Judeia até seguir para Roma, onde é preso e martirizado

açoites aquele em cujo nome e por cujos servos é agora o diabo flagelado com os seus anjos. Foi coroado de espinhos aquele que coroa os mártires com flores eternas. Foi agredido no rosto pelas palmas zombeteiras aquele que dá aos vencedores as verdadeiras palmas. Foi despojado das vestes terrenas aquele que reveste os outros com o indumento da imortalidade. Foi alimentado com fel aquele que deu um alimento celeste. Àquele que ofereceu o cálice da salvação deram vinagre para beber!”. (CIPRIANO DE CARTAGO, 2016. p. 178). “Mesmo insultado e revestido do manto de púrpura, a coroa de espinhos em volta da cabeça e na mão o caniço à guisa de cetro, conservava extrema brandura sem uma palavra vulgar ou indignada contra os autores capazes desta perversidade” (ORÍGENES, 2004. p. 334).

⁸ A visão sobre um Jesus Cristo pregador da paz e humanista é verificada entre as maiores religiões monoteístas do mundo. É interessante perceber tal reconhecimento até mesmo entre não-cristãos. No *Antiguidades Judaicas*, do historiador judeu Flávio Josefo (93 d. C), Jesus é apresentado como um homem de “tão admiráveis obras” e que fazia “muitos outros milagres”, muito embora seja contestável a autenticidade do texto. “Claro que esse trecho foi distorcido”, explica Maria Luiza Corassim, professora de História Antiga na Universidade de São Paulo. “Josefo não podia acreditar que Jesus fosse o Messias. Isso é coisa dos monges copistas. Do século II ao século XV as únicas cópias existentes dos livros estavam nos conventos. Eles agregavam o que queriam”. (*Procura-se Jesus Cristo*. Disponível em <<https://super.abril.com.br/historia/procura-se-jesus-cristo/>> Acesso em 24/03/2020. E para os muçulmanos, Cristo é considerado um profeta pacífico e compassivo: “A paz está comigo desde o dia em que nasci; estará comigo no dia em que eu morrer, bem como no dia em que eu for ressuscitado. Este é Jesus, filho de Maria; é a pura verdade, da qual duvidam.” e “Então após eles enviamos outros mensageiros nossos e após estes enviamos a Jesus, filho de Maria a quem concedemos o Evangelho: e infundimos nos corações daqueles que o seguem compaixão e clemência” (ALCORÃO, “Márium”, 19ª Surata, 33, 34 e Al Hadid, 57ª Surata, 27. Disponível em <<https://cibp.org.br/quran/?sourate=al-fatihah-1&lang=portuguese>> Acesso em 08/03/2020).

⁹ “A atribuição a Pedro é considerada fictícia. Sua datação não ultrapassa a segunda metade do século 2º. Certamente, seu original procede da Síria. Todavia, alguns creem o berço dessa obra teria sido a Diocese de Serapião, na Antioquia” (BÍBLIA APOLOGÉTICA DE ESTUDOS, 2008. p. 889).

pelo Imperador Nero no ano 65 (BÍBLIA DE ESTUDO NTLH, 2008, p. 1263). S. Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, segundo se lê em Eusébio de Cesareia, em *História Eclesiástica*¹⁰, e foi considerado como o primeiro papa da Igreja Católica Apostólica Romana cuja instituição se apoia principalmente na escrita dos Padres ou Pais da Igreja para formular tal doutrina.¹¹

O apóstolo, que outrora se erguera em armas para proteger seu mestre,¹² escreve numa das cartas canônicas atribuídas a ele, conhecida como Primeira Epístola de Pedro, “afim de estimulá-los (os fiéis) a uma exuberante alegria em face da perseguição” (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Apêndice, p. 324). Recomenda paciência e fé para o enfrentamento às dificuldades de se professar o cristianismo nos tempos de Nero: “Tratai todos com honra, amai os irmãos, honrai ao rei” (*Ibidem*, Primeira Epístola de S. Pedro, II, 17) é um versículo que demonstra bem a nova mentalidade do apóstolo que, longe de apoiar o seu próprio procedimento anterior, prescreve a paz com toda a sociedade. A exemplo do que aprendeu com Cristo, ensina aos destinatários da carta a não reagirem violentamente a uma injúria, antes bendizendo aos autores pela ofensa:

Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes, não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança. Pois quem quer amar a vida e ver dias felizes refreie a língua do mal e evite que os seus lábios falem dolosamente; aparte-se do mal, pratique o que é bom, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Primeira Epístola de S. Pedro, III, 8-11).

¹⁰ “Pedro, segundo parece, pregou no Ponto, na Galácia e na Bitínia, na Capadócia e na Ásia, aos judeus da diáspora; por fim chegou a Roma e foi crucificado com a cabeça para baixo, como ele mesmo pediu para sofrer.” (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2002, p. 52).

¹¹ Irineu também é uma das testemunhas do primado da Igreja Católica Apostólica Romana, embora, para alguns, teologicamente imperfeita. Ele afirma que a Igreja de Roma “é a maior, mais antiga e mais conhecida de todas, fundada e estabelecida (em Roma) pelos dois gloriosíssimos apóstolos Pedro e Paulo, demonstrando que a tradição recebida dos apóstolos e a fé anunciada aos homens chegaram até nós pela sucessão dos bispos [...]. Com essa Igreja, em razão da sua primazia de poder, todas as outras Igrejas, isto é, os fiéis de todo o universo, têm obrigação de se conformar: de fato, é nela que todas, em toda a parte e sempre, conservam a tradição que vem dos apóstolos”. (IRENEU DE LYON, 2014, p. 31.). “Os bem-aventurados apóstolos (Pedro e Paulo) que fundaram e edificaram a Igreja transmitiram o governo episcopal a Lino, o Lino que Paulo lembra na carta a Timóteo. Lino teve como sucessor Anacleto. Depois dele, em terceiro lugar, depois dos apóstolos, coube o episcopado a Clemente.” (IRENEU DE LYON 1995. p. 190). “Dos restantes seguidores de Paulo, está provado que Crescente foi enviado por ele à Gália; e Lino, que é mencionado na *II carta a Timóteo* indicando que se encontra com ele em Roma, já foi demonstrado anteriormente que foi designado para o episcopado da igreja de Roma, o primeiro depois de Pedro.” (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2002, p. 52).

¹² “Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão” (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Evangelho de S. Mateus, XXVI, 52).

Sobre a entrega da vida para tortura e o martírio, Pedro postula a alegria e orgulho, caso se padeça por ser um cristão e defende não uma reação rancorosa ou de desânimo, mas recomendando força e confiança no julgamento final de Deus, que irá retribuir a cada um segundo seu procedimento. A resposta às agressões, segundo o apóstolo, deve ser de “fazer o bem” ao invés de devolver as afrontas e ter sempre um vigor renovado para sustentar-se numa religião proibida e marginalizada pelo Estado:

Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando. Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus. Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócios de outrem; mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Primeira Epístola de S. Pedro, IV, 12-16).

Ainda no primeiro século temos a expressiva e influente produção literária do Apóstolo Paulo, que, a exemplo de Jesus, dizia “abençoei o que vos perseguem, abençoei e não amaldiçoeis”¹³. Segundo o Livro de Atos dos Apóstolos, capítulos VIII, IX e XXVI, Saulo de Tarso era um fariseu,¹⁴ que perseguia cristãos judeus fazendo-os, quando apanhados, sofrer humilhação, tortura, encarceramento e morte. Quando se converteu, no entanto, passou a sofrer o que infligia às suas vítimas. Paulo (pois mudara seu nome depois de se tornar um cristão) foi duramente caçado pelo grupo ao qual pertencia e pelas autoridades romanas de seu tempo, passando por dolorosos açoites, prisão, apedrejamento e naufrágio¹⁵ em suas longínquas viagens pelo Império para pregar a fé que abraçara. “Acabando a carreira”, depois

¹³ *Idem*. Epístola de S. Paulo aos Romanos XII, 14. Premissa retomada por Orígenes de Alexandria na sua obra *Contra Celso*, no Livro VII, sobre a qual dissertaremos mais adiante.

¹⁴ “...circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível” (*Ibidem*, Epístola de S. Paulo aos Filipenses III, 5, 6).

¹⁵ “Paulo mostrou o preço reservado à perseverança. Sete vezes carregando cadeias, exilado, apedrejado, tornando-se arauto no Oriente e no Ocidente, alcançou a nobre fama de sua fé” (CLEMENTE ROMANO, 1995. p. 21).

de “lutar o bom combate” e “guardar a fé”, foi condenado à decapitação por Nero no ano 67, conforme nos informa Eusébio de Cesareia.¹⁶

Treze livros do Novo Testamento são seguramente atribuídos ao apóstolo,¹⁷ que o faz ser o maior escritor dos textos sagrados neotestamentários. São eles epístolas aos Tessalonicenses Primeira e Segunda (ano 51), aos Gálatas (ano 49 ou 55), aos Coríntios Primeira e Segunda (anos 56 e 57 respectivamente), aos Romanos (ano 58), aos Efésios (ano 61), aos Filipenses (ano 61), aos Colossenses (ano 61), Primeira e Segunda a Timóteo (anos 63 e 66 respectivamente), a Filemom (ano 61) e a Tito (ano 65)¹⁸ sendo aos Efésios, Filipenses, Colossenses e a Filemom consideradas as Epístolas da Prisão (BÍBLIA ANOTADA, 1994, p. 1481).

Em muitos momentos, Paulo reverbera a doutrina pacifista de Cristo, em contradição à sua antiga vida violenta em que massacrava discípulos do Nazareno em nome de sua fé judaica tradicional. Cristão convertido, neste segundo momento recomenda às igrejas que não retribuam agressões na mesma medida, antes, que amem os que lhes fazem tanto mal. Aos romanos e na época do imperador Nero, em que era intensa a perseguição aos crentes, Paulo ensina:

Abençoei aos que vos perseguem, abençoei, e não amaldiçoeis. (...). Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem. (...). Evitai que alguém retribua a outrem mal por mal; pelo contrário, segui sempre o bem entre vós e para com todos. (BÍBLIA ANOTADA, Epístola de S. Paulo aos Romanos XII, 15, 17-21 e Primeira Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses, V, 15).

¹⁶ “Assim pois, este, proclamado primeiro inimigo de Deus entre todos os que o foram, levou sua exaltação ao ponto de fazer degolar os apóstolos. De fato, diz-se que sob seu império Paulo foi decapitado na própria Roma, e que Pedro foi crucificado.” (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2002, p. 158).

¹⁷ Abstivemo-nos aqui de maiores debates sobre autoria paulina das cartas. Para maiores elucidacões recomendamos como ponto de partida a *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia e a *Bíblia Apologética de Estudos*, obras onde encontramos alguns comentários preliminares sobre o assunto.

¹⁸ Datação estimada por Charles Caldwell Ryrie (A BÍBLIA ANOTADA, 1994).

E as “armas” usadas pelos cristãos, argumentava que são “da luz”¹⁹ e da “justiça, quer ofensivas ou defensivas”²⁰, e “não são carnis” mas mesmo assim “poderosas para destruição de fortalezas” (Segunda Epístola de S. Paulo aos Coríntios X, 4) ideia desenvolvida em sua escrita e representada no texto “A armadura de Deus”²¹ que já citamos antes, da Epístola aos Efésios VI, 10-17, que é retomada resumidamente na Primeira aos Tessalonicenses V, 18, onde diz para os cristãos serem sóbrios e se vestirem da “couraça da fé e do amor tendo por capacete a esperança da salvação.” Um esforço homilético, portanto, para instruir os fiéis do seu tempo a combaterem metaforicamente contra suas dificuldades e tentações sem qualquer apoio a ações violentas contra outrem.

Após a era apostólica, no século II, com uma grande disseminação e popularidade da fé cristã no Império, os Pais ou Padres da Igreja ficaram encarregados de admoestar a posteridade sobre as histórias e doutrinas do cristianismo. Estes homens letrados escreveram cartas de defesa dos cristãos contra as acusações de descumprimento das leis romanas (os chamados “apologistas”) e por formularem as doutrinas e dogmas contra as heresias que surgiam para rivalizar com o ensino ortodoxo (os chamados “polemistas”).

Quanto à pregação da paz, nosso interesse específico aqui, os principais Pais da Igreja apologistas preservaram o espírito de entrega de si mesmo e não resistência a agressões verificado nos escritos do Novo Testamento. Eles ainda cultivariam as diretrizes primitivas de Jesus Cristo que recomendaram o “amor aos inimigos”, sem lhes retribuir conforme suas maldades, tendo, portanto, reservas com o serviço nas fileiras do exército romano porque “poderiam se ver obrigados a matar a alguém e em parte porque os soldados deviam fazer juramentos e oferecer sacrifícios a César e aos deuses”.²²

¹⁹ “Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz” (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Epístola de S. Paulo aos Romanos, XIII, 12).

²⁰ “...na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas” (*Idem*, Segunda Epístola de S. Paulo aos Coríntios, VI, 7).

²¹ Título dado na versão da Bíblia revista e corrigida da Imprensa Bíblica Brasileira de 1991.

²² (GONZÁLEZ, 1995, p. 88). Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, citando *Os Atos dos mártires*, ainda informam que entre os séculos II e V “as tropas de legionários contavam com um bom número de cristãos; é verdade que alguns deles revelavam sua crença ao proclamarem sua recusa a qualquer forma de violência ou sua incapacidade de dedicar respeito absoluto ao Estado, o que seria uma forma de idolatria – *christianus sum, non possum militare* (“sou cristão, não posso ser soldado”), porém, por mais heroica que fosse tratava-se de uma minoria.” (LE GOFF, SCHMITT, 2006, p. 474).

Inácio de Antioquia (35-107?) é o primeiro que citamos para ilustrar essa mentalidade, predominante entre os cristãos nos três primeiros séculos desta era. Pouco se sabe do início de sua vida e de sua família. Segundo a lenda, Inácio foi a criança que Jesus segurou e que aparece num trecho do Evangelho de S. Marcos (IX, 33) e foi discípulo do apóstolo João e, segundo Eusébio de Cesareia, sucedeu Evódio como terceiro bispo na Igreja de Antioquia. Escreveu sete cartas que foram escritas entre as breves paradas das suas viagens, estas são: a *Policarpo de Esmirna*, aos *Efésios*, *Esmirniotas*, *Filadélfos*, *Magnésios*, *Romanos* e aos *Trálios*. Sua influência e autoridade era tão grande que era conhecido como Teóforo, o “portador de Deus”. Por volta do ano 107, sob o governo do imperador Trajano, foi preso e levado a Roma, onde foi jogado às feras no Coliseu.

Numa visão geral, as cartas de Inácio esforçam-se por defender a estrutura hierárquica da comunidade eclesial, a unidade doutrinária que liga todos os fiéis em Cristo, a representatividade do bispo em relação à comunidade, a posição dos diáconos, o espírito missionário, a ressurreição dos mortos e a firmeza na fé. Sobre este último item nos debruçamos com maior atenção, pois busca autenticar o sacrifício sem resistência dos primeiros cristãos. O bispo, ainda sob grande influência dos escritos neotestamentários, ratifica posicionamentos sobre a não resistência a hostilidades. Na sua carta aos Efésios, versículo 10, Inácio recomenda a mansidão e paz no enfrentamento às repressões violentas usando Jesus como exemplo:

Quando eles tiverem seus acessos de ira, sede mansos; diante de suas manias de grandeza, sede humildes; frente às suas blasfêmias, oponde vossas orações; diante de seus erros, sede firmes na fé; diante de sua ferocidade, sede pacíficos, sem procurar imitá-los. Sejam irmãos deles pela bondade, e procuremos ser imitadores do Senhor. Quem sofreu mais a injustiça? Quem teve mais privações? Quem foi mais desprezado? (INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 54).

Na carta aos Romanos, o bispo de Antioquia profere suas sentenças de amor à entrega de sua vida no martírio, pelo que é mais conhecido: “Não desejeis nada para mim, senão ser oferecido em libação a Deus, enquanto ainda existe altar preparado, a fim de que, reunidos em coro no amor, canteis ao Pai, por meio de Jesus Cristo” (INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 64). Em outro momento diz:

Deixai que eu seja pasto das feras, por meio das quais me é concedido alcançar a Deus. Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo. Ao contrário, acaríciai as feras, para que se tornem minha sepultura, e não deixem nada do meu corpo, para que, depois de morto, eu não pese a ninguém. Então eu serei verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo, quando o mundo não vir mais o meu corpo. Suplicai a Cristo por mim, para que eu, com esses meios, seja vítima oferecida a Deus (INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1995, p. 65).

Policarpo de Esmirna (69-159) é o próximo a ser apontado como um dos Padres da Igreja a reduplicar o conceito de não resistência armada. A respeito de sua infância, família e formação não se tem dados precisos, todavia, há razoável quantidade de documentos históricos que se debruçam sobre a pauta. Informações seguras, no entanto, só a partir de sua atividade pastoral como bispo à frente da comunidade. Além da *Carta aos filipenses*, a qual lhe é atribuída a autoria, há, ainda, a narração de seu martírio. Segundo Tertuliano, Policarpo teria sido ordenado bispo pelas mãos do próprio apóstolo João, “segundo tradição daquela igreja, do mesmo modo que a Igreja de Roma afirma que Clemente fora ordenado bispo por São Pedro” (POLICARPO DE ESMIRNA, 1995, p. 79, 80).

Argumentando em favor do ensino ortodoxo, Irineu nos fornece mais alguns dados importantes sobre Policarpo:

Podemos ainda lembrar Policarpo, que não somente foi discípulo dos apóstolos e viveu familiarmente com muitos dos que tinham visto o Senhor, mas que foi estabelecido bispo da Ásia, na Igreja de Esmirna, pelos próprios apóstolos. Nós o vimos na nossa infância porque teve vida longa e era muito velho quando morreu com glorioso e esplêndido martírio. Ora, ele sempre ensinou o que tinha aprendido dos apóstolos, que também a Igreja transmite e que é a única verdadeira (POLICARPO DE ESMIRNA, 1995, p. 79, 80).

Eusébio de Cesareia, sobre o qual dissertaremos mais adiante, também escreve sobre o destacado bispo que se entregou pacificamente à morte por causa de suas convicções cristãs. Diz o cronista que

houve, em Esmirna, uma perseguição e Policarpo estava escondido fora da cidade. Um de seus escravos o traiu. Preso, foi conduzido ao circo para ser queimado vivo. Todos o admiravam. Quando entrou na arena, os pagãos gritaram: “Eis o doutor da Ásia, o pai dos cristãos, o destruidor de nossos deuses” (...). Sofreu o martírio, provavelmente, aos 23 de fevereiro de 155.²³

²³ *Idem*. p. 80. Temos ainda uma carta de autoria anônima, datada do século III, intitulada *Martírio de São Policarpo de Esmirna*, que busca ser um relato dos últimos momentos do cristão de modo a enaltecê-lo como exemplo por morrer pela sua fé: “Por volta do ano 400, um autor anônimo se faz

Quanto aos seus escritos, Policarpo compõe sua carta no ano 110, em resposta aos filipenses. Nela, faz muitas citações diretas e indiretas do Velho e do Novo Testamento (de 60 citações do Novo Testamento, 34 são dos escritos de Paulo), reproduzindo ainda muitas informações recebidas dos apóstolos, especialmente de João. Ele exorta os filipenses a uma vida virtuosa, às boas obras e à firmeza mesmo ao preço de morte. Ao contrário de Inácio, Policarpo não estava interessado em administração eclesiástica mas em fortalecer os cristãos prática de sua fé (CAIRNS, 1995. p. 60).

De sua produção literária dispomos apenas da primeira e segunda carta aos Filipenses em que se percebe ainda a entrega ao sacrifício supremo sem se defender. No versículo 2, coaduna com seu mestre em relação à agressividade e violência, recomendando para que não se retribua

o mal com o mal, injúria com injúria, golpe com golpe, maldição com maldição, lembrando-nos do que o Senhor ensinou: “Não julgueis, para não serdes julgados; perdoai, e sereis perdoados; usai misericórdia, para receber misericórdia; (...)”. E, armemo-nos com as armas da justiça. (POLICARPO DE ESMIRNA, 2014, p. 85).

Justino Mártir (cerca de 100-165) foi o principal apologista do século II. Filho de pais pagãos e nascido perto da cidade bíblica de Siquém, se tornou filósofo. Ele passou pela filosofia estóica, pelo idealismo nobre de Platão, pelas ideias de Aristóteles, e ainda pela filosofia numérica de Pitágoras. Convertido ao cristianismo, abriu uma escola cristã em Roma. E, pouco depois do ano 150, ele escreveu sua primeira *Apologia* ao Imperador Antonino Pio e seus filhos adotivos, e a segunda ao senado e povo romanos. Ele apelava aos imperadores para que examinassem as acusações contra os cristãos (capítulos 1-3) e para libertá-los dos processos inquisitórios, caso fossem inocentes. O filósofo se esforça para provar que os cristãos não são ateus ou idólatras e a principal seção da obra (14-60) é dedicada à apresentação da moral e das doutrinas ensinadas por Jesus. Procura mostrar que a vida e a moralidade superiores de Cristo tinham sido previstas pelas profecias do Velho Testamento e atribui a perseguição e os erros dos inimigos à obra do

passar pelo sacerdote Piônio de Esmirna (morto em 250), escreve uma *Vida de Policarpo*. Embora totalmente lendário, insere nela o texto completo, autêntico, da carta da Igreja de Esmirna endereçada à Igreja de Filomélio, relatando o martírio de Policarpo.” (*Ibidem*, p. 82.).

demônio. Os últimos capítulos (61-67) fazem uma exposição do culto dos cristãos. Justino, por fim, sustenta que uma análise mais acurada e imparcial demonstraria que os cristãos eram inocentes das acusações que lhes faziam, devendo, portanto, ser suspensa a perseguição contra eles. Foi decapitado em Roma sob a perseguição do imperador Marco Aurélio (161-180).

A segunda *Apologia* é uma espécie de apêndice da primeira. Nela, Justino expõe a crueldade e a injustiça sofridas pelos cristãos e, depois de comparar Cristo a Sócrates, afirma que o que há de bom nos homens deve-se ao primeiro. No *Diálogo com Trifão*, Justino procura convencer os judeus que Jesus Cristo era o messias²⁴, e os primeiros oito capítulos são autobiográficos. A maior seção (capítulos 9-142) discorre-se em três ideias: a relação entre o declínio da lei do velho concerto e o surgimento do Evangelho, a identificação de Cristo com Deus, e a chamada dos gentios como povo de Deus. Para ele, Jesus foi o cumprimento das profecias do Velho Testamento (CAIRNS, 1995. p. 86).

Já no início de sua *Apologia*, Justino demonstra o caráter pacífico dos cristãos dos primeiros séculos, clamando ao imperador que não puna os desejosos de sua morte e dos outros crentes: “Com efeito, não pedimos que castigueis os nossos acusadores, pois eles já padecem bastante com a maldade que levam consigo e com a sua ignorância do bem” (JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 28) e cita também as próprias palavras de Cristo ao postular em favor da mansidão cristã, que, segundo o filósofo, era bastante perceptível na sociedade de então:

Sobre sermos pacientes, prontos para servir a todos e alheios à ira, ele disse o seguinte: “Àquele que te golpeia numa face, oferece-lhe a outra, e a quem quer tirar-te a túnica ou o manto, não o impeças.” (...). E isso vos podemos demonstrar através de muitos que viveram entre vós, que deixaram seus hábitos violentos e a tirania, vencidos, ora contemplando a constância de vida de seus vizinhos, ora considerando a estranha paciência dos companheiros de viagem ao ser defraudados, ora pondo à prova companheiros de negócio (JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 28).

Para argumentar em favor da nova convicção no que diz respeito à entrega pela causa e esperança numa vida eterna, dando sequência ao raciocínio acima exposto, Justino afirma:

²⁴ Para uma leitura sobre a figura do *messias* para judeus e cristãos dentro da obra de Justino, veja-se o artigo de Daniel Marques Giandoso *As práticas judaicas e a fé cristã no Diálogo com Trifão de Justino mártir*. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i89.31542/pdf>>. Acesso em 21/04/2020.

Nós, que antes nos matávamos mutuamente, agora não só não fazemos guerra contra os nossos inimigos, mas também, por não mentir nem enganar os juízes que nos interrogam, morremos felizes de confessar a Cristo (JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 42).

Na segunda *Apologia*, Justino pronuncia um dos argumentos a favor dos crentes em Jesus pelo qual é mais conhecido, citado, inclusive por Eusébio de Cesareia em sua *História Eclesiástica* (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2002, p. 80). Defende, contra a acusação de que os cristãos eram dissolutos e devassos em cujo culto havia rituais de sexo licencioso, bebedeira e canibalismo, que ninguém, amante dos prazeres, pode se entregar tão pacificamente a uma terrível e dolorosa morte em público:

Eu mesmo, quando seguia a doutrina de Platão, ouvia as calúnias contra os cristãos. Contudo, ao ver como caminhavam intrepidamente para a morte e para tudo o que é considerado espantoso, comecei a refletir que era impossível que tais homens vivessem na maldade e no amor aos prazeres. Com efeito, que homem amante do prazer, intemperante e que considere coisa boa devorar carnes humanas, poderia abraçar alegremente a morte, que vai privá-lo de seus bens, e que não procuraria antes, de todos os modos, prolongar indefinidamente a sua vida presente e esconder-se dos governantes, e menos ainda sonharia em delatar a si mesmo para ser morto? (JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 79).

O filósofo cristão, em sua carta ao judeu Trifão,²⁵ reafirma a disposição de resistir por simples declaração de fé a qualquer tirano que, por força armígera, impeça os crentes de confessar a Jesus Cristo como seu mestre. E se empenha também para convencer ao destinatário do amor fraternal e o perdão preconizado pelo fundador do cristianismo, que ressaltou a não retribuição violenta a qualquer um que tenha feito um mal:

Se queres ouvir o meu raciocínio sobre isso, perceberás que não estamos enganados e que jamais deixaremos de confessar a Cristo, por mais ultrajes que os homens nos inflijam e por mais que o pior dos tiranos se empenhe em fazer que apostatemos. (...), mas vos empenhais em que neguemos o nome de Cristo, e nós preferimos antes morrer e, de fato, nos submetemos à morte, porque estamos seguros que Deus dará a nós todos os bens que ele nos prometeu por meio de Cristo. Além disso tudo, nós oramos por vós, a fim de que alcanceis misericórdia de Cristo, pois ele nos ensinou a pedir até pelos nossos inimigos, dizendo: “Amai vossos inimigos, sede benignos e

²⁵ “[Justino] (*grifo nosso*) Compôs também um *Diálogo contra os judeus*, diálogo que sustentou na cidade de Éfeso com Trifon, o mais ilustre dos hebreus de então. Nele explica de que modo a graça divina o levou à doutrina da fé, com que empenho inicialmente se inclinava para as ciências filosóficas e que entusiasmo havia depositado na busca da verdade.” (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2002, p. 90).

misericordiosos, como o vosso Pai celeste”. De fato, podemos ver quão benigno e misericordioso é o Deus onipotente, pois ele faz sair o seu sol sobre ingratos e justos, e chover sobre santos e ímpios (JUSTINO DE ROMA, 1995, p. 86, 167).

“E Irineu, fazendo honra a seu nome, pacificador pelo nome e por seu próprio caráter, fazia estas e semelhantes exortações e servia de embaixador em favor da paz das igrejas”. Esta é a maneira que Eusébio (2002, p. 120) define este Pai da Igreja, zelador da concórdia, semeador do entendimento e da não combatividade bélica. Irineu de Lyon, outro renomado bispo, escritor e teólogo, é apontado como grande defensor da doutrina ortodoxa, se esmerando muito através de seus escritos em combater os ensinamentos considerados contrários aos dos apóstolos de Cristo. Irineu era natural da Ásia Menor, provavelmente Esmirna, onde nasceu aproximadamente no ano 130 e onde foi também discípulo de Policarpo, e, por razões desconhecidas, rumou para Lyon, atual França. Ali chegou a ser presbítero da igreja, que o enviou a Roma com uma carta para o bispo dessa cidade (GONZÁLEZ, 1995, p. 110).

Ainda que Irineu compusesse outros escritos, são duas as suas obras que se conservam: *A refutação da falsa gnosis*, melhor conhecida como *Contra as Heresias* (ano 180 aproximadamente) e *Demonstração da fé apostólica* (ano 190, aproximadamente.). Nesta última, Irineu instruiu sua igreja sobre alguns pontos da fé cristã e na outra refuta aos gnósticos, expondo as doutrinas que recebera de seus mestres. No ano 202, do édito de Sétimo Severo que determina uma sangrenta perseguição aos crentes, Irineu teria sofrido o martírio. Não se sabe muito a respeito de sua morte. Uma tradição tardia, que remonta a São Jerônimo e ao Pseudo-Justino, afirma ter sido martirizado por heréticos, depois do ano 200, com cerca de 70 anos de idade. Outra tradição afirma ter morrido num massacre geral de cristãos leoneses, sob Sétimo Severo possivelmente no ano 202 (IRENEU DE LYON, *Contra as heresias*, 1995, p. 12).

A Lei, de fato, não dirá mais: (...) àquele que não tem interesse pelas coisas da terra, mas faz provisão para o céu; nem “olho por olho e dente por dente” àquele que não tem inimigos e trata todos como próximo, e por isso não levanta as mãos para vingar-se (IRENEU DE LYON, *Demonstração da pregação apostólica*, 1995, p. 77).

A exemplo de seus instrutores, e conforme a descrição de Eusébio de Cesareia anterior, Irineu foi um líder que promovia a paz desacreditando em

soluções violentas contra agressores. Defendeu em seus escritos conhecidos a mesma doutrina do “amor aos inimigos” que recebeu do seu mestre Policarpo, cuja mostra desta convicção deu em seu próprio sacrifício, como já abordamos aqui. O bispo de Lyon, citando em muitos momentos palavras de Jesus, argumenta nestes termos contra ações violentas de cristãos ainda retomando o mártir Estêvão²⁶, executado intercedendo em favor daqueles que lhe tiravam a vida:

Não somente quem mata é condenado por ele como réu de homicídio, mas também quem se irrita sem motivo com o seu irmão. O Senhor ordenou não somente não odiar os homens, mas também amar os inimigos; não somente não jurar falso, mas sequer jurar; não somente não falar mal do próximo, mas sequer chamar alguém de imbecil e idiota, sob pena de merecer o fogo do inferno; não somente não esbofetear, mas, esbofeteados, oferecer a outra face; não somente não tirar as coisas dos outros, mas sequer pedir devolvidas as próprias, quando tiradas; não somente não ofender o próximo e não lhe fazer mal, mas ser pacientes e bons quando maltratados e rezar para que se arrependam e salvem. Em resumo: não imitar em nada as ofensas, a raiva e o orgulho dos outros. (...) Por isso, o Senhor, (...) no lugar do não matarás, nem mesmo se encolerizar; em vez de pagar simplesmente o dízimo, distribuir todos os bens aos pobres; amar não somente os próximos, mas também os inimigos (IRENEU DE LYON, *Demonstração da pregação apostólica*, 1995, p. 174, 305).

Ainda dissertando sobre o ensino pacifista de Cristo, que cumpriria a antiga lei mosaica, Irineu ratifica que “prescrever a abstenção, não somente dos atos proibidos, mas até do seu desejo, não é coisa de quem é contrário ou quer abolir a Lei, como já o demonstramos, senão de alguém que a cumpre, estende e amplifica” (IRENEU DE LYON, *Demonstração da pregação apostólica*, 1995, p. 305), ou seja, os pensamentos mais recônditos de machucar o próximo, mesmo sendo inimigo, já caracteriza o pecado do ódio e confirma o verdadeiro sentimento da lei. É mister, por conta desse esforço teológico de unir os dois Testamentos, mencionar também que Irineu constitui-se no primeiro na Patrística a chamar de “Escrituras” o Novo Testamento²⁷, passando a designar tecnicamente desta maneira tanto o Novo

²⁶ “Dito isto, foi lapidado e coroou assim o ensinamento perfeito, imitando em tudo o Mestre do martírio, rezando pelos que o matavam e dizendo: 'Senhor, não lhes imputes este pecado’” (IRENEU DE LYON, *Contra as heresias*, 1995, p. 226).

²⁷ “O nome dado à segunda parte da nossa Bíblia é “Novo Testamento”, que significa literalmente “nova aliança”(veja Lucas 22.20). A palavra “aliança” significa um acordo feito por um indivíduo ou um grupo com outro indivíduo ou grupo, sendo que esta segunda parte podia aceitar ou recusar o acordo, mas não modificá-lo. O Antigo Testamento registra, primariamente, o trato de Deus com Israel, baseado na aliança outorgada através de Moises no monte Sinai, ao passo que o Novo Testamento descreve um novo acordo entre Deus e os homens, mediado através de Cristo com base na Nova Aliança (veja Êx 24:1-8; Lc 22:14-20; 2Co 3:6-11). A Antiga Aliança revelava a santidade de Deus no justo padrão da lei, e prometia a vinda do Redentor; a nova Aliança revela a santidade de Deus em

quando o Antigo Testamento. Até então o uso se restringia ao primeiro, mas a partir de *Contra as Heresias* deslocou-se o termo para conjunto de escritos sobre a vida de Jesus, expansão do cristianismo e epístolas aos cristãos da época.

Um dos alvos a ser atingido pela apologética de Irineu são as assim consideradas heresias de Marcião, que consistem na negação da divindade de Jesus Cristo, pregação do ascetismo como condição de salvação, batismo de mortos, supressão de outros escritos neotestamentários, aceitando apenas uma versão modificada do Evangelho de Lucas e as cartas do Apóstolo Paulo e, principalmente a recusa do Antigo Testamento como parte integrante das Escrituras (BÍBLIA APOLOGÉTICA DE ESTUDOS, 2008, p. 1325). Sobre este último item, Marcião postulava que o Deus da primeira parte da Bíblia Sagrada era essencialmente mau e rigoroso demais, punindo severamente qualquer transgressão humana, o que faz ele diferir sistematicamente daquele que é revelado por Jesus Cristo. O Deus de amor misericordioso pregado pelo Nazareno, diverge em muito do que tem no Velho Testamento, conclusão tida por Marcião em seu tempo. Irineu em *Contra as Heresias* define assim o heresiarca:

Marcião, originário do Ponto, ampliou a doutrina, blasfemando despudoradamente o Deus da Lei e dos profetas, chamando-o autor do mal, desejoso de guerras, inconstante nos sentimentos e em contradição consigo mesmo (BÍBLIA APOLOGÉTICA DE ESTUDOS, 2008,, p. 82).

Para defender que o Deus do Antigo Testamento é o mesmo que o do Novo e, portanto, não “desejoso de guerras”, o bispo afirma que não podem existir dois deuses, um bom e outro juiz, pois justiça implica necessariamente em um ato de bondade:

Seu justo Filho. O Novo Testamento, portanto, consiste nos escritos que revelam o conteúdo desta Nova Aliança.” (A BÍBLIA ANOTADA – The Ryrie Study Bible / texto bíblico versão Almeida revista e atualizada, com introdução, esboço, referencias laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie; trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto – São Paulo; Mundo Cristão, 1994, p. 1177.). “Agora, tendo confirmado que nossa religião está fundamentada nas escrituras dos hebreus, as mais antigas que existem, embora seja corrente e nós admitimos inteiramente que nossa religião date de um período comparativamente recente - não anterior ao reino de Tibério, talvez, devamos levantar a questão de suas bases, para não parecer que ocultamos sua origem sob a sombra de uma ilustre religião, a qual possui, sob todos os aspectos, indubitavelmente, a aceitação da lei.” (TERTULIANO, *Apologia*. Traduzido por José Fernandes VIDAL & Luiz Fernando Karp PASQUOTTO, Capítulo XXI. p. 24. Disponível em <https://ibpan.com.br/images/stories/Downloads/Estudos_Biblicos/Tertuliano%20-%20Apologia.pdf> Acesso em 26/03/2020).

Marcião, portanto, que distingue dois deuses, um bom e o outro juiz, nega a ambos a divindade. Se o deus juiz não é bom não pode ser deus porque lhe falta a bondade; e se o deus bom não é juiz, terá a mesma sorte do primeiro e não poderá ser reconhecido por deus. E como podem chamar sábio o Pai de todas as coisas se não lhe atribuem também o poder de julgar? Se é sábio, distingue, e o distinguir supõe o juízo e o juízo a justiça para agir justamente; a justiça provoca o juízo que, feito com justiça, se liga à sabedoria; o Pai supera em sabedoria toda sabedoria humana e angélica, porque é o Senhor, o justo Juiz, superior a todos; mas é também misericordioso, bom e paciente e salva os que convém. De forma que não lhe falta a bondade por causa da justiça, nem sua sabedoria é diminuída pelo fato de salvar os que devem ser salvos e condenar quem justamente deve ser condenado; e a própria condenação não é cruel, porque precedida e prevenida pela bondade²⁸.

Tertuliano (150-220), considerado o “pai” das doutrinas ortodoxas da Trindade e da pessoa de Jesus Cristo (BÍBLIA APOLOGÉTICA DE ESTUDOS, 2008, p. 1322), marca-se como um dos primeiros a sistematizar pontos da fé cristã depois dos escritos considerados canônicos. Porém, o mais destacado de seus trabalhos, o *Apologia* (ano 197), defende os cristãos das acusações²⁹ dos governantes romanos que levavam a sangrentas perseguições naquele tempo e usa, como arma de defesa, a inocência e o pacifismo dos seguidores de Jesus.

O teólogo, advogado e filósofo teria se convertido no ano 195 e desenvolvido suas teorias por aproximadamente vinte cinco anos. O jovem Tertuliano teve seus estudos em Roma, onde se formou em direito tendo, portanto, recebido uma sólida educação em retórica e leis. Mesmo depois de graduado, Tertuliano não voltou à

²⁸ IRENEU DE LYON, *Contra as heresias*, 1995, p. 269. E o assunto da igualdade entre o Deus do Antigo Testamento e do Novo, no que diz respeito à sua compaixão e misericórdia, ainda será retomado por Orígenes de Alexandria, do qual falaremos mais adiante como um dos Pais da Igreja que atestava a doutrina pacífica dos cristãos dos primeiros séculos. O filósofo arrazoava que a resposta violenta a qualquer agressão não é recomendada nem no Antigo Testamento, tido por Marcião como contraditório ao Novo principalmente em relação à natureza de Deus. Eis o trecho: “Sem pôr em paralelo as passagens da lei com as do Evangelho aparentemente contrárias, Celso acrescenta que é preciso estar pronto a receber um segundo golpe de quem vos bate. Diremos que conhecemos as palavras ditas aos antigos: “Olho por olho, dente por dente”, mas que também lemos estas outras: “A quem te ferir numa face, oferece a outra” (Lc 6,29; Mt 5,38-39). Entretanto, como Celso, imagino eu, se faz porta-voz dos que fazem distinção entre o Deus do Evangelho e o Deus da Lei, devemos responder à sua objeção: o Antigo Testamento também diz: “A quem te bate na face direita, oferece também a outra”. Pelo menos é o que está escrito nas Lamentações de Jeremias: “É bom para o homem suportar o jugo desde sua juventude, que esteja solitário e silencioso quando o Senhor o impuser sobre ele; que ponha sua boca no pó: talvez haja esperança! Que dê sua face a quem o fere e se sacie de opróbrios” (Lm 3,27-29). O Evangelho, portanto, não entra em contradição com o Deus da Lei, nem mesmo a respeito do tapa entendido ao pé da letra. Nenhum dos dois mente, nem Moisés, nem Jesus, e o Pai ao enviar Jesus não esqueceu o que ordenara a Moisés; tampouco renegou as suas próprias leis, mudando de opinião e enviando seu mensageiro com finalidade contrária.” (ORÍGENES, 2004. p. 317).

²⁹ “Los cristianos son acusados de infanticidio, incesto, actos impíos y maléficos. Incluso, de ser una secta secreta y clandestina que va en contra de las leyes de Roma” (HERNÁNDEZ, 2017, pp. 39-66).

sua terra natal Cartago, mas em Roma se tornou um profissional bem sucedido. Após ter contato com o testemunho dos mártires da nova fé cria seu mais famoso axioma: “O sangue é a semente de cristãos!”³⁰ passando a servir à Igreja, o que lhe deu tempo para compor seus influentes escritos, entre eles o *Apologia*, no qual temos interesse aqui.

O documento de defesa em questão esforça-se para apontar os equívocos do julgamento dos cristãos pelos romanos que, por meio de torturas cruentas extraia-lhes confissões condenatórias³¹. Em geral, Tertuliano busca explicitar que o direito de defesa dos crentes fora solapado em diversas ocasiões, valendo-se de falsos testemunhos, insuficiência de provas incriminadoras, violência extrema e preconceito. Os cristãos foram acusados de homicídio, oferecer sacrifícios humanos a ídolos, incesto, adultério e desobediência civil, na medida em que não prestavam adoração aos imperadores, que se consideravam divinos. E, como uma das principais alegações do advogado, é pontuado o sentimento dos réus diante da possível condenação, que é de grande passividade por estarem sendo julgados com grande risco de uma morte horrorosa:

Eles se envergonham ou se lamentam de não terem sido cristãos há mais tempo. Se são apontados cristãos, disso se gloriam. Se são acusados, não oferecem defesa. Interrogados, fazem uma confissão voluntária. Condenados, agradecem... Que espécie de mal é este que não apresenta as peculiaridades comuns do mal, do medo, da vergonha, do subterfúgio, do arrependimento, do remorso? Que mal, que crime é este de que o criminoso se alegra? Serem acusados cristãos é seu mais ardente desejo, serem punidos por isso é sua felicidade! Vós não podeis chamar isto de mal - vós que continuais convictos de nada saberdes do assunto (TERTULIANO, I, 13, 2020).

No trecho acima, Tertuliano argumenta que os cristãos não podem ser acusados de crime senão por motivo de puro ódio de seus perseguidores. E, se são condenados, não levantam qualquer resistência violência ao seu processo de

³⁰ “*Semen est sanguis Christianorum*” (TERTULIANO, 2020).

³¹ “Com admirável habilidade, Tertuliano censura os processos jurídicos, em voga, do poder do Estado “gentio” contra os cristãos: é suficiente o crime do “nomem christianum”, para acarretar a condenação. A todos os criminosos concede-se o direito de defesa; aos cristãos, não; àqueles, a tortura tenta arrancar uma confissão; aos cristãos, uma apostasia. Tertuliano as repele como mentiras, expondo, em contraposição, o essencial concernente à fé cristã e à vida das comunidades” (ALTANER, 1988. p. 159).

juízo o que, segundo o advogado, é injusto e parcial³². Os crentes não apenas se recusam a se defender, mas nutrem orgulho por serem condenados como adeptos da nova religião, se entregando com felicidade ao sacrifício final. Há também citação da célebre carta do governador Plínio ao imperador Trajano, usada por Tertuliano, para provar o não cometimento de crime pelos seguidores de Jesus. Explica que estes apenas se recusam a sacrificar aos ídolos romanos e se reúnem periodicamente para cantar seus hinos ensinando uns aos outros o desvio de práticas pecaminosas, inclusive de violências como o homicídio. Eis o trecho:

Explicou a seu senhor que, com exceção de uma recusa obstinada de oferecer sacrifícios, nada encontrou em seus cultos religiosos a não ser reuniões de manhã cedinho em que cantavam hinos a Cristo e a Deus, confirmando que, em suas casas, seu modo de vida era um geral compromisso de ser fiel a sua religião, proibindo-se assassínios, adultério, desonestidade e outros crimes (TERTULIANO, 2020, II, p. 5).

Contra a acusação de que cristãos faziam rituais de sacrifícios humanos, Tertuliano, no Capítulo IX, depois de mostrar que era prática comum, embora proibida entre os romanos, afirma que para os adeptos de Cristo nem mesmo o aborto era permitido, sob pena de cometer o mesmo homicídio:

Em nosso caso, para os cristãos, a morte foi de uma vez por todas proibida. Não podemos nem mesmo destruir o feto no útero, porque, mesmo então, o ser humano retira sangue de outras partes de seu corpo para sua subsistência. Impedir um nascimento é simplesmente uma forma mais rápida de matar um homem, não importando se mata a vida de quem já nasceu, ou põe fim a de quem está para nascer. Esse é um homem que está se formando, pois tendes o fruto já em sua semente. (...). Ruborizai-vos por vossos vis costumes perante os cristãos, que não têm sequer o sangue de animais entre seus alimentos, alimentos que são simples e naturais, que se abstêm de animais estrangulados ou que morrem de morte natural. E isso pela única razão de que eles não querem se contaminar, nem mesmo de sangue contido nas vísceras. (...). E como é irracional acreditar que aqueles sobre os quais bem sabeis que olham com horror a ideia de beber o sangue de bois, estejam ansiosos por sangue de homens (TERTULIANO, 2020, IX, p. 13, 14).

Tertuliano, assim, encerra sua *Apologia* dizendo que nem mesmo a condenação à morte mediante dores das mais agonizantes fazem os cristãos renegarem seu Deus e proferirem palavras vingativas contra seus carrascos. Ao invés de desejarem pelo menos a retribuição aos inimigos pela crueldade sofrida

³² “Somente os cristãos são proibidos de dizerem algo em sua defesa, na salvaguarda da verdade, para ajudar ao juiz numa decisão de direito.” (TERTULIANO, 2020, II, p. 4).

injustamente, têm como atitude de prece “orar se preparando para os castigos”³³, mas uma vez reafirmando a doutrina cristã primitiva de “amor aos inimigos”, ensinada por Jesus Cristo.

O discípulo de Tertuliano mais notável foi Cipriano (200?-258), bispo da cidade de Cartago e um dos mártires da igreja do século III, que também deixou significativa produção literária apologética. O líder da igreja africana também corroborava com a doutrina de Jesus de não ataque vingativo aos perseguidores, pregando, antes, a imitação do gesto de Cristo de perdoar os inimigos. Cipriano era filho de pais pagãos e nasceu logo no começo do século III, na mesma cidade de Tertuliano, Cartago, tendo recebido uma boa educação em retórica e direito. Tornou-se um bem-sucedido professor de retórica, e se converteu ao cristianismo. Menos de cinco anos depois, foi feito bispo de Cartago, posição em que permaneceu por nove anos até ser martirizado, em 258. Cipriano se notabilizou como um grande organizador e administrador. Opôs-se às reivindicações de Estevão, bispo de Roma, de superioridade sobre todos os bispos, além de ajudar a formular o dogma da Santíssima Trindade, em que Jesus torna-se o Deus Filho e o Espírito Santo, o Deus Espírito Santo formando, desse modo um só um com Deus, o Deus Pai. O bispo foi exilado para Cúrubis (na atual Turquia), depois de um acirramento do imperador Valeriano à perseguição aos cristãos no ano 257, e de lá escreveu boa parte de sua obra apologética. Um ano depois foi decapitado tornando-se o primeiro mártir africano (CAIRNS, 1995. p. 92).

Como seus antecessores, e como o mestre Tertuliano, Cipriano foi pregador do paz lida em Jesus Cristo mesmo num momento em que os cristãos sofriam e faleciam com as duras perseguições do Império Romano. O bispo, porém, recomendou paciência e imitação ao exemplo máximo citando suas palavras:

E para que possamos compreender melhor, irmãos diletíssimos, que a paciência é realidade divina, e que quem é afável, paciente e brando é imitador de Deus Pai, o Senhor – quando dava, no seu Evangelho, os preceitos para a salvação, e, proferindo divinas advertências, instruía os discípulos na perfeição – determinou, dizendo: “Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, para que sejais

³³ “Com nossas mãos assim abertas e levantadas para Deus, nos entregamos a vossas claves de ferro, somos suspensos em cruces, lançados às chamas, temos decepadas nossas cabeças pela espada, somos entregues aos animais selvagens: a verdadeira atitude de prece de um cristão é uma preparação para todos os castigos.” (*Ibidem*, XXX, p. 34).

filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz o seu sol levantar-se sobre os bons e os maus, e faz chover sobre os justos e os injustos. Se, pois, amardes aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Os publicanos também não fazem assim? E se saudardes somente os vossos irmãos? Que fazeis a mais? Os gentios não fazem também o mesmo? Sede, pois, vós perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito” (CIPRIANO DE CARTAGO, 2016, p. 177).

Prescrevendo ainda paz, dizendo que “Deus, então, preceituou que sejamos pacíficos, concordes e unânimes em sua casa.” (CIPRIANO DE CARTAGO, 2016, p. 120), Cipriano segue argumentando usando agora como base personagens da história bíblica que teriam se entregado ao suplicio sem luta para se defenderem:

Assim, Abel é o primeiro que, inaugurando e consagrando a origem do martírio e o sofrimento do justo, não resiste, nem luta contra o irmão fraticida; mas, humilde e brando, é assassinado pacientemente (...). Também Isaac, prefigurado à semelhança da vítima divina, se revela paciente quando é oferecido pelo pai para ser imolado; (...). Já em Davi, de quem procede o nascimento do Cristo segundo a carne, quão grande, quão admirável e cristã paciência: teve muitas vezes ao seu alcance o poder de matar o rei Saul, que o perseguia e lhe queria tirar a vida; mas, apesar de ter Saul entregue a si e subjugado, preferiu poupá-lo; não pagou ao inimigo na mesma moeda, mas, ainda por cima, o vingou depois de morto!³⁴

É na seção *De bono patientae*, contudo, que Cipriano aprofunda a homilética sobre o tema, ressaltando a importância da postura adequada diante do sacrifício vivenciado pelos cristãos, seus destinatários. Era preciso, para o bispo de Cartago, ter paciência para suportar as agruras do martírio sem desejar o mal para quem atua para produzi-lo. Novamente o africano lança mão das palavras do próprio Cristo e do exemplo do primeiro mártir Estêvão para sustentar sua tese para provomer a paz:

O que se requer para que não jures e não amaldiçoes? Para que, tendo recebido uma bofetada, presentes a outra face ao agressor? Para que perdoes ao irmão que peca contra ti, não somente setenta vezes sete, mas todos os pecados sem exceção? Para que ames os teus inimigos? Para que

³⁴ *Idem*, p. 181. Embora tenha defendido o pacifismo de Jesus, causa pela qual o citamos nesta Tese, identificamos aqui um possível equívoco de Cipriano ao usar Davi como possuidor de “grande, admirável e cristã paciência”. O tão afamado rei de Israel teria sido impedido de construir o templo em honra a Yahweh, pois tinha “mãos sujas de sangue” por travar muitas batalhas. Eis o trecho: “Mas veio a mim esta palavra do Senhor: ‘Você matou muita gente e empreendeu muitas guerras. Por isso você não construirá um templo em honra do meu nome, pois derramou muito sangue na terra, diante de mim.’” (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Primeiro Livro das Crônicas, XX, 8). O comentarista bíblico afirma, com base no trecho do Segundo Livro de Samuel, VIII, 2, que “Davi se tornara culpado de derramamento desnecessário de sangue” daí sua proibição de erguer o templo de Jerusalém. O texto em questão retrata um episódio em que Davi executara prisioneiros moabitas de guerra de acordo com a sua altura. O rei traçou uma corda no chão para se medir a estatura e quem esteve com a cabeça além dessa corda lhe foi tirada a vida (*Idem*).

rezes pelos adversários e perseguidores? Poderás cumprir estas coisas sem que possuas firmeza de paciência e de tolerância? Vemos [tudo] isso praticado por Estêvão, que, ao ser morto pelos Judeus com violência e a pedradas, não pedia vingança para si, mas o perdão para os assassinos, dizendo: “Senhor, não lhes leves em conta este pecado”. Convinha que, assim, o primeiro mártir do Cristo, que, precedendo os mártires futuros com morte gloriosa, não apenas seria um arauto da paixão do Senhor, mas também um imitador de sua pacientíssima brandura.” (...). Com efeito, se o cristão se afastou da cólera e da contenda carnal, como de turbilhões do mar, e se, tranquilo e brando, já está no porto do Cristo, também não deve dar acesso, no coração, nem à ira nem à discórdia, uma vez que não lhe é lícito nem pagar o mal com o mal, nem odiar (CIPRIANO DE CARTAGO, 2016, p. 18).

Embora reconheça a injustiça das condenações, Cipriano confia e entrega à justiça divina o poder de julgar e retribuir aos algozes conforme suas maldades. Não recomenda ansiedade ou retaliação, mas a espera paciente pela resposta de Deus, que irá arbitrar sobre as obras de todas as nações e recompensar seus líderes conforme o que fizeram:

Sei de muitos, irmãos diletíssimos, que desejam ser depressa defendidos, seja por causa do peso de injúrias angustiantes, seja por ressentimento contra as coisas que investem e se assanham contra si. Eis por que, no fim de tudo, não se pode deixar de dizer que – colocados nestas tempestades de um mundo agitado e sujeitos também às perseguições de judeus, gentios e hereges – devemos esperar pacientemente o dia da retribuição, e não ter pressa da vindicação dos nossos sofrimentos com impertinente precipitação, pois está escrito: “Espera por mim, diz o Senhor, no dia de minha ressurreição para o testemunho, porque a minha sentença é para reunir as nações, a fim de pôr de parte os reis e derramar sobre eles a minha ira”. (...). Não nos apressemos, com ímpia e atrevida precipitação, em sermos defendidos, nós servos, antes do Senhor (CIPRIANO DE CARTAGO, 2016, p. 190, 192).

Orígenes de Alexandria segue ratificando o pacifismo da nova fé em oposição ao uso de armas. O autor, nascido em Alexandria, no ano 185, de família cristã, morreu em Tiro, por volta do ano 253 ou 254, devido à tortura sofrida na cadeia durante a perseguição do imperador Décio. Ainda jovem, Orígenes perdeu o pai, Leônidas, morto por ocasião da perseguição de Sétimo Severo, e perdeu as posses de sua família, pois foram confiscadas pelo Estado romano. Sua rigorosa doutrina asceta o fez se castrar em plena juventude e viveu grande parte de sua vida ligado à Escola de Alexandria, onde criou o *Didaskaleion*, um centro de ensino que oferecia aos alunos formação em filosofia e no conhecimento das

Escrituras.³⁵ O *Contra Celso*, a contradição de Orígenes às acusações do filósofo pagão Celso contidas no *Alethes Logos* (publicada provavelmente entre 170 e 185)³⁶ e obra pela qual o pensador cristão é mais conhecido, foi composta em meados do século III, mais precisamente em 248, sob o governo de Filipe, o Árabe, um ano antes da perseguição aos cristãos decretada por Décio (SILVA, SOARES, 2010, p. 90). E já no prefácio, Orígenes, dizendo que não havia necessidade de compor esta obra sobre a qual tratamos aqui, exalta a não resistência de Jesus, dissertando sobre o julgamento, prisão e condenação do Nazareno. Diz que “Jesus, vítima de falso testemunho, permanecia calado” (ORÍGENES, 2004, p. 28) como prova de sua inocência e crença na premissa da não agressividade recíproca.

No Livro Segundo, Orígenes refuta a acusação de Celso, que apontou a covardia dos discípulos ao abandonarem Jesus no momento de aflição por medo de sofrerem também, mas pregam ir às últimas consequências para demonstrar a fé. Diante disso, o filósofo cristão rebate dizendo que os discípulos ainda eram “iniciantes e imperfeitos”, e diz que o adversário silencia “sobre a correção deles depois da falta, sobre sua firmeza em pregar diante dos judeus, sobre os males sem conta suportados por eles, sobre a morte que por fim sofreram pelo ensinamento de Jesus.” E depois de citar alguns exemplos de discípulos que foram mortos por corajosamente não negligenciarem seu apostolado, “regozijando-se por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo Nome”, Orígenes afirma que eles superaram “de longe tudo o que os gregos contam da resistência paciente e da coragem dos filósofos”, ou seja, suportaram torturas e foram supliciados sem desistir e levantar qualquer reação contrária a isso, antes, indo até o final em suas convicções

³⁵ Sobre Orígenes, Eusébio de Cesareia, citando Porfírio, diz que “ele vivia em trato contínuo com Platão e freqüentava as obras de Numenio, de Cronio, de Apolofanes, de Longino, de Moderato, de Nicomaco e dos outros autores mais conspícuos dos pitagóricos. Também usava os livros do estóico Queremon e de Comuto.” (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2002, p. 134).

³⁶ “Para ele, [Celso] o cristianismo é uma inovação moderna e perigosa, e se não for contida levará o Império ao colapso. Os cristãos não estão cumprindo com seus deveres de cidadãos e devem assumir sua responsabilidade cívica, preencher cargos públicos, lutar no exército e apoiar o imperador em sua luta para manter a paz no *orbis romanorum*. O filósofo evoca o retorno ao antigo e tradicional politeísmo e prega a volta aos costumes ancestrais. De fato, é significativo que Celso tenha feito do cristianismo seu objeto de profunda investigação e ataque. É evidente que a crença havia começado a se expandir como algo perigoso e ameaçador para os olhos de um filósofo pagão. O cristianismo era, para ele, (...), uma doutrina bárbara, pois parecia muito estranha à sua cultura grega e à sua visão platônica acerca da natureza divina. Assim, a *Palavra Verdadeira* é o supremo esforço de um pensador pagão em sobrepujar a nova religião e reconquistar seus adeptos” (SOARES, 2013, p. 149).

religiosas (ORÍGENES, 2004, p. 98). Em seu tratado, o filósofo ainda reforça que os crentes em Jesus vêm,

conforme os conselhos de Jesus, quebrar as espadas racionais de nossas contestações e de nossas violências, transformando-as em relhas de arado e forjando as lanças antes usadas na luta em podadeiras. Pois não mais desembainhamos a espada contra qualquer povo nem nos exercitamos nas artes da guerra: nós nos tornamos filhos da paz por Jesus que é nosso chefe (ORÍGENES, 2004, p. 237).

O debate sobre as aparentes contradições entre o Deus do Antigo Testamento e o do Novo, pregadas por Marcião, é retomado por Celso que recebe respostas apologéticas de Orígenes neste livro. Sobre uma incoerência apontada, em relação à ordenança de guerra muitas vezes verificada no Antigo Testamento através da lei de Moisés, o bispo e filósofo sustenta que os cristãos não podiam seguir à risca a lei de Moisés, massacrando seus inimigos ou os que suas transgressões da lei condenavam à fogueira, forca, exílio ou esquartejamento, porque mesmo os judeus, apesar de amparados, não podiam lhes infligir esta pena legalizada (ORÍGENES, 2004, p. 318). Quer dizer com isto Orígenes que a doutrina da não agressividade gratuita recebe luzes desde o Antigo Testamento, cujos ensinamentos são lidos por Marcião como diversos aos de Jesus Cristo com relação à compaixão e clemência.

Para refutar a ideia da negligencia dos cristãos quanto ao serviço militar, o filósofo devoto afirma que eles formam cidadãos intercessores a Deus e piedosos, que também é uma forma de trabalho pela nação. O uso de armas, então, seria vedado aos fiéis,³⁷ pois lutam de maneira metafórica, para instruir pessoas pacíficas

³⁷ Hipólito de Roma é outro notável, na primeira metade do século III (175 a 235 ou 236), engajado na premissa da não combatividade armígera. O cristão convertido, apontado como um importante autor desta Antiguidade Tardia (obras como *Philosophumena* ou *Refutation of All Heresies* e *Contra Noetum* ou *Discourse against the Heresy of Noetus* lhe são atribuídas), teria, segundo algumas lendas (*New Catholic Encyclopedia*, 2003, p. 858.) se sacrificado por se recusar a servir o Império Romano sob o domínio de Alexandre Severo, em 236. É sabido que Hipólito se opôs radicalmente ao serviço militar de cristãos, ao ponto pregar suas exclusões da comunidade caso persistam em se alistar. E manda escolher entre a carreira nas armas ou vida cristã. Contrariamente à atitude mais tolerante verificada nos primeiros anos do cristianismo, que aceitava soldados crentes (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Evangelho de S. Mateus VII, 7-10 e Evangelho de S. Lucas III, 14), Hipólito proíbe expressamente a conciliação entre exército e devoção a Cristo. Conta-se também entre os mártires opositores de guerras travadas por seguidores de Jesus São Maximiliano de Tebessa, cujo sacrifício deu-se semelhantemente por recusa às armas (*New Catholic Encyclopedia*, 2003, p. 376, 377). Sua conversão ao cristianismo o levou à morte por decapitação aos 21 anos, pois achava “ilegítimo portar armas sob as ordens de um imperador pagão” (FOX, 2008. p. 36).

e caridosas, já que o protetor das cidades é Deus. Orígenes contesta o ataque de Celso, afirmando que os cristãos “combatem como sacerdotes e servos de Deus”, lutando com “orações por aqueles que combatem justamente e por aquele que reina com justiça, ou seja o imperador, para que tudo o que se opõe e é hostil aos que agem justamente possa ser vencido. Além disso, o bispo alexandrino diz que, pelas preces dos crentes, eles “vencem todos os demônios que suscitam as guerras,” e “fazem violar os juramentos e perturbam a paz,” concluindo, então, que dá ao imperador um auxílio muito maior do que os guerreiros, que se valem de espadas, adagas e lanças para o defender. Uma ideia, portanto, que pode ser a base da tripartição social que veremos na Idade Média: aqueles que oram (*oratores*), aqueles que lutam (*bellatores*) e aqueles que trabalham (*laboratores*), assunto que abordaremos em minúcias mais adiante:

Não servimos com seus soldados, mesmo que ele o exija, mas combatemos por ele organizando um exército especial, o da piedade, pelas súplicas que dirigimos à divindade (...). Os cristãos são até mais úteis às pátrias do que o resto dos homens: eles educam seus concidadãos, ensinam-lhes a piedade com Deus, guardião da cidade; fazem subir para uma cidade celeste e divina os que levaram vida honesta nas menores cidades (ORÍGENES, 2004, p. 73, 74, 384).

Celso, julgando os cristãos por não serem “originais” na assertiva do não revide a ataques físicos, pois tal ensinamento fora já ensinado por Platão, leva Orígenes a mais uma manobra argumentativa em defesa dos adeptos do Nazareno. O acusador grego cita um trecho do *Diálogos Platônicos* em que se discute sobre resistência a um ultraje³⁸ e tenta, mostrando a conversa entre Sócrates e Críton criada três séculos antes de Jesus, dizer que Cristo teria simplesmente copiado o valor. A réplica de Orígenes, usando o próprio estilo de fundador do cristianismo, refuta a ideia, empregando uma parábola com alimentos que devem ser preparados para a maioria da população, ao invés de apenas para os ricos, que são poucos. Os pobres não teriam o paladar refinado para apreciar iguarias de costume só dos aristocratas, o que privaria o povo de saciar sua fome e conseqüentemente de ter boa saúde. Platão só se dirigia aos membros mais abastados da sociedade grega, daí a superioridade dos judeus e cristãos, segundo Orígenes. Ainda que haja

³⁸ “Portanto, não se deve responder à injustiça com a injustiça, nem praticar o mal com ninguém, apesar de tudo o que se possa sofrer” (*Ibidem*, p. 336).

semelhança nas proposições, cristãos tiveram mais eficácia na pregação do “amor aos inimigos”, pois sempre falaram para as multidões de pessoas desamparadas materialmente, enquanto que Platão só era conhecido pelos ricos letrados de seu tempo e de outros:

Jesus traduziu e apresentou sua doutrina de maneira mais útil à vida sob esta forma do que sob a forma que Platão lhe dá no Críton. Pois, longe do alcance do povo simples, Platão é apenas compreendido por aqueles que receberam a cultura geral antes de tratar a venerável filosofia dos gregos. Deve-se notar igualmente que o sentido desta resistência não é alterado pela popularidade das expressões de Jesus (ORÍGENES, 2004, p. 338).

Crentes do tempo de Orígenes, segundo esta obra, não insultam seus adversários em sua adoração aos deuses gregos. Em mais uma acusação, Celso diz que os cristãos são instruídos a tripudiar da religiosidade alheia³⁹ ao que retruca o bispo de Alexandria desse modo:

A isso posso responder que não insultamos a ninguém: estamos convencidos de que “os que insultam serão excluídos do Reino de Deus” (cf. Lc 6, 28); lemos os textos: “Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis” (Rm 12, 14); conhecemos estas palavras: “Somos amaldiçoados, e bendizemos” (1Cor 4, 12). Embora o insulto encontre uma desculpa na defesa a opor aos erros que tememos, ainda assim a palavra de Deus no-la proíbe; quanto mais devemos nós nos abster se o insulto manifesta uma grande tolice (ORÍGENES, 2004, p. 338).

1.2 O início da reação: o surgimento do Deus belicoso a favor dos cristãos

É perceptível, destarte, o empenho do filósofo citado em convencer do pacifismo dos cristãos dos primeiros séculos de sua era. Os crentes são definitivamente, para o alexandrino, mensageiros da paz e do amor a exemplo de seu mestre nazareno. Notamos, contudo, através de seus escritos uma incipiente mudança nessa mentalidade. O bispo de Alexandria, sem dúvida, também segue na esteira do pacifismo não vingativo de Jesus, todavia, nos parece iniciar a ideia de uma reação cristã não pacífica e a concepção de Deus como “vingador” e “punitivo”. Segundo Orígenes, a destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70,

³⁹ “Insultando suas estátuas, zombas dos deuses; mas se houvesse insultado ao próprio Dioniso ou a Hércules em pessoa, talvez não tivesses escapado tão airoso” (*Ibidem*, p. 364).

provocadora da Diáspora judaica, foi para o fim do judaísmo e para que o cristianismo se expandisse pelo mundo, fazendo Deus uso de força bélica a favor dos cristãos, aparentemente pela primeira vez na literatura patrística e universal:

Mas a Providência, que outrora deu a lei e em nossos dias o Evangelho de Jesus Cristo, não queria mais que o judaísmo estivesse em vigor; ela então destruiu sua cidade, seu templo e o serviço de Deus realizado no templo pelo culto e pelo sacrifício que ela tinha prescrito. E assim como a Providência pôs fim a estas práticas que ela não queria mais, da mesma forma deu ao cristianismo impulso cada dia maior, concedendo então a liberdade de se exprimir, apesar dos obstáculos inúmeros opostos à difusão do ensinamento de Jesus no mundo. E como foi Deus que quis estender aos gentios os benefícios do ensinamento de Jesus Cristo, todo projeto dos homens contra os cristãos foi posto em cheque, e quanto mais os imperadores, os chefes de nações, o povo os humilhavam em todos os lugares, tanto mais numerosos e poderosos se tornavam (cf. Ex 1,7) (ORÍGENES, 2004, p. 318).

Percebemos, desse modo, a partir da literatura patrística produzida no século IV em diante, com a chegada do cristianismo constantiniano ao poder no Império Romano, uma mudança do pacifismo absoluto dos cristãos, que culminará, cinco centúrias mais tarde, na ideologia guerreira cavaleiresca. Lactânncio (240-320?) aprofundará a ideia de uma fé cristã guerreira e vencedora que sobrepuja as forças inimigas sem um viés metafórico, já efetivando-se, assim, uma leitura de justiça e vingança de Deus contra aqueles que afligiram os seguidores de Jesus. Dá-se a eles a partir deste momento vitórias belicosas, não mais vitórias espirituais e figuradas, sobre os considerados pagãos.

Sabe-se pouco da biografia de Lactânncio. As informações de que se dispõe dele estão nos escritos de São Jerônimo, em *De Viris Illustribus* (ano 323), cuja notícia mais importante é sua convocação pelo imperador romano Diocleciano para ensinar retórica em Nicomedia (região da atual Turquia), junto com o gramático Flávio. Posteriormente, Lactânncio foi chamado por Constantino à Gália para também ensinar literatura a seu filho Crispo. As datas de seu nascimento e morte são desconhecidas. São Jerônimo aponta como obras de Lactânncio *Symposium* o *Banquete*, *el Hodoeporicum* o *Itinerario* (descrição em hexâmetros de uma viagem da África à Nicomedia), *Grammaticus* e as que ficaram para a posteridade como *De mortibus persecutorum*, *De opificio Dei*, *Diuinae institutiones*, *De ira Dei*, *Epitome*, e *Institutiones* (LACTANCIO, 1982, p. 7, 8).

Como foi dito anteriormente, Lactânncio aprofunda algo de “luta” e “vitória” contra os pagãos que outrora perseguia e matava cristãos em nome do Estado romano. É conveniente expor o comentário de Arnaldo Momigliano, que sustenta que Lactânncio, em *De mortibus persecutorum*, ou *A morte dos perseguidores* escreve uma defesa na qual os adeptos de Cristo sobressaem como triunfantes, tomando consciência de sua vitória sobre os inimigos de sua fé “con ánimo resentido y vingativo” (MOMIGLIANO, 1993, p. 95). Em outros escritos seus, como o *De ira Dei* e *Institutiones*, lê-se uma ideia de “justiça vingadora”⁴⁰ no enfoque às derrotas militares sofridas pelos não-romanos no período constantiniano⁴¹ e, especificamente em *A morte dos perseguidores*, percebemos o surgimento desta ênfase na punição dos inimigos da fé cristã. Demonstra-se a retribuição de Deus a todos que se levantaram contra os cristãos torturando e matando. Busca-se, assim sendo, explicitar as consequências oriundas das atrocidades cometidas contra os adeptos da nova fé. Deus é apresentado como “juiz” e “vingador” que esperou o momento certo para impor seu veredicto aos inimigos de seu nome que muitos males fizeram para destruir o cristianismo,⁴² ficando mais claro tal caráter vingativo na ênfase ao final funesto deles. Ao fazer um pequeno resumo da história evangélica, Lactânncio afirma que os judeus crucificaram Jesus, afirmação que se sabe, foi responsável pelo antissemitismo através dos tempos⁴³. Falando do imperador Nero (54-67), um dos maiores assassinos de crentes em Cristo, diz que “desapareceu tão de repente

⁴⁰ “Lactancio utiliza con mucha frecuencia el término *iustitia* con el sentido de religión cristiana” (LACTANCIO, 1982, *Introducción, traducción y notas*, p. 67).

⁴¹ “... así se puede entender el *De mortibus* como una realización y demostración histórica de la idea de la unidad de Dios desarrollada en los dos primeros libros de las *Institutiones* y de la idea de la justicia vengadora a la que está consagrado el *De ira*” (p. 13).

⁴² “Los que se habían levantado contra Dios yacen en tierra; los que habían derruido el templo santo han caído con un estrépito mayor; los que habían torturado a los justos han entregado sus almas criminales entre los castigos celestiales y los tormentos a que se habían hecho acreedores. Tardíamente, en verdad, pero con dureza y de acuerdo con sus méritos Dios retrasó su castigo para mostrar en ellos grandes y admirables ejemplos con que los venideros aprendiesen que Dios es uno y es juez que impone a los impíos y a los perseguidores suplicios dignos de un vengador. Es de su muerte de lo que me ha parecido bien dejar testimonio escrito, a fin de que todos, tanto aquellos que no fueron testigos de los acontecimientos, como quienes nos sucederán, sepan de qué modo el Dios supremo mostró su poder y majestad en la extinción y aniquilación de los enemigos de su nombre” (p. 65).

⁴³ “Nuestro Señor Jesucristo fue crucificado por los judíos, el 23 de marzo, durante el consulado de los dos Géminos”.

e que nem foi possível achar a sepultura de uma besta tão malvada”,⁴⁴ alcunha que será dada em *A morte dos perseguidores* a todos os imperadores que decretaram a morte dos cristãos.

A aniquilação pelos ataques aos adeptos de Jesus foi percebida também nas guerras perdidas por Roma. Segundo o autor, o imperador Décio (249-251), a quem chama de “animal execrável”, foi destruído com todo o seu exército na campanha contra alguns povos germânicos, e, além da derrota, seu corpo desnudo foi despedaçado e devorado por aves não tendo, portanto, nem direito a uma sepultura honrosa.⁴⁵

A ruína econômica do Império também foi atribuída à violência contra os cristãos. Diocleciano (c. a 284-305), responsável por milhares de mortes de crentes em Cristo, é responsabilizado por levar o Império à gravíssima crise econômica por sua avareza, timidez e vaidade. Ele é acusado por derramar muito sangue dos adeptos do Nazareno e por isso, segundo Lactâncio, sofreu as consequências em seu reinado.⁴⁶ Maximiano (286-305) e Galério (305-311), apontados como piores que o anterior, e chamados de “besta”, também são acusados de arruinar as finanças de Roma resultado, portanto, de sua sanguinolência contra os discípulos de Cristo. Por isso a “fera do mal”, como descreve Lactâncio, morre em meio a grandes dores e insanidade por causa de envenenamento e tal desfecho, assim, teria sido “um remédio de Deus” pelos males causados durante toda a sua vida,⁴⁷ “entregando seu espírito pernicioso num tipo detestável de morte” (p. 207-209). Galério, por sua vez, foi acometido de “uma enfermidade incurável” cuja “ferida foi dada por Deus”

⁴⁴ “Este tirano desenfadado desapareció tan de repente, que ni siquiera se ha podido descubrir el lugar en que se encuentra la sepultura de tan malvada bestia”. “La expression “mala bestia” la utiliza frecuentemente Lactancio para referirse a los emperadores perseguidores de los cristianos” (p. 67).

⁴⁵ “Habiendo marchado en expedición contra los carpos, que habían ocupado Dacia y Mesia, rodeado de improviso por los bárbaros, fue destruido con gran parte del ejército. Ni siquiera pudo ser honrado con la sepultura, sino que, despojado y desnudo, como correspondía a un enemigo de Dios, fue pasto de las aves de presa en el suelo” (p. 73).

⁴⁶ “Llevado de su insaciable avaricia, no quería que jamás disminuyese el tesoro, sino que exigía constantemente impuestos y cionaciones extraordinarias ja fin de mantener íntegras e intactas las reservas. Asimismo, tras haber provocado una enorme carestía con diversas maldades, intentó fijar por ley los precios de los productos del mercado. En consecuencia, se derramó mucha sangre por causa de productos despreciables y de escaso valor, el miedo hizo desaparecer los productos del mercado y la carestía aumentó mucho más, por lo que la ley, por la fuerza misma de los hechos, terminó por caer en desuso, pero no sin haber provocado previamente la perdición de muchos” (p. 82).

⁴⁷ “Allí, al verse asediado por tierra y por mar y no esperar ya refugio alguno, angustiado y temeroso, recurrió a la muerte, como remedio a los males que Dios había acumulado sobre su cabeza” (p. 207).

(*Ibidem*), tratando-se de uma úlcera nos genitais causadora de muito sangramento impossível de ser estancado, apesar do tratamento. Lactâncio destaca bem o sofrimento do co-imperador dizendo que o “mal cheiro se estendia por todo o palácio imperial” (*Ibidem*) durando por um ano esta dolorosa angústia.

É interessante perceber também no autor o pacifismo dos cristãos nesse tempo, pois ainda não se veiculava entre eles a ideia de luta armada para defesa da fé, muito embora percebamos na escrita que analisamos indícios de dureza e ressentimento contra seus inimigos. Lemos no capítulo *Galerio induce a Diocleciano a iniciar la gran persecución del 303* (LACTANCIO, 1982, p. 96) em que os seguidores de Jesus “morrem com gosto” e tal fervor religioso estava levando muitos soldados à conversão. O fato, obviamente, resultou na proibição do exercício da nova crença punindo com extremo rigor a desobediência desta lei.⁴⁸ Os que se recusavam em nome de seu Deus suportavam torturas e mortes horríveis “com admirável paciência”, não esboçando qualquer reação de defesa ou revolta.

A leitura de que Deus concede vitórias no campo de guerra física continua no trecho em que Licínio, um dos co-imperadores de Diocleciano, e aliado temporário de Constantino na luta contra Maximiano e Magêncio pelo controle do Império, tem um sonho. Deus, através de um anjo, lhe promete o triunfo,⁴⁹ que foi dado após uma oração bem destacada por Lactâncio. Os soldados, depois de erguerem suas mãos em prece coletiva, entram na batalha e conseguem a vitória almejada, cujo responsável foi o Criador que, segundo o autor, trava conflitos belicosos pelos fiéis.⁵⁰ Licínio, então, concede liberdade de culto aos cristãos em seus domínios no Império Romano do Oriente. No epílogo desta obra lemos o fim da linhagem dos imperadores hostis à fé cristã lido como parte do castigo de Deus e encerra-se a obra com a afirmação de que a linhagem imperial fora “aniquilada” ou “erradicada da terra” pela insolência (LACTANCIO, 1982, p. 213). Há uma nota final

⁴⁸ “Insistía en que los cristianos acostumbran a morir con gusto y que era suficiente con prohibir la práctica de esta religión a los funcionarios de palacio y a los soldados” (p. 97).

⁴⁹ “Sucedió entonces que, en la noche siguiente, se le apareció a Licinio, mientras descansaba, un ángel enviado por Dios, quien le advirtió que se levantase inmediatamente y, en unión de todo su ejército, elevase plegarias al Dios supremo: si así lo hacía, suya sería la victoria” (*Ibidem*. p. 189).

⁵⁰ “Fue así como el Dios supremo los entregó como holocausto a sus enemigos” (p. 201).

de alegria, conclamando festa pela paz que Deus concedeu ao seu povo depois de 10 anos de perseguição cruenta⁵¹.

O próximo a iniciar essa nova leitura cristã de um Deus justiceiro é Eusébio de Cesareia (260-340), que foi notável bispo, escriba, copista e historiador da cidade pela qual é conhecido:

Era de origem grega, pelo menos fortemente helenizado: do jeito que ele fala dos judeus parece improvável que fosse de origem semita. Deve ser acrescentado que todas as suas obras foram escritas em grego e que a cidade de Cesareia, onde passou a maior parte da vida, era uma cidade helenizada (BARDY, 1960, 13).

O erudito tardo-antiquista possuía vasto conhecimento formal propiciado pelo acúmulo de numeroso material exegético, apologético e histórico, vindo de autores pagãos, judeus e, sobretudo, cristãos. No momento oportuno, todo este material foi utilizado em obras próprias ou em colaboração com Pânfilo (apontado com seu principal instrutor), sendo que algumas já estavam concluídas, outras bem avançadas quando começou a grande perseguição sob o imperador Diocleciano. Por fim, em sua biografia, que sucintamente trazemos aqui⁵², destacamos seu papel de influência no reinado do imperador Constantino e no Concílio de Niceia (325) cuja ideia principal era formar a teologia seguida pela Igreja Romana e combater a doutrina do presbítero Ário de Alexandria, que contraditava o dogma da Trindade, uma vez que também era propósito político opor heresia à ortodoxia, tendo como objetivo o fortalecimento das instituições, Estado e Igreja.⁵³

A era de Constantino em suas batalhas para tomar o controle de todo o Império Romano, em suma, é retratada por Eusébio como heróica. Há, na narrativa

⁵¹ “*Así pues, celebremos con alegría o triunfo de Dios, concurramos en masa a festejar con alabanzas su victoria, celebremos lo con plegarias de noche y de día, celebremos lo para que conserve por siempre la paz que, tras diez años de guerras, ha concedido a su Pueblo*”.

⁵² Para o início de maiores elucidações da biografia de Eusébio de Cesareia recomendamos a dissertação de Mestrado de Jefferson Ramalho, *O Eusébio de Constantino, o Constantino de Eusébio. O início das relações de poder entre a Igreja e o Estado*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Dissertação de Mestrado, 2012. Disponível em <https://www.academia.edu/28034217/O_Eus%C3%A9bio_de_Constantino_e_o_Constantino_de_Eus%C3%A9bio_o_in%C3%ADcio_das_rela%C3%A7%C3%B5es_de_poder_entre_a_Igreja_e_o_Estado?email_work_card=title> Acesso em 04/04/2020.

⁵³ “No século IV, impôs por muito tempo a imagem da unidade original da Igreja, atacada por ‘heresias’ sobrevividas mais tarde. Esse quadro presidiu a historiografia, com poucas exceções, até o século XX.” (BOULLUEC, 2009, p. 64).

de *História Eclesiástica* e num tratado atribuído a Eusébio chamado *A vida de Constantino* (século IV), a trajetória da vida do imperador desde seus primeiros passos à sombra do pai Constâncio Cloro até a campanha contra Magêncio pelo controle de sua tetrarquia. E, segundo Lorenzo Perrone, a obra “oferece a possibilidade de esclarecer as motivações subjacentes à opção religiosa de Constantino, indicando seu núcleo original no nexó entre profissão do verdadeiro Deus e sucesso político-militar” (PERRONE, 1996, p. 551, 552), nosso interesse escutar aqui. O imperador é figurado como enviado de Deus para subjugar seus adversários pagãos, avaliando-o Eusébio como “o ideal de imperador cristão como cabeça da Igreja em função de vigário de Deus e do Logos” (EUSEBIO DE CESAREA, 2001, p. 35), cuja “convicção condicionou toda a sua atitude ao tratar do imperador em seus escritos, nos quais falaria a seu respeito, especialmente nesta obra dedicada a exaltar suas virtudes; nela ele se mostra um autêntico panegirista no sentido estrito do termo.”

Na *História Eclesiástica*, temos uma ênfase no fim dos opositores de cristãos, bastante parecido com que verificou-se em Lactâncio n’*A morte dos perseguidores*. Mesmo que o próprio autor, no Livro V, capítulos 3 e 4, tenha prometido enfatizar a história da igreja sob a ótica das “vitórias invisíveis”⁵⁴ interpreta Deus em muitos momentos como o grande vingador dos cristãos, enfatizando este caráter mais justiceiro, percebido principalmente nas histórias do Velho Testamento. Eusébio reconhece a doutrina pacífica dos primeiros cristãos (p. 99)⁵⁵, mas dá a eles um

⁵⁴ “Outros, ao fazerem as narrativas históricas, não transmitem por escrito mais do que vitórias em guerras, troféus de inimigos, façanhas de generais e valentias de soldados manchados de sangue e de mortes inumeráveis por causa dos filhos, da pátria e demais bens. Nossa obra, por outro lado, que descreve o modo de vida segundo Deus, gravará em lápides eternas as mais pacíficas lutas pela própria paz da alma e o nome dos que nelas se comportaram varonilmente, mais pela verdade do que pela terra pátria, e mais pela religião do que pelos seres queridos, e se proclamará publicamente, para eterna memória, a resistência dos atletas da fé, sua bravura, curtida em mil sofrimentos, os troféus conquistados contra os demônios, as vitórias sobre os adversários invisíveis e, depois de tudo, suas coroas” (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2002, p. 98).

⁵⁵ “Em primeiro lugar suportaram generosamente os assaltos massivos de toda a plebe...” *Idem*. p. 99. É conveniente ainda perceber que o tom rancoroso e vingativo na escrita a partir de Lactâncio e Eusébio ainda não se nota nos cristãos deste momento, que estão sob o reinado de Diocleciano e Galério, dois grandiosos perseguidores do cristianismo. Para esta constatação, eis o trecho do livro *Uma história do cristianismo – A era dos mártires*, de Justo L. González: “Sabemos por outras fontes que havia grande número de cristãos no exército. (...) Em todo caso, por volta do ano 295 vários cristãos foram mortos, uns por negarem-se a ser conscritos, e outros porque tentaram abandonar o exército. Diante dos olhos de Galério, esta atitude dos cristãos com relação ao serviço militar envolvia um sério perigo, pois era possível que em algum momento crítico os cristãos que estavam no exército se negassem a obedecer ordens. Logo, como uma medida necessária para a moral militar, Galério convenceu a Diocleciano da necessidade de expulsar os cristãos das legiões. O edito de Diocleciano

Deus que retalha os que ousaram persegui-los com finais lamentáveis. Pode-se dizer, então, que já são os efeitos da igreja de Constantino, estatal e poderosa, coercitiva e guerreira, mantenedora da ordem social por meio de força armada, que Eusébio presenciou e ajudou a construir com esta visão.⁵⁶

No trecho abaixo lemos o início da atuação do Deus vingativo de Eusébio, quando este relata a sentença de Herodes, o Grande, governador da província romana de Israel entre 37 e 4 a. C., o famoso genocida das crianças:

Mas, além disso, é conveniente dar uma olhada na resposta pelo atrevimento de Herodes contra Cristo e os meninos de sua idade. Imediatamente depois, sem a menor demora, a justiça divina o perseguiu quando ainda transbordava de vida e lhe mostrou o prelúdio do que o aguardava para depois de sua saída desta vida. (...) Mas sobre como um flagelo divino o arrebatou e ele começou a morrer já desde o momento em que conspirou contra nosso Salvador e contra os demais meninos, será bom escutar as palavras do próprio escritor, que no livro XVII de suas *Antigüidades judaicas* descreveu o final catastrófico da vida de Herodes como segue: “A doença de Herodes fazia-se mais e mais virulenta. Deus vingava seus crimes. (EUSEBIO DE CESAREIA, 2002, p. 22).

A dureza, embora seja reflexo de fato histórico, verificar-se-á ao longo do importante tratado, ou seja, o enfoque na punição pelo que se infligiu às vítimas da perseguição ao cristianismo. Os judeus, responsabilizados pela morte de Jesus, recebem particular menção no dito de Eusébio, que, citando Flávio Josefo, discorre sobre a destruição de Jerusalém e o morticínio resultante. O exército romano penetra na capital semita no ano 70 e impõe uma devastação que causa a célebre diáspora judaica dos sobreviventes. Afirma o autor no final deste relato “que a justiça divina alcançava os judeus por seus crimes contra Cristo (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 37).” No Livro III, capítulo V, mais uma vez Eusébio lê o massacre romano sobre a Judeia como ação de Deus para vingar os cristãos, pois as execuções de

a esse respeito não decretava a pena de morte, nem outro castigo senão a mera expulsão do exército. Mas em alguns lugares, devido talvez ao excessivo zelo dos oficiais, intentou-se obrigar aos soldados cristãos a oferecer sacrifícios diante dos deuses, e o resultado disto foi que houve algumas execuções, todas elas no exército do Danúbio, que estava sob as ordens de Galério” (GONZÁLEZ, 1995, p. 166).

⁵⁶ “Esteticamente, o cristianismo também ganhará formas que antes não faziam parte de seu contexto. A liturgia amplamente solene, as vestes sacerdotais, os templos luxuosos e suas obras de arte representando não mais o Cristo bom pastor e sim o Cristo *pantocrator*, uma palavra grega que significa Onipotente, demonstram que toda aquela teologia que vinha sendo formulada no período patrístico, torna-se por assim dizer oficial na religião cristã, chegando a ser representada inclusive na iconografia desse cristianismo institucionalizado.” (VELASCO-DELGADO apud EUSÉBIO DE CESAREIA, 2001, p. 89-92).

mártires como Estêvão e Tiago (filho de Zebedeu, decapitado por ordem de Herodes), além das inúmeras caçadas violentas aos adeptos do Nazareno também “atestavam a maldade semita”.

As calamidades descritas a seguir no Livro III são interpretadas como consequências das tribulações impostas aos crentes em Jesus. Fome, enfermidades, crimes e desespero inundavam o território da Palestina, em especial sua capital Jerusalém, com descrição, inclusive, de cenas de canibalismo. Diz que “foi infinito o número dos que pereceram na cidade por fome, e os padecimentos eram indizíveis” e termina o cruento episódio afirmando que “esta for a recompensa dos judeus por sua iniquidade e impiedade para com o Cristo de Deus” (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 56).

É interessante, destarte, perceber o início da mudança de mentalidade no que diz respeito à compaixão pelos algozes, visto que nos primórdios da fé cristã notamos o perdão mesmo aos carrascos, como no caso do próprio Cristo e de Estevão, como pontuamos antes. Sobre o governador Galo, cita Dionísio⁵⁷, bispo de Alexandria, afirmando que o monarca não “reconheceu o mal de Décio nem teve a precaução de examinar o que o derrubou, mas veio a estatelar-se contra a mesma pedra que estava diante de seus olhos.” (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 151). E atribui tal ruína ao romano pois ele “expulsou os santos varões que perante Deus intercediam por sua paz e por sua saúde, e em consequência, junto com eles, perseguiu também as orações feitas em seu favor.” Valeriano, imperador de 253 a 260, morre humilantemente no cativeiro, vencido em batalha pelos persas sob o comando do rei Sapor I, pois se deixou influenciar por um mago egípcio chamado Macriano, que propôs a perseguição aos cristãos. O texto relata que ele “converteu-se em inimigo da Igreja universal, tornou-se alheio e desterrou a si mesmo da misericórdia de Deus” (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 155) levando, assim sendo, o imperador a sofrer a ira divina “pois foi bem clara neles a predição feita por Deus:

⁵⁷ Este bispo também nos chama a atenção no Livro VII, capítulo VIII, quando chega a expressar claramente rancor contra certo herético de nome Novaciano, questão que representa bem este novo cristianismo ajustado à condição de religião estatal: “Porque a Novaciano odiamos com razão, pois cindiu a Igreja, arrastou alguns irmãos à impiedade e à blasfêmia, transmitiu também um ensinamento sacrílego sobre Deus, caluniou nosso bondoso Senhor Jesus Cristo acusando-o de ser impiedoso e, por complemento a todo o dito, anulava o santo batismo, subvertia a fé e a confissão que o precedem, e expulsava por completo o Espírito Santo dos mesmos, ainda que houvesse alguma esperança de que permanecesse ou inclusive de que voltasse a eles.” (*Ibidem*, p. 153).

“Eu, que castigo os pecados dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração dos que me odeiam”.⁵⁸

Após fechar uma série de relatos sobre as atrocidades imperiais cometidas contra os cristãos, Eusébio chega, enfim, ao tempo que lhe é contemporâneo, o tempo de Constantino. Percebe-se a partir daqui um tom laudatório ao se falar da pessoa do primeiro governante romano convertido ao cristianismo, do qual é dito que foi “proclamado desde o início imperador absoluto e augusto pelas legiões, e muito antes destas, pelo próprio Deus, imperador universal” (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 186). Começam mais efetivamente, então, as ações de caráter militar tidas como necessárias para o triunfo dos cristãos, uma vez que Constantino passar a incorporar a vontade divina belicamente falando como “13º apóstolo”, ponto mais destacado neste fim da *História Eclesiástica*. Magêncio, um dos tetrarcas do Império, revelou-se grande odioso dos fiéis, desencadeando, à semelhança de seu pai Maximiano,⁵⁹ tortura e morte sobre eles, fato que justificará, para Eusébio, sua famosa derrota na Ponte Mílvia. Constantino, “depois de invocar como aliado em suas orações ao Deus do céu e a seu Verbo, e ainda ao próprio Salvador de todos, Jesus Cristo, avançou com todo seu exército,” (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 198) para o combate contra o imperador adversário que “confiava mais nos artifícios da magia do que na benevolência dos súditos” (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 198) alcançando, finalmente, a vitória na peleja. O imperador, assim sendo, ficou notabilizado como aquele que vence as guerras em nome de Jesus, cuja doutrina, outrora caçada como ilegal por este mesmo império romano, dá a ele um novo símbolo para ser defendido por meio das armas: a cruz do cristianismo.⁶⁰

⁵⁸ Citações ao Antigo Testamento, como esta do livro do Êxodo, XX, 5, serão bem comuns a partir daqui para ratificar a ideia de um Deus guerreiro e vingativo, que pune o soberbo e maldoso contra os fiéis. Neste final de narrativa é perceptível mais ainda o abundante uso de passagens da primeira parte da Bíblia, para justificar o emprego de armas em nome de Deus ou pela vontade dele no intuito de eliminar seus inimigos. (p. 156). Perceberemos grande predileção do autor da *Crônica do Condestabre* por Josué, do qual encontramos mais referências (seis) do que qualquer outro personagem da Bíblia.

⁵⁹ “Os homens, efetivamente, suportavam o fogo e o ferro, a crucificação, as feras e as profundezas do mar, que lhes amputassem e queimassem os membros, que lhes furassem e arrancassem os olhos; a mutilação, enfim, de todo o corpo e, como se fosse pouco, a fome, as minas e as correntes, mostrando-se em tudo isto mais prontos a padecer pela religião do que a dar aos ídolos o culto devido a Deus. E quanto às mulheres, não menos fortalecidas que os homens pelo ensinamento da doutrina divina, umas suportavam os mesmos combates que os homens e levaram os mesmos prêmios por sua virtude; outras, arrastadas para serem desonradas, preferiram entregar sua alma à morte antes que o corpo à desonra.” (*Ibidem*, p. 187).

⁶⁰ “Com este símbolo salvador, que é a verdadeira prova do valor, salvei e livreí vossa cidade do jugo

Sobre Licínio, o tetrarca que lutava para unificar o lado oriental do Império, Eusébio nos informa que a vitória deste imperador “procede do mesmo e único Deus de todas as coisas” embasando a premissa com mais uma passagem belicosa do Antigo Testamento.⁶¹ Ainda neste momento, lemos um trecho extremamente agressivo, no qual Eusébio demonstra intenso ressentimento e hostilidade ao relatar a derrocada final de Maximiano, o inimigo de Licínio:

O desgraçado, despindo-se a toda pressa do ornato imperial, que de modo algum lhe cabia, desliza entre a multidão covardemente, como um canalha e sem ânimo viril (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 198).

A descarga emocional em resposta às barbaridades cometidas contra os cristãos nestes três séculos de existência pode ser também um reflexo da oficialização da religião cristã, dotada agora de força estatal para julgar e punir o que tem por transgressão. E essa realidade foi atestada nos primeiros anos do governo de Licínio sobre o Império Romano do Oriente, quando ele empreende uma verdadeira caça aos sacerdotes de um ídolo pagão de Antioquia, obtendo deles, por meio de tortura, confissões e negações,⁶² lembrando bastante o horror que viria séculos depois no segundo milênio da era comum com a própria Igreja Católica Apostólica Romana: as inquisições.

Depois de conclamar as graças a Deus pela segurança concedida aos crentes, Eusébio encerra o episódio da seguinte forma:

Assim varridos os ímpios, Constantino e Licínio guardaram para si sós a parte correspondente do Império, segura e indiscutível. Estes, depois de eliminar do mundo antes de mais nada a inimizade contra Deus, conscientes dos bens que Deus lhes havia outorgado, demonstraram seu amor à virtude,

do tirano; mais ainda, liberei-a e a restitui ao senado e ao povo romanos em seu antigo renome e esplendor.” (*Ibidem*, p. 199).

⁶¹ “Não se salva o rei por seu numeroso exército nem o gigante será salvo pela abundância de sua força. Inútil é o cavalo para salvar-se, e ninguém se salvará por sua grande potência. Vede os olhos do Senhor postos sobre os que o temem, os que esperam em sua misericórdia, para arrancar suas almas da morte.” (*Ibidem*, p. 201).

⁶² “Deve-se saber que também Teotecno era procurado pela justiça, que não esquecia o que ele havia levado a cabo contra os cristãos. Efetivamente, porque havia erigido um ídolo em Antioquia pensava que seus dias seriam felizes, e realmente até Maximino o havia considerado digno de um cargo de governo. Mas quando Licínio entrou na cidade de Antioquia e empreendeu a busca dos charlatães, fez atormentar profetas e sacerdotes do recém-erigido ídolo, tratando de averiguar por que razão haviam fingido a fraude. Como apertados pelos tormentos não lhes era possível seguir ocultando-o, declararam que todo o mistério era uma fraude urdida pelo engenho de Teotecno. Então impôs a todos o castigo que haviam merecido e entregou à morte primeiro o próprio Teotecno, e logo também seus cúmplices no engodo, depois de numerosos suplícios.” (*Ibidem*, p. 203).

seu amor a Deus, sua piedade e gratidão para com a divindade por meio de sua legislação em favor dos cristãos (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 198).

As palavras “varridos” e “eliminar” mostram claramente a violência empregada para acabar com qualquer influência pagã no novo império. Por força da espada, foi conquistada uma situação favorável de paz para os adeptos do cristianismo sob o governo de Licínio, que os súditos de Constantino, no ocidente, já haviam alcançado.

No fechamento de *História Eclesiástica*, temos, por fim, ratificada e firmada a nova ideia do Deus cristão como usuário de força militar para atingir seus propósitos. Após relatar a revolta de Licínio contra Constantino para a junção do Império Romano sob um único imperador, Eusébio retrata as medidas tomadas pelo primeiro e acusa-o de “invejososo”, que provoca uma “guerra execrável e terrível, sem respeito pelas leis da natureza e sem trazer à mente a memória dos juramentos, do sangue e dos pactos” (p. 220). Licínio retoma a perseguição aos cristãos em seus domínios, o que faz o Deus de Eusébio “que luta em favor das almas que lhe pertencem” fazer

brilhar, como em trevas profundas e noite escuríssima, uma grande luminária e ao mesmo tempo um salvador para todos: seu servo Constantino, a quem levou pela mão para esta obra com braço poderoso (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 222).

O novo Deus cristão, de braço forte nas batalhas, no final da *História Eclesiástica*, dá, finalmente, a Constantino “o troféu da vitória contra os ímpios” e “lhes dispôs tudo no confronto conforme seu plano” (EUSEBIO DE CESAREA, 2002, p. 222). Licínio perde a batalha, é executado, e com texto bastante assemelhado ao final do livro de Apocalipse, em que se descreve o estado final dos fiéis em Cristo no capítulo 21 e 22, Eusébio termina sua obra com festivas declarações de que a paz e a alegria para crentes em Jesus finalmente chegara. Com um louvor derradeiro a vitória é atribuída ao imperador cristão que, por meio de intervenção militar segundo, o autor, obtêm tal êxito para a cristandade num claríssimo prenúncio às Cruzadas, cujas bases ideológicas guerrilheiras estão sendo lançadas neste momento da história cristã. Um bom encerramento deste tópico, da característica da escrita de Eusébio no que diz respeito a seu sentimento ressentido está na nota de Jefferson

Ramalho, em sua dissertação de Mestrado intitulada *O Eusébio de Constantino, o Constantino de Eusébio. O início das relações de poder entre a Igreja e o Estado*:

Podemos, aqui, destacar que a continuidade do estilo eusebiano na história da historiografia cristã se dá de diferentes modos, sendo que um deles é caracterizado pela legitimação de conflitos militares em nome da fé religiosa por parte do historiador. Houve escritores católicos de história da igreja que legitimaram as cruzadas medievais de cristãos contra os árabes muçulmanos, semelhantemente houve historiadores-teólogos de matriz calvinista que defenderam as posturas de Oliver Cromwell na guerra civil inglesa do século XVII. Exemplos como esses demonstram o quanto a continuidade do modelo eusebiano se perpetua através da legitimação da guerra em textos historiográficos posteriores. A violência praticada pela cristandade feudal, sem dúvida, começara antes do Medievo (RAMALHO, 2012, p. 129).

1.3 A estatização e legalização da força bélica cristã

Este século IV será marcado pela estatização da religião cristã iniciada na conversão de Constantino em 311 e seu Édito de Milão dois anos depois, que tornou aceitável a nova religião. Era o fim da marginalidade da igreja cristã frente ao Estado romano, produzindo importantes mudanças na concepção da própria crença. Os martírios por consequência de choques ideológicos contra o Estado cessam para dar lugar a um olhar do imperador como “enviado de Deus, um salvador” (FLORI, 2005, p. 130). A lenda do “In hoc signo vinces” inaugurada pelos escritos de Lactâncio e de Eusébio de Cesareia (265-339) foi largamente creditada em seu tempo e nos subsequentes, conferindo ao monarca status de salvador de gregos e bárbaros de suas superstições, cujo feito pela vitória bélica dos cristãos não pode ser comparado. O imperador, precedido por muitos monarcas violentos contra a nova fé, apresenta-se como adepto dela, luta sob sua bandeira⁶³ e impõe várias medidas orientadas por essa mentalidade. Além do fim da perseguição aos crentes,

⁶³ “Constantino fue advertido en sueños para que grabase en los escudos el signo celeste de Dios y entablase de este modo la batalla. Pone en ejército para guarnecer los pasos de los Alpes, en previsión la letra X con su extremidad superior curvada em círculo, graba el nombre de Cristo en los escudos. El ejército, protegido con este emblema, toma las armas. El enemigo avanza sin la presencia de su emperador y cruza el puente. Los dos ejércitos hocan frente a frente y se lucha por ambos bandos con extrema violencia. (LACTANCIO, 1982. p. 189).

Constantino ordenou a reabertura e construção de templos cristãos por todo o Império, a concessão de fundos, que antes eram destinados aos templos de adoração pagã, a proclamação do domingo como dia de culto, proibindo o funcionamento de cortes, tribunais (exceto para libertar escravos) e exercícios militares para os soldados. A crucificação foi abolida, pois se tornara símbolo da nova religião imperial, o infanticídio posto na ilegalidade, a escravidão flexibilizada sob diversos aspectos até culminar no seu fim e o início do fim da luta dos gladiadores, que cessa definitivamente em 404.⁶⁴

A influência da Igreja era grande nos assuntos de Estado, que trará uma nova perspectiva sobre o próprio cristianismo. A doutrina cristã de paz com todos dos primeiros séculos cederá à ideia (ou necessidade) de corroborar com o monopólio da força estatal, cuja função é manter a ordem, ainda que violentamente⁶⁵. Na literatura patrística, e mais tarde na escolástica, surgirão teólogos que gradativamente justificarão o uso da força por cristãos num movimento que pode ser chamado de secularização da fé cristã. Com plena liberdade de culto e trânsito, a Igreja cresceu mais ainda em popularidade e se estatizou, sendo levada à uma “mundanização” (BARK, 1974, p. 111) da crença e certos conflitos éticos, como o uso de força policial e militar, com a doutrina cristã pacifista, apareceram. Cada vez mais a Igreja se identificava com o Estado, que séculos mais tarde representaria a própria herdeira cultural deste (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 90) e, por consequência destes conflitos, entre a função do Estado (a secularização da Igreja) e a ética cristã, foi criado o movimento monástico. Santo Antão (251-356) cria a mentalidade do isolamento para fugir ao contato com o crescente número de cristãos secularizados e muito influenciados pelas ideias de Estado e pelo substrato pagão que permaneceu timidamente no cotidiano dos romanos (LE GOFF, 2010, p. 20, 21). Encontravam assim uma espécie de martírio voluntário para substituir o outro que acabara (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 93), condenando-se a uma vida reclusa, que

⁶⁴ Temos um testemunho que um monge chamado Telêmaco invadiu a arena de gladiadores para separar os homens que lutavam protestando contra essa prática cruel em 404 e foi assassinado por conta disso. Seu sacrifício teria levado ao fim dos combates para fins de entretenimento popular (HURLBUT, 1979. p. 71-75).

⁶⁵ A conversão de Constantino em 312 e a imposição do cristianismo como religião do império em 395 obrigaram a Igreja a se adaptar, os cristãos devendo daí para frente defender um império que defendia a sua fé contra seus – e deles – inimigos, os povos germânicos.” (DEMURGER, 2002. p. 20).

consideravam santa, longe de uma sociedade cristã, porém tida como corrompida pela estabilidade social.

A literatura desta Antiguidade Tardia refletirá os efeitos desta secularização do pensamento cristão, que se ajusta a novo status de religião oficial que, a partir deste momento histórico e literário, emprega força bélica estatal⁶⁶ contra adversários do cristianismo e da ordem social. Santo Agostinho de Hipona constitui-se num dos primeiros a formular a teoria de defesa da fé cristã ou de um Estado cristão cujo poder é mantido por meio de forças armadas⁶⁷ e sua doutrina é fundamentada principalmente na obra *A Cidade de Deus*, na qual formula “a problemática essencial do futuro direito da guerra” (LE GOFF, SCHMITT, 2006, p. 476), ou seja, a distinção entre o *jus ad bellum* (as justificativas da guerra) e o *jus in bello* (as diretrizes do comportamento ideal durante os conflitos). Polemista capaz, pregador de talento, administrador episcopal competente e teólogo notável, Agostinho nasceu em 354 na casa de um oficial romano, na cidade de Tagasta, ao norte da África. Sua mãe, Mônica, dedicou sua vida à sua formação e conversão à fé cristã e seus primeiros anos de estudos foram feitos na escola onde ia crescendo. Em 386, deu-se a sua conversão; foi ordenado sacerdote em 391 e cinco anos depois foi consagrado bispo de Hipona (na atual Argélia), onde empenhou-se na administração episcopal, estudando e escrevendo. Morreu em 430, deixando volumosa obra escrita: mais de 100 livros, 500 sermões e 200 cartas dentre os mais destacados, o *Contra*

⁶⁶ A ideia da cristianização do rei e até sua deificação, que o concede, por fim, o poder de aniquilar em nome de Deus alcançará seu ápice na Alta Idade Média e Central, quando se moverá grandes batalhas de cunho religioso como as Cruzadas. Por volta do ano de 1100, um clérigo desconhecido que o historiador Ernst Hartwig Kantorowicz chamou de o “Anônimo Normando”, afirmou que os monarcas mesclam duas naturezas, uma divina e outra humana, uma sagrada e outra terrena, tornando-se similar a Cristo, pois eles teriam poder de conduzir, legislar e julgar as almas na terra, assim como o Messias, mas em proporção menor: “Assim, temos de reconhecer (no rei) uma pessoa gêmea, descendendo uma, da natureza, e a outra, da graça... Por intermédio de uma, pela condição natural, conformou-se com os outros homens; por meio da outra, pela eminência de (sua) deificação e pelo sacramento (da consagração), excedeu a todos os outros. Em relação a uma personalidade, ele era, por natureza, um homem individual; em relação à sua outra personalidade, era, pela graça, um Cristo, isto é, um Deus-homem. (...). O poder do rei é o poder de Deus. Esse poder, especificamente, é de Deus, por natureza, e do rei, pela graça. Onde, o rei, também, é Deus e Cristo, mas pela graça; e o que quer que ele faça, ele o faz não simplesmente como homem, mas como alguém que se tornou Deus e Cristo pela graça.” (ANÔNIMO NORMANDO, 1993. p. 50, 52).

⁶⁷ “Paralelamente, desenvolvendo as ideias de Santo Agostinho, os teóricos do direito tentam estabelecer distinções mais precisas entre guerras justas e injustas. As justas tem por objetivo o estabelecimento da paz rompida por um inimigo, a recuperação de terras e bens espoliados, a punição dos culpados; essas guerras devem ser empreendidas sem o espírito de vingança nem esperança de lucros, e sim unicamente por iniciativa da autoridade legítima. As injustas, ao contrário, quebram a paz, atacam e pilham; empreendidas sem o aval do poder legítimo, elas se assemelham a roubos e pilhagens.” (FLORI, 2005. p. 133).

Acadêmicos (386), *Confissões* (397), *A Trindade* (400), *Retratações* (428), *A propósito das heresias* (428) e *A Cidade de Deus* (426), nosso interesse aqui.

Esta última é composta de vinte e dois livros e foi escrita num espaço de dez anos (416-426). O contexto imediato desta obra é o da invasão de Roma por Alarico, rei dos visigodos, em 410, e a tarefa do bispo de Hipona será precisamente contrapor-se à ideia de que a destruição de Roma foi um castigo pelo fato de os romanos terem abandonado seus deuses para adorar ao Deus dos cristãos. Eis o prólogo da obra que pretende ser um panegírico em defesa da religião cristã ao mesmo tempo que reafirma o uso de força armígera cristianizada contra os considerados ímpios:

Foi assim que escaparam muitos dos que agora desacreditam o Cristianismo e imputam a Cristo as desgraças que a cidade teve que suportar. Não atribuem porém ao nosso Cristo, mas ao destino o benefício de se lhes ter poupado a vida por amor de Cristo. Deveriam antes, se o avaliassem judiciosamente, atribuir os sofrimentos e durezas que os inimigos lhes infligiram à divina Providência que costuma, com guerras, purificar e castigar os costumes corrompidos dos homens (SANTO AGOSTINHO, 1996, p. 101).

Sobre a truculência dos germânicos ao raptar, pilhar, assassinar e devastar a cidade de Roma em sua invasão à época referida, Agostinho pergunta aos acusadores do cristianismo:

Quem encheu de terror as mentes ferocíssimas e sanguinárias, quem os foi refreando e miraculosamente os abrandou, foi Aquele que, muito tempo antes, pelo profeta havia dito: “*Castigarei como uma vergasta, as suas iniquidades, e à chicotada as suas culpas, todavia não retirarei as minhas misericórdias*” (SANTO AGOSTINHO, 1996, p. 115, *grifo do autor*).

O capítulo XXI, contudo, em que Agostinho vai tratar especificamente da pena de morte, visto que uma de suas pretensões com *A Cidade de Deus* é ordenar uma sociedade idealizada na qual o cristianismo é a base legal e moral, que será de grande influência na concepção medieval de Estado⁶⁸. O bispo tem como justiça a imposição da lei segundo os ditames cristãos, caminho, assim sendo, para uma cidade perfeita, um Estado perfeito: “É que a verdadeira justiça só existe naquela república, cujo fundador e governador é Cristo” (SANTO AGOSTINHO, 1996, p. 254).

⁶⁸ “*Augustine was the originator of the mediaeval theocratic ideal*” (DAWSON, C., 1954, p. 951).

E nesta pretensão, Agostinho prevê as penalidades e, dentre elas, a de execução, dando o devido respaldo bíblico para sua aplicação e usando personagens do Antigo Testamento, como Abraão, que iria sacrificar seu filho Isaque, (*Gênesis*, XX), Jefté, que, de fato, ofereceu sua filha (*Livro dos Juízes*, X), segundo a leitura de Agostinho, e Sansão, que tira a própria vida para exterminar os filisteus que o torturaram e humilharam no templo do deus Dagom (*Livro dos Juízes*, XVI). Argumenta o bispo que aqueles homens estavam sob a ordenança divina para matar, o que os justificaria, salvaguardando, porém, esse direito ao Estado, que seria representante de Deus na terra, caso esteja sob governo dele:

A própria autoridade divina opôs algumas exceções ao princípio de que não é lícito matar um homem. Mas trata-se de exceções em que ordena que se dê a morte, quer por uma lei promulgada, quer por uma ordem expressa que, na ocasião, visa certa pessoa. (...). Por isso não violaram o preceito *não matarás* os homens que, movidos por Deus, levaram a cabo guerras, ou os que, investidos de pública autoridade e respeitando a sua lei, isto é, por imperativo de uma razão justíssima, puniram com a morte os criminosos (SANTO AGOSTINHO, 1996, p. 161).

É a partir desta base teológica, portanto, que Agostinho procura justificar a legitimidade do poder repressivo cristianizado, com vistas ao impedimento da “propagação da injustiça, da guerra e da miséria” (SILVA FILHO, 2012, p. 101) , podendo o cidadão “com legitimidade recorrer a instrumentos de correção e disciplina para coibir as demais injustiças que dela decorrerá” (SILVA FILHO, 2012, p. 105). Ainda sobre a ideia do revide à considerada injusta agressão, Agostinho segue formulando a nova doutrina cristã da “defesa da guerra justa” (SILVA FILHO, 2012, p. 102) que tem como objetivo “defesa e antídoto do justo contra a propagação do mal” (SILVA FILHO, 2012, p. 102). Era preciso, desse modo, proteger a cidade de investidas inimigas, empreendendo contra elas ações militares, pois Deus usaria, segundo o teólogo, “termos das próprias guerras, quando desta forma o gênero humano merece ser corrigido e castigado” (SANTO AGOSTINHO, 1996, p. 685, 690).

Embora haja certo pesar na doutrinação de Agostinho, que continua considerando a guerra fato lamentável, o bispo lança a pedra fundamental do conceito de guerra justa, que serviria de suporte ideológico para incursões militares

em nome do Deus cristão.⁶⁹ A justificação da iniciativa armamentista recebe seu apoio numa ideia de iniquidade que se comete entre os pagãos que precisa acabar. Parte-se do pressuposto que os considerados ímpios vivem em pecado e injustiça e daí necessitando ser repelidos violentamente para não espalharem seu mal pelo mundo. Os pagãos, para Agostinho, não teriam senso de justiça e tais guerras contra eles estabeleceriam a ordem para proteger inocentes de crimes diversos: “Santo Agostinho, bispo de Hipona, (Annaba, na Argélia), justifica então a guerra justa: “são justas as ditas guerras que vingam injustiças, quando um povo ou um Estado, a quem a guerra deve ser feita, deixou de punir os erros dos seus...” (DEMURGER, 2002. p. 20).

Isidoro de Sevilha (560-633), autor de volumosa produção literária, foi também bispo e ajudou a formular o cristianismo estatal em sua problemática conciliação com a posse do monopólio da força.⁷⁰ O notável erudito hispano-visigótico viveu num período em que as monarquias germânicas haviam substituído o Império Romano, na sua parte ocidental, e criado a fragmentação do poder. Concebia a época em que vivia como o limiar de uma era e o momento chave para a da finalidade da história (a sua famosa teoria das Seis Eras, em que afirma ter vivido a sociedade do seu tempo na última e mais importante). Isidoro, então, norteia-se por uma concepção de o que é ser um governante e uma sociedade ideal, a função da Igreja enquanto orientadora da moral e a polêmica em torno dos judeus.

O governante assumiria o papel não apenas administrativo mas espiritual; ele seria o vigário de Cristo, um representante de Deus na terra que zela pela paz, segurança e disciplina da população: “Rei, deriva de reger [...]. Não rege aquele que não corrige” (ISIDORO DE SEVILHA, p. 1982. p. 765) e “Serás rei se obrares com retidão, se não obrares assim, não o serás” (*Idem*). E nesta ordenança divina, fica

⁶⁹ “Dirán que el sabio sólo hará la guerra justamente. Como si por lo mismo no le hubiese de pesar más, si es que se acuerda de que es hombre, la necesidad de sostener las que sean justas; porque si no fueran justificadas, no las declararí, y, por consiguiente, ninguna guerra declararí el sabio; y si la iniquidad de la parte contraria es la que da ocasión al sabio a sustentar la guerra justa, esta iniquidad debe causarle pesar, puesto que es propio de los corazones humanos compadecerse, aunque no resultara de ella necesidad alguna de guerra. Así que todo el que considera con dolor estas calamidades tan grandes, tan horribles, tan inhumanas, es necesario que confiese la miseria; y cualquiera que las padece, o las considera sin sentimiento de su alma, errónea y miserablemente se tiene por bienaventurado, pues ha borrado de su corazón todo sentimiento humano” (AGUSTÍN, S., 1988, Libro XIX, VII).

⁷⁰ Adotamos aqui o conceito weberiano de monopólio da violência ou força detido pelo Estado. Para maiores elucidações sobre o assunto leia-se *Economia e Sociedade*, de Marx Weber, da Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

apto a “exclusivamente controlar, com a espada da justiça, o desencadeamento das paixões que tornariam impossível qualquer tipo de convivência pacífica” (BOBBIO, 1992. p. 78). Em *Sentenças*, o bispo prega rigor na punição aos clérigos que se desviam de suas funções: “a fim de que sejam abatidos pelo rigor dos príncipes os que dentro da Igreja atentam contra a fé” (ISIDORO DE SEVILHA, p. 1982. III, p. 500) e em *Etimologias*, Isidoro recomenda: “justa é a guerra feita depois de advertência para recuperar bens ou para rechaçar inimigos” (p. 82), legitimando o uso da força com fins de cerceamento e controle, identificando ameaças à instabilidade territorial externamente e disciplinares internamente.

Os importantes períodos merovíngio e carolíngio serão marcados pela estruturação dos valores ocidentais. Neste tempo, do imperador Carlos Magno, o “pai da Europa”, deu-se várias transformações no campo da política, economia e cultura (consolidação do poder régio, o feudalismo e as universidades), e a unificação das tribos germânicas em torno de uma única religião: o cristianismo, valendo como referência o vultuoso Renascimento Carolíngio. É o definitivo estabelecimento da Igreja de Roma na Europa⁷¹ como principal instituição e argamassa que ligará povos anteriormente com tão diferentes divindades e culturas, inimigas entre si desde tempos remotos.

O bispo Gregório de Tours (538-594), contemporâneo dos netos do principal rei da dinastia merovíngia, Clóvis I, (reis Sigeberto, Chilperico, Gontrão e Childeberto, 575-595), é também um dos encarregados de formular a ideia da estatização da força armígera cristã, ajudando a construir para isto a imagem de reis messiânicos, que lutam de espada e lança para defender a Igreja de Cristo. Georgius Florentius Gregorius nasceu por volta de 538, de família abastada da Gália, em que já haviam muitos bispos. Teve influente atuação política na corte ao se tornar clérigo usando no intento a popularidade que possuía na difusão do culto às relíquias de São Martinho, patrono de Tours, e São Juliano de Brioude. Sua instrumentalidade com as letras, no entanto, é que deixa um grande legado histórico e cultural, pois é autor de obras como *Liber in Gloria Martyrum*, *Liber in Gloria*

⁷¹ “A Igreja, por sua vez, tornou-se claramente uma personalidade política desde que se corporificou com a Doação de Pepino. Isto é, ao receber do chefe franco em 754-756 os territórios que ele conquistara aos lombardos, nascia o Estado Pontifício. (...) se forjou o documento conhecido por Doação de Constantino. Por este texto apócrifo, o imperador romano Constantino teria supostamente transferido para o papado, no século IV, o poder imperial sobre todo o Ocidente.” (FRANCO JÚNIOR, 2001. p. 75).

Confessorum, Liber de Passione et Virtutibus Sancti Iuliani Martyris, Libri Vitae Patrum, De cursi stellarum ratio e Historiae ou *Decem Libri Historiarum*, mais conhecida como *Historia Francorum* (*História do Francos*), escrita entre 580 e 590⁷².

Seguindo um aparente modelo universal das crônicas (sobre o qual nos debruçaremos mais detalhadamente no próximo capítulo desta Tese), de Eusébio de Cesareia, Jerônimo, Paulo Osório e Sulpício Severo, o bispo escritor elabora os Livros I a IV da *História do Francos* enquanto que nos subsequentes (de um total de sete livros) apresenta as narrativas sob o ponto de vista mais testemunhal, acompanhando e registrando ano após ano os eventos⁷³, sendo sua temática central a postura dos monarcas, a começar pelo convertido Clóvis I, no que diz respeito ao catolicismo niceno bem como suas lutas para o manter. O monarca receberá, na escrita de Gregório, uma imagem de “novo Constantino” pois, a exemplo do imperador romano do século IV, valorizou e promoveu o cristianismo em seu reinado e guerreou para estabelecê-lo. Clóvis ora ao seu Deus na guerra contra os alamanos e recebe a vitória:

Jesus Cristo que Clotilde proclama ser filho do Deus vivo, tu, que, segundo se diz, auxilia os que sofrem e atribui a vitória aos que em ti esperam a glória da tua assistência solicito devotamente; se me concederes a vitória sobre estes inimigos e se eu experimentar a virtude miraculosa que o povo dedicado a teu nome declara ter provado, creerei em ti em teu nome me farei batizar⁷⁴.

O rei inimigo, então, após ser derrotado, reconhece que não fora ajudado pelo seus antigos deuses, daí sua derrocada: “Com efeito, invoquei os meus deuses, mas não pude experimentar, eles se abstiveram de me ajudar. Creio que são desprovidos de poder, pois não auxiliam os que lhes são obedientes”⁷⁵. Laudatoriamente, Gregório segue em criar seu “novo Constantino” afirmando que “dia a dia Deus

⁷² Um bom levantamento das produções, do contexto e das circunstâncias da publicação da *Historia Francorum* foi feito por Edmar Checon de Freitas em *Gregório de Tours e a sociedade cristã na Gália dos séculos V e VI*. (FREITAS, 2015. p. 27-29).

⁷³ (p. 30). “O pano de fundo é sempre a luta pelo poder real e as relações deste com a Igreja, mais especificamente o caráter ortodoxo ou não a fé dos soberanos, de acordo com a doutrina católica professada por Gregório.” (*Ibidem*).

⁷⁴ “*Iesu Christi, quem Chrothchildis praeddicat esse filium Dei vivi, quid are auxilium laborantibus, victuriamquein te sperantibus tribuere diceris, tuae opis gloriam devotus efflagito, ut, si mihi victuriam super hostes indulseris et expertus fuero illam virtutem, quam de te populus tuo nomini dicatus probasse se praedicat, credam tibi et in nomine tuo baptizer*” (GREGOIRE DE TOURS, 1886, II, 30).

⁷⁵ “*Invocati enim deos meos, sed ut experior, elongati sunt ab auxilio meo; unde credo, eos nullius esse potestatis praeditos, qui sib oboedientibus non occurrunt*” (*Ibidem*, II, 30).

colocava seus inimigos sob sua mão e aumentava o seu reino, porque ele caminhava diante dele com um coração reto e fazia o que era agradável aos olhos de Deus”⁷⁶. Contra os heréticos visigodos arianos, Gregório de Tours dá a Clóvis sua glória maior como o mais expressivo rei merovíngio. Em meio a muitos sinais e milagres da parte de Deus, ele obtém vários triunfos, precedidos por esta oração: “Suporto com muito pesar que esses arianos detenham uma parte das Gálias. Marchemos com a ajuda de Deus, e quando os tivermos vencido submeteremos essa terra à nossa dominação”⁷⁷, constituindo-se como o grande defensor da fé católica romana e, na figuração de Gregório, cumprindo a vontade de Deus para unificação e paz do povo.⁷⁸ A força da espada estatal para impor esta vontade fica mais evidente no prólogo do Livro III, quando Gregório usa de vernáculo hostil para mencionar o heresiarca Ário em seu destino infernal, e como Santo Hilário, sua contraparte defensor do credo niceno, ajuda Clovis a subjugar as tribos germânicas arianas por meio da guerra:

Ário, o primeiro e iníquo inventor dessa iníqua seita, foi lançado ao fogo do inferno, após ter expelido seus intestinos numa latrina. O bem aventurado Hilário, defensor da Trindade indivisível, por causa da qual foi exilado, foi restaurado em sua pátria e no Paraíso. O rei Clóvis, que a confessou, submeteu os mesmos hereges com a ajuda dele [Hilário], estendendo seu reino por toda a Gália. Alarico, que a rejeitou, foi privado de seu reino, de seu povo e, o que é mais importante, a vida eterna.⁷⁹

Posteriormente, Clóvis será citado por Gregório como um grande exemplo de rei guerreiro que unificou a Gália sob a égide cristã, conclamando seus contemporâneos a segui-lo, apelando, sobretudo, para o poder da belicosidade: “Recordai-vos o que fez o rei Clóvis, o autor das vossas vitórias, que matou reis

⁷⁶ “*Prosternebat enim cotidiae Deus hostes eius sub manu ipsius et augebat regnum eius, eo quod ambularet recto corde coram eo et faceret quae placita erant in oculis eius*” (*Ibidem*, II, 40).

⁷⁷ “*Valde molestum fero, quod hi Arriani partem teneant Galliarum. Eamus cum Dei adiutorium, et superatis reddegamus terram in ditioe nostra*” (*Ibidem*, II, 37).

⁷⁸ “*Faceret quae placita erant in oculis eius*” (*Ibidem*, II, 40).

⁷⁹ “*Arrius enim, qui huius iniquae sectae primus iniquosque inventur fuit, interiora in secessum deposita, infernalibus ignibus subditur, Hilarius vero beatus individuae Trinitatis defensor, propter hanc in exiliem deditus, et patriae et paradiso restauratur. Hanc Chlodovechus rex confessus, ipsus hereticos adiutorium eius oppraesset regnumque suum per totas Gallias dilatavit; Alaricus hanc denegans, a regno et populo atque ab ipsa, quod magis est, vita multatur aeterna*” (*Ibidem*, III, Prologus).

inimigos, massacrou povos perversos, conquistou-lhes a pátria e deixou para vós um reino íntegro e intacto”.⁸⁰

Clotário I (497-561), filho de Clóvis, também é retratado por Gregório de Tours como um rei defensor do catolicismo niceno. Quando travou guerra contra seu filho cismático e dissoluto Cram, foi comparado a Davi em sua luta contra o próprio filho Absalão. Porém, diferente da história bíblica, em que o rei israelita poupa seu rebento, Clotário manda queimar seu descendente com mulher e filhas. Eis o clamor do “novo Davi” que se lhe foi atribuído na *História dos Francos*:

Olha, Senhor, do céu e julgue minha causa, porque é injustamente que sofro os ultrajes da parte do meu filho. Olha e julgue justamente, e impõe o mesmo juízo que outrora impuseste entre Absalão e seu pai Davi.⁸¹

Uma possível culpa, no entanto, pelo terrível ato lhe é logo tirada por Gregório ao retratar ofertas que o rei dá ao túmulo de São Martinho, acompanhadas de “grandes gemidos” de arrependimento, querendo novamente associar Clotário I a Davi, que voltava atrás pesaroso de seus pecados por piores que tivessem sido, segundo seus textos do Antigo Testamento. É perceptível que Deus usa na cronística franca força bélica, no intuito de punir e ensinar. Na guerra civil entre os descendentes de Clotário I, Teudeberto, Chilperico, Sigeberto e Gontrão, deu-se sobre a Gália uma grande devastação assinalada por Gregório como “desgraças que caíram sobre eles”, o povo franco, pois

não escutavam os bispos do Senhor; estes não só não os escutam como também os perseguem; aqueles (bons reis) enriquecem igrejas e monastérios; estes só dilapidam e os derrubam.⁸²

A cena, a partir do Livro V, polariza-se entre Gontrão, o *bonus rex*, e Chilperico, seu antagonista e apontado como mal exemplo, associado, na *História*, a Nero e Herodes por sua vida licenciosa e cruel. O “bom rei” é enaltecido na arte da

⁸⁰ “*Recordamini, qui capud victuriatum vestrarum Chlodovechus fecerit, qui adversos reges interficet, noxias gentes elisit, patrias sibiugavit, quarum regnum vobis integrum inlesumque reliquit*” (*Ibidem*, V. Prologus).

⁸¹ “*Respice, Domine, et iudica iuste, illudque inpone iudicium, quod quondam inter Absalonem et patrem eius David posuisti*” (*Ibidem*, IV, 20).

⁸² “*Isti cotidie de ecclesiis praedas detrahunt. Illi sacerdotes Domini ex toto corde venerati sunt et audierunt; isti non solum non audiunt, sed etiam persecuntur. Illi monasteria et ecclesias ditaverunt; isti eas diruunt ac subvertunt*” (*Ibidem*, IV, 48).

guerra por clamar a Deus neste momento: “O rei Gontrão marchou com o seu exército contra seu irmão depositando toda esperança na justiça de Deus”⁸³. Quanto ao seu adversário, sofreu com a perda de sua esposa Fredegunda, vitimada por uma praga que castigava o país, e seus dois filhos assassinados. Gregório, citando uma visão do bispo Sálvio de Albi, referencia o destino da família real julgada como longe da fé cristã, além de seus irmãos, inimigos nas batalhas pela posse da nação, que tiveram as consequências de seus atos por não seguirem os mandamentos: “Eu vejo o gladio da ira divina desembainhado e suspenso sobre esta casa”.⁸⁴

O rei Gontrão ainda aparece discursando retumbantemente a favor da defesa da Igreja numa guerra contra os godos, tendo como palco a basílica de São Sifroniano de Autun, por ocasião da festa do santo, que resume bem a estatização da força armígera em nome do Deus cristão. O *bonus rex* atribui a vitória pela espada à reverência ao catolicismo niceno, enquanto que sua negação trazia indubitavelmente a derrota:

De que modo podemos obter a vitória, visto que não protegemos aquilo a que nossos pais eram ligados? Eles que edificavam igrejas, colocavam sua esperança em Deus, honravam os mártires, veneravam os sacerdotes, obtiveram vitórias e frequentemente submeteram, pela espada e com o escudo, os povos estrangeiros, socorridos pela ajuda divina⁸⁵ (GREGOIRE DE TOURS, 1886, p. 201).

Em *História dos Francos* temos, por fim, através da proposta do modelo de um rei cristão devoto, a ideia da luta armada justificada em nome de Deus, em que se atribui razão para uma guerra santa. Clóvis, o *Novus Constantinus*, Clotário I e Gontrão, o *bonus rex*, são retratados na escrita de Gregório de Tours como reis merovíngios impulsionados ao campo de batalha por sua fé, integridade e desejo de manter seu país sob a palavra de Cristo. São glorificados com as associações a figuras bíblicas como Davi (em sua coragem guerreira em nome do Deus de Israel), e Ezequias (o rei justo, sofredor e santo, que restaurou o culto a Deus em Israel em seu tempo), além de apresentar as virtudes requeridas pela Igreja que mais tarde

⁸³ “*Guntchrammus vero rex cum exercitu contra fratrem suum advenit, totam spem in Dei iudicio conlocans*” (*Ibidem*, VI, 31).

⁸⁴ “*Video ego evaginatum irae divinae gladio super domum hanc dependentem*” (*Ibidem*, V, 50).

⁸⁵ “*Qualiter nos hoc tempore victuriam obtinere possumus, quia ea quae patres nostri securi sunt non custodimus? Illi vero aeclesias aedificantes, in Deum spem omnem ponentes, matyres honorantes sacerdotes venerantes, victurias obtinuerunt gentesque adversas, divino opitulante adiutorio, in ense parma saepius subdiderunt*” (*Ibidem*, VIII, 30).

exigir-se-á do cavaleiro em manuais como *O Livro da Ordem da Cavalaria*, de Ramon Llull. A *História*, de Gregório, assim sendo, exaltadora do combate por motivos religiosos será consultada e base como “momento de afirmação da identidade franca e cristã na Gália” (FREITAS, 2015. p. 254) pela dinastia carolíngia para reduplicar o conceito de empenho do rei em conflito armado para defesa do cristianismo, período que passamos a mostrar agora.

É especialmente caro para os estudos do período carolíngio o *Liber Sancti Jacobi*, coletânea de histórias em honra ao apóstolo São Tiago ou Santiago, elaborada em meados do século XII. Conhecido como *Codex Calixtinus* ou *Códice Calistino*, foi escrito por diversos autores contando as origens do Caminho de Santiago de Compostela, na Galiza, bem como o culto ao apóstolo, irmão de Joao, o Evangelista, e um dos “Filhos dos Trovão” (Evangelho de S. Marcos III, 13-19). A importante compilação de sermões, peças litúrgicas musicadas, épicas e milagres versificados tem maior destaque pela ajuda à formação do ideal de luta pela fé em Cristo por meio de armamento e guerra, entre outras coisas. O Livro IV, “o mais conhecido e relevante sob o ponto de vista literário” (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 393) e de autoria atribuída ao arcebispo Turpin, de Reims, é a história da expedição do imperador Carlos Magno e seu exército para combater os sarracenos que dominavam a Península Ibérica no século VIII, onde se situava o túmulo venerado de Santiago. E esta parte do códice, traz

as lendas carolíngias e as tradições orais e textos escritos sobre os heróis de gesta que circulavam entre os peregrinos francos e por aqueles que viviam nos bairros de brancos das cidades do Caminho Francês (SINGUL, 1999. p. 165).

A premissa de um rei davídico,⁸⁶ combatente pela causa de Deus, verificada na escrita de Gregório de Tours, retorna tardiamente no *Liber Sancti Jacobi*, uma vez que fora compilado quatro séculos depois do tempo retratado e será uma

⁸⁶ “Dessa conformidade da cristandade da Alta Idade Média com o antigo Israel; muitas vezes os historiadores destacaram apenas os aspectos mais espetaculares: Carlos Magno qualificado de “Davi” ou de “novo Josias” ou ainda a unção conferida das mãos dos bispos aos reis do Ocidente - Wamba em Toledo, em 672, Pepino em 751; Egfrid na Inglaterra em 787 - que fez deles os sucessores de Saul e de Salomão” (VAUCHEZ, 1995. p. 13).

característica recorrente nas canções de gesta⁸⁷. Já no início do Livro IV, o próprio Santiago aparece a Carlos Magno em visão para o convocar para a batalha:

E embora com grande interesse ele pensou isso, um cavaleiro de aparência esplêndida e muito mais bonito do que se pode dizer, foi apreciado em um sonho durante a noite dizendo a ele:

- O que está fazendo, meu filho?

Ao que ele disse:

- Quem é você, senhor?

Eu sou - respondeu ele - o apóstolo Tiago, discípulo de Cristo, filho de Zebedeu, irmão de João Evangelista, que com sua graça inefável se dignou a escolher o Senhor junto ao Mar da Galiléia, para pregar aos povos, que ele matou com o espada de Herodes, e cujo corpo jaz desconhecido na Galiza, ainda Vergonhosamente oprimido pelos sarracenos. (...). Eu deixo você saber que assim como o senhor te fez o mais poderoso dos reis da terra, ele também te fez escolhido entre todos para preparar meu caminho e libertar minhas terras das mãos dos muçulmanos.⁸⁸

É curioso o revestimento dado ao próprio apóstolo de apoiador das batalhas por Cristo, visto que ele é quem convoca para o confronto, e se coloca como um “cavaleiro”.⁸⁹ Há grande intenção de ratificar a luta como um gesto legítimo de fé e

⁸⁷ As lutas em nome do Deus cristão e seus heróis na Primeira e Alta Idade Média (denominações temporais de Hilário Franco Junior em *A Idade Média - O nascimento do Ocidente*) são fontes caríssimas de matéria épica. Temos a *Canção de Rolando* e *Os Dozes Pares da França*, dos francos, o *Cantar de Mio Cid* dos visigodos, a *Canção do Nibelungos*, dos borgúndios e toda a ecoante literatura da *Matéria da Bretanha*, todas inspiradoras do cavaleiro idealizado pela Igreja, cortês e cristão, que será uma das bases ideológicas da institucionalização da cavalaria.

⁸⁸ “Y mientras con gran interés pensaba esto, un caballero de apariencia esplendida y mucho más hermosa de lo que decirse puede, se le apreció en un sueño durante la noche diciéndole:

- ¿Qué haces, hijo mío?

A lo cual dijo él:

- ¿Quién eres, señor?

Yo soy, - contestó – Santiago Apóstol, discípulo de Cristo, hijo de Zebedeo, hermano de Juan el evangelista, a quien con su inefable gracia se dignó elegir el señor junto al mar de Galilea, para predicar a los pueblos, al que mató con la espada de Herodes, y cuyo cuerpo descansa ignorado en Galicia, todavía vergonzosamente oprimida por los sarracenos. (...). Te hago saber que así como el señor te hizo el más poderoso de los reyes de la tierra, igualmente te há elegido entre todos para preparar mi camino y libertar mi tierras de manos de los musulmanes (LIBER SANCTI JACOBI, CODEX CALIXTINUS, 1951, p. 404).

⁸⁹ (SILVA, 2008, p. 225) “São Tiago torna-se, para se acomodar à ideologia cavaleiresca, o *matamore*, matador de mouros” (DEMURGER, 2002, p. 162). O próprio Jesus Cristo, conforme afirma Richard W. Kaeuper, também já havia sofrido o processo medievalizante de se transformar num cavaleiro, digno de imitação: “...not only is Christ pictured as a warrior, the knights are represented as his valiant imitators. Their *imitatio Christi* parallels Christ’s *imitatio militis*”. (KAEUPER, 2009, p. 120.), e muitos outros santos nestes séculos de guerra santa. As Ordens de cavalaria cruzadísticas ergueram templos e cultos atribuindo a eles características como amor ao martírio, resignação diante do sofrimento e, acima de tudo, espírito combativo pela fé. Foram os santos mais venerados pelos cavaleiros, além do próprio Cristo e de Santiago Maior, São Miguel Arcanjo (O anjo guerreiro que vence o diabo, padroeiro da Reconquista junto com Santiago), São Sebastião e São Jorge (Militares romanos convertidos e martirizados por esta razão, enaltecidos por cruzados e peregrinos. O último é mais especialmente invocado pela lendária história de sua luta contra um dragão), Santa Margarida (Recordada como vítima de um ataque de um dragão, tendo-o vencido ao perfurar-lhe o ventre com

necessário para assegurar a influência da religião de Jesus Cristo naquelas terras. Era preciso tirar os muçulmanos da terra sagrada a todo o custo, figurando clarissimamente o fundamento da ideologia guerreira adotada pelas nações cristãs da Europa, tornando-se muito lícito, assim sendo, entrar nas pelejas sangrentas para eliminar um inimigo que ameaçava sobretudo a prática da fé cristã. Tem-se nesse momento um salvo-conduto para o ataque aos tidos como infiéis ocorrendo,⁹⁰ assim, um prenúncio das guerras abertas de caráter religioso mais famosas que viriam a seguir: as Cruzadas. Se as campanhas belicosas em defesa do cristianismo eram de natureza local no período merovíngio, no tempo do imperador Carlos Magno elas ganham dimensões continentais. Para que houvesse o impedimento do avanço dos muçulmanos, que já haviam tomado a Península Arábica, Ásia Central, norte da África e a Hispânia, os europeus resolveram iniciar as guerras que seriam chamadas mais tarde de Reconquista, conseguindo, portanto, reaver totalmente os

um crucifixo. É venerada numa época posterior às Cruzadas pela Ordem de Cristo, reminiscência da antiga Ordem dos Templários, da qual falaremos mais adiante.), Santa Catarina de Alexandria (eloquente e corajosa, testemunhou de Cristo ao maléfico imperador Maxêncio e, ao ser condenada a morrer sob rodas que iriam despedaçar seu corpo, o livramento recebido por ela fez com que estas mesmas rodas dilacerassem quatro mil gentios ímpios. Seu nome foi clamado pela Ordem dos Hospitalários). A Virgem também foi eleita pela Ordem dos Teutônicos como “deusa da guerra” (CHRISTIANSEN, 1980, p. 214) ostentando-se seu estandarte, cujo grão-mestre Teodorico de Aldenburg se apresentou como “devotado à onipotente glória de Deus e da Virgem para defender sua terra contra os infiéis da Lituânia inimigos da cruz de Cristo”. (DEMURGER, 2002. p. 163).

⁹⁰ É importante ressaltar que a guerra santa não era um conceito inventado pelos cristãos, como reproduz parte expressiva da produção midiática e acadêmica. Sobre o primeiro ato hostil dos muçulmanos, um ataque a uma caravana que rumava para Meca liderado pelo próprio Maomé, Robert Mantran nos informa que o Profeta, a partir daí, agiu “não admitindo mais desde agora outra interpretação da Palavra de Deus além do Corão” (MANTRAN, 1977, p. 66). Maomé ainda vai fundar a doutrina da *jihad* para seu povo dizendo que “a guerra é então pecado grave, mas desviar-se o caminho de Alá, não crer nele e na mesquita sagrada e de lá afugentar seu próprio povo é ainda pior aos olhos de Alá. O rompimento (*fitna*) é mais grave que a matança” (*Ibidem*). O Profeta falava sobre a necessidade de combater em Badr (oeste da Arábia) para resgatar prisioneiros muçulmanos, cuja empreitada foi vencida pelo exército maometano em 624, que se estendeu a todo conflito armado travado em nome do Islã. Essa *jihad* propiciou aos árabes entre os séculos VII e IX um vasto império que se estendia do noroeste da Índia, através da Ásia Central, Oriente Médio, África do Norte, Península Itálica meridional e Península Ibérica, até aos Pireneus. A expansão árabe, segundo o antropólogo senegalês Tidiane N'Diaye, em sua obra *O genocídio ocultado*, semeou “a ruína e a desolação por onde quer que passou, desde a terra dos negros até as margens do Mediterrâneo”. Através de “violentos processos” (MANTRAN, 1977, p. 108) entre eles a escravidão, os muçulmanos impuseram sua cultura e economia sobre a Ibéria. De acordo com o antropólogo, os escravizados pelo Islã que sobreviviam às duras viagens da África até os territórios subjulgados, entre eles a Península, eram submetidos a recrutamento para guerras não suas, castração já na infância, abortos e exploração sexual: “Apesar disso, era extremamente raro encontrar-se um mulato, dado que as crianças nascidas dessa relação costumavam ser vítimas de infanticídio. As mulheres negras eram sistematicamente submetidas ao aborto ou seus filhos viam-se reduzidos à escravidão; se estes forem do sexo masculino, frequentemente eram tornado eunucos. Nalguns casos, as crianças nascidas acidentalmente eram mortas pelas concubinas árabes.” (N'DIAYE, 2019, p. 181).

territórios apossados pelos islâmicos em 1492, com a vitória em Granada. A épica do arcebispo Turpin cantou entusiasmadamente o começo destes conflitos⁹¹, sendo o louvor à devoção por meio da espada notável em toda a epopeia. Elogia-se o brio combativo, a coragem e a disposição para morrer pela causa. A espada é o elemento principal de mostra de fé e é através dela que se prova ser cristão verdadeiro, digno de honra, perdão dos pecados e salvação:

Oh! Formosa espada, de brilho nunca escurecido, de harmônicas proporções e fortaleza inquebrantável, de branquíssimo punho de marfim, esplêndida cruz de ouro e dourada superfície; adornada com um pomo berilo e esculpida com o emblema do nome de Deus; de bem afiada ponta e aureolada com a virtude divina.⁹²

O que fora símbolo de entrega pacífica ao suplicio para demonstração de amor e resistência à soluções violentas e vingativas torna-se agora arma em batalhas cruentas. A cruz passa a ser estandarte de exércitos que lutam em seu nome contra inimigos ao invés de anunciar uma mensagem de paz e perdão a todos os homens. Dá-se transformação da cruz em espada, algo que será mais desenvolvido nos séculos posteriores por idealizadores da institucionalização da cavalaria, força armada específica de luta e defesa da fé cristã, por Ramon Llull em seu *Livro da Ordem da Cavalaria*:

Manda tua misericórdia, Senhor, por teus fiéis que hoje morreram em combate. Desde distantes lugares vieram a estas terras bárbaras para combater o povo infiel, exaltar teu santo nome, vingar teu precioso sangue e declarar tua fé (LLULL, 2010, p. 491).

Outros personagens que ficaram famosos pela sua disposição em morrer na peleja sagrada são citados nesta parte do códice. O cavaleiro Rolando, famoso pela *Chanson de Roland*, teria estado com Carlos Magno em um dos embates contra o

⁹¹ “Todas las citadas ciudades, unas sin lucha, otras com grandes batallas e insuperable estratégia, las conquisto entonces, excepto Lucerna, fortificadísima ciudad que está em Valverde y que no pudo tomar hasta lo último. Pero finalmente llagó junto a ella, la sitió y mantuvo el sitio por espacio de cuatro meses y tras elevar sus preces a Dios y a Santiago, cayeron sus murallas y permanece inhabitable hasta hoy em día [...]” (LIBER SANCTI JACOBI, CODEX CALIXTINUS, 1951, p. 413).

⁹² “Oh! Una espada hermosa, de brillo nunca tenue, de proporciones armoniosas y fuerza inquebrantable, con una empuñadura de marfil muy blanco, una espléndida cruz de oro y una superficie dorada; adornado con un pomo de berilo y tallado con el emblema del nombre de Dios; afilados y aureolados con virtud divina” (LIBER SANCTI JACOBI, CODEX CALIXTINUS, 1951, p. 487).

exército sarraceno. Na batalha em Roncesvales, Rolando ⁹³ consegue chegar até o rei Marsílio e o executa, mas cem cristãos soldados também morreram e Rolando, muito ferido, encontra seu fim também. Antes de sua morte, ele toca sua trompa de marfim e o som chega até Carlos Magno, que consuma o triunfo final sobre os islâmicos ibéricos.

E tendo como base as ideias veiculadas no *Liber Sancti Jacobi*, pois é um texto que visava “legitimar a Sé, destacando seu caráter apostólico, a sua harmonia com Roma, validando e fundamentando todas as conquistas alcançadas no campo da política eclesial” (SILVA, 2008, p. 230), a execução de personas consideradas contrárias à ortodoxia católico-romana era um ato de fé nestes tempos de cristianismo estatizado. Assim, se alguém está contra ela (hereges, infiéis, cismáticos, pagãos), está também contra a paz, justificando-se assim o emprego da força para sua eliminação. Hilário Franco Junior traz uma oração composta por Florus de Lyon, em meados do século IX, que revela bem esse sentimento. Afirma-se ali que o próprio Cristo está envolvido em “selvagens combates” devendo o crente se proteger “atrás das muralhas de Cristo” assim esperando “o Senhor benévolo com coração perseverante” e quem resistir “com coragem às armas dos adversários [...] ganhará os bens resplandecentes do reino eterno” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 204). Por conta disso, a atitude de Carlos Magno mandando executar num único dia 4.500 saxões revoltosos foi tido como um ato profundamente cristão. O imperador imbuído desta assertiva, contudo, não faria sozinho para sempre a tarefa com um grupo desordenado de soldados. Um grupo disciplinado e treinado fazia-se necessário para auxiliá-lo e a seus sucessores no cumprimento da missão de cristianizar belicamente: estava nascendo a cavalaria e com ela a institucionalização da força armada cristã.

1.4 A institucionalização da força bélica cristã: possíveis origens do cavaleiro cristão

⁹³ “Y Ferragut insistió: ¿De qué religión son los francos?

Y respondió Rolando: Cristianos somos, por la gracia de Dios, y a las órdenes de Cristo estamos, por cuya fe combatimos con todas nuestras fuerzas.” (LIBER SANCTI JACOBI, CODEX CALIXTINUS, 1951, p. 448).

No períodos merovíngio e carolíngio, temos os reinos cristianizados de origem germânica guerreando em nome do Deus⁹⁴ que lhes fora pregado influenciados sobretudo pela conversão do rei Clóvis I (466-511), como vimos anteriormente, sendo neste tempo o nascimento da ideia de um *ordo militum*, uma ordem de guerreiros que vai se imbuir da luta em nome da fé cristã (DUBY, 1989. p. 31). A ideia, todavia, ganha mais corpo a partir das campanhas do imperador Carlos Magno (800-814) cujas batalhas ganharão um cunho religioso, cujo máximo fervor verificar-se-á nos séculos X até o XII, época das Cruzadas⁹⁵. Neste tempo, notórios

⁹⁴ “Por ocasião do *adventus* solene do rei (como também no do bispo), é ao Cristo que as litanias invocam: “*Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat*”. No mundo carolíngio e depois no mundo feudal, Cristo é o chefe de armas vitorioso, que triunfa sobre o mal e as milícias do demônio”. (LE GOFF, SCHMITT, 2006, p. 304).

⁹⁵ É imprescindível neste momento a abordagem de algumas teses que se esforçam para apontar a origem da cavalaria. Começamos com a designação genérica de cavaleiro como soldado que monta a cavalo, que obviamente não começou no Medievo, pois pode-se falar em cavalaria romana, bárbara, moura, merovíngia, carolíngia, etc. O uso do cavalo em combate verifica-se na história de muitos povos, mas não querendo denominar necessariamente todo o soldado que luta nas guerras. A cavalaria antes da Idade Média e no início dela era um destacamento de soldados que usava o animal, contudo, tornando-se a principal forma de combater neste tempo, passou a representar o exército de maneira geral. A palavra *miles* que denominava soldado e *milites*, seu coletivo em sentido lato, foram transferidos para “cavaleiro” e “cavalaria” ao longo da Alta Idade Média e Central pois estes eram, de fato, quem iam para as batalhas (DEMURGER, 2002. p. 10). A partir do século XI, então, segundo Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt “o termo *milites* substitui *equites*, como se os verdadeiros guerreiros só pudessem estar a cavalo. Opõem-se desde então os *milites* à infantaria (*pedites*), reconhecidamente útil para transformar as proezas em triunfo, mas cujas proezas são esquecidas ou postas em segundo plano. Doravante, só a cavalaria ocupa o cenário (...) seu prestígio é incomparável.” (LE GOFF, SCHMITT, 2006, p. 187). A premissa de que a cavalaria adquire status social formando um grupo a parte de homens que vive para o embate armado é unanimidade entre os pesquisadores. Todavia, divergem em alguns pontos. Jean Flori situa o seu início por volta do ano 1000, com o firmamento das relações de vassalagem, declínio da autoridade dos reis, estabelecimento do feudalismo e a intervenção da Igreja pretendendo-se fonte ideológica e ordenadora. O historiador ainda defende, chamando de “tese mutacionista”, que a cavalaria surge “da fusão lenta e progressiva, na sociedade aristocrática e guerreira que se implanta entre o fim do século X e o fim do século XI, de muitos elementos de ordem, política, cultural, militar, religiosa, ética e ideológica. (FLORI, 2005, p. 12). A teoria é compartilhada em alguma medida por Georges Duby, que, afirma tomar corpo entre 980 e 1040 a classe dos cavaleiros. Por meio de uma vasta pesquisa sobre o termo *miles* e seus variados significados até chegar a “cavaleiro” no sentido de guerreiro, situa a origem da cavalaria por volta do século XI, quando Odon de Cluny cria o termo “*miles Christi*” para nomear os *bellatores*, já identificados com a nobreza, mas não toda ela (DUBY, 1967, p. 32). Como evidência dessa apropriação socioeconômica do termo “*milites*”, Duby ainda informa que “nos arredores da abadia de Cluny todos aqueles que, no ano mil, usavam o título cavaleiresco eram proprietários livres; detinham também feudos, mas de dimensões irrisórias em comparação com os seus alódios, e em sua maioria parecem ser descendentes de grandes senhores da época carolíngia.” (DUBY, 1989, p. 36, 142). Já Marcel Pacaut diz que a cavalaria pode ter sido grupo social de depois da dissolução do império carolíngio “bastante próximo da aristocracia rural originária da nobreza carolíngia (os *nobiles* ou *nobiliores*)”. A instituição trabalhava ao seu serviço e diz também que “em determinadas regiões não existiam sequer *milites* livres. Mas com o passar do tempo este grupo nobilitou-se, ascendeu socialmente e passou a ser confundido com a própria nobreza.” (PACAUT, 1996, p. 374). Dominique Barthélemy, por sua vez, apresenta interpretações em que existiriam duas “idades” para a cavalaria: a primeira seria a ascensão e o destaque do *miles* na sociedade, marcada pela belicosidade, violência e excessos, e a segunda a pacificação ou moralização do *miles* sob influência eclesiástica. (BARTHÉLEMY, 1994, p. 15). Quanto a elitização da

eruditos regularizarão a espada cristã fundamentando ideologicamente os combatentes, que é nosso interesse abordar nesta pesquisa.

Num tempo caracterizado pela intervenção religiosa em assuntos político-econômicos, a sociedade europeia será pensada com base nesta relação. Surge, então, a tripartição pela qual será conhecida a época que os renascentistas chamaram pejorativamente de “Idade Média” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 9):

A casa de Deus é portanto tripla, ela que parece unida: aqui em baixo uns rezam (*orant*), outros combatem (*pugnant*) e outros trabalham (*laborant*); estes três formam um conjunto e não se separam; assim, a obra de dois repousa no ofício de um só; cada um, por sua vez, traz consolo a todos.⁹⁶

A ideologia guerreira do segundo estrato social do medievo começa a ser forjada ao mesmo tempo em que vai se transformando em instituição por volta do ano 1000: a classe dos cavaleiros. Os *milites*, que aparecem cada vez com mais frequência nos textos dessa época, passam a compor uma organização armada com a finalidade do serviço de guerra, separados e treinados para isso. Estes primeiros escritos fundamentais enfatizam a divisão da sociedade conforme uma concepção cristã de serviço de Deus e serviço secular, os quais deviam ficar distintos um do outro, como recomendavam os cânones do Concílio de Meaux-Paris em 845-846, que vão determinar o movimento de ideias que originará a noção de cavalaria que serve a sociedade e a Deus. Assim que a Igreja se estabelece como a principal instituição do Ocidente passa a ordenar a sociedade por missões que Deus atribuiria aos homens quando os coloca nesta ou naquela condição terrestre. Teorizou-se que existiam duas formas distintas de *militare*, de servir a Deus e de cooperar para o bem público, pelas armas ou pela prece. Ainda no período carolíngio temos uma carta do papa Zacarias a Pepino, o Breve (751-768) datada de 747, em que se lê uma oposição dos príncipes aos bispos, aos *saeculares homines* os sacerdotes, aos *bellatores* os *Dei servi*, que cooperam, cada qual segundo sua própria vocação, para

cavalaria e sua época tem-se indícios de que a apropriação da cavalaria pela nobreza teria ocorrido nos anos 1100, verificados através dos documentos da época: “No mundo da cavalaria dois termos tendem a se confundir *Nobilis* e *Miles* pelo fato de tanto a nobreza como a cavalaria demonstrarem a sua riqueza, beleza, ou seja, as suas qualidades que os diferenciam das demais ordens. (...). Por volta do século XII o grupo dos *bellatores* fica fechado aos não nobres.” (ARAÚJO, 2008, p. 108).⁹⁶ (ADALBERÓN DE LAON apud DEMURGER, 2002. p. 15). Demurger ainda traz a informação de que a ideia é formulada originariamente por Haymon de Auxerre (ou Érico) entre os anos 1020 e 1027, reformulada por Geraldo, bispo de Cambrai e finalmente por Adalberón de Laon, que, através do poema *Carmen ad Rotbertum Regem Francorum*, do ano 998, fará conhecer a teoria.

a defesa do país. Agobard, arcebispo de Lyon 833, firma a oposição entre duas *ordines*, "militar" e eclesiástica, isto é, entre a *saecularis militia* e o *sacrum ministerium* (DUBY, 1989, p. 31).

Nascem, assim sendo, as lendárias cavalaria, fonte de inspiração para a cronística medieval portuguesa, dentre elas a *Crónica do Condestabre*, tendo como protagonista D. Nun'Álvares Pereira, que analisamos nesta tese. Em seus primórdios, a cavalaria não se norteava pelos ditames da Igreja, constituindo-se um grupo violento e desregrado,⁹⁷ que a leva a propagar uma ideologia de conquista de paz por meio da guerra e instauração de uma moral cristã a todos os guerreiros. O Papa, então, resolve dois problemas com apenas uma solução. Controla a violência dos nobres ociosos da Europa, ao mesmo tempo que a utiliza para seus planos de tomada de territórios. Os intelectuais da Igreja buscam, então, uma canalização espiritual para a violência dos cavaleiros, construindo o modelo exemplar do *miles Christi* e o propõem a toda a aristocracia laica, que desde o último terço do século XI, têm como honrado comportar-se como cavaleiros. Torna-se título, nesse momento, o ser cavaleiresco (DUBY, 1989, p. 143).

Para o propósito de institucionalizar as armas cristãs, Odon de Cluny (Auvergne, 878-942), fundador da influente Ordem⁹⁸ que leva seu nome, compõe a

⁹⁷ "Assim, em um tratado atribuído a Santo Anselmo, encontra-se uma severa crítica da domesticação dos prelados pelo rei da Inglaterra e da violência incontrolada das ordens de cavalaria. Nesse caso preciso, o "desprezo pelo mundo" é mais a expressão da recusa de uma sociedade dada do que uma depreciação sistemática das realidades profanas (VAUCHEZ, 1995. p. 43).

⁹⁸ As ideias de Odon de Cluny tiveram grandiosa influência na formação da cultura medieval, bem como a ordem que fundou no ano 910. A ordem beneditina teve importante participação na difusão do mito de Santiago e do Caminho de Compostela desenvolvido principalmente pela obra que abordamos anteriormente, o *Liber Sancti Jacobi*. Ao longo da lendária rota de peregrinação, Cluny fundou hospitais e mosteiros, isso com o apoio tanto da Igreja da Hispânia quanto da Monarquia, essa última que investiu importantes somas em ouro em doações piedosas a Cluny (SINGUL, 1999. p. 107). Sobre o assunto, ainda temos a informação de que "os monarcas cristãos de mais destaque e influência na Península, caso de Alfonso VI de Leão e Castela, estavam ligados à abadia cluniacense e ao papado, e está claro que partilhavam com interesses comuns: ideologia cluniacense revelava-se atraente para os monarcas ibéricos ao contribuir para reconquistar e repovoar os territórios dominados há muito pelos muçulmanos". (OLIVEIRA, 2015. p. 50.) Odon de Cluny é descrito por Georges Duby como o idealizador dos ritos "em torno da qualidade cavaleiresca que a Igreja inventou para consagrar o *miles Christi*." O "quadro do qual Odon de Cluny fora o primeiro construtor" (DUBY, 1989. p. 36) chamar-se-á *adubamento*, que consiste num cerimonial sob as bênçãos da Igreja de consagração do cavaleiro. Para André Valchez, "Desde essa época (ano 950), entretanto, houve tentativas para cristianizar a *militia* através de um processo de sacralização, do qual a liturgia conservou vestígios. No Pontifical romano-germânico, ritual litúrgico constituído em Mainz em meados do século X, encontra-se um cerimonial da bênção da espada e da lança, assim como uma oração pelos combatentes. No século XI, apareceu o rito em que eram armados os cavaleiros, cerimônia até então exclusivamente profana, mas cujo caráter religioso não deixaria de se afirmar, para tornar-se preponderante no século XIII" (VAUCHEZ, 1995. p. 60). Já Jean Flori acrescenta que o adubamento inicialmente era destinado apenas aos monarcas citando uma das

Vita Sancti Geraldii Aurelianensis (entre os anos 929 e 932) hagiografia que visava “exaltar as virtudes cristãs e a santidade da vida dos nobres laicos envolvidos firmemente, como era normal na época, com o exercício da atividade bélica” (PASTORI, 2016, p. 77).

O protagonista é um santo piedoso, militar e conde, louvado pela ascendência nobre, virtuosidade cristã e capacidade de realizar milagres por sua fé e intercessão. Geraldo era filho de um conde da cidade de Aurillac, e fundador do monastério naquela cidade que decide largar o monacato para combater pelas

bênçãos pronunciadas nestas ocasiões que o historiador atribui a Alcuin, Jonas de Orleans ou Hincmar de Reims: “Receba, com a benção de Deus, esse gládio que te é transmitido para punir os malfetores e honrar as boas pessoas. Que por meio desse gladio tu estejas apto, pelo poder do Espírito Santo, a resistir e a vencer todos os teus inimigos e todos os adversários da Santa Igreja de Deus, preservar o reino que te é confiado e proteger a casa de Deus”. (FLORI, 2005, p. 36). E afirma também que os rituais de investidura passam a ser realizadas entre os cavaleiros a partir do século XII, (*Ibidem*, p. 38). No *Livro da Ordem da Cavalaria*, de Raimundo Lúlio, temos descrito como o cerimonial deve se dar. Em primeiro lugar, o escudeiro ingressante na cavalaria deve fazer jejum na noite anterior, ir à Igreja orar e participar da missa para se oferecer ao pároco e à Ordem como seu servidor. Diante do altar eclesiástico, o postulante a cavaleiro recita catorze artigos nos quais é fundada a fé (uma espécie de credo baseado na ortodoxia da Igreja Católica Romana, sobre os dogmas da Trindade, criação do Homem, pecado original, ministério terreno de Jesus Cristo e sua segunda vinda), os dez mandamentos e os sete sacramentos da Igreja. Após o escudeiro se ajoelhar, rezar e receber sua espada, é beijado pelo príncipe ou barão que ao final lhe dá uma bofetada no rosto “para que se lembre disso que prometeu e do grande cargo a que se obriga e da grande honra que recebe pela Ordem da Cavalaria”. Depois o cavaleiro deve cavalgar para ser conhecido como tal e participará de uma grande festa onde haverá torneios e receberá do senhor que o fez combatente presentes e homenagens (LLULL, 2010, p. 67-75). Odon de Cluny ainda teve determinante participação na elaboração da ideia da *Paz de Deus* e de sua decorrência, a Guerra Santa, pois a Igreja, com o movimento, buscava restabelecer a paz social e tornar-se sua protetora. Ameaçados de excomunhão, os cavaleiros eram pressionados a jurar sobre relíquias que respeitariam as igrejas, os membros do clero e os bens dos humildes. A *Paz de Deus* queria proteger da violência cavaleiresca, colocando-os sob a tutela da Igreja, os “pobres”, isto é, nessa época, todos aqueles incapazes de se defenderem sozinhos porque não estavam armados: clérigos, camponeses, comerciantes, mulheres. Eis um fragmento do sínodo realizado em 1085 da cidade de Bambergue (atual Alemanha): “Foi instituída a entrega da segurança desta paz do Senhor, sobretudo em razão de todos os maculados. Mas, que eles não usem, completada a paz, saquear e pilhar por vilas e casa, pois para aqueles [crimes], antes que esta paz fosse instituída, foi dita lei e sentença. Pois, será tido muito legítimo que predadores e ladrões sejam proibidos da iniquidade e excluídos inteiramente por esta divina paz e por todos. Mercadores que comerciarem nos caminhos, camponeses enquanto trabalharem os campos, no arar, escavar, cultivar e que de qualquer modo trabalhem, tenham paz em todo dia. Por outro lado, mulheres, e todos os titulares sagrados pelas Ordens [clérigos], usufruam paz perpétua” (SÍNODO DE BAMBERGE, 1893, pp. 605-608). Hilário Franco, por fim, assinala que Odon foi um dos principais formatadores da *Paz de Deus*: “Na montagem dessa ideologia, Cluny desempenhou papel central, vendo-se como a principal responsável pela salvação dos homens, graças às suas infundáveis orações e cantos” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 100). Segundo Franco, no entanto, o movimento que se estendeu até o ano 1040 não conseguiu seu objetivo de pacificar as nações cristãs da Europa, o que levou a Igreja a criar a *Trégua de Deus*, que proibiu o uso de armas alguns dias por semana, a quinta-feira associada ao Perdão, a sexta-feira à Paixão, o sábado à Aleluia, o domingo à Ressurreição. Também não se podia lutar em certos momentos do calendário litúrgico, caso do Advento, Quaresma, Páscoa e Pentecostes (*Ibidem*).

armas, pois assim seria melhor para “proteger os habitantes”.⁹⁹ E, incomodado com a violência contra ao oprimido a seu redor, resolve lançar mão da espada para defendê-lo,¹⁰⁰ havendo, no entanto, o cuidado de não promover a violência desmedida e injusta contra os considerados infiéis. O cavaleiro ideal, desse modo, deve direcionar sua agressividade para situações realmente críticas, de ameaça evidente, representando, assim, a justiça divina e combate visando sempre o interesse comum, e não o seu próprio.¹⁰¹ Como parte de seus atributos deve haver, apesar de espírito fervoroso para a guerra, a piedade, santidade e paciência, equilibrando sempre suas ações violentas com justiça, a exemplo dos personagens bíblicos, como Abraão e Davi. A atitude do conflito, por fim, deve ser dirigida àqueles sob o juízo condenatório da Igreja, como hereges e infiéis, acusados de perturbar a ordem e a paz. Para possíveis críticos do empreendimento de guerra feito por clérigos, Odon responde que é questão de justiça o uso esporádico da espada por um padre, se este for compelido em nome da defesa de um desfavorecido. E na argumentação emprega como exemplo personagens bíblicos que se valeram de força física em nome do direito. Termina a apologética com o apóstolo Paulo, que afirma na Epístola aos Romanos XIII, 4, que “o juiz não carrega a espada sem razão, porque ele é o vingador de Deus” embasando também um leigo imbuído desta função que se ergue em armas objetivando a proteção do povo.¹⁰²

⁹⁹ “Cumque de hoc diu tractatum esset, uir Domini Grauzbertus, alciori consilio causam insciens, tandem suasit ut in seculari habitu sese specietenus pro comuniti salute prouincialium retineret” (ODON DE CLUNY, 2009, p. 200).

¹⁰⁰ “Igitur ad insolentiam uiolentorum reprimendam se iam ex sententia dirigebat, id inprimis certatim obseruans ut hostibus pacem offerret facilliamamque reconciliationem promitteret. Quod utique studebat ut uel “malum in bono” uinceret uel, si illi dissiderent, iam ante Dei oculos sue parti iusticia plenius fauisset. Et aliquando quidem mulcebat eos et in pacem reducebat. Cum uero inexplebilis malicia quorundam pacificum pocius hominem irrideret, iam tunc, cordis acrimoniam exerens, conterebat “molas iniqui” ut, iuxta illud Iob, “de dentibus” eorum auferret “predam”; non tamen, ut plerisque mos est, ulciscendi libidine percitus aut uulgaris amore laudis illectus, sed pauperum dilectionem qui se ipsos tueri nequibant, inferuens” (Ibidem, p. 144-145).

¹⁰¹ “Porro autem qui exemplo eius aduersus inimicos arma sumpserit, eius quoque exemplo non propriam commoditatem sed communem querat” (Ibidem, p. 145).

¹⁰² “Nemo sane moueatur quod homo iustus usum preliandi, qui incongruus religioni uidetur, aliquando habuerit: quisquis ille est, si iusta lance causam discreuerit, ne in hac quidem parte gloriam Geraldii probabit obfuscandam. Nonnulli namque patrum, cum et sanctissimi et patientissimi essent, iusticie tamen causa exigente, uiriliter in aduersariis arma corripiebant, ut Abraham qui pro eruendo nepote ingentem hostium multitudinem fudit, et rex Dauid qui etiam contra filium legiones direxit. Geraldus non aliena peruadendo, sed sua quinpocius euadendo, suorum iura tuendo confligebat [...] Neque, ut ait Apostolus, iudex “sine causa gladium portat: uindex enim Dei est.” Licuit igitur laico homini in ordine pugnantium posito gladium portare, ut inerme uulgus (...) defensaret, et quos ecclesiastica censura subigere nequit aut bellico iure aut ui iudiciaria compesceret” (Ibidem).

Bernardo de Claraval (1090-1153), abade do mosteiro cisterciense de Claraval na primeira metade do século XII, tornou-se também um ecoante idealizador da luta armígera cristã, na medida em que toma “parte ativa” (DEMURGER, 2002. p. 9) no concílio que cria a confraria, que mais tarde se organiza na mais famosa Ordem de cavalaria: *Os Pobres Companheiros de Combate de Cristo e do Templo de Salomão* ou, seu nome mais conhecido, *Os Templários*¹⁰³ e

¹⁰³ É no contexto das Cruzadas que nasce a Ordem do Templo, cuja bandeira da cruz vermelha será conhecida e estampada como símbolo de expansão europeia nas navegações pelo mundo transoceânico através dos séculos que viriam. Após a convocação do papa Urbano II em novembro de 1096 (“...que se dirijam portanto ao combate contra os infiéis...”), milhares de cristãos rumam para a Terra Santa em busca de uma “guerra útil” que teria o mesmo efeito da esmola ou da peregrinação, obras que conduzem à salvação eterna para o homem medieval. Os cavaleiros viajam, então, em grande número, para lutar contra os mouros na Palestina, esperando gozar da remissão das penas infernais que lhes são infligidas por seus pecados. Para André Valchez, assim, “a concepção da Cruzada como *opus Dei*, conferindo à ação guerreira um papel ativo na vida da Igreja, ofereceu à cavalaria um meio de participar diretamente das graças da salvação, sem ter que renunciar ao seu estado e aos seus valores próprios” (VAUCHEZ, 1995. p. 63). Seria mesmo um passaporte para a bem-aventurança eterna, mas tendo como instrumento a violência das batalhas. Segundo Jean Flori “a cruzada marca assim o fim de uma revolução doutrinária realizada em um milênio: o uso das armas, de início rejeitado, depois admitido como na pior das hipóteses maculado de culpa e necessitando de purificação e penitencia, torna-se por sua vez, penitencia.” (FLORI, 2005. p. 136). Milhares de cristãos, cavaleiros ou não, convencidos de restituir a Terra Santa à Cristandade, travam entre 1096 e 1272 batalhas sanguinolentas contra os muçulmanos que dominavam o território desde 638. No entanto, experimentariam apenas uma vitória expressiva, na Primeira Cruzada (1096-1099), que logo seria solapada pelo imenso exército sarraceno nos conflitos subsequentes também motivado pela sua guerra santa, a *jihād*: “Al-Mawardi (†1058), em sua obra *al-ahkam al sultaniya* (*As regras da soberania*), deu os elementos essenciais do conteúdo do cargo de califa: o califa tem como tarefa primordial a defesa da fé e administração deste mundo. (...) Os deveres do califa são os seguintes: (...); 6) combater os infiéis que rejeitassem as exortações do islamismo, até que se convertessem ou aceitassem a tributação aos muçulmanos.” (MANTRAN, 1977, p. 197). Mesmo com grande volume de cavaleiros, e liderados pessoalmente por reis influentes (Filipe Augusto, de França, Frederico Barba-Ruiva, do Sacro-Império-Germânico e Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra na Terceira Cruzada) a empreitada cristã, conhecendo derrotas avassaladoras nas nove cruzadas oficiais só teve como resultado o ofuscamento da autoridade moral do clero, pois “Deus não poderia permitir a derrota cristã” e o crescimento das heresias, expressões da crescente oposição à sociedade feudo-clerical (FRANCO JÚNIOR, 2001. p. 127). Como legado mais importante das Cruzadas, então, voltamos às Ordens de cavalaria começando pelos afamados Templários e suas origens. A missão destes cavaleiros era proteger peregrinos que visitavam a Terra Santa dos ataques de saqueadores e muçulmanos extremistas. Fundada inicialmente como confraria em 1120, cujo principal fundamento foi o manual *De Laude Novae Militae*, o Templo obteve bastante destaque nas lutas na Palestina, conseguindo muitos adeptos até gozar de grande prestígio de reis como Balduíno II, de Jerusalém, e de papas como Inocêncio II, que reconheceu a Ordem oficialmente em 1139 através da bula *Omne datum optimum*. Sua fama se alastrou por toda a Europa, que a fez acumular grande fortuna, fruto das doações que recebia de toda a parte do continente. Os Templários, porém, foram extinguidos em 1312 depois de intensa perseguição da Igreja mas deixando alguns remanescentes que se refugiaram em Portugal, onde o rei D. Dinis os acolheu e os transformou em 1319 na *Ordem dos Cavaleiros do Nosso Senhor Jesus Cristo*, ou simplesmente *Ordem de Cristo*. A próxima digna de referência é a dos Hospitalários, ou *Ordem Hospitalária de São João Batista*, que foi oficializada como militar em 1182 (já tinha sido como órgão de assistência médica em 1113 pelo Papa Pascoal II na bula *Pie postulatio voluntatis*). Tinha como função original oferecer serviços médicos aos peregrinos e aos muitos que feridos em combate nas Cruzadas. Sua influência, a exemplo dos Templários, se estendeu para além das fronteiras da Palestina tendo se estabelecido depois das Cruzadas na Península Ibérica para lutar nas batalhas da Reconquista com o apoio dos

reis de lá, que lhe deram amplas porções de terras e riquezas. A instituição cavaleiresca fixa também suas bases e guerras na ilha de Rodes (Grécia) no século XIV, posteriormente em Malta, em 1530, de onde será mais conhecida. Seguimos com os Teutônicos, ou *Cavaleiros Teutônicos do Hospital de Santa Maria em Jerusalém*, fundada por Hermano Walpot von Basseinhem, que têm sua origem na cidade de São João do Acre (Sul da Galileia, às margens do Mediterrâneo) em 1147 por um pedido do papa Celestino III para que se protegesse e atendesse peregrinos germânicos, mas firmando-se como cavalaria em 1198, por ocasião da Terceira Cruzada. Quando os cristãos foram derrotados em 1211, os Teutônicos moveram sua sede para a Transilvânia para ajudar a defender a Hungria dos ataques dos turcos muçulmanos, à convite do rei André II da Hungria, onde fundaram a cidade de Brasov. Na Polônia e na Prússia a Ordem lutou contra tribos pagãs resistentes ao cristianismo, embora não tenha abandonado as Cruzadas. Com grande poder e riqueza acumulada, os Teutônicos controlavam toda a região do Báltico, desde o golfo da Finlândia até a Pomerânia, na Polônia. Na parte sul de seu domínio, a Ordem foi abolida e suas terras se tornaram a Prússia, em 1525. (BLASCO, VALLÈS, 2010, p. 186). A Península Ibérica foi destino das Ordens que citamos aqui e deixaram um importante legado a ponto de darem origem a fundação de outras no território. Como pano de fundo têm-se as batalhas da Reconquista para a qual se cria a de Citeaux ou Cister, apontada por Demurger (2002, p. 45) como a base das demais. A primeira que se formou foi a de Calatrava, em 1164, bastante decalcada no modelo templário e imbuída da defesa de Toledo e Andaluzia em serviço dos reinos de Castela e Aragão. Seu fundador foi D. Raimundo Serrat, monge cisterciense (FRANCO, MOURÃO, GOMES, 2010, p. 562.). Em seguida apresenta-se a Ordem de Alcântara ou de San Júlian del Pereiro, em 1183, para defesa da cristandade no reino de Leão. A próxima é a de Avis, iniciada em através de um confraria de cavaleiros eborenses e os estudos sobre seu ano de fundação são inconclusos, sendo mencionada a confraria pela primeira vez em documentos no ano de 1167. A milícia portuguesa de Évora, apoiada pelo primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques (porque este lhe deu 10.000 maravedis em seu testamento), teve muitas possessões e castelos durante a dinastia de Borgonha até protagonizar a ascensão daquela que levaria o seu nome, D. João I, o Mestre de Avis, que tornou-se rei em 1385 cujo herói maior foi D. Nun'Álvares Pereira, o Condestável. Por fim, como uma das mais ecoantes na história ibérica de luta contra os sarracenos temos a Ordem de Santiago, fundada em 1170, na cidade de Cárceres, sob proteção do rei Fernando II de Leão tendo realmente se transformando numa milícia em 1171, liderada pelo arcebispo de Santiago. Sua atuação foi associada à proteção dos peregrinações à Compostela, contudo, suas lutas concentrou-se mesmo na defesa dos castelos do vale do Tejo e depois nas terras do sul português contra os mouros restantes (*Ibidem*, p. 595). Hoje, ainda percebemos muitos resquícios das famosas Ordens de cavalaria cuja influencia se estende até o nosso país e aos tempos presentes. A Ordem de Cristo, cujas bandeiras foram exibidas nas embarcações que conquistaram vastíssimas extensões territoriais para os europeus através dos oceanos, inclusive a brasileira, foi o grupamento que restou dos Templários, dissolvidos por ordem do Papa Clemente V em 1312. Os cavaleiros, assim sendo, fincam seus pés na história da nossa nação, marcando-se, sob o comandante Pedro Álvares Cabral, como os “descobridores do Brasil”: “O comandante não possuía a menor experiência como navegador. Cabral só estava no comando da esquadra porque era cavaleiro da Ordem de Cristo e, como tal, tinha duas missões: criar uma feitoria na Índia”. *A história secreta do descobrimento do Brasil*. Disponível em <<https://super.abril.com.br/historia/a-cruzada-do-descobrimento/>> Acesso em 19/10/2021. A reportagem do portal UOL atesta a existência de Ordens baseadas no ideal daqueles cavaleiros: “Em 1981, o Vaticano elaborou uma lista extensa que enumerava todas as organizações que se declararam sucessoras dos templários. Entre os que utilizam o nome da ordem, estão grupos como os Cavaleiros da Aliança Templária Contra a Droga, cujo objetivo é enfrentar os vícios; a Ordem dos Cavaleiros do Templo e da Maria, voltada para a experimentação alquímica; e diversas Irmandades e Ordens que não possuem nenhuma linhagem templária. Membros do poderoso cartel mexicano surgido no estado de Michoacán em 2011 também se autodenominam Cavaleiros Templários”. *Ainda existem os Templários?*. Disponível em <<https://history.uol.com.br/knightfall/ainda-existem-os-cavaleiros-templarios>> Acesso em 19/10/2021. Já Alain Demurger discorre sobre a permanência de outras Ordens filhas das mais famosas, como os Hospitalários e Teutônicos: “No entanto, a ordem de Malta, sucessora do Hospital, continua a existir: ordem soberana, tem sua sé em Roma; a ordem de São Lázaro foi reconstituída... entre outros lugares, na Austrália! Os teutônicos subsistiram na Alemanha, depois na Áustria, tendo sobrevivido ao nazismo que os suprimira, embora se apropriando de sua história. Reconstituídos depois da Segunda Guerra Mundial, tem sua sé em Viena. As cruzes das ordens espanholas e portuguesas tornaram insígnias honoríficas. (...). O

que, para isto, escreve um manual regulador do ofício do cavaleiro na guerra santa, o *De Laude Novae Militiae* (1126-1129). É a propósito da ação de Hugo de Payens, o fundador da Ordem do Templo, e de seus *militēs* que São Bernardo pensou a cavalaria, construindo também uma nova perspectiva sobre as funções daquela. Quer o santificado de Claraval propor, através da ideia de *Novum Militiae Genus* (*Nova Espécie de Cavalaria*), estabelecer conexões comportamentais entre *militia* e monasticismo, afirmando em suma que o cavaleiro deve se entregar à luta armada tanto quanto um monge aos seus votos eclesiásticos. No discurso bernardino, ao pretender associar práticas militares com práticas monásticas,¹⁰⁴ confronta-se com uma representação cavaleiresca interessada no luxo, na beleza e na busca de bens, honras e dignidades seculares, ressaltando ao combatente se esmerar somente em obter a glória celestial dada por Cristo.

Ao primeiro grão-mestre da Ordem dos Templários, Hugo de Payens, Bernardo prescreve o cavaleiro ideal responsável pela defesa do cristianismo. No prólogo do *De Laude Novae Militiae*, no entanto, a mensagem é dirigida não apenas a ele, mas a toda *militia*, ou seja, os companheiros de armas e por extensão ao conjunto de todos os cavaleiros do mundo contra “o inimigo tirano”, que no caso era o Islã em tempos de Cruzadas:

A Hugo, cavaleiro de Cristo, mestre da cavalaria de Cristo, Bernardo, Abade de Claraval – de nome apenas: Que ele combata o bom combate! Uma, duas e mesmo três vezes, salvo o erro, meu muito querido Hugo, tu solicitastes de minha parte um escrito de exortação para ti e teus companheiros de armas. Tu querias que, na falta de lança, eu brandisse minha pluma contra o inimigo tirano, pois tu me afirmavas que eu vos seria de uma verdadeira ajuda vos encorajando por um texto, já que não posso o fazer pelas armas.¹⁰⁵

Glória, honra e salvação eterna há para o cavaleiro que sucumbe em batalha, assim como prometido aos mártires da fé nas histórias bíblicas. O cavaleiro aqui é

Hospital, que fora mais hábil em sua autopropaganda, tornara-se em Malta uma república corsária. Reverteu-se depois ao humanitarismo, como a ordem teutônica” (DEMURGER, 2002, p. 262).

¹⁰⁴ “*Novum, inquam, militiae genus, et saeculis inexpertum, qua gemino pariter conflictu atque infatigabiliter decertatur, tum adversus carnem et sanguinem, tum contra spiritualia nequitiae in caelestibus*” (BERNARDO DE CLARAVAL, 1990, v. 367, t. 31. 50).

¹⁰⁵ “*Hugoni, militi Christi et magistro militiae Christi, Bernardus Claraevallis solo nomine abbas: bonum certamen certare. Semel, et secundo, et tertio, nisi fallor, petisti a me, Hugo carissime, ut tibi tuisque commilitonibus scriberem exhortationis sermonem, et adversus hostilem tyrannidem, quia lanceam non liceret, stilum vibrarem, asserens vobis non parum fore adiutorii, si quos armis non possum, litteris animarem*” (*Ibidem*, v. 367, t. 31. 48-50).

instigado a se entregar na peleja almejando os prêmios pela sua fidelidade e coragem no serviço da guerra. Bernardo tece uma ligação dos personagens sagrados quando estes perderam suas vidas pelo Deus que acreditavam com os cavaleiros pregando uma espécie de santidade militar cujo propósito é uma morte legítima e violenta por causa do que creem:

Quão gloriosos os vitoriosos que voltam da batalha! Quão felizes os mártires mortos em batalha! Felicidades, fortes atletas, se vivem e vencem no Senhor, mas mais exultante e glorioso se morreres e se unires ao Senhor. Na verdade, a vida é frutuosa e a vitória gloriosa, mas de uma parte e de outra, a morte sagrada é com justiça posta adiante. Na verdade se felizes aqueles que morrem no Senhor, não muito mais felizes os que morrem pelo Senhor? Verdadeiramente, se morre no leito ou na batalha, sem dúvida, seja mais precioso, aos olhos de Deus, a morte de seus santos.¹⁰⁶

Ressalta-se até no próprio Jesus Cristo uma característica belicosa, pensando nele como um praticante militar, ainda que de modo metafórico. Cristo esteve, durante sua vida, engajado em uma luta diferente, espiritual, mas ainda assim, segundo Bernardo de Claraval, comungado com o ofício do cavaleiro, no que diz respeito aos confrontos e tentações que enfrentou. É especialmente caro para o monge cisterciense o episódio em que Jesus parece se revoltar de maneira mais física contra o comércio excessivo que se dava no Templo, lugar que devia ser destinado a orações e comparando esta ação com que se devia fazer em Jerusalém, segundo supôs também, sendo profanado pelos sarracenos:

Em verdade, todos estes objetos demonstram claramente que nossos cavaleiros queimam pela casa de Deus do mesmo zelo que se manifestara outrora, quando o chefe dos cavaleiros, inflamado de uma cólera muito violenta, entra no Templo, tendo em sua mão muito santa, não uma arma de ferro, mas um chicote. Ele caça os vendedores, dispersa a moeda dos negociantes e revira as mesas dos vendedores de pombas, estimando perfeitamente indigno de prostituir a casa da prece por uma feira deste gênero. O exemplo de tal Rei galvaniza este exército que lhe é consagrado. Também julga ele ainda mais indigno e infinitamente mais intolerável de

¹⁰⁶ “*Quam gloriosi revertuntur victores de proelio! Quam beati moriuntur martyres in proelio! Gaude, fortis athleta, si vivis et vincis in Domino; sed magis exulta et gloriare si moreris et iungeris Domino. Vita quidem fructuosa, et victoriosa, et victoria gloriosa; sed utrique mors sacra iure praeponitur. Nam si beati qui in domino moriuntur, non multo magis qui pro Domino moriuntur? Et quidem sive in lecto, sive in bello quis moritur pretiosa erit sine dubio in conspectu Domini mors sanctorum eius*” (Ibidem, v. 367, t. 31. 52).

deixar os infiéis macularem o santo lugar que ver os vendedores o infestarem.¹⁰⁷

O monge segue revestindo Jesus com uma capa de guerreiro, pois este teria oferecido sua vida “virilmente” em prol da humanidade. O fundador do cristianismo, outrora morto sem resistência por manter-se firme em suas ideais de amor e perdão ao próximo, é retratado por Bernardo como vingativo, senhor das batalhas e campeão incontestável:

Sim, Cristo soube se vingar em seus inimigos, não somente triunfando deles, mas, também, ele frequentemente costuma, tanto gloriosamente quanto fortemente, triunfar por eles. Sem dúvida, ele começou a ter mais felicidade e comodidade assim que anunciou defensores os que durante muito tempo foram antagonistas e fez do adversário, cavaleiro, pois, de certo Saulo perseguidor, fez Paulo pregador.¹⁰⁸

Desapegado de valores mundanos como a avareza e vaidade, o novo cavaleiro prescrito pelo monge precisa se esforçar para cumprir sua missão de derrotar os oponentes da cristandade. E no processo, despertar o medo em que se interpõe em seu caminho. Os assim feitos inimigos devem ser impactados não pelo ornato de armaduras e cavalos, mas pelo terror da presença dos cavaleiros, que lhes aniquilarão por completo caso não recuem:

Adianta-se a iminente guerra, eles, enquanto armados por dentro pela fé, por fora pelo ferro, não ornados, se munem não pelo ouro e incutem medo aos inimigos e não provocam avareza. Desejam ter seus cavalos fortes e velozes, porém, não coloridos ou enfeitados. Em verdade, eles ponderam a batalha, não a pompa, a vitória, mas não a glória e cuidam que sejam mais temíveis do que admirados.¹⁰⁹

¹⁰⁷ “Plane his omnibus liquido demonstrantibus eodem pro domo Dei fervere milites zelo, quo ipse quondam militum Dux, vehementissime inflammatus, armata illa sanctissima manu, non tamem ferro, sed flagello quod fecerat de resticulis, introivit in templum, negotiantes expulit, nummulariorum effudit aes et cathedras vendentium columbas evertit, indignissimum iudicans orationis domum huiuscermodi forensibus incestari. Talis proinde sui Regis permotus exemplo devotus exercitus, multo sane indignius longeque intolerabilius arbitrans sancta pollui ab infidelibus quam a mercatoribus infestari” (Ibidem, v. 367, t. 31. 74).

¹⁰⁸ “Sic Christus, sic novit ulcisci in hostes suos, ut non solum de ipsis, sed per ipsos quoque frequenter soleat tanto floriosius, quanto et potentius triumphare. Lucunde sane et commode, ut quos diu pertulit oppugnatores, magis iam propugnatores habere incipiat, faciatque de hoste militem, qui de Saulo quondam persecutore fecit paulum praedicatorum” (Ibidem, v. 367, t. 31: 78).

¹⁰⁹ “Porro imminente bello, intus fide, foris ferro, non auro se muniunt, quatenus armati, et non ornati, hostibus metum incutiant, non provocent avaritiam. Equos habere cupiunt foretes et veloces, non tamen coloratos aut phaleratos: pugnam quippe, non pompam, victoriam, sed non gloriam cogitantes, et studentes magis esse formidini quam admirationi” (Ibidem, v. 367, t. 31.70).

Outra obra que ressalta os valores da cavalaria cristianizada é o tratado intitulado *De Consideratione* (entre 1148 e 1153), provavelmente a última realizada por Bernardo. Escrevendo a pedido do Papa Eugênio III, que fora seu pupilo em Claraval, o monge preceitua o que é e o que não é lícito ao Papa, e nestas recomendações atribui o monopólio da espada pertence à Igreja e ao Pontífice. A título de exemplificação, o que chamamos de poder de polícia hoje é conferido à Igreja Romana pelo monge cisterciense e caberia somente ao Papa a prerrogativa dos julgamentos terrenos, aplicando penalidades conforme a gravidade do delito. Sob a premissa de que pode perdoar os pecados, o que é tido como muito mais importante, Bernardo determina que o Sumo Pontífice possua a função de chefe militar cujo comando sobre os cavaleiros determinem o desembainhar das espadas:

Logo, vosso poder se deve exercer sobre os crimes, não sobre as possessões, posto que para aqueles, não por estas, recebestes as chaves do reino de Deus, a fim de excluir os prevaricadores, não aos possuidores. Para que saibais, diz que o Filho do homem tem poder na terra de perdoar os pecados, Que dignidade e poder vos parece maior: a de perdoar os pecados ou a de dividir as heranças? Porém, não tem comparação. Estas coisas ínfimas e terrenas têm seus juízes, que são os reis e os príncipes da terra.¹¹⁰

O poder secular, então, fica ofuscado pelo universalismo pontifício e logo, o Papa, por sua sacralidade cada vez maior, torna-se maior que os monarcas, que foram relegados a meras funções de tenentes locais das tropas da Igreja. Roma assumiria definitivamente o controle geral dos exércitos de toda a Europa cristã, para realizar seus intentos. Baseando-se novamente nas palavras de Cristo, Bernardo reafirma a suposta necessidade dos cavaleiros cristãos assumirem sua função de defender o cristianismo por meio de sua força bélica. Era mister brandir espadas e lanças, pois lhes competia lutar materialmente, uma vez que a guerra espiritual era travada pelo sacerdote,¹¹¹ trazendo o monge novamente a tripartição da sociedade teorizada principalmente por Adalberón de Laon:

¹¹⁰ “*Ergo in criminibus, non in possessionibus potestas vestra, quoniam propter illa, et non propter has, accepistis claves regni caelorum, praevaricatores utique exclusuri, non possessores. Ut sciatis, ait, quia filius hominis habet potestatem in terra dimittendi peccata, etc. Quoniam tibi maior videtur et dignitas et potestas, dimittendi peccata an praedia dividendi? Sed non est comparatio. Habent haec infima et terrena iudices suos, reges et principes terrae*” (*Idem*, 1983-1990: 66-68).

¹¹¹ Temos informações históricas, no entanto, que nem sempre “aqueles que oram” se ocuparam da função lhes dada pelo bispo francês. Gregório VII foi um daqueles que recomendavam, em sua Igreja reformadora, a não mais se ficar “no claustro de um mosteiro, e sim usar suas armas na defesa da Igreja e seus ideais”. (LE GOFF, SCHMITT, 2006, p. 480). Havia muitas milícias organizadas e

Porque havias de empunhar de novo a espada que vos mandaram voltar à bainha? A qual, sem dúvida, se alguém nega que é vossa, não me parece que entenda bem as palavras do Senhor, que diz assim: “volta tua espada para a bainha”. Vossa é, pois, ela também, devendo desembainhar-se quiçá a vossa insinuação, não com vossa mão. De outra sorte, se não pertenceria a vós quando disseram os discípulos: “eis aqui duas espadas”, não tivera respondido o senhor: “bastante é”, sem demasia. Uma e outra espada, é a saber, a espiritual e a material, são da Igreja; porém esta certamente se deve esgrimir a favor da Igreja, e aquela pela mesma Igreja; aquela pela mão do sacerdote, esta pela do cavaleiro, porém, pela ordem do sacerdote e ao comando do imperador.¹¹²

Como último e um dos principais idealizadores desta “guerra justa”, mencionamos oportunamente Tomás de Aquino (1225-1274), monge dominicano que ensinou teologia nas universidades de Paris e Nápoles e escreveu, entre outras obras, a *Suma Teológica*, obra-prima da Escolástica. O trabalho, escrito entre 1265 e 1273, pretende ser doutrinário, procurando uma conciliação entre a teologia cristã e a filosofia aristotélica, adequando melhor o pensamento da Igreja às novas

chefiadas por clérigos tomando eles mesmos parte ativa no combate. Trazendo um testemunho de Raul Glauber, Georges Duby explicita uma batalha na Hispânia contra os sarracenos que a dominavam em 995. Afirma que “nessa sucessão de combates, sucumbiram muitos religiosos cristãos que, ao pegarem nas armas, tinham obedecido mais a sentimentos de caridade fraternal do que a não sei que pretencioso desejo de glória”. (DUBY, 1967, p. 80). O estudo de André Valchez apresenta que o movimento da *Paz de Deus*, que assembleias como as de Charroux e Narbonne tentaram regular por volta do ano mil não evitava as guerras privadas e condenava simplesmente a violência contra as pessoas desarmadas e os lugares sagrados. Porém, conseguiam pouco resultado positivo, uma vez que “a atitude dos clérigos diante da violência continuou ambígua” e que “inicialmente, não hesitaram em fazer, eles próprios, uso das armas.” (VAUCHEZ, 1995, p. 60). Monges e seus vassalos, para reprimir as violações do direito em certas regiões, como em Poitou (França), formaram exércitos de paz e em Bourges, no ano 1038, o arcebispo organizou uma milícia, que atacou castelos de senhores promotores de desordens: “Essas tentativas não tiveram futuro, mas comprovam o aparecimento de um novo estado de espírito entre os homens da Igreja, dos quais alguns acabaram considerando que o uso da força era justificável quando fosse utilizado para fins benéficos para a sociedade cristã e sob sua direção”. (*Ibidem*, p. 61). No cerco de Lisboa, imposto por Castela em 1384 monges franciscanos “empunharam armas para defendê-la, desobedecendo ao próprio decreto papal, que lhes atribuía o papel da oração tão somente: “clerigos e frades, especialmente da Trindade, logo eram nos muros, com as melhores que aver podiam””. (MALEVAL, 2010, p. 178). Também é digno de nota o trabalho de Leandro Duarte Rust, *Bispos Guerreiros: violência e fé antes das Cruzadas*, no qual o historiador tenta elucidar a atuação dos *oratores* em situações de conflito, usando como exemplo a vida de certo bispo de Parma chamado Cádalo, combatente daqueles tempos áureos da cavalaria: “Quando um bispo direcionava colheitas e rendas para campanhas, recrutava espadas e escudos, edificava um castelo ou convertia uma cidade em quartel-general, se imiscuía nos “assuntos seculares”, nesse emaranhado de questões profanas e inquietantes, nesse viveiro de perturbações para o clero” (RUST, 2018, p. 18).

¹¹² “*Quid tu denuo usurpare gladium tentes, quem semel iussus es reponere in vaginam? Quem tamem qui tuum negat, non satis mihi videtur attendere verbum Domini dicentis sic: converte gladium tuum in vaginam. Tuus ergo te ipse, tuo forsitan nutu, etsi non tua manu, evaginandus. Alioquin, si nullo modo ad te pertineret et is, dicentibus Apostolis: Ecce gladii duo hic, non respondisset Dominus: satis est, sed: Nimis est. Uterque ergo Ecclesiae, et spiritualis scilicet gladius, et materialis, sed is quidem pro Ecclesia, ille vero et ab Ecclesia exserendus: ille sacerdotis, is militis manu, sed sane ad nutum sacerdotis et iussum imperatoris*” (*Ibidem*, v. 01: 160-162).

condições socioculturais da época. Ao contrário dos adeptos do "desprezo pelo mundo", ele afirma que

a graça não substitui a natureza, mas a eleva e lhe torna possível obter os seus melhores frutos em sua ordem própria, produzindo em si mesma os seus próprios frutos inatingíveis sem ela (TOMÁS DE AQUINO apud VALCHEZ, 1995, p. 137).

Para o teólogo é preciso, sim, separar-se do “mundo”, na medida em que este é marcado pelo pecado, mas por apreço a Deus, não por desprezo das realidades terrestres. Essa visão fundamentalmente positiva do homem e da natureza, assim sendo, favoreceu o nascimento de uma espiritualidade da ação temporal, que é o ponto de partida da sua teoria de “guerra justa”. O cristão pode e deve se interessar pelas “coisas deste mundo” guardando-se, porém, de sua corrupção. No falar de André Valchez, portanto, Tomás de Aquino

concilia a secularidade do mundo e a radicalidade do Evangelho, escapando assim a essa tendência contra a natureza, que nega o mundo e seus valores, sem faltar com isso às exigências supremas e indeclináveis da ordem sobrenatural (TOMÁS DE AQUINO apud VALCHEZ, 1995, p. 138).

Dentro desta premissa da importância da temporalidade, conceito novo para o cristianismo medieval, o monge dominicano teoriza sobre a postura na guerra. Observando que o domínio do Islã era grande ameaça para a Cristandade sendo possuidor de extensas porções territoriais na Europa, África e Ásia, o sentimento de restauração de mundo perdido pelo mundo cristão motivava o Doutor da Igreja a formular a ideia de uma guerra com sentido, ou seja, de lançar mão de armas físicas para reaver do agressor muçulmano o que ele havia tomado indevidamente. A questão 40 da *Suma Teológica*, trata pontualmente da guerra justa, articulando a doutrina de paz cristã com a necessidade medieval de combater os inimigos da Igreja. Tomás de Aquino começa sua argumentação condenando o ato de guerra em si e reafirmando o espírito evangélico da paz; contudo, usa a fala de João Batista para ensinar que não foi ordenado o abandono à espada e sim o “contentar-se com o salário” (Evangelho de S. Lucas III, 14). E segue regulando o uso de violência, dizendo que o conflito armado deve ser de iniciativa do chefe, identificado com o rei ou obviamente com o próprio Papa, nunca sendo de caráter privado: “A ordem

natural, acomodada à paz dos mortais, exige se atribua ao príncipe a autoridade e a deliberação para empreender uma guerra” (S. TOMÁS DE AQUINO, 2020, p. 2000). Ressalta, em segundo lugar, que a luta precisa ter sido inflada por injúrias ou injustiças provocadas por um sistema jurídico ineficiente de determinada cidade ou reino e que os “agentes da justiça de Deus” ajam, não pela intenção simples da violência vingativa, mas pelo desejo de paz e estabelecimento da retidão no local:

O desejo de danificar, a crueldade no vingar-se, o ânimo encolerizado e implacável, a fereza na revolta, a ânsia de dominar e causas semelhantes são as que, nas guerras, são condenadas pelo direito (S. TOMÁS DE AQUINO, 2020, p. 2001).

O uso da força, que Tomás de Aquino chama de “benigna asperidade”, segue sendo justificada, pois sem sua aplicação reforça-se o desejo e o prazer nas coisas pecaminosas, o que obviamente causa o desvio dos preceitos cristãos: “nada é mais infeliz que a felicidade dos pecadores, que os fortalece na impunidade e robustece a má vontade, como um inimigo interior” (S. TOMÁS DE AQUINO, 2020, p. 2001). E argumentando sobre o desejo da paz, faz jogo de palavras interessante, recomendando que deve se entrar em confronto bélico para o estabelecimento da paz: “Não buscamos a paz para provocar a guerra, mas fazemos a guerra para alcançar a paz. Por isso, quando fizeres guerra sê pacífico, para, vencendo os que guerreias, os conduzires à utilidade da paz” (S. TOMÁS DE AQUINO, 2020, p. 2001).

No Artigo 2, o monge defende com bastante naturalidade o armamento da parte dos clérigos, algo que teria sofrido questionamentos na época¹¹³, conforme relata Demurger:

¹¹³ Cabe aqui ajudar a desfazer outro lugar-comum que domina parte expressiva da produção cultural e acadêmica: a de um cristianismo medieval sempre pautado na brutalidade, impondo-se, na totalidade das vezes, pela força física com viés econômico e aristocrático. O “Bom Deus”, expressão usada pelas pessoas para designar o Todo-poderoso, segundo Jean-Luc Pouthier em *O Deus da Idade Média* (LE GOFF, 2010, p. 30), inspirará muitas ações de evangelização, beneficência, paz e amor num esforço de se voltar ao antigo espírito fraternal de Cristo. Autores como Sulpício Severo (363-c.420) e Gregório de Tours, sobre qual já dissertamos, focalizam o ministério de São Martinho de Tours, o principal difusor do cristianismo na Gália merovíngia. Com grande fervor missionário, Martinho prega o Evangelho no país e conquista muitos adeptos para a fé cristã nicena que reveste de um caráter ascético e caridoso. O feito bispo de sua cidade abandona a carreira das armas no exército para se dedicar à luta espiritual contra os ídolos pagãos de sua terra e contra alguns membros do clero, visto que lhes condenava pelo luxo que ostentavam devendo o ministro ser para ele despedrado de bens materiais. O bispo ainda teria entrado na frente das tropas desarmado para enaltecer a mensagem de paz evangélica, segundo Severo, que lhe atribuiu muitíssimos milagres à semelhança dos apóstolos das histórias bíblicas, além de uma ascensão gloriosa aos céus. Suas ações renderam-lhe cultos e uma basílica em sua cidade e seria grandemente venerado pelos

francos durante as dinastias merovíngia e carolíngia e até a atualidade (FREITAS, 2015, p. 91-125). É destacada por Raul Glauber, (In.: DUBY, 1967, p. 203-205) a ação evangelizadora de São Adalberto, arcebispo de Praga, e São Brunon, bispo de Augsburg, contemporâneos no final do século X. O primeiro missionário pregou na Polônia, Eslavônia, Varsóvia, Cracóvia e na antiga Prússia e na Rússia sendo venerado em todos estes locais até hoje por se lhe atribuir muitos milagres, inclusive de uma ressurreição milagrosa após ser decapitado. São Brunon, por sua vez, anunciou Cristo aos húngaros e à Rússia, obteve grande prestígio do imperador Otão III e se entregou ao suplício por pregar aos pincenates, povo russo de origem pagã. Durante o século XII, os movimentos evangélicos de cunho caridoso e ascético se multiplicaram até entrarem em conflito aberto com a Igreja. Com Arnaldo de Brescia, que obteve grande sucesso popular em Roma, condenando a riqueza dos padres e o luxo da Cúria, o tema da pobreza passou para o primeiro plano (VALCHEZ, 1995, p. 101). O contraste entre a miséria do povo e a ostentação material do clero cada vez mais era percebida levando à rápida proliferação das ideias de renúncia ao corpo e ao mundo em prol do semelhante. Neste tempo surge o reverberante Francisco (1182-1226), filho de um mercador de Assis, que se converteu na idade adulta no início do século XIII. A tônica de suas mensagens consistia na execração do dinheiro bem como a sua acumulação apontando a condenação dos ricos, e por conseguinte, da própria Igreja. O monge pregava igualdade entre os homens, liberdade e afeição mútua, o que também incomodava à Cúria romana, rejeitando qualquer tipo de ação violenta: "Ainda que eles te espanquem, debes considerar tudo isso como uma graça... Ama-os e não queiras que eles sejam melhores cristãos... e faz com que não haja no mundo nenhum irmão que tenha pecado tanto quanto poderia e que, depois de olhar-te nos olhos, nunca se vá sem a tua, se ele te pediu misericórdia." (apud VALCHEZ, 1995, p. 129). A Igreja Romana, em 1223, reconhece a Ordem dos Franciscanos lhe impondo uma hierarquia eclesiástica nos moldes dela própria que contraditoriamente a distanciaria do projeto original do Pobre de Assis, de fraternidade desnivelada entre todos. A segunda ordem medicante foi a dos Pregadores, ou Dominicanos fundada por Domingos (1170-1221) que se dedicou à evangelização em Languedoc (atual sul da França) para confrontar o cristianismo niceno com a heresia catarista durante os primeiros anos do século XIII. Dedicando-se a uma atividade apostólica nessa região, os dominicanos pregavam mais calcados num conhecimento acadêmico, livresco, flexibilizando a radicalidade dos Franciscanos em relação à pobreza como virtude, embora também a recomendem em alguma medida. Seu principal legado foi a criação do cerimonial de *Corpus Christi*, oficializada em 1264, pelo Papa Urbano II, cujo idealizador foi o escolástico Tomás de Aquino, o monge mais ilustre desta Ordem. (*Ibidem*, p. 136). O surgimento das confrarias é outro movimento na contramão da sanguinolência cavaleiresca. Seguindo o modelo das confrarias sacerdotais, muitos leigos, tanto na cidade quanto no campo, se agruparam a partir de uma base territorial (a aldeia, o bairro, a paróquia) ou sócio-profissional (a profissão) nas regiões do sudeste da França atual e na Itália, a fim de praticar a ajuda mútua e encarregar-se dos funerais de seus membros defuntos. Tomando o nome de "Caridade" os membros das confrarias buscavam prática caritativa, como distribuição de alimento ou de esmola aos pobres por ocasião da festa do santo padroeiro e a pregação do amor mútuo. A refeição ou banquete coletivo tinha um lugar importante nas atividades da confraria, era considerada como uma manifestação de bom convívio, visando desarmar os conflitos ou tensões internos, e criar, nem que fosse apenas por um instante, um clima de concórdia e de não-violência na comunidade. Os penitentes são outro grupo de caráter não armífero que cresceu muito nestes tempos (*Ibidem*, p. 142). Das regiões da Península Itálica eles recusavam-se a usar armas, sendo, portanto, isentos do serviço militar. As cidades lhes confiavam tarefas variadas, indo da distribuição de subsídios caritativos aos conventos, aos pobres e aos prisioneiros, até a administração da tesouraria municipal e ao cumprimento de missões diplomáticas para a paz. A Igreja, a exemplo do que fez com os Franciscanos, absorve a contraria do Penitentes, mas incorporando-a, por bula do Papa Nicolau IV, como terceira Ordem franciscana em 1289 (*Ibidem*). Temos, por fim, um terceiro movimento pacifista e ascético de grande expressão surgido na Itália: os flagelantes. Fundado em 1260, os adeptos pregavam a prática da auto tortura e procissões penitenciais, ou litânias, percorrendo as cidades do centro da Itália gritando "Paz e misericórdia!" e exigindo das autoridades medidas que pacificassem uma sociedade violenta e profundamente marcada pela miséria. Recomendavam o perdão mútuo das ofensas entre os partidos inimigos, que provocavam lutas sem fim, restituição da usura, libertação dos prisioneiros por dívidas e reintegração dos banidos, isto é, dos adversários políticos do partido no poder. (*Ibidem*, p. 146). A Igreja, uma vez mais, tomando o controle da situação, pois o movimento alcançava grande popularidade sendo-lhe paralelo, o absorveu e regulou, autorizando nos países mediterrâneos a constituição de confrarias flagelantes, *Battuti* ou de *Disciplinati*, como eram chamados na Itália, que

Essa posição encontrou forte resistência nos clérigos pacifistas, que se indignavam que um dos seus – o papa, quem mais! - encorajasse cristãos a derramar sangue. (...), mesmo numa guerra justa, [que] era fundamentalmente má subsistiu por muito tempo e as reticências não apaziguavam logo (DEMURGER, 2002. p. 21, *grifo do autor*).

Os limites impostos pela tripartição da sociedade medieval são questionados por Tomás de Aquino, que autoriza o uso de força letal por aqueles que deveriam orar pacificamente em seus mosteiros pelo povo. Com o devido embasamento anterior, de haver uma guerra justa para o combate à iniquidade e injustiça a favor do mais pobres, o monge, comparando os clérigos a pastores, afirma que eles precisam proteger as ovelhas sob pena de serem considerados covardes. E identificando os “lobos” com os sarracenos, dizendo que estavam prestes a invadir a cidade de Roma, conclui taxativamente que “aos prelados e aos clérigos é lícito guerrear” e, valendo-se de autoridade apostólica e papal (cita o Papa Adriano I, que abençoou a incursão militar de Carlos Magno contra os lombardos em 774), reitera a ideia da salvação certa obtida pela morte em batalha. Fica lícita, assim sendo, a luta armada de clérigos se for em prol da pátria ou da defesa de cristãos oprimidos, injustiçados ou induzidos a uma crença equivocada (S. TOMÁS DE AQUINO, 2020, p. 2002).

O filósofo escolástico, a seguir, explicita a argumentação baseada no texto bíblico que não recomenda a entrada de clérigos nas guerras: “ninguém que milita para Deus se embaraça com negócios do século” e que “não lhes cabe matar nem derramar sangue, mas antes, estarem preparados a derramar o próprio sangue por Cristo, para imitarem nas obras o que fazem no ministério” (S. TOMÁS DE AQUINO, 2020, p. 2002). Entretanto, apresenta rapidamente a objeção a esta doutrina de paz, que chama muitas vezes de “omissão”, dissertando que os sacerdotes devem tomar parte dos conflitos armados, não abrindo mão de suas funções espirituais, privilegiando sempre esta última:

Embora, fazer guerras justas seja meritório, contudo se toma ilícito aos clérigos, por serem destinados a obras mais meritórias. Assim como o ato matrimonial pode ser meritório, e contudo é condenável para os que se votaram à virgindade, por lhes impor a obrigação a um bem maior (S. TOMÁS DE AQUINO, 2020, p. 2003).

se dedicavam a uma prática ritualizada da flagelação, no âmbito dos seus oratórios e das procissões da Sexta-Feira Santa. (*Ibidem*).

Quanto às insídias, assunto do Artigo 3, Tomás de Aquino novamente lança mão da Bíblia para justificar ações militares. Mesmo considerando em si um ato reprovável, pois envolve engano, o dominicano mais uma vez justifica biblicamente algo que a priori seria ilícito: “E isto o prova pela autoridade do Senhor, que mandou Josué fazer insídias aos habitantes da cidade de Hai, como se lê na Escritura” (*Ibidem*). E, sobre a regulamentação da *Paz de Deus* e da *Trégua de Deus*, em que, como vimos, a Igreja pretendia refrear o uso de violência, Tomás de Aquino, no Artigo 4, recomenda a reação bélica caso haja real necessidade. Embora coadune com a determinação papal do cerceamento de ações militares durante os festejos, o Escolástico prega a vigilância e a retaliação aos inimigos que ousarem atacar a comunidade, condenando novamente o cavaleiro que se recusar a cumprir sua função:

Por onde, para defender a república dos fiéis, é lícito fazer guerras justas nos dias festivos, mas se a necessidade o exigir. Pois, tentaria a Deus quem, sendo iminente essa necessidade, quisesse abster-se da guerra. Porém, cessando a tal necessidade, não é lícito guerrear nos dias festivos, pelas razões já expostas (S. TOMÁS DE AQUINO, 2020, p. 2004).

Terminamos aqui um percurso da transformação da fé pacífica fundada por Jesus Cristo em ideologia guerreira de Estado e pensamos encerrar bem com a contribuição de Tomás de Aquino, como um dos maiores idealizadores deste pensamento. A ideia de um cavaleiro cristão, corajoso e abnegado será construída e elevada a partir destas mutações políticas sofridas ao longo da Idade Média e encontrará grandes ressonâncias na produção literária do século XIV, ao se contar os feitos de homens e nações, como no caso da *Crónica do Condestabre*, nosso enfoque no próximo capítulo. Nun'Álvares Pereira encontra-se neste mundo polarizado cujas lutas entre Bem e Mal, cristãos e muçulmanos, portugueses e castelhanos formarão o herói inspirado nas lutas de defesa pelo cristianismo que o antecederam. Os protagonistas ainda apresentariam, no falar de Georges Duby, “a mobilidade, a turbulência, a agressividade, traços que são expressos e exaltados por uma literatura de entretenimento, composta em grande parte para esse público de ‘moços’ ” (DUBY, 1989. p. 144). Eles seriam alçados, na escrita ficcional ou não, por seu esforço na guerra especialmente contra o “infiel”, a exemplos de conduta na vida de maneira geral, conforme o comentário de Craig Taylor:

De fato, é de fundamental importância o fato de que os textos cavaleirescos não eram simples espelhos para o mundo ao seu redor, mas procuravam ser uma força social ativa, moldando atitudes e promovendo ideais (TAYLOR, 2013. p. 8).

E Jean Flori aponta tal conduta como a origem do termo “cavalheiro”, ou “gentleman” em inglês, figura do sujeito polido e cortês (FLORI, 2005. p. 158) tamanha a influência obtida por este herói cristão criado pela história e adornado pela literatura, cujo ideal será reproduzido pelos séculos afins até chegar ao nosso, quando a guerra santa volta, personificada na liturgia da Igreja Universal do Reino de Deus, através da qual o bispo Edir Macedo escreverá sua pretensa hagiografia *Nada a perder*, que sistematizará uma luta cavaleiresca contra os novos inimigos da fé cristã.

2 A CRÔNICA DO CONDESTABRE: NUN'ÁLVARES PEREIRA, O COMBATENTE CRISTÃO IDEAL

A teologia cristã oficial vai mudando e se ajustando sistematicamente a conjunturas políticas, tendo como base ideológica importantes documentos como compêndios apologéticos, históricos e filosóficos, bulas papais, produções ficcionais (canções de gesta, romances de cavalaria, cantigas e poesias) e crônicas para construir a ideia da luta contra o infiel. E tal postulação encontra grande ressonância na atualidade, quando surgem novos incentivos teológico-argumentativos de enfrentamento ao considerado infiel na doutrina das igrejas neopentecostais brasileiras, da qual destacamos o *Nada a perder*, de Edir Macedo.

O código escrito, sobretudo cronístico, assim sendo, constitui-se em algo fundamental no trabalho, visto que historicamente enaltece feitos de fé e fidelidade na guerra, valendo-se principalmente de artifícios discursivos no convencimento da suposta necessidade do confronto religioso físico, e buscando formar as bases da nacionalidade.¹¹⁴

As crônicas relatam feitos heróicos de reis e nobres à frente de exércitos que se tornaram determinantes na conquista ou independência de um reino. E os heróis abundam nas suas páginas, pretendendo-se verdadeiros exemplos de abnegação, coragem e fé para a posteridade, sugerindo que um dos seus propósitos era explicitamente esse, além do simples registro histórico: formar caracteres. São narrativas com vistas à formação de memória nacional, destacando principalmente as realizações extraordinárias em batalhas e a conseqüente vitória em razão do brio cavaleiresco, sob um ponto de vista panegírico e unilateral, embora percebamos alguma exceção a esta regra em Fernão Lopes, conforme afirmou a professora Maria do Amparo Tavares Maleval, em *Fernão Lopes e a retórica medieval*.¹¹⁵ A *Crônica do Condestabre*, pela qual D. Nun'Álvares Pereira é elevado à categoria de

¹¹⁴ "...a crônica busca perspectivar o passado português" (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 172).

Frisamos, no entanto, que nos tempos presentes o gênero crônica apresenta outras características, como narrativas fictícias baseadas num fato cotidiano, com dramas reais, de linguagem fluida e contemporânea e acontecendo predominantemente no meio urbano.

¹¹⁵ "A aproximação ao Estagirita seria mesmo proporcional ao afastamento em relação aos cronistas medievais, dos quais Fernão Lopes não seguiu a tendência fundamentalmente panegírica e unilateral das crônicas, que se empenham em tecer a apologia dos mecenas, sem mostrar-lhes as falhas." (MALEVAL, 2010, p. 76).

herói nacional, santo e padroeiro, é uma destas crônicas¹¹⁶ na qual, por meio do *discurso*, constrói-se tal justificativa, uma vez que engrandece um herói devido ao exemplo cavaleiresco que demonstrou, e que é requerido naqueles tempos de luta armada pela fé de Cristo. Pensamos, portanto, que o louvor cronístico do herói cristão belicoso é forjado pelo *discurso* e sobre ele pontuamos algumas características preliminares a título de introdução para, no capítulo 4, aprofundarmos as semelhanças entre *A Crónica do Condestabre* e a trilogia *Nada a perder*, onde se verifica também uma exaltação ao heroísmo cavaleiresco.

2.1 O gênero crônica através da História na construção dos valores monárquicos, religiosos e bélicos

Michel Foucault, em *A ordem do discurso*, afirma que “antes da vontade de verdade”, movimento intelectual que tirava a autoridade de poetas e sofistas da Grécia Antiga, as verdades se formavam a partir do discurso pronunciado

¹¹⁶ Decidimos por classificar a obra que nos serve de *corpus* para esta pesquisa como *crônica*, pois a maioria das fontes pesquisadas procedem desta maneira e devido às suas características de relato histórico e biográfico. No entanto, não há qualquer intenção de menosprezar as conclusões muito bem fundamentadas de Antonio de Almeida Calado, na Introdução da *Estoria de D. Nuno Alvrez Pereira*, de 1991, em que o erudito se esforça para justificar a substituição que fez na sua edição do título de *Crónica do Condestabre* já aceito historicamente e majoritariamente pela comunidade acadêmica. O pesquisador argumenta, entre outras coisas, que havia uma “tendência, crescente ao longo do século XVI, para generalizar a designação de “crônica” aos mais variados tipos de historiografia — desde a História nacional até às monografias, biográficas ou não” (*Estoria de D. Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, p. LX) e que o próprio texto nunca se designa por “crônica” mas por ‘livro’, por ‘estória’ e por ‘conto’, e que “possivelmente não teria sequer um título” (*Ibidem*). Calado ainda diz que “crônica” tem “designação de valor genérico” enquanto que “*Estoria*”, “reúne condições para ser considerada como elemento do título da obra: ocorre várias vezes no texto e tipifica-o como gênero historiográfico.” (*Ibidem*). Como dissemos, e é algo reconhecido pelo próprio Calado, há sólida tradição no meio acadêmico que classifica a obra como “crônica”, tendência que nos orienta nesta tese. João Gouveia Monteiro, no seu artigo *Fernao Lopes e os cronistas coevos – o caso da Crónica do Condestável*, afirma que a obra está inserida num subgênero que chama de “crônicas hagiográficas”: “É claro que, como em toda a hagiografia, estas obras alimentam-se da preocupação do “apostolado”, da “exemplaridade”, centrados em torno da personagem *santa* que dá origem à biografia. Creio, entretanto, que também aqui a nossa *Crónica do Condestabre* não escapará a um possível enquadramento dentro desta família das “crônicas hagiográficas”. (...) É difícil deixar de associar algumas narrativas dos finais da Idade Média exteriormente aparentadas com a “crônica”, com toda essa tradição hagiográfica. (...). De facto, e apesar da sua designação, a *Crónica do Condestabre* parece mais inscrita na tradição da hagiografia do que na família da crônica propriamente dita. O exame desta biografia de Nuno Alvares Pereira revela-a ainda muito próxima da linha literária das célebres *Vidas de santos*” (MONTEIRO, 1989, p. 46-49). E ainda dispomos de especialistas como Teresa Amado que denominam a obra de uma “crônica biográfica”, segundo o artigo *A estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra ou Coronica do Condestabre*, de Maria do Amparo Tavares Maleval (AMADO In.: MALEVAL, p. 123).

por quem de direito e conforme o ritual requerido que pronunciava a justiça e atribuía cada qual a sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia passar, mas contribuía para sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino (FOUCAULT, 1999, p. 15).

A ideia, portanto, de discurso inquestionável e fonte de razão passaria pela Idade Média, orientando os escritos deste tempo, entre eles a cronística, durando, segundo o filósofo francês, até os séculos XVI e XVII, quando aparece “uma vontade de saber” que incute no sujeito cognoscente certa posição de ler que o leva a observar, verificar com base em conhecimento técnico acumulado, provar o discurso através de práticas como a pedagogia, exposta por meio de sistema de livros, bibliotecas e laboratórios (p. 15). Antes dessa “vontade de verdade”, como propõe Foucault, o discurso cronístico se pretendia verdadeiro, na medida em que se impunha como história verídica ou simplesmente como “história”, apesar dos milagres e feitos extraordinários de seus heróis. A motivação da escrita era justa, desprezando-se, ou melhor dizendo, inexistindo debates maiores. Não estava em questão vencer os sarracenos para a reconquista da Península Ibérica, os castelhanos que cercavam Lisboa, e varrer a dominação muçulmana de Ceuta. Era preciso e pronto, pois Deus estava com os cristãos. Não esteve em discussão o Milagre de Ourique como fato histórico durante muitos séculos, até que Alexandre Herculano, só no tardio século XIX, comete a ousadia de excluí-lo de sua investigação *História de Portugal* (1846-1853) como se conhecia até então: uma intervenção divina¹¹⁷. O discurso que se pretende história e doutrina presente na *Crónica do Condestabre* e que aproximamos do *Nada a perder* é, no falar de Foucault, “uma reverberação da verdade nascendo diante dos seus próprios olhos”, mostrando uma faceta do autoritarismo presente nos textos que pesquisamos aqui. A escrita é suficiente. Para o autor da *Crónica*, Nun’Álvares é definitivamente um grande herói de guerra por causa dos atributos que reúne como cavaleiro: linhagem, fé, honra e coragem. Suas motivações e métodos são justos, não cabendo qualquer

¹¹⁷ Foucault ainda tece um pensamento digno de nota sobre esse autoritarismo do discurso na Grécia Antiga até o Medievo dizendo que há uma “logofilia”, uma adoração do Ocidente ao discurso universalizado, “livre de coerções”. O autor afirma que o produto disto é uma “logofobia”, visto que gera um temor surdo do violento, do descontínuo, do combativo, da desordem e de perigoso, pregando Foucault, por fim, a libertação da soberania do significante, que seria uma dosagem das constantes relativizações dos discursos bem como seus intermináveis questionamentos (FOUCAULT, 1999, p. 70).

divagação sobre a possível brutalidade desproporcional que fatalmente ocorre em qualquer confronto armígero.

O *discurso* cronístico medieval, destarte, em sua pretensão histórica submetida à fixação de um modelo de conduta “cavaleiresco e senhorial” (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 174), nasce já sendo um gênero “de autoridade”. Do mundo europeu do século XII, em que prevaleciam os gêneros cantados: canções de gesta, trovas e poesia lírica, emerge a prosa, a exemplo da Bíblia, como forma de escrita a se venerar e cultivar: “tudo se consolida na Escritura”, afinal “no dia do Juízo, anuncia-se o *Dies irae* e será trazido o livro escrito no qual tudo será contido” (LE GOFF, SCHIMITT, 2006, p. 81). E, ainda citando Quintiliano, um dos mestres da Antiguidade seguido pelos escritores medievais, “História é a mais próxima dos poetas e é uma espécie de poema em prosa.”¹¹⁸ Os primeiros romances começam a surgir em língua vernácula e com eles as crônicas medievais. Há sistemática elaboração da ideia de uma “escrita séria” pela qual se devia ensinar e contar a história, e a prosa foi eleita para isto, pois, para Isidoro de Sevilha, o gênero textual “é um discurso em linha reta – *pro(r)sum* – que escapa às contorções da versificação” (p. 91). Ainda, segundo os prosadores medievais, “evita o *anfiguri* e os ornamentos fúteis do verso. Oferece o reflexo mais direto e mais fiel do pensamento. Presta-se, portanto, especialmente à expressão mais alta das coisas de Deus” (*Ibidem*).

A prosa, desse modo, se tornava a forma privilegiada da narração, sobretudo histórica, fazendo proliferar riquíssima produção romanesca, dentre elas as novelas de cavalaria, e claro, as crônicas, de cunho político, moralizante e didático. Politicamente, as crônicas, cujo maior expoente na Europa foi Isidoro de Sevilha, visam promover o fortalecimento da monarquia submetida aos ditames da Igreja bem como a unidade nacional:

A “laude”, ou melhor a “laude Spaniae”, o Louvor da Hispânia, entrou na historiografia hispânica pela mão do Bispo Isidoro de Sevilha, o qual, para além da sua acção religiosa e cultural, foi ainda também um teorizador político. Instrumentalizando valores veiculados pela Igreja, quer nos sus princípios doutriniais, que nos seus rituais, procurou criar uma super-estrutura que sacraliza, legitima e reforçaria a monarquia visigoda, una

¹¹⁸ “historia [...] est enim proxima poetis et quodammodo carmen solutum.” (In.: BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 22).

monarquia que, electiva e não dinástica, foi sempre endemicamente débil (REI, 2013, p. 86).

A *Crónica Universal* (primeira edição do ano 621, segunda de 626), outra obra marcante do bispo, é apontada, no artigo de Jose Carlos Martin “*ideologicamente por la exaltación del reino visigodo de Hispânia frente al Imperio de Bizâncio*” (MARTIN, 2020, p. 3), embora unifique a história do povo em questão com a dos hebreus, usando a Bíblia como base universal. Queria Isidoro dar ao povo godo uma gênese de prestígio, ou seja, uma história que fosse unida a todos os outros povos segundo seu ponto de vista judaico-cristão, evidenciando seu projeto de formação da identidade pátria:

E por que razão uma crônica universal, primeiro, e uma história nacional depois? Porque da mesma forma que nossos manuscritos nos transmitem Bíblias acompanhados de crônicas universais que ajudaram os leitores a localizar os personagens mencionados e alguns dos eventos narrados no Escrituras Sagradas dentro de um contexto histórico mais amplo, tanto mais necessário no caso de Antigo Testamento, que preserva as tradições judaicas desconhecidas no Ocidente romano. Assim, também a história nacional de um povo bárbaro, como a dos godos, precisava ser acompanhada por um manual histórico mais geral que permitisse ao leitor situar a história particular desse povo na história universal do mundo. E por esta mesma razão a história universal dever preceder à história nacional.¹¹⁹

Esta forma narrativa foi amplamente difundida e utilizada em todo Ocidente latino tornando-se de fato a forma normativa da crônica. A nova forma de escrita foi transmitida para todos os cantos do mundo de língua latina, primeiro através dos esforços missionários anglo-saxões, e depois, pela propagação da hegemonia carolíngia. E tamanha foi a dimensão alcançada pelo novo modelo de Isidoro que sua obra *Etymologiae* passou a servir como livros didáticos para a Europa medieval.¹²⁰

¹¹⁹ “¿Y por qué razón una crónica universal, primero, y una historia nacional a continuación? Porque del mismo modo que nuestros manuscritos nos transmiten Bíblias acompañadas de crónicas universales que ayudaban a los lectores a situar los personajes citados y algunos de los sucesos narrados en las Sagradas Escrituras dentro de un contexto histórico más amplio, tanto más necesario en el caso del Antigo Testamento, que conserva tradiciones judías desconocidas en el Occidente romano, así también la historia nacional de un pueblo bárbaro, como el de los godos, necesitaba ir acompañada de un manual histórico más general que permitiese al lector situar la historia particular de ese pueblo dentro de la historia universal del mundo. Y por esta misma razón, la historia universal debía preceder a la historia nacional.” (MARTIN, 2020, p. 4).

¹²⁰ “It was widely imitated in the early Middle Ages and in fact became the normative form of chronicle: because Isidore was heavily used by Bede, his new form of chronicle was transmitted to every corner of the Latin-speaking world, first via Anglo-Saxon missionary efforts and then by the spread of Carolingian hegemony. So it was that, along with the *Chronica*, Isidore’s other works and particularly

Richard W. Burgess e Michael Kulikowski afirmam que a diferença entre “anais” e “crônica”, forma, portanto, de prestígio para o registro histórico, é moderna, pois, historicamente, é problemática a divisão entre elas. Trazem para o debate da diferença entre “*annales*” e “*chronica*” o comentário de que os medievalistas modernos dividem os gêneros da seguinte forma: os anais são listas anônimas breves de anos muitas vezes com anotações paratáticas raras, compiladas contemporaneamente por muitos escritores em um formato “tabular”, com um foco geralmente local ou monástico. Já as crônicas são um gênero mais desenvolvido e sofisticado, mais longo e detalhado, com narrativas analíticas mais literárias, de caráter mais “universal”, com foco ou assunto mais central e compostas por um único autor, independentemente da estrutura ou comprimento¹²¹. Os especialistas estadunidenses ainda fazem um interessante esforço para criar subgêneros dos relatos históricos. O primeiro é *fasti*, que seria simplesmente o calendário usado pelos romanos,¹²² *annales*, confundida com “*chronica*” como já foi dito, sendo chamado frequentemente de “história”,¹²³ cuja escrita era comum para registrar ocorrências importantes dos povos da Antiguidade; *consularia*, listagem de acontecimentos principais no Império Romano bem como as ordens dos

his tymologiae went on to serve as textbooks for medieval Europe” (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 193). Sobre a influência de Isidoro na cronística peninsular leia-se também o artigo de Antônio Rei *Laude Spaniae de Isidoro de Sevilha na Cronística Medieval Peninsular (séculos VIII-XIV)* em que se incluem como seguidores deste gênero o trovador-rei Afonso X, o Sábio e D. Pedro Afonso, o Conde de Barcelos, autor do *Livro de Linhagens* e da *Crônica Geral de Espanha de 1344*.

¹²¹ “Medievalists, as noted above, have devised their definitions of “annals” and “chronicle” in isolation from the earlier history of chronicles and have thus been fundamentally influenced by the use of the term ‘chronicle’ in the later medieval period: by then, lengthy and fully developed works, like that of Froissart, which we classicists would call ‘histories’, were called “chronicles”. Although their definitions are quite fluid and there is little agreement on the details within any group of scholarly works, in general medievalists draw a distinction between annals and chronicles as follows: annals are anonymous lists of years (always years AD) with very brief and often very infrequent paratactic annotations, compiled contemporaneously by many hands in a ‘tabular’ format, with a generally local or monastic focus; chronicles are a more developed and sophisticated genre, longer, more detailed, with more literary annalistic narratives, more ‘universal’ in character and with more of a central focus or subject, and composed by a single author regardless of structure or length” (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 12).

¹²² “The first genre we distinguish is “fasti”. The word fasti itself properly denotes calendars which recorded the months, days in the month, important religious festivals, and the days on which it was legal to conduct business.” (Ibidem, p. 10).

¹²³ “In Classical and later Latin, *annales* is for the most part nothing more than a synonym for “history”(…) from around the tenth century down to c. 1400, the word was often used as a result of direct influence from a passage in the *Etymologiae* of Isidore of Seville (where it still meant nothing more than history); and by the fifteenth and sixteenth centuries it was just another word for chronicle” (Ibidem, p. 288).

imperadores,¹²⁴ e *crônica*, no sentido histórico. Esta última, segundo os pesquisadores, alude a narrativas em que cabem comentários, linguagem aprimorada e envolvimento emocional do leitor. A cronologia é respeitada, mas não em absoluto, e os eventos relacionados de diferentes épocas podem ser narrados juntos ou fora da sequência. O narrador fornece introduções e conclusões, explicações e análises, resumos e digressões, de maneira abertamente didática e moralizante dando estrutura, coerência interna e propósito aos eventos e pessoas descritas (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 12).

A cronística em Portugal desenvolve-se sob a instrução “neo-isidoriana” (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 173), no entanto, a ideia de um relato histórico com vistas ao enaltecimento de reis, exércitos, deuses e principalmente heróis parece vir de uma longínqua tradição que nos remete aos tempos do Egito Antigo, Mesopotâmia, Assíria, Babilônia, até chegar finalmente à Grécia e Roma. A professora Maria do Amparo descreveu com excelência as vozes greco-romanas e judaico-cristãs na produção de Fernão Lopes em sua pesquisa *Fernão Lopes e a retórica medieval*, cujo trabalho leva a perceber a ressonância de Aristóteles,¹²⁵ Cícero,¹²⁶ Quintiliano e muitos outros mestres da retórica ecoantes no Medievo.¹²⁷ Entretanto, julgamos oportuno comentar um percurso da cronística desde suas origens pré-clássicas.

Ainda segundo a investigação de Burgess e Kulikowski, as crônicas têm uma longa história no “mundo não-cristão”, que bebe das fontes do mundo pré-clássico. O gênero não foi uma invenção de Antiguidade Tardia ou da Idade Média, “mas a

¹²⁴ “*Consularia existed only during the Roman period, and though they began as a separate Roman genre, they were absorbed into chronicles in late antiquity. Both chronicles and consularia can use consuls as their chief chronological system, but that does not make them same thing*” (p. 35).

¹²⁵ “Que Fernão Lopes conheceu, admirou e acatou as lições do sistematizador da arte retórica não temos dúvidas, mesmo que esse conhecimento fosse apenas indireto. Conforme o já visto, Aristóteles é por ele qualificado de “*aquell clar lume da fillosophia*” (LOPES, 1966, p. 216). Suas ideias sobre a justiça e a filosofia política são pelo cronista assimiladas e até desenvolvidas.” (MALEVAL, 2010, p. 76).

¹²⁶ “Para terminar, valeria destacar o *modus operandi* adotado por Cícero para compor o seu tratado, que também será o expressamente aceito pelo cronista: defende, no início do Livro II, a necessidade de utilização de várias fontes para escolher o dado que for mais conveniente ou convincente em cada uma.” (*Ibidem*, p. 95).

¹²⁷ “Também Quintiliano aparece como personagem, da mesma forma que muitas outras autoridades, clássicas ou cristãs, como Sêneca, Santo Agostinho, Santo Tomás, Santo Ambrósio, São Jerônimo, etc. – o que é mais um argumento a favor da importância que os mestres da oratória possuíam em Portugal à época de Fernão Lopes.” (*Ibidem*, p. 71).

consequência natural de uma tradição mediterrânea milenar de escrever história”¹²⁸, pois se percebe semelhanças notáveis entre a produção do mundo pré-cristão e a que lemos no Medievo¹²⁹, tais como exaltação do poder régio e sua autoridade divina, atribuição de certas ações a deuses e glorificação de heróis coletivos ou individuais, nossa leitura da *Crónica do Condestabre*¹³⁰ nesta pesquisa.

Há muitos vestígios desses traços entre as crônicas do mundo antigo e as medievais. Sobre a exaltação do poder régio e sua autoridade divina citamos preliminarmente os anais produzidos no Egito Antigo, durante a 25ª Dinastia (c. 750–650 a. C.), em cujo relato transparece o cunho percebido, como destaca Burgees e Kulikowski:

Os anais provavelmente [eram] destinados a um templo, talvez como parte de um culto ancestral (como a lista do rei de Karnak de Tutmés III e a lista do rei no templo de Seti I em Abidos) [...]. Os registros nos anais (reais) indicam as principais atividades (reais ou simbólico) em que o rei se envolveu, além daquelas que o tribunal considerou dignas de registro em um cenário que promoveria a ideologia da realeza divina para a eternidade. Assim, os anais são uma fonte particularmente informativa sobre como a corte real do início do período dinástico e o Reino Antigo encaravam seu próprio papel.¹³¹

O segundo exemplo desse entrelaçamento cronístico de ações monárquicas com a de deuses está nas crônicas dos povos sumérios. Conforme Burgees e Kulikowski, as primeiras crônicas sobreviventes da Mesopotâmia são

¹²⁸ “Part of the purpose of this volume is to demonstrate that late antique and medieval chronicles, of which so many examples are extant, were not an invention of Christian late antiquity or the Middle Ages at all, but rather the natural outgrowth of a millennium-old Mediterranean tradition of writing history.” (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 7).

¹²⁹ “If one takes a wider view, however, it is clear that this Hellenistic Greek tradition developed out of a much older historiographical tradition, common to many Mediterranean cultures and reaching back to the third millennium BC. Works that closely resemble Hellenistic, Roman, late antique, and medieval chronicles were written in Egyptian, Babylonian, Assyrian, and other Near Eastern contexts” (*Idem*).

¹³⁰ “Fundamentalmente, a *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* é uma biografia com três vectores: o genealógico (cap. I), o militar (quase todos os restantes) e o religioso (cap. LXXX), em que o relevo da vertente militar é de longe, como se vê, o mais notório. A figura que se destaca da *Estória* é a do Nun'Alvares que praticou uma longa sucessão de feitos militares e que terá desejado praticar outros tantos se as circunstâncias e a sujeição hierárquica aos reis lho tivessem permitido. E a “estória” diz-nos mesmo qual a sua motivação dominante: ganhar nome e fama, sem quebra do serviço ao rei.” (*Estória de Dom Nuno Alvrez Pereyra*, 1991, Introdução, LXXVII).

¹³¹ “The annals were [therefore] very probably intended for a temple setting, perhaps as part of an ancestor cult (like the Karnak king list of Thutmose III and the king list in the temple of Seti I at Abydos) [...]. The entries in the (royal) annals indicate the principal activities (actual or symbolic) in which the king engaged, moreover those which the court deemed worthy of record in a setting which would promote the ideology of divine kingship for eternity. Thus, the annals are a particularly informative source for how the royal court of the Early Dynastic period and Old Kingdom viewed its own role.” (WILKINSON, T. A. H. apud BURGEEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 65).

aquelas escritas em sumério, “embora não sejam crônicas completas, como mais tarde as babilônicas, gregas e latinas” (p. 67). A maioria daqueles documentos são meramente listas de reis, chamadas por estudiosos do Oriente Próximo de “crônicas reais” datadas entre os séculos XXI e XVII a. C., contudo, inserindo “uma curta narrativa mitológica” (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 67). Os assírios compilaram sua primeira crônica epônima conhecida nos anos de Naram-Sin, rei de Ashur (c. 1872 a. C.), até o final do reinado de Shamshi Adad I (c. 1776 a. C.). O escrito é uma lista de epônimos de acordo com os reis bem como das pessoas que ocuparam os cargos de maior importância (governadores, camareiros, arautos do palácio ou chefes mordomos). As crônicas produzidas relatam campanhas militares, eclipses solares, inundações, fundação e conclusão do templo de Nabu em Nínive, pragas, massacres, a captura da cidade de Arpad depois de três anos, e “momentos em que o rei pegou a mão de Bel”, que seria uma divindade cultuada pelos assírios (p. 69).

No primeiro Império Babilônico, desde o reinado de Sargon (c. 2300 a. C.) até o século XIII a. C., foi elaborado um tipo de sistema cronológico em listas de datas para que as pessoas se situassem no tempo conforme os acontecimentos mais importantes no reino. Essas listas de datas são conhecidas em sequência do século XXI ao XVII a. C. Eis um exemplo do reinado de Hamurabi, rei da Babilônia, de 1786 a 1771 a. C. e o reforço no seu poder, suas conquistas e na intervenção dos deuses, com o objetivo místico de ter “um meio de adivinhação para determinar o futuro”:

Uruk e Isin foram conquistados.
 O país Emutbal.
 O canal (chamado) Hamurabi-hegal (foi cavado).
 Exército e habitantes de Malgia foram esmagados.
 Ele (Hamurabi) conquistou Rapiqum e Shalibi.
 Ele construiu um trono para a deusa Sarpanit.
 Um suporte de cobre para uma estátua real.
 Ele construiu um trono para a deusa Inana da Babilônia.
 As sete estátuas.
 Ele construiu o trono do deus Nabium.
 Ele fez a imagem da deusa Inanna de Kabalbarru "tão alta quanto o céu".
 Ele construiu o estrado principal de Enlil na Babilônia.
 O grande muro de Igi-hursag.
 No ano seguinte ao "muro de Igi-hursag"/ trono de Meri.
 O muro da cidade Bazu foi construído.
 A estátua do rei Hamurabi (concedendo) justiça.¹³²

¹³² *“Uruk and Isin were conquered.*

Chegando ao tempo dos gregos clássicos, a cronística ainda apresentará seu compromisso do registro para a posteridade, mas ainda contendo estes traços de exaltação ao monarca e de misticismo. Os indícios de que se dispõe é que textos parecidos com as crônicas começam a ser produzidos na Grécia no período helenístico, cujas obras acredita-se terem sido uma espécie de história local ou cívica, chamadas inicialmente de *ωροί* (*horos*). Implicava num relatório anual com enfoque mais genealógico e geográfico, se comparado aos contos mitológicos anteriores, embora não os abandone totalmente (*Ibidem*, p. 80). Escritos em Jônia, do início ao meio do século V a. C., o mais antigo *horos* atestado foi provavelmente escrito por Caronte de Lampsacus, embora ele tenha sido datado em 400 a. C.. Era chamado de *Ωροι Λαμψακηνων* (*Horos dos Lampsacenes*) e foi composto em quatro livros, sendo desenvolvido posteriormente por Hellanicus de Lesbos (em *Αττική Ξυγγραφή*, *História da Ática*), Philorochus em 260 a. C. e Dionísio de Halicarnassus. Estes escritos não são considerados “crônicas” (chamados de *atthis*) no sentido que investigamos aqui, embora se ocupassem de fazer algum registro dos fatos que ocorriam, mas iniciam a tradição na Grécia Antiga da valorização da história.

Demétrio, do qual se tem poucas informações, a não ser algumas trazidas pelo Mármore de Paros, de 264 a. C., apresenta uma relato sobre política, ações militares, história religiosa e intelectual, que começa com o mitológico rei Cé crops, tratado no texto como o primeiro rei de Atenas (como ele estava na *História da Ática*

The country Emutbal.

The canal (called) Hammurabi-hegal (was dug).

Army and inhabitants of Malgia were crushed.

He (Hammurabi) conquered Rapiqum and Shalibi.

He constructed a throne for the goddess Sarpanit.

A copper stand for a royal statue.

He constructed a throne for the goddess Inanna of Babylon.

The seven statues.

He constructed the throne of the god Nabium.

He made the image of the goddess Inanna of Kabalbarru “as high as the sky”.

He constructed the main dais for Enlil in Babylon.

The big wall of Igi-hursag.

The year following “The wall of Igi-hursag”/ The throne of Meri.

The wall of the town Bazu was built.

The statue of Hammurabi (as) king (granting) justice” (PRITCHARD, J, B., apud BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 72). No segundo Império Babilônico, estabelecido entre os anos 636 e 539 a. C. foi composto, segundo a pesquisa dos especialistas estadunidenses, *The Religious Chronicles*, em que se relata a ocorrência de fenômenos naturais sendo interpretados como ações de deuses, entidades fantásticas, presságios ou sinais (*Ibidem*, p. 299).

de Hellanicus), sendo considerada o primeira crônica grega ¹³³. O Mármore de Paros contém dados sobre “figuras mitológicas conhecidas” (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 84) e sobre reis importantes, particularmente os da Macedônia, Siracusa e Pérsia. Também se refere aos fundamentos das principais cidades, importantes batalhas e eventos políticos geralmente com as datas e, às vezes, com informações biográficas sobre nascimentos e mortes (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 84). Eis um trecho do importante achado arqueológico e literário que fala sobre o mítico rei Cécrops:

Fragmento A

De todos os tipos de registros e histórias gerais, produzi um cronológico registro do passado, começando com Cécrops, o primeiro rei de Atenas, até o arcontes [...] em Paros e Diognetus em Atenas (264-263 a. C.)

Cécrops tornou-se rei de Atenas e o país foi chamado Cecrópia, tendo anteriormente chamado Ática de Acteu, que era natural (da região) 1318 anos atrás. (1581-1580 a. C.)

Deucalião tornou-se rei perto de Parnaso, em Licória, quando Cécrops era rei de Atenas há 1310 anos. (1573-1572 a. C.)

Houve um julgamento em Atenas entre Ares e Poseidon sobre o filho de Poseidon Halirrótios e o local (do julgamento foi chamado de Monte de Ares (areópago) 1268 anos atrás, quando Cranaós era rei de Atenas. (1531 a 1530 a. C.)

Houve uma inundação no tempo de Deucalião, e Deucalião fugiu da inundação de Licoreia a Cranaós em Atenas, construiu o templo do Zeus Olímpico e fez agradecer ofertas por sua libertação 1265 anos atrás, quando Cranaós era rei de Atenas (1528-1527 a. C.).¹³⁴

Eratóstenes (c. 285–194 a. C.), chefe da Biblioteca Alexandrina em c. 245, conta-se entre os principais desenvolvedores do gênero. Por volta de 222 a. C. ele compôs a primeira cronologia universal detalhada e cuidadosamente pesquisada da

¹³³ “In other words, the Parian Marble may be the earliest Greek chronicle, to survive in its original form.” (*Ibidem*, p. 85).

¹³⁴ *Fragment A*

“From all types of records and general histories I have produced a chronological record of the past beginning with Cecrops, the first king of Athens, down to the archons [...] in Paros and Diognetus in Athens. (264–263 BC)

Cecrops became king of Athens and the country was called Cecropia, having previously been called Actica from Actaeus who was a native (of the area) 1318 years ago. (1581–1580 BC)

Deucalion became king near Parnassus in Lycoria when Cecrops was king of Athens 1310 years ago. (1573–1572 BC)

There was a trial in Athens between Ares and Poseidon over Poseidon’s son Halirrhothius and the location (of the trial) was called the Hill of Ares (Areopagus) 1268 years ago, when Cranaus was king of Athens.) (1531–1530 BC)

There was a flood in the time of Deucalion, and Deucalion fled the inundation from Lycoreia to Cranaus in Athens, built the temple of Olympian Zeus, and made thank offerings for his deliverance 1265 years ago, when Cranaus was king of Athens. (1528–1527 BC)” (*Ibidem*, p. 301).

história grega, que chamou *Περὶ χρονογραφίων* (*Escritos dos Tempos*) (*Ibidem*, p. 86). Começou sua cronística com a Guerra de Tróia, que situou no anos que chamaríamos de 1184-1183 a. C. (860 anos antes da morte de Alexandre em 323 a. C. e 407 anos antes da primeira Olimpíada, de 776 a. C.). Usou os Jogos como um sistema cronológico unificador, e em sua opinião, tudo antes da Guerra de Tróia era fundamentalmente mítico e a história só poderia ser considerada precisa após a primeira edição do evento tornando-se pioneiro na separação entre história que se pretende ser o relato de fatos “reais” e mitologia. Com sua pesquisa, Eratóstenes foi considerado parâmetro com o qual cronistas equilibram suas obras.¹³⁵ Seu notável sucessor Apolodoro (c. 180-120 a.C.) foi um cronógrafo que usou a biblioteca alexandrina e a de Pérgamo para pesquisar sua *Χρονικα* (*Crônica*), baseada em Eratóstenes, em que volta a incluir a mesma mistura de mitologia e material histórico, como vimos nas crônicas do Oriente Próximo e anteriormente nas obras cronográficas gregas. Seu modelo foi seguido à risca por escritores como Flégon de Tales, Plutarco e outros que lhe sucederam a ponto de o gênero ser chamado, a partir dele, de *Χρονικα*¹³⁶. Por fim, temos Cassio Longino (ou *Cassius Longinus*), que se inscreve como o último cronista grego pagão, trabalhando entre 253 e 268 d. C., e também tendo como base a Olimpíada e provavelmente o caráter mítico e religioso que se dava às competições esportivas.

Quanto à produção historiográfica latina, a evidência mais antiga vem do fim da República, quando as crônicas gregas de Apolodoro se tornaram mais conhecidas em Roma para servir-lhes de base e inspiração. O republicano e biógrafo Cornelius Nepos (c. 110–24 a. C.) e o amigo de Cícero, T. Pomponius Atticus (110–32 a. C.), foram os primeiros a escreverem obras cronológicas, imitando a *Χρονικα*. A *Chronica* de Nepos era uma crônica universal em três livros, provavelmente escritos no início dos anos 50 a. C. ou antes, enquanto que o *Liber Annalis*, de Atticus, era uma crônica da história romana em um livro, escrito entre 50 e 46. O cunho mítico e aristocratizante da escrita foi amplamente herdado dos gregos. Assim como a vultuosa *Eneida*, de Virgílio, se pretende ser a história de

¹³⁵ “*Eratosthenes’ work gave the chronicle respectability and authority within the Greek intellectual world, and his chronology became the yardstick against which all later Greek chronologies were measured*” (p. 87).

¹³⁶ “*This was so much so, in fact, that its title, (...) “chronicle”, was used by many other authors and it eventually became the generic term for that kind of history*” (*Ibidem*, p. 89).

fundação de Roma, a cronística, indissociada da intervenção dos deuses gregos romanizados discorre os fatos sob esta visão, carregada de superstições e ocorrências estranhas, sem nenhuma explicação senão pelo misticismo e credence,¹³⁷ o que nos leva diretamente ao advento do cristianismo que passa, na história da cronística ocidental, a interpretar a História sob seu crivo ainda na Roma politeísta.

Em trechos da consularia romana já lemos relacionado o nascimento, morte e ressurreição de Jesus Cristo, martírio dos apóstolos Pedro e Paulo, a fundação da igreja de Constantinopla, a morte de Augusto Juliano, lida como consequência de sua apostasia, uma terrível chuva de granizo como mandada por Deus, e outros acontecimentos da história cristã considerados também como história geral.¹³⁸

Por grande influência de cronistas tardo-antiquistas, como Jerônimo e Eusébio de Cesareia, se desenvolve a escrita com intensão histórica na Idade Média. A partir do sétimo e oitavo séculos ocorre um novo desenvolvimento historiográfico, em narrativa, uma variação do gênero antigo que será chamada de "epítome" que já explicamos anteriormente, cujos principais responsáveis foram Isidoro de Sevilha, na Hispânia, e Beda, o Venerável (672-735), no mundo anglo-saxão, com seus trabalhos *De temporibus* (703) e *De temporum ratione* (725). A

¹³⁷ "To supplement these basic items, the compiler includes a variety of other information about each emperor, where available, usually building projects, but also disasters like riots and collapsing amphitheatres and oddities like the birth of a piglet that looked like an elephant. (...) As a subgenre, it played to a public fascination with the 'tabloid' aspects of history: monarchy, money, death, disaster, and the bizarre" (p. 97).

¹³⁸ "Sex. Pompeius, Sex. Appuleius (14)

Augustus for the third time and Tiberius Caesar conducted a census.

4,100,937 Roman citizens were enumerated. Augustus died on 19 August.

Drusus Caesar, son of Tiberius; C. Norbanus (15) (...)

Octavian XIII and Silanus (2 BC)

In this consulship Christ was born on 25 December.

Rufus and Rubellio (29)

In this consulship Christ suffered (death) on 23 March and rose (from the dead) on the twenty-fifth of the same month.

Nero III and Messala Corvinus (58)

In this consulship Peter and Paul suffered (death) on 29 June.

Marius and Gallus (62) (...)

Constantius X and Julian III (360)

In this consulship the <Great> Church was dedicated in Constantinople on 16 February.(...)

Augustus Julian III and Sallustius (363)

In this consulship Augustus Julian was killed during the Persian war on

26 June and, since he had become an apostate from God, a persecutor of the Christians was killed as well

and the most Christian Jovian was proclaimed augustus on 27 June" (*Ibidem*, p. 317, 319, 320, 321, 324).

diferença entre estes dois mestres da cronística medieval está no protagonismo dado a Roma como depositária da cultura ocidental. Em outras palavras, para Beda, “a história era cristã, e os imperadores de Roma eram apenas mais um conjunto extinto de governantes seculares em um mar do tempo cristão”.¹³⁹ A centralidade da história pré-cristã está nos povos para os quais escreveu o Venerável, irlandeses, anglo e saxões, servindo-lhe, portanto de ecoante modelo de escrita histórica para a famosa *Anglo-Saxon Chronicle* (séculos IX a XII), narrativa dos povos ancestrais do atual Reino Unido, em língua vernácula.

Feito um caminho da cronística ocidental chegamos, por fim, à época da produção em Portugal do herói arturiano D. Nun’Álvares Pereira, que reproduzirá a tradição do gênero de, através do relato histórico, exaltar os valores monárquicos, religiosos e guerreiros, incutindo-os como ideais. O modelo *princeps* da escrita histórica lusitana foi a castelhana *Primeira Crônica Geral da Espanha* (entre 1260 e 1274), de Afonso X, enaltecadora das armas cristãs na Reconquista, que resultou numa releitura portuguesa chamada de *Crônica Geral da Espanha* (1344), de D. Pedro Afonso, conde de Barcelos, a obra inauguradora do gênero no país e que “suscitou várias celebrações das memórias do triunfalismo cristão hispânico” (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 173). Já no produtivo século XV surge a *Crônica de Portugal de 1419* ou *Crônica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, mas sendo eclipsada pela escrita de Fernão Lopes com suas *Crônica de D. Pedro* (1434), *Crônica de D. Fernando* (entre 1436 e 1443) e *Crônica de D. João I*, Partes I e II (1449),

adaptando-se aos interesses e ao posicionamento peninsular da recém-fundada dinastia de Avis, e na sequência da Crise de 1383-1385, de uma guerra em que o país se opusera pelas armas à anexação castelhana (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 174).

Mesmo havendo intenção de “*escprever verdade, sem outra mestura, leixamdo nos boões aqueeçimentos todo fingido louvor, e nuamente mostrar ao poboo, quaaes quer comtrairas cousas, da guisa que aveherõ*” (LOPES, 1977, p. 2), objetivo que consegue, no que diz respeito a retratar o povo como personagem ativo

¹³⁹ “For Bede, history was Christian, and Rome’s emperors were just one more defunct set of secular rulers in a sea of Christian time” (*Ibidem*, p. 207).

e influente,¹⁴⁰ perpassa em sua obra o reforço de um poder monárquico messiânico (“*O Mexias de Lisboa*”¹⁴¹), da religiosidade como regente da história e exaltação do heroísmo cavaleiresco em batalha. Lemos bem representada a defesa dos valores descritos acima no trecho da *Crônica de D. João I, Parte I* a seguir:

E, sendo todos assi aguardando, cada uÿs em seu logar, pareceu a gente del-Rei da parte aalem de Gaia, per u el avia de viir, e os batés que andavam saleando pelo rio forom logo ali muito prestes cm grandes apupos e tanger de trombetas, mostrando grande lidice, antre os quaes era uÿ fermoso e grande batel ricamente corregido e toldado, em que el-Rei avia de passar. E, como el-Rei entrou com esses fidalgos, e das outras gentes quantas caber poderom naquel e nos outros batées, começaram todos a vogar ao longo do rio; o del-Rei diante, muito apendoado, e outros todos detrás, que era gram prazer de ver. E aa porta de Miragaia u estavom atendendo, como dissemos, saio el-Rei em terra per ùa larga e espaçosa prancha, u o beijar de mão e “mantenha-vos Deos, senhor” era tanto, que nom podiam aver vez de comprir suas vontades (LOPES, 1960, p. 84).

A cena reflete a grande popularidade gozada pelo Mestre de Avis ao ser o condutor da vitória portuguesa sobre Castela na célebre batalha de Aljubarrota. O povo o saúda fervorosamente e com grande reverência como o rei guerreiro que os livrou da dominação estrangeira. Ele teria sido guiado por Deus no triunfo e se pede com altos clamores a este mesmo Deus, que faça durar o reino do Mestre durante longo tempo. Vemos então fortalecido o poder do rei, na medida em que se revela com autoridade firmada pelo povo para governar, a invocação de Deus, como demonstrativo da influência da religião cristã na história e o valor cavaleiresco, pois a vitória só foi obviamente consumada pela luta armada.

Esta Idade Média “crepuscular” será particularmente rica em produção cronística em Portugal, o que faz ser relativamente extensa qualquer lista das crônicas que foram escritas neste tempo, entre traduções e trabalhos nacionais¹⁴².

¹⁴⁰ “A sua **originalidade** residiria, isto **sim**, na atitude crítica que assumia diante dos fatos, procedendo ao confronto, seleção e discussão das fontes, privilegiando as documentais, numa concepção ampla do processo historiográfico, que se faz notar inclusive na importância atribuída ao elemento coletivo na narrativa” (MALEVAL, 2010, p. 63, *grifos da autora*).

¹⁴¹ “*Os gramdes aa primeira escarneçemdo dos pequenos, chamavõ-lhe poboo do Mexias de Lixboa, que cuidavom que os avia de rremiir da sogeiçõ delRei de Castella*” (LOPES, 1977, p. 75; sublinhamos).

¹⁴² O fecundo século XV, quando se inicia era “além-mar” portuguesa, emoldura a produção de muitas crônicas, via de regra com o intuito da “glorificação cavaleiresca e senhorial”. Rui de Pina (1440-1522), substituto de Zurara como cronista-mor do reino foi autor de extensa obra: crônicas do reis de Portugal do D. Sancho a D. Afonso IV e de D. Duarte, D. Afonso V e D. João II. Frei João Álvares (c. 1406-1490) contribuiu com seu *Tratado da Vida e Feitos do Muito Virtuoso Senhor Infante D. Fernando* ou *Crônica do Infante D. Fernando* (entre 1451 e 1460) juntamente com os frades mendicantes e os cônegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra (os crúzios), com a *Crônica da*

Além da composição da obra que nos serve de *corpus* nesta pesquisa, a *Crónica do Condestabre* (entre 1431 e 1433), de autoria anônima, temos como as mais influentes a *Crónica da Tomada de Ceuta* ou *Crónica de D. João I, Parte III* (1450), *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné* (1453), *Crónica do Conde D. Pedro de Menezes* (1463) e *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes* (1468), da instrumentalidade do sucessor de Fernão Lopes como cronista-mor do reino, Gomes Eanes de Zurara. Este, ainda sob o signo da “glorificação cavaleiresca e senhorial”, promove um passado nacional laudatório na figuração das conquistas ultramarinas “exaltando como modelo do espírito cruzadístico que então alimentava a política expansionista da coroa portuguesa” (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 174). A título de representação, apresentamos um trecho da *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes* que contém todos aqueles elementos que destacamos da tradição da cronística ocidental:

Muytos certo vos são obrigados porque ajnda que os feytos de cepta sejaõ assaz de resentes depouys que eu vi a coronica que vos delles escreuestes: a muytos fiz onrra e merçe com melhor vontade por ser çerto dalguns boons feytos que la fizeraõ por seruiço de Deos e dos Reys meus antecessores e meu, e a outros por serem filhos daquelles que laa asim bem seruiam do que eu naõ era antes entaõ comprido conhecimento, e creo que naõ menos sera aos que depouys de min vierem quando virem ho que aueys descreuer dos feytos de Alcacer, e se alguns merecem glorya por yrem a esta terra por seruirem a Deos e a mim e fazerem de suas onrras” (ZURARA, 1978, p. 42).

A incursão a Ceuta, território marroquino ao norte da África e primeira tomada portuguesa ultramarina, foi retratada como “*seruiço dos Reys*”, num ato de sujeição às suas ordenanças e ao projeto de expansão territorial por isto ser honroso e como “*seruiço de Deos*”, pela ideologia cristã combativa contra os chamados “infiéis”, construída desde o século III. Há, portanto, no relato cronístico de Zurara, sistêmica atribuição de razão divina aos atos do rei de invadir e dominar, importando ressaltar ainda que “deixa de fora em contraste com Fernão Lopes a quase totalidade da realidade nacional”. O cronista recebe tal crítica por justamente dar este viés excessivamente aristocratizante em sua produção pois

Ordem dos Frades Menores (1470) e os dominicanos, com a *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, de Aveiro, que escreveram sobre a história dos mosteiros. Ao cabo, inscreve-se nesta listagem breve Duarte Galvão (1445-1517), instado pelo rei D. Manuel I a revigorar o sentimento pátrio, autor da *Crónica de D. Afonso Henriques* (1505) e Cristóvão Rodrigues Acenheiro (1474-1538), com sua *Crónica dos Reis de Portugal*, de 1537.

unilateralmente deu lugar a essas deformações de perspectiva, como a que consistiu em ver no Infante D. Henrique, seu protector, a causa única dos Descobrimentos, deixando na sombra outras personagens individuais ou institucionais, circunstâncias, antecedentes e motivações que certamente contribuíram para a grande empresa (SARAIVA, LOPES, 2001, p. 138).

Destas crônicas entusiásticas da arte belicosa em favor de Deus, do rei e da pátria, assim sendo, temos a *Crônica do Condestabre*, sendo a primeira vida de fidalgo na história da literatura portuguesa (MALEVAL, 2012, p. 446), que elege um herói com os atributos requeridos de um bom combatente de Cristo. Passamos, então, a esboçar os elementos histórico-biográficos que constroem D. Nun'Álvares Pereira como guerreiro modelar cristão.

2.2 D. Nun'Álvares Pereira: a época e o homem

“Este, per contrario, assi no temporal come spiritual, vivo e depois da morte, sempre foi avudo em grande reverença de todo o pôvoo” (LOPES, 1960, p. 80).

O Condestável seria venerado não apenas como santo religiosamente, mas como grande herói de guerra no meio secular a quem se deveu a independência na Batalha de 1385 contra os castelhanos. Tem-no por verdadeiro exemplo de combatente o próprio Exército Português, que o homenageou fazendo referência às suas qualidades em batalha. Nun'Álvares é padroeiro do Regimento de Infantaria nº 2 do Exército Português, cujo brasão traz as Armas da família Pereira, “que de Abrantes se encaminhou para Aljubarrota”¹⁴³ e da galeria de heróis portugueses onde ele figura usaram o verso camoniano para o brasão da Brigada de Acção Rápida “SE FIZERAM POR ARMAS TÃO SVBIDOS” (CAMÕES, 1980, I, 14) e na insígnia do Grupo de Altas Metralhadoras está escrito “CAVALEIROS A QUEM NENHUM SE IGUALA” (CAMÕES, 1980, IV, 37), se tratando do exército de D. João I, o Mestre de Avis, ao qual pertencia o Pereira como comandante¹⁴⁴. O cavaleiro também é padroeiro secundário do Patriarcado de Lisboa da Ordem Carmelita, na Ordem dos Carmelitas Descalços e do Corpo Nacional de Escutas – Escutismo

¹⁴³ *Heráldica do Exército Português*. Disponível em <<https://heportugal.wordpress.com/2016/04/27/regimento-de-infantaria-no-2/>> Acesso em 06/08/2020.

¹⁴⁴ Apresentamos no colóquio “Um dia de Camões 7”, realizado na Uerj no dia 7 em novembro 2018, uma comunicação intitulada *A leitura de Os Lusíadas, de Luís de Camões, como instrumento ideológico na heráldica do Exército Português do século XXI* na qual expusemos o uso militar de versos da epopeia lusa alguns deles, como mostrado, glorificando a figura militar de Nun'Álvares Pereira.

Nacional Português. Beatificado no dia 23 de janeiro de 1918 pelo Papa Bento XV, teve o culto nacional inaugurado a 23 de novembro de 1919 e finalmente, foi canonizado no dia 26 de abril de 2009 pelo Papa Bento XVI, e, segundo este último pontífice, ele foi “um exemplo de que é possível manter os valores religiosos mesmo em uma situação militar”¹⁴⁵. A lista de homenagens, menções e demonstrativos da honra dada pelos portugueses ao Condestável é por demais extensa, e exigiria, sem dúvida, uma pesquisa à parte, dada a importância deste personagem na história lusitana.¹⁴⁶

¹⁴⁵ *Bento 16 canoniza herói nacional de Portugal*. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/04/090426_papasantoportugues_np.shtml> Acesso em 06/08/2020.

¹⁴⁶ O principal responsável pela vitória que estabeleceu a dinastia de Avis no poder e que inaugurou outra que viria depois, a dos Bragança, foi reverenciado durante os séculos que se seguiu depois de sua morte pelo país que defendeu. Segundo Mendes dos Remédios, o elaborador da edição da *Crónica dos Condestabre* de 1911, o rei D. Duarte, sete meses após a morte de Nun'Álvares, “mandou colocar junto do tumulo uma lampada de prata aqui e acolá, [onde, grifo nosso] erguiam-se altares e imagens e celebravam-se missas...” (*Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, 1911, Prefácio, XLV). Ernesto Castro Leal no seu artigo *Nun'Álvares – Simbolo e Mito nos séculos XIX e XX* esboça a eleição do Condestável como símbolo cívico e religioso volta e meia tomado para finalidades político-ideológicas. O autor mostra que alguns anos depois da sua morte, por volta de 1460-1470, Nun'Álvares já tinha culto na Ordem dos Carmelitas Calçados, por iniciativa de D. Afonso V. (LEAL, 2000, p. 144). Mais adiante, Portugal, em 1868, assiste ao crescimento de um sentimento iberista contra o qual se invoca o exemplo cavaleiresco de Nun'Álvares. Publicou-se no periódico *Aljubarrota*, “jornal semanal anti-ibérico dedicado ao Povo Português”, uma série de oito artigos sobre “Casos da vida do condestável D. Nuno Alvares Pereira”, que demonstrava uma leitura enaltecadora do guerreiro cauteloso e eficaz e de santo abnegado e contemplativo (*Ibidem*, p. 152). Nos primórdios da 1ª República a convergência dos católicos com os monárquicos em torno do culto cívico a Nun'Álvares revelou um sentido claro de resistência político-religiosa à prática vigente de republicanização laicista do Estado e da sociedade e a partir de agosto de 1920 uma nova liturgia cívica se desenvolveu. Na sessão nº 115 do Senado, a 3 de agosto de 1920, um projeto de lei do senador cónego José Dias de Andrade intentou instituir anualmente uma festa nacional em honra de Nuno Alvares Pereira, no dia 14 de agosto, que foi embarreirada pelos republicanos, mas sendo realizada informalmente através de peregrinações e romarias: “A Cruzada segue o seu Patrono. Nun'Álvares, antes de ferir a batalha de Aljubarrota, acampou em Fátima e ali ajoelhou e orou (...). O projeto se chocava com a laicização da sociedade portuguesa pretendida pelo partido da República” (p. 146). A Igreja ainda instituiria o 5º Centenário da Morte de Nun'Álvares Pereira, celebrado a 1º de novembro de 1931 que se desenvolvia para “constitucionalizar um Estado de matriz nacionalista, autoritária, conservadora e católica”. (*Ibidem*, p. 178), demonstrando sua forte influência em questões no meio secular. Por fim, foi celebrado o 6º Centenário do Nascimento de Nun'Álvares Pereira, que, junto com a comemoração do 5º Centenário da Morte do Infante D. Henrique, em 1960, o Estado Novo salazarista “envolveu fortemente o seu projecto político-simbólico de Portugal-império”. Destaque para a fala da Pastoral Colectiva do Episcopado Português de Junho, que ressaltou a importância do Condestável, ao dizer que ele foi o “primeiro no friso dos guerreiros”, o “cavaleiro invencível e cristão exemplar” e uma “figura inalterável no processo de ascensão” (*Ibidem*, p. 179). No dia 6 de novembro de 2016, o presidente de Portugal Marcelo Rebelo de Sousa inaugurou no Restelo, em Lisboa, uma estátua em homenagem ao Nun'Álvares e discursou nestes termos: “Três palavras apenas neste momento auspicioso em que Lisboa finalmente acolhe para sempre a imagem de quem foi decisivo na nossa história como estado independente no concerto das nações (...) pelo seu contributo, pelo seu talento como inexcédível alguns tecidos foram determinantes para que aqui estivéssemos hoje. Segunda palavra para invocar aquele que singelamente como comandante militar garantiu a preservação da nossa independência e revolucionou o que chamaríamos nos nossos dias uma estratégia militar do mesmo passo abrindo

O mundo que emoldura a vida de Nun'Álvares Pereira é caracterizado por agitações que marcariam a história da Europa para sempre e abririam as portas para a Modernidade, que expandiu para o restante do globo sua cultura e domínio através das Navegações. A fome grassa no Velho Continente em 1315, causada pelas “Dificuldades na aplicação de fertilizantes, de maneira que a camada superior do solo era rapidamente exaurida” e por

enchentes e tempestades de poeira frequentes [que] complementam o rol das manifestações de um equilíbrio ecológico precário que incidiam sobre os limites de uma técnica cuja evolução se processava de forma relativamente lenta. (LEMES, 2014, p. 241, *grifo do autor*).

E a terrível peste negra (1347-1350) dizima quase metade das populações italiana, francesa e inglesa, causando, além da perda de milhares de vidas, gravíssima crise econômica já arraigada pelo surto de fome anterior. Ocorre, portanto, considerável escassez de mão-de-obra nos campos europeus, comprimindo a produção dos víveres, mais ainda necessários naquele período de carestia:

Devastado pela peste, o reino sofria da escassez permanente de mão-de-obra, o que impulsionava para o alto o valor dos soldos pagos ao camponês. Como diz a circular, apenas se sujeitavam (os camponeses) ao trabalho, “se Ihis derem quanto eles *quyzerem*” (LEMES, 2014, p. 247).

Conflitos armados nesta era pós-cruzada contribuem para pintar o quadro funesto deste período, inflamando o ardor cavaleiresco. A Guerra dos Cem Anos (1337-1453), que opunha Inglaterra e França com seus “desastres franceses” e “sublevações camponesas” (LOYN, 1997, p. 430), promovera grandes massacres de

caminho à história moderna, (...), tendo ainda o desprendimento do tal [serviço, teve] ambição suprema de se despojar dos bens terrenos para se dedicar ao mais humilde serviço dos outros na caminhada que o definiu para eternidade. O comandante militar cedo ficou com mérito inteiro herói de Portugal, o monge servidor dos demais, séculos volvidos viria a ser definitivamente canonizado pela Igreja Católica, caso singular este de um excelso chefe militar merecer ser santo e de um venerado santo ter sido chefe militar. Terceira palavra, para testemunhar em nome de todos os portugueses o pleno reconhecimento a batalhador e vencedor pela nossa independência e ao desprendido solidário com os pobres da urbe daqueles tempos. Que as preces dos crentes de São Nuno, que são muitos, acompanhem Portugal em todos os instantes na sua incansável labuta pela identidade nacional (...). E sobretudo, que a eterna gratidão de todos os portugueses que são muitos mais, crentes ou não crentes. Crentes da mais diversas fés recordam com profunda admiração e profundo incentivo à ação, o seu exemplo de patriota fez uma pátria que a fez pelas armas e pela doação comunitária (...).” (*Cerimônia de inauguração da Estátua de D. Nuno Álvares Pereira*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=S_SXYAkp34w&ab_channel=Presid%C3%A4nciadaRep%C3%BAblicaPortuguesa> Acesso em 08/09/2020.

ambas as partes. Dá-se ainda a revolução inglesa de 1381 e os levantes urbano-urbanos, tais como o marítimo de Flandres (1323 – 1328) e a *Jacquerie* francesa, aliada ao movimento urbano de Étienne Marcel, em Paris. Os movimentos urbanos de revolta anti-senhorial e anti-feudal, citam-se, entre outros, o de 1302, em Bruges, Ypres e Gand, o dos *Ciampi*, em Florença (1378) e o de Colônia, no final deste século.

No campo político-religioso, sucede o Grande Cisma do Ocidente, onde se confrontam mais uma vez Inglaterra e França, aliados respectivamente do papado de Roma (Urbano VI) e do papa cismático de Avinhão (Clemente VII), eleitos em 1378 e rachando o poder da Igreja por “motivos de natureza política” (p. 412). O impasse influenciará diretamente na Crise de 1383-85, pois o embate será lido como “guerra santa”, na medida em que “os portugueses ‘verdadeiros’ se colocam com a Inglaterra ao lado do papa de Roma, ao ficarem contra Castela, partidária, com a França, do papa de Avinhão” (MALEVAL, 2012, p. 39). Defendendo o Mestre de Avis e direito deste ao trono português, o jurisconsulto João das Regras, segundo Fernão Lopes, conclama à luta de cunho religioso e nacionalista em defesa do cristianismo romano:

Pois avermos nos de tomar çismatico imfiell herege por nosso rei e senhor, que o direito e nosso senhor o Papa deffemde! – Nom queira Deos que tall erro passe per nos; mas deffendamos nossa terra, que justamente podemos fazer; e nehuu presuma per erronia e imdiscreta cuidaçom, o contrairo desto aver de seer feito (LOPES, 1977, p. 352).

O conflito é sanado no Concílio de Constança com a eleição do cardeal Colonna, em novembro de 1417, como papa Martinho V, que reafirmou a liderança pontifícia reunificando a Igreja sob o controle de Roma. Apesar da decisão e esforço no intento, “alguns elementos do cisma continuaram com algum apoio espanhol até meados da década de 1420” (LOYN, 1997, p. 413) constituindo-se, assim sendo, em mais um importante elemento histórico que contribui para a Reforma Protestante de 1517, como demonstrativo de um crescente questionamento dos ditames papais.

O componente econômico seria o ingrediente final deste tempo do Condestável. O nascimento do capitalismo, com a ascensão da burguesia, que seria um importante motivador das agitações europeias do século, provocaram, juntamente com outros fatores, eventos que culminam na Crise de 1383-85. Conforme defende Antônio Borges Coelho, ocorre em Portugal a “primeira revolução

burguesa nacional” (COELHO, 1965, p. 26), decretando o início do fim do feudalismo. As forças do empreendedorismo representadas, não necessariamente pelos nobres e mais ricos dos países, começam a formar a partir deste momento o segmento que ditará os rumos políticos. No caso de Portugal, o confronto com Castela ilustrou bem a proeminência do grupo que ascendia ao poder, pois do lado dos espanhóis ficou a alta nobreza portuguesa enquanto que os partidários do Mestre de Avis, liderados por Nun’Álvares Pereira, eram a “arraia-miúda”, ou seja, “os camponeses, os funcionários, os assalariados em geral, os mesteirais, os comerciantes, mas também uma pequena parte da nobreza” (MALEVAL, 2012, p. 37). Estes constituíam-se a maior representação nos Conselhos, pois era “possuidora de grande poder econômico e de maior poder financeiro que a própria nobreza” (CUNHAL, 1975, p. 47). Fernão Lopes mostra o apoio desta junta de burgueses lusitanos, que fora decisivo para a causa da guerra pela independência, no discurso do português Domingos Peres das Eiras, em resposta ao clamor do Mestre de Avis, através do seu emissário Rui Pereira:

e eu digo por mim e por todo este poboo que aqui esta, que nos somos prestes com boa voomtade de servir o Meestre, nosso Senhor, e fazemos todo o que ell mamdar por seu serviço e deffemssom do rregno. Ca ja ell seeria huu estranho que nos nom conheçeríamos, e quamdo sse ell desposesse a taaes trabalhos e perigoos por deffemder e emparar, nos o serviríamos com os corpos e averes; moormente seer elle filho delRei dom Pedro como he, e nom teermos outrem a quem tenhamos mente, senom a Deos e a ell; mui gramde rrazom he de nos fazermos qualquer cousa que sua merçee for, demais por deffemssom destes rreinos de quetodos naturaees somos. E porem ho ouro e prata e dinheiros e todo quamto teemos, todo faremos prestes pera tall negoçio; (...) E pera esto as naaos e barchas e gallees cõ todallas outras cousas que lhe fezerem mester, lhe ofereçemos de mui boa voõtade. De farinhas, carnes e pescados e vinhos que fezerem mester aa frota, de todo averees abastamento; e todallas gemtes da çidade que pera tall obra forem perteeçemtes, todas emtrarom em ella de mui boa voomtade; e porem vos poee pera esto rrequeredores quaaes vos quiserdes, e logo sera todo feito sem nenhuua mimgua (LOPES, 1977, p. 209-210).

Este, portanto, é o mundo que forja o Condestável, cheio de tramas políticas que culminam em aventuras, intrigas e guerra. Mas quem realmente foi D. Nun’Álvares Pereira? Antes de esboçarmos a construção cristã do cavaleiro, feita pelo autor anônimo de sua *Crónica*, é preciso passarmos pelos momentos mais importantes de sua história.

Nun’Álvares Pereira, nascido em 1360, era o décimo-primeiro filho de Álvaro Gonçalves Pereira, Mestre da Ordem do Hospital, com Eirea Gonçalves, que

“pertencia também à nobreza do reino, vivendo como tal na corte do rei D. Fernando” (*Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, 1911, *Prefácio*, XXIII) e retratada nas crônicas como “muito pia e austera”. O seu pai se destacou como guerreiro hábil tendo participado da Batalha do Salado (30 de outubro de 1340) como senhor da bandeira da Santa Cruz do Marmelar, símbolo da Ordem militar que representava também, no cerco de Algeciras (1342-1344) e no episódio da luta entre Afonso IV e seu filho Infante Pedro, quando intercede pela reconciliação de ambos e salva a cidade do Porto da cobiça do Infante. Além disso, Álvaro Gonçalves teria sido “instituidor e mantenedor de nobres, inclusive dos Infantes Castro e do Infante legítimo Fernando” (FERNANDES, 2009, p. 425).

O cavaleiro levaria seu filho à Corte para ser criado da casa do rei Fernando, onde seria armado escudeiro aos treze anos com o arnês do Mestre e pelas mãos da rainha Leonor Teles e, aos dezesseis anos, seu pai o faria casar com uma rica viúva Leonor Alvim (LOPES, 1977, p. 69), com quem começaria a construir seu patrimônio. Desta união nasceram dois filhos que morreram precocemente e uma filha, D. Beatriz, que, casada com D. Afonso I, fundaria a dinastia de Bragança, regente em Portugal por 270 anos. Desde então o jovem Nun'Álvares permaneceria em suas terras no Entre-Douro-e-Minho até 1382, quando da terceira guerra fernandina contra Castela, momento em que seus talentos para a arte da guerra passam a ser notados. Gonçalo Mendes de Vasconcelos, o comandante daquela guarnição, falha na defesa dos arrabaldes de Lisboa e Pedro Álvares Pereira, que substituíra seu pai no Priorado da Ordem do Hospital, toma seu lugar. No entanto, é Nun'Álvares, que apareceria como combatente destemido ofuscando seu irmão.¹⁴⁷ A morte de seu pai (entre 1379 e 1380) lhe daria alguma autonomia e mais liberdade para pensar a guerra sob um ponto de vista mais criativo e o faz, entre ataques pouco convencionais, espionagem e escaramuças nos combates que iam surgindo, se aproximar do Mestre de Avis. Neste momento o país já se encontra mergulhado nas intrigas políticas causadas pela morte do rei D. Fernando, o casamento de D. Beatriz com D. Juan I, de Castela, e a iminente perda da independência de Portugal por conta disto. O assassinato do Conde Andeiro, acusado de ser amante da rainha

¹⁴⁷ “Nun'Alvrez, como esto vio, leixou seu cuydar em que hya e, nom se lembrando da cariegem que hya diante, e por o bõ desejo que levava na batalha e avia gram vontade de ganhar nome e honrra, outorgou'se-lhe o coração que era ho mestre de Santiago de Castella que ja vinha com sua batalha prestes” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 17).

D. Leonor Teles, mancomunada com os castelhanos para dar-lhes o território português, deflagra o clima de competição entre as facções. De um lado, a alta nobreza, encarnada nos Teles, Castro e Cunha e, do outro, nobres de pouca expressão e a “arraia-miúda”, com os quais Nun’Álvares e o Mestre de Avis se alinham. O cavaleiro despontava em meio a um contexto político extremamente acirrado.

A moderação para se tomar o poder na Lusitânia já tinha acabado com o assassinato do Conde Andeiro, mas a guerra aberta começaria mesmo com o cerco de Lisboa (26 de maio a 3 de setembro de 1384) pelo D. Juan I de Castela. Após articular com a rainha D. Leonor Teles e a alta nobreza portuguesa e prender o possível herdeiro do trono português, Infante D. João, filho do rei D. Pedro e Inês de Castro, o rei espanhol decide se apoderar de Portugal à força. Ele impõe uma severíssima condição de penúria sobre a cidade, cuja crueldade nas medidas de contenção da fome foi assim descrita por Fernão Lopes:

Em esto gastou-se a cidade assim apertadamente, que as públicas esmolos começaram desfalecer, e neña geeraçom de pobres achava quem lhe dar pam; de guisa que a perda comuñ vencendo de todo a piedade, e veendo a gran mingua dos mantimentos, estabelecerom deitar fora as gentes minguadas e nom pertencentes pera defenson; e esto foi feito duas ou tres vezes, ataa lançarem fora os mancebos mundairas e judeus eoutras semelhantes, dizendo que, por taes pessoas nom eram pera pelejar, que nom gastassem os mantimentos aos defensores; mas isto nom aproveitava cousa muito prestasse (LOPES, 1977, p. 67).

Uma gravíssima epidemia, contudo, arrefece o gana cavaleiresca castelhana e faz seu exército recuar, afrouxando o cerco. Milhares de combatentes espanhóis morrem acometidos da peste¹⁴⁸ que, aliada à ferrenha resistência portuguesa (“*E ela assi guarneçada contra ele [D. Juan I,] de gentes e d’armas com taes avisamentos por sua guarda e defenson!*”, p. 64, *grifo do autor*), contribuiu para o recuo temporário de Castela de assumir o país vizinho. Seria, porém, somente a primeira investida, pois, neste mesmo ano, trava-se a Batalha dos Atoleiros (6 de abril de 1384), nas regiões do Alentejo. Com uma guarnição de camponeses, Nun’Álvares Pereira derrota um “forte corpo de cavalaria castelhana” que mostrou a capacidade persuasiva e carismática do Condestável e a força da população local,

¹⁴⁸ “*Em agosto, a peste apparecera no arraial castelhano. Centenas de soldados e cavalleiros caíam prostrados pela cruel doença. Transferiu-se o quartel general para Almada, que se rendera, depois de dura peleja. Dias depois, adoecia a própria rainha*” (CORDEIRO, 1921, p. 7).

transformando-o “num herói popular” que “conseguiu mobilizar toda a força dos camponeses para a defesa do Mestre de Avis” (SARAIVA, 1981, p. 118). Em abril de 1385, reuniram cortes em Coimbra e, com a pressão dos representantes dos conselhos, aclamou-se o Mestre como rei D. João I:

- D'esta vez, meu senhor, o Mestre será rei a prazer de Deus, e peze a quem pezar!

As côrtes acclamaram immediatamente o novo soberano portuguez; mas os termos d 'essa acclamação mostram com evidencia o caracter da nova monarchia, que era um principado popular (MARTINS, 1893, p. 223).

E, na mesma ocasião, Nun'Álvares foi eleito Condestável, pelo que seria eternizado na história do seu país:

Enlegido o Mestre e alçado assi por Rei, falou-se logo que fizessem condestabre pera guerra em eram postos, segundo novamente fezera el-Rei D. Fernando, quando em seu tempo os ingreses veerom. E ordenou el-Rei que o fosse o seu mui leal e fiel servidor Nuno Álvares Pereira, avendo aaquel tempo vinte e quatro anos e nove meses e doze dias, conhecendo dêl que era d'honestos costumes e mui avisado nos autos da cavalaria (LOPES, 1977, p. 74).

Entretanto, o rei de Castela voltava a invadir o país com um numeroso exército, que encontraria seus adversários peninsulares em Aljubarrota no dia 14 de agosto de 1385. A estratégia ímpar de Nun'Álvares foi decisiva, não obstante ter inspiração nas guerras à moda inglesa¹⁴⁹. Do lado português 6.500, do lado castelhano 30.000. Fala-se numa disposição em forma de quadrado que teria emboscado as forças de D. Juan I, fazendo-o amargar essa ressonante derrota:

Creio que que realmente o gênio militar do Condestável conseguiu colocar o exército invasor numa verdadeira “ratoeira”. Ele pôs-se com os seus homens ali [Aljubarrota, num terreno de vale] onde hoje está uma capela de maneira a atrair sobre ele as força do inimigo e depois foi recuando. Os inimigos sempre atrás dele, mas com isso meteram-se entre duas grandes filas de besteiros e homens de pé que arremessavam. No fundo esses 4.000 homens de pé eram gente do campo, eram camponeses alentejanos e que todos arremessaram sobre a cavalaria castelhana os seus projeteis e isso fez com que os cavalos caíssem. Os cavaleiros ficam embaixo dos cavalos. Há confusão medonha. A primeira vaga do ataque acaba por se entregar aos portugueses. Já depois do sol há uma segunda vaga [...]. E lá

¹⁴⁹ “A superioridade portuguesa estava na justiça da sua causa, em estar a defender a sua terra e os seus bens, no uso de uma tática militar revolucionária, enriquecida com a experiência militar dos ingleses, alguns dos quais pelejaram e morreram nos campos de Aljubarrota” (COELHO, 1977, p. 114).

muito atrás está o rei [de Castela] com a maioria das forças e entre dois espaços estão essas alas de homens de pé que atiram sobre os combatentes.¹⁵⁰

O triunfo lusitano teve consequências políticas definitivas. A reafirmação da realeza do Mestre e a independência portuguesa foram, a partir daí, concretizados. Usando a mesma estratégia da última batalha, em 14 de outubro, arma o confronto de Valverde, onde Castela mais uma vez seria derrotada, embora a resistência espanhola tivesse sido mais renhida. A guerra arrastou-se por mais alguns anos, “limitada a campanhas fronteiriças de pequena envergadura” (SARAIVA, 1981, p. 119), mas nada que alterasse o resultado desenhado em Aljubarrota. A paz veio a ser assinalada em 1411 com a assegurada independência portuguesa e a inauguração da dinastia avisina, sob a qual viriam as Grandes Navegações e com elas o surgimento para o mundo do nosso Brasil.

Nun’Álvares é, então, recompensado por D. João I com vastas extensões de terras e condados, tornando-se um dos homens mais ricos da nação¹⁵¹ e, quando se estabeleceu a paz, quis entregar uma parte do que recebera aos que mais o tinham ajudado, fazendo-os seus vassallos:

Veêdo o condestabre que a guerra que el’rey avia com el’rey de Castella, por prazer a Deos, era em bõo ponto e todos seus feytos encaminhadoss com muito seu serviço e honrra, e conhecendo as muitas grandes mercees que de Deos avia recebidas, e esso meesmo de seu senhor el’rey pollo elle bem servir, e por dar guallardom aos cavalleiros e escudeiros que em sua companhia nas guerras andarom e o seguirom por serviço del’rey, partyo

¹⁵⁰ Declaração dada por José Hermano Saraiva no documentário “A Alma e a Gente – II #23 – O Santo Condestável”, porém os *grifos são meus*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wSjaPoRqNf8>> Acesso em 03/09/2020.

¹⁵¹ “Senhor amigo, Nun’Alvrez Pereyra, conde de Barcellos e d Ourem e d’Arrayollos e conde estabre por meu senhor el’rey de Portugall e seu moordomo moor, me envio encomendar em vossa graça” (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 168). Nun’Álvares, à 20 de agosto de 1335 em carta régia emitida de Santarém, veria confirmada e ampliadas concessões anteriores em detrimento da rainha Leonor Teles. Conde Gonçalo Teles. Conde Andeiro e o Infante D. Joao de Castro. Vila Viçosa. Borba, Estremoz, Evoramonte Portel, Montemor-o-Novo, Almada. Setúbal, Frelas, Unhos, Camarate, Colares, Reguengos e serviço real dos judeus de Lisboa, o Condado de Ourém, Porto de Mós, Rabaçal, Bouças, Alvaiazer, terra de Pena, terra de Basto com Arco de Baúlhe e terra de Barroso (AN/TT *Chancelaria de D. João I*, l. I. f. 82v -83). A 23 de agosto completam-se as doações com rendas e direitos de Guimarães, Ponte de Lima, Valença, Vila Real, Chaves, Bragança e Atouguia com seus termos (Idem, *ibidem*, l. I. f. 114) e em carta de 08 de outubro de 1385, recebe o Condado de Barcelos, ainda que parte dos bens recebidos em 23 de agosto constituam patrimônio deste Condado (AN/TT, *Chancelaria de D. Joao I*, l. I, f. 76). A 29 de agosto Vasco Martins de Melo consegue do rei uma revisão de parte desta doação ao feita ao Condestável visto alegação comprobatória de anterior doação régia àquele nobre (Idem, *ibidem*, l, I, f. 88) (FERNANDES, 2009, p. 432).

com elles as terras e rendas de que lhe el rey avia feita mercee (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 148).

O rei, no entanto, não o permitiu e fez recolher ao patrimônio da Coroa as terras doadas, temendo a crescente autonomia política e econômica de seus vassallos cavaleiros. Tal situação, portanto,

aguçaria a ambição dos outros nobres que passariam a defender uma emergencial recaptação patrimonial régia dos bens doados ao Condestável para fazer frente às necessidades inerentes aos três descendentes de D. João I já nascidos (FERNANDES, 2020, p. 64).

Os fidalgos guerreiros, então, são obrigados a devolver ou vender as terras recebidas do rei, que desencadeou um exílio em massa rumo à Castela daqueles que outrora combateram este mesmo país. Some-se como motivo de discordância entre o Condestável e seu rei a operacionalidade militar. D. João I defendia o cerco como estratégia legítima de guerra contrariamente às táticas de guerrilha que lograram êxito contra os espanhóis. Nun'Álvares apresenta suas razões de oposição aos cercos, alegando os altos custos financeiros de manter muitos homens e armamentos parados durante longo tempo, cujos soldos parcos levavam à corrupção. O risco de doenças e o baixo índice de conquistas efetivas seriam “ainda argumentos contrários à adoção do sítio como estratégia militar pelo Condestável” (FERNANDES, 2011, p. 64). O Comandante, após este episódio, pensa também em abandonar o reino, desgostoso com a postura de força do rei português, que o convenceu a permanecer. Ele administraria os condados durante toda a vida, apenas partilhados após o casamento de sua filha com o Duque de Bragança e a sua própria descendência fundida à casa régia para sempre:

E quando se quis apartar a servir Deos, em cujo serviço morreo, repartyo todas suas terras que tiinha em esta guisa : terra de Lousada e terra de Payva e terra de Tendaães e a vila d'Almadaa e as rendas de Loulle deu a sua neta a iffante dona Isabel, molher do iffante dom Joham; e o condado d'Ourem com todas suas terras da Estremadura e das que avia em Lixboa, e de seus termos, e os seus paaços de Lixboa a dom Affonso, seu neto; e o condado d'Arrayollos, com todollas terras e rendas que avia Antre Tejo e Udiana, deu a seu neto dom Fernando que he conde d'Arrayollos; e algũas terras e rendas que algũus delle tinham em prestemo deuihas que as ouvessem em sua vida e que aas suas mortes ficassem a seus netos naquellas comarcas honde eram (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 201).

Uma última missão ainda aguardaria o cavaleiro, embora já tivesse decidido se afastar da política por causa dos embates com D. Joao I. Em 1415, o rei de Portugal, à frente de uma expedição militar com 19.000 combatentes, 1.700 marinheiros e 200 navios (SARAIVA, 1981, p. 122) seguiu para a cidade de Ceuta, no norte da África. Este foi considerado o ponto inicial da política da expansão ultramarina, que marcaria o país para sempre como “nação navegante”. Nun’Álvares foi convocado para estar presente na empreitada, que aceitou de bom grado:

Mas, ao voltar ao Alemtejo, em Arrayollos, preparando os preliminares necessarios a este acto decisivo e ultimo. Veiu a ordem do rei chamai-o para a empreza de Ceuta. Esse ultimo episodio da sua vida militar, era, abertamente, o inicio de um Portugal diverso e inacessivel, a cujo nascimento assistira, e cuja semente inconscientemente lançara na gleba do tempo (MARTINS, 1893, p. 414).

Quando retorna da missão bem sucedida em Ceuta, Nun’Álvares deixa os assuntos temporais e sua enorme riqueza para ingressar no serviço religioso, fundando a Ordem dos Carmelitas no Convento do Carmo, e assumindo o nome de Irmão Nuno de Santa Maria, em 17 de agosto de 1422. O Condestável resolve se dedicar mais¹⁵² à caridade e à vida monástica na terceira fase de sua vida, conforme salienta João Gouveia Monteiro, em seu livro *Nuno Álvares Pereira – guerreiro, senhor feudal, santo: os Três Rostos do Condestável*¹⁵³ até a data de sua morte, que se deu provavelmente a 1º de abril de 1431.

¹⁵² “*Avia compaixom dos pobres e minguados, nom os leixando padecer injuria; e a sua larga mão sempre era prestes a dar onde quer que humanal honra ou spiritual proveito conseguia seu dom*” (LOPES, 1977, p. 78). “*Caridosissimo para com os pobres, nunca perdia ocasião de exercer esta virtude. A maior parte das suas rendas eram empregadas em alliviar misérias. Nem os próprios inimigos eram excluídos desse beneficio, como aconteceu, quando mandou alimentar á sua custa mais de quatrocentos castelhanos, por ocasião duma grande carestia. Depois de recolhido no Convento, a sua ocupação predilecta era distribuir esmolos aos necessitados. Mandou que uma grande caldeira, que antes servia para preparar o rancho aos soldados, fosse destinada a fazer todos os dias sopa, que elle mesmo distribuia á porta do Convento*” (CORDEIRO, 1921, p. 177).

¹⁵³ O livro é dividido em quatro capítulos. No primeiro, o autor contextualiza a criação da obra, bem como as limitações associadas a essa tarefa e os cuidados que devem ser tomados em relação às fontes utilizadas. Já no segundo, esforça-se para identificar os principais acontecimentos da vida do Condestável, relevando as suas origens sociais e demográficas, culminando especialmente na sua carreira militar (c. 1380-1415). No terceiro capítulo enfatiza a construção do seu vasto patrimônio, buscando encontrar uma relação entre a sua riqueza, a carreira política e militar e a relação de parceria com o Mestre de Avis. Por fim, no quarto capítulo, pontua a religiosidade do herói, enquadrando-a no contexto espiritual e mental que havia no Sul do território de Portugal, durante sua notável vida. O autor, ao pensar sobre a vivência religiosa e seu impacto na transformação social, sublinha que o religioso, na Idade Média, não era só um ato espiritual, mas também uma forma de imposição moral. A religião era primordialmente o norte e o método para se compreender o mundo. Possuidora de um “papel holístico”, a religião influenciava a moral, e a Igreja tinha um papel absolutamente central e ordenador na civilização medieval. Neste ínterim, Nun’Álvares Pereira, sendo

2.3 A *Crónica do Condestabre* e a imagem do defensor da cristandade

Ernesto Castro Leal, em seu artigo “Nun’Álvares símbolo e mito nos séculos XIX e XX”, traz a informação de que, em outubro de 1913, o diário *O Século* fez uma pesquisa com 29 membros da “elite republicana”, sobre a pergunta “Qual é a mais bela figura da História Portuguesa?”. A maioria (oito pessoas) votou no Condestável. Entre as justificações para a escolha, foi alegado que ele seria a

“velha alma portuguesa: fé, valentia, bondade, cavalheirismo” (Ferreira da Silva), o símbolo da “fé, amor da Pátria, sonho” (Ramada Curto), até aos que lhe atribuem uma grandiosidade que “paira sobre a Pátria” (Alfredo Pimenta) ou a qualidade de “génio das batalhas, símbolo da fé cristã” (Simões Raposo), de “puro” (Tomás da Fonseca), de “guerreiro” (Trindade Coelho), de exemplo de “lealdade e de patriotismo” (Sousa Pinto)” (LEAL, 2020, p. 147).

Considerado na mais alta conta pelos portugueses, Nun’Álvares foi elevado à categoria de sintetizador da alma nacional, coadunando-se nele valores como patriotismo, coragem, disposição e fé, valor que queremos ressaltar nesta pesquisa e que se manifestou através da luta armada. Passamos, então, a abordar a obra *princeps* que inaugurou a imagem de Nuno, marcando “o momento fundador da memória histórica e da memória mítica do cavaleiro e do religioso” (*Idem*, p. 149), concepção que vimos no resultado da pesquisa referida acima, que desbancou figuras como Luís de Camões, Infante D. Henrique, João das Regras, Soror Mariana, Afonso de Albuquerque, Marquês de Pombal, D. Dinis, e outros.

A primeira representação literária do “melhor cavaleiro de Portugal” (*Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*, 1972, p. 15) exprimiu-se na *Crónica*, de autor anônimo, talvez omitindo-se por humildade¹⁵⁴, publicada pela

um nobre e guerreiro, além do homem mais rico do reino a seguir ao rei, estava consciente das dificuldades acrescidas com que se depararia para conseguir acautelar a sua própria salvação, uma vez que acúmulo de riqueza era mal visto por Roma, que caracterizava quase sempre como avareza. Em segundo lugar, o Condestável vive num tempo marcado por mutações sociais, económicas e religiosas. Durante esse período, assiste-se ao surgimento de movimentos carismáticos medicantes, que pregavam o retorno à pobreza evangélica primitiva.

¹⁵⁴ “É por isso de crer que algum contemporâneo de D. Nuno Alvarez Pereira, companheiro em suas lides de guerra, testemunha ocular de suas façanhas heroicas fosse o autor da *Chronica*, na qual não quis deixar seu nome, que nada era, em frente do do seu heroe, que era tudo” (*Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, 1911, Prefácio, XII). Sobre as hipóteses da autoria da *Crônica*, vamos nos abster de maiores discussões sobre o tema, citando, no entanto, a questão da autoria de Fernão Lopes, citada em quaisquer estudos sobre esta obra. Segundo João Gouveia Monteiro, com base em Hernâni Cidade, afirma: “Creio, no entanto, que a questão se

primeira vez, segundo Adelino de Almeida Calado, a 6 de novembro de 1526 (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, VII), sendo escrita provavelmente entre 1431 e 1443 (LXXI).

As circunstâncias de composição são alvo de muitas pesquisas ainda sem conclusão. No entanto, temos que o manuscrito-base para a 1ª edição fora escrito “não muito depois da morte do Condestável” (MALEVAL, 2012, p. 112) “com ligeiras intervenções estranhas, entre 1461 e 1481” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, LXX) não se dispondo mais dele depois, pois fora perdido, segundo Calado, por serem substituídos pela edição em pergaminhos ou por serem “desmembrados em cadernos ou conjuntos de folhas distribuídos por vários oficiais para serem compostos simultaneamente” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, LXXI). De posse, portanto, do material, o editor francês Germão Galharde põe em prática seu projeto, possivelmente financiado pelo duque de Bragança D. Jaime (1479-1532), cujas hipóteses de Calado apontam que este teria fornecido, além do suporte de custeio da impressão e distribuição, “um manuscrito ‘antigo’ proveniente da Casa de Bragança, onde as interpolações já figurariam, podendo realmente ter sido introduzidas no período que referimos” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, LXVIII). O objetivo do nobre em apoiar o publicação estaria em receber “benesses espirituais”, já que o Condestável já

encontra virtualmente decidida desde a publicação do estudo de Hernâni Cidade intitulado *Fernão Lopes — é ou não o autor da “Crónica do Condestabre”?*. De facto, aquele investigador demonstrou, com argumentos não só de natureza estilística, mas também resultantes da confrontação do conteúdo de Partes dos respectivos textos, uns e outros bastante sólidos, que Fernão Lopes não pode ter sido o autor daquela biografia de Nuno Álvares Pereira” (MONTEIRO, 1989, p. 41). Na Introdução de Adelino de Almeida Calado, na versão da *Crónica do Condestabre*, que intitulou de *Estória de Don Nuno Alvrez Pereira*, o pesquisador cita teorias de outros estudiosos sobre a autoria da obra, mas, ao cabo afirma, que “A conclusão é óbvia e fica documentada: a *Estoria* deve-se a um só indivíduo — afinal um anónimo que tem resistido a todas as tentativas para ser identificado” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, LXXXIII). A professora Maria do Amparo Tavares Maleval corrobora dizendo: “A atribuição de autoria da obra a Fernão Lopes foi uma hipótese derrubada por Hernâni Cidade (1931), seguido por outros especialistas como Costa Pimpão (1959) e Machado de Faria (1972). Não apenas a superioridade estilística de Fernão Lopes, defendida por Cidade, mas também a atitude diferente diante dos fatos distanciam o cronista do anónimo escritor da biografia de Nuno Álvares, além de que D. Duarte o encarregou de escrever a história dos reis, não de fidalgos. Também outras hipóteses de autoria não têm consistência, como por exemplo a sua atribuição a Gil Airas (escrivão da puridade do Condestável), a um outro seu servidor (talvez militar) e a um frade carmelita” (MALEVAL, 2012, p. 113).

começava a ser cultuado no seu tempo pelos portugueses como santo,¹⁵⁵ além do mesmo ser um ilustre antepassado seu, que importava convenientemente exaltar.¹⁵⁶

Depois da edição *princeps* de 1526, que o vultuoso Fernão Lopes usou em suas crônicas¹⁵⁷, seguiram-se mais sete. A segunda, publicada em 1554,(ainda sob a supervisão de Galharde e “com acréscimo da referência aos descendentes ilustres da Casa de Bragança em 1554, como o rei D. João III de Portugal e o imperador Carlos V”(MALEVAL, 2012, p. 117), a terceira, em 1623, que, “Escrita no período da dominação filipina, inscreve-se no rol das obras que buscaram manter bem acesa a chama do nacionalismo” (p. 118). A quarta edição, de 1848, e base d’A *vida de Nun’Álvares Pereira*, de Oliveira Martins,¹⁵⁸, apresentou algumas alterações de viés gráfico: “formato 16cm X 23cm, mancha única por página, etc.” (MALEVAL, 2012, p. 117) e a quinta edição, feita por Mendes dos Remédios em Coimbra, de 1911, que toma por base a edição *princeps* e expõe vocabulário anexo, “um misto de glossário e índice toponímico não aprofundado, mas útil e bem fundamentado” (MALEVAL, 2012, p. 119). A sexta edição foi efetivada em 1972, elaborada por António Machado de Faria, com uma transcrição que visou ampliar o acesso às histórias para além do leitores mais eruditos (MALEVAL, 2012, p. 119). E a sétima edição, por Adelino de Almeida Calado e publicada em 1991, por fim, é a última, pelo menos até o fechamento desta Tese. O editor dá bastante atenção às questões filológicas, respeitando as formas arcaicas e os castelhanismos além de apresentar a *Crónica do Condestabre* como *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, contrariando a tradição que nomeava as versões anteriores daquela forma:

A construção do “Galaaz português” (LAPA, 1981, p. 12) guerreiro casto, esforçado, corajoso e temente a Deus é um dos propósitos da *Crónica*. Nun’ Álvares encarna o ideal do combate armado com sua fé, originariamente pacífica e de amor

¹⁵⁵ Uma hipótese verificável, segundo Calado, visto que D. Jaime mandou construir um mausoléu para os restos mortais de D. Nuno Álvares Pereira (XXVII).

¹⁵⁶ XXVII.

¹⁵⁷ “A *Crónica do Condestabre* constitui, assim, uma fonte narrativa de grande importância entre todas as de que Fernão Lopes se serviu no cumprimento da sua função de compilador-cronista” (MONTEIRO, 1989, p. 41). Nas crônicas de D. Fernando e de D. João I, “só não usou oito dos oitenta capítulos que a compõem” (AMADO, 1993, p. 187). “Fernão Lopes, nas crônicas de D. Fernando e de D. João I, cita, critica e transcreve largas passagens dele, a ponto de o integrar quase na totalidade; e Gomes Eanes de Zurara, na *Crónica dos feitos de Guiné*, como vimos, refere-se-lhe como narrativa dos feitos de Nun’Álvares escrita apartadamente dos textos que constituiriam, em módulos correspondentes aos reinados, a *crónica geral do Reino*” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, LXII).

¹⁵⁸ *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, p. XLVIII.

ao próximo. O cavaleiro é um destemido guerreiro na defesa do seu país, mas coadunando com certas virtudes requeridas do cristão, a *temperantia*, *fortitudo* e a *fidelitas* e o relato cronístico da sua vida que estudamos promove uma “narrativa hagiográfica” dos sucessos militares e das virtudes morais do Condestável, numa associação ao cavaleiro mítico da *Demanda da Santo Graal*. Ressalta-se-lhe o heroísmo militar com a devoção cristã, esta última marcando e encerrando sua vida, que acaba num recolhimento monástico ascético. Ele lutou bravamente pondo fim à vida de muitos soldados inimigos sob uma bandeira cujas insígnias eram dos “santos peninsulares” (Santa Maria, Jesus Cristo crucificado, São João, novamente a Virgem, com o Menino Jesus no colo, São Jorge e São Tiago), que em seu tempo pregavam o Evangelho da paz e da entrega ao martírio sem resistência. Longe de pensar sobre tais questões, o Condestável via nos santos “a fonte de legitimidade de suas ações guerreiras” (FERNANDES, 2009, p. 425) e, convergia os dois ideais, o do cavaleiro intrépido, implacável e nacionalista com sua crença caridosa e pregadora da misericórdia e do amor: “*E que do lado da bravura de um guerreiro, Nuno Alvarez mostrava a bondade d’um santo*”. (*Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, Prefácio, XXXVI).

Os “*vallentes e nobres feytos*” do Condestável são estruturados na *Crónica* em um prólogo, que “frisa o caráter de memória exemplar da obra, herdado da historiografia antiga” (MALEVAL, 2012, p. 126), cuja intenção é narrar os erros “para serem evitados” e as ações consideradas “nobres para serem copiadas” (*Estoria*, 1991, p. 1) e oitenta capítulos, divididos por Calado em “três partes bem individualizadas”: 1ª) dos treze anos até à morte de D. Fernando em 22/10/1382, fase em que foi escudeiro da Rainha Leonor Teles – capítulos II a XIV; 2ª) desse acontecimento até à aclamação de D. João I nas Cortes de Coimbra em 6/4/1385, quando foi nomeado Condestável, período em que foi cavaleiro do Mestre de Avis – capítulos XV a XLII; 3ª) – dessa nomeação até a morte, em 1/4/1431, período em que foi Condestável e monge – capítulos XLIII a LXXIX (*Estoria de Dom Nuno Alvarez Pereira*, 1991, Introdução, CXII). O pesquisador afirma também que há enfoque nas ações belicosas de Nun’ Álvares nas quais o cavaleiro “aparece entregue a uma febril actividade militar” (*Estoria de Dom Nuno Alvarez Pereira*, 1991, Introdução, CXVII), contudo, fica latente ao lado dos seus empreendimentos de guerra suas motivações religiosas, na medida que o mesmo Calado afirma “que ele era simultaneamente um herói e um santo na perspectiva de quantos o haviam

conhecido” (CXX) e “não deixa o biógrafo esquecer as duas em que as suas qualidades se sublimam: o patriota incorruptível e o místico fervoroso” (CXIX). Sobre a centralidade da religião cristã na *Crónica*, que se reflete constantemente no que se conhece do Condestável, Calado ainda diz que

A par deste firme nacionalismo, e misturando-se um pouco com ele, sobressai no autor um omnipresente fervor religioso. Para ele, respeitar as igrejas e os objectos do culto são ponto de fé, assim como dar graças a Deus pelos benefícios recebidos ou aspirar à salvação após a partida deste mundo. Na sua interpretação, as vitórias do Condestável e dos seus companheiros de armas ficam a dever-se à intervenção divina, que ele próprio agradece expressamente. O reduzido número de mortos numa refrega, em contraste com o elevado número de mortos do inimigo, é objecto de gratidão a Deus (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, XCVIII).

Como guerreiro modelar, baseia-se nas virtudes fixadas pelo importante manual *O Livro da Ordem da Cavalaria*, de Ramon Llull,¹⁵⁹ que regula a missão cavaleiresca com preceitos cristãos e obras ficcionais oriundas do Ciclo da Bretanha, apontadas na *Estoria* como de grande predileção do jovem Condestável.¹⁶⁰ Especificamente sobre o manual de Lúlio, que prescreve ter o cavaleiro linhagem¹⁶¹, o autor da *Crónica* retrata o pai de Nun’Álvares como “nobre de linhagem e de condiçam, e de grande casa e acompanhado de muytos bõos parentes e criados” (p. 1), tendo mandado construir “*huúa muy honrrada ygreja de Sancta Maria, muy devotae em que Deos faz muytos millagres*” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 2), demonstrando a virtude maior que se desejava naquele tempo, a devoção religiosa. A mãe, D. Eiria, foi também figurada desta mesma forma, crente e praticante de sua fé, “*muy boõa e muy nobre molher e estremada em vida acerca de Deos depois que ouve aquelles filhos*” e “*fazendo*

¹⁵⁹ Lúlio estabelece que o cavaleiro deve ser como um clérigo em sua servidão a Deus: “Ofício de cavaleiro é manter e defender a santa fé católica pela qual Deus, o Pai, enviou seu Filho para encarnar na virgem Nossa Senhora Santa Maria, e para a fé ser honrada e multiplicada sofreu neste mundo muitos trabalhos e muitas afrontas e grande morte. Daí que, assim como nosso senhor Deus elegeu clérigos para manter a Santa Fé com escrituras e com provações necessárias, pregando aquela aos infiéis com tão grande caridade que ate a morte foi por eles desjada, assim o Deus da gloria elegeu cavaleiros que por forca de armas vencam e submetam os infiéis que cada da pugnam em destruir a Santa Igreja” (LLULL, 2010, p. 23).

¹⁶⁰ “*E com esto avia gram sabor e usava muyto de ouvir e leer livros d estorias, especialmente usava mais leer a estoria de Gallaaz, em que se continha a soma da Tavolla Redonda*” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 8).

¹⁶¹ “Linhagem e cavalaria se concordam, porque linhagem não é mais que continuada honra anciã e Cavalaria é Ordem e regra que se mantem dedes o começo dos tempos em que foi iniciada” (LLULL, 2010, p. 57).

grandes esmolas e grandes jejūus e outros muytos bēes” (p. 3). Nun’Álvares seria de fato um verdadeiro cavaleiro, tal como se prescreve n’O *Livro de Llull*, na medida em que protege até mesmo seu cavalo no meio da guerra, valor caríssimo para estes combatentes: “*Nun’Alvrez debaixo do cavallo, da parte esquerda e, assy em terra, ainda com o braço dereyto, da espada defendia sy e seu cavalo*” (p. 30).

Ele, então, nos é apresentado como cavaleiro ideal, sobretudo por lutar “*com a ajuda de Deos*”. Na *Crónica*, contabilizamos a ocorrência da expressão “*com a ajuda de Deos*” 51 vezes, “*serviço de Deos*” 22 vezes “*mercee de Deos*” e seus cognatos (*prazer, praza, graça e prazimento e prazendo*) 22 vezes, “*obra de Deos*” e “*mandado de Deos*” uma vez cada. O uso das expressões mostra a base religiosa em que se apoiava o Condestável ao travar suas batalhas. Suas motivações decorrem de cumprir a vontade que entendeu ser divina à espada, algo já perfeitamente justificável pela teologia tardo-antiquista e medieval conforme vimos no capítulo 1 desta Tese. A teologia que perpassa em toda a *Crónica* é que Deus está seguramente do lado do herói, que age sempre com essa convicção, e para o autor anônimo não há hesitações por parte do cavaleiro cristão quanto à vontade de Deus, antes, retrata-o mergulhado em todas as batalhas como o detentor da razão contra os invasores castelhanos, portugueses não patriotas ou mouros. É interessante perceber, como prova dessa certeza inabalável, que a forma latinizante do vocábulo “Deus” na obra é *Deos* (acusativo plural), ou seja, a sua forma no nominativo não é usada, pois Deus não é o Sujeito, tendo, antes, sua vontade determinada pelo autor como favorecedora dos portugueses capitaneados por Nun’Álvares Pereira. A palavra aparece na maioria das vezes como objeto indireto (55 vezes, ex.: “*...hum delles prouve a Deos de lhe conhecer a door...*”, p. 167), complemento nominal (51 vezes, ex.: “*...em tal guisa que, com ajuda de Deos, começou de melhorar.*”, p. 167), adjunto adnominal (16 vezes, ex.: “*E ao dia seguinte, do Corpo de Deos, teve hy o conde estabre sua festa...*”, p. 173) e figurando apenas com a função sintática de Sujeito poucas vezes (10 vezes, ex.: “*...Deos faz muitos milagres*”. p. 2). A maior parte das ações, portanto, pertencem aos homens, aos heróis, ou ao protagonista, que opera sempre na segurança de que está com o aval dos céus.¹⁶²

¹⁶² O linguista francês Dominique Maingueneau, cujas teorizações sobre o *discurso, ou prática discursiva* falaremos mais detidamente no capítulo IV, dissertará sobre as escolhas vocabulares feitas

Foi da “vontade de Deus” que o tenro Nun’Álvares fosse armado cavaleiro pela rainha D. Leonor Teles¹⁶³, que se casasse a mando de seu pai e contra a sua própria¹⁶⁴, que os castelhanos fossem muitos deles mortos na batalha dos Atoleiros¹⁶⁵ e em batalhas como esta “*nenhũus castellaãos, com ajuda de Deos, lhe nom podessem escapar*” (p. 85). As frases exclamativas, outro ponto interessante no campo da forma do texto a se destacar, sempre remetem ao próprio Nun’Álvares e não a Deus, ou seja, louvor verdadeiro é dado com mais entusiasmo ao cavaleiro, deixando o Criador num segundo plano, que apenas o assessora:

- “Oo, que humano e caridoso senhor!” (...)
- “Oo virtuoso e de gram piedade, sobre seu corpo ser posto em tam gram trabalho e periigo, e, assy maçado, ser lembrado de tanta piedade!” (32.7-9)
- “Oo que vontade de servir seu senhor e, por emparo da terra, asy avia gana de pelejar!” (66.17-18);
- “Oo vallente e verdadeyro cavalleiro, que nom desimulava, mas compria o per elle prometido!” (68.1-3). (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, CXXXVIII, CXXXIX).

O adorno literário da duplicação vocabular, destacado por Calado como para “enriquecer e variar a frase”, não se aplica a Deus, ficando antes restrito aos fatos, qualidades e sentimentos dignos de elogios:

“Encontramos exemplos de duplicação substantívica, adjectívica e verbal: “bons e grandes feytos”, «mal e dampno», «senhores e fidalgos», “grandes e bõos”, “castidade e abstinência”, “amaram e prezarom”, etc” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, CXL).

que revelam lugar de onde realizamos os discursos. No caso aqui o cronista põe arbitrariamente Deus como apoiador das empreitadas portuguesas, no uso preferencial do vocábulo como termo integrante e acessório, em detrimento de como Sujeito, querendo dizer a posição do Criador como ajudante nas batalhas: “Enunciar certos significantes, implica significar (nos dois sentidos da palavra) o lugar de onde os enunciamos; é também significar *sobretudo o lugar de onde nao enundamos*, de onde, em hipótese alguma, se deve enunciar” (MAINGUENEAU, 1997, p. 155, grifo do autor).

¹⁶³ “E dom Nuno Alvrez, assy como era moço, era muy vergonhoso e misurado, e, quando ouvio o que a raynha dezia, respondeo que lho tinha em grande merçee e que prazeria a Deos que ainda lho serviria, e beijouih e por ello a mão. E, avendo a raynha em vontade de poer em obra o que disera, logo se trabalhou de mandar buscar arnês convinavel pera dom Nun’Alvrez (mal lhe compria)” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 5).

¹⁶⁴ “E porque o casamento era tal de que a Deos prazia e de que se a dona avia por contente e honrrada, nom pos outra defesa senom que o fizesse saber a ebrey dom Fernando, e que ella nom sayria do que a sua merçe sobre ello mandasse” (*Ibidem*, p. 7).

¹⁶⁵ “E vinham os outros de refresco que estavam detrás pera esto apartados e asy lhes aveo como aos primeiros, de guisa que prouve a Deos de os castellaãos serem desbaratados. E forom mortos dos castellaãos muytos, antre os quaes morreo hy o mestre d’Alcantara e Pero Gonçalvez de Sivilha e outros grandes, e o priol e Martym Annes de Barbudo, que se chamava mestre d’Avis, e outros, fugiram” (*Ibidem*, p. 68).

Muitas ações, contudo, são atribuídas ao divino para beneficiar os portugueses. A eleição do Mestre de Avis como novo rei de Portugal teria vindo do espírito de Deus e não de uma conjuntura política necessária para se assegurar a independência portuguesa. No falar de Calado, “até a aclamação de D. João I foi como que o resultado de uma inspiração da Graça, que desceu sobre os espíritos que estiveram envolvidos nas Cortes de Coimbra” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, XCVIII), que lemos no trecho abaixo da *Crónica*:

E per spiritu de Deos lhe veeo ao pensamento que nom pertecia a outrem nem o devia nem podia fazer senom o mestre d’Avys, que era filho del rey dom Pedro, e que elle conhecia por muy noble cavalleyro, do quall tempo avia que elle avia grande conhecimento (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, p. 39).

Ações violentas são taxadas pelo autor desconhecido da *Crónica* como sendo pela “vontade de Deus”.¹⁶⁶ Após a eleição do Mestre pelo fidalgos e gentes do povo, a “arraia-míuda”,¹⁶⁷ logo viria “outra inspiração” para assassinar o conde Andeiro: “*E logo lhe veeo ao pensar que o começo de tal obra avia de seer o conde Joham Fernandez Andeiro seer morto, porque a rraynha tinha em elle grande esperança*” (p. 39), que foi executado pela mesma “inspiração” e vontade divina:

E em este meeo chegarom novas a Santarém de como o meestre matara o conde Joham Fernandez, e que também eram mortos o bispo de Lixboã e o prioll de Guimaaraães, que era por parte da raynha. E, tanto que Nun’Alvrez estas novas ouvyo, foy sse logo ao priol seu irmão a lhas contar, e dizer que esto era obra de Deos, que se queria lembrar desta terra, que nom fosse subjeyta a Castella (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, p. 42).

As vitórias do Condestável são seguramente “*com a ajuda de Deos*” e tal interpretação se dá principalmente quando se verificou a inferioridade numérica. Na batalha de Aljubarota¹⁶⁸, cuja importância como fato histórico no país já pontuamos

¹⁶⁶ Inevitável não lembrar da famosa sentença atribuída ao Papa Urbano II por ocasião das Cruzadas “*Deus vult*”, “Deus o quer” pronunciada no Concílio de Clermont em 1095 para sancionar a guerra santa na Palestina.

¹⁶⁷ “*E desta guisa que teemdes ouvido, tomarom [voz] os poboos meudos muitos castellos aos Alcaldas delles, que por nom allomgar leixamos de dizer, allçamdo voz com pemdoões pella villa, braadamdo todos e dizemdo: Portugall! Portugall! pollo Meestre de Avis!*” (LOPES, 1977, p. 82). “A arraia-miuda, que pouco ou nada tinha que perder, era toda com o Mestre” (*Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*, 1972, p. 77).

¹⁶⁸ O poeta Luís de Camões n’*Os Lusíadas* ao retratar a Batalha de 1385 também atribuiu a Deus a vitória obtida pelos portugueses naquele dia celebrado até hoje no país:

anteriormente, é enaltecida justamente a desvantagem em que se encontravam os portugueses e como superaram estrategicamente tal realidade para vencer seus inimigos:

E, como elle chegou, prouve a Deos de lhes poer tal esforço que os homens de pee se teveram com os castellaãos em tal maneira que nom ousarom mais chegar a elles. (...) Per prazimento de Deos el'rey de Portugall venceo a batalha. (...) E, ante que fosse entrado, os castellaãos decerom a ele muy rriigo e foy antre elles a batalha muy forte, que mais nom poderia seer, e foy morto o meestre de Santiago e outro grandes cavalleiros e muyta gente da parte de Castella, e, dos da hoste, mortos e feridos poucos, ao Senhor Deos louvores, e o cabeça forte entrado e os castellaãos todos derramados, que nom pareceo nenhuu a poucas horas. (...) E assy, per prazer de Deos, foy vencida esta batalha, a qual durou dous dias, de soll a soll, em pellejar. (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 120, 132, 133).

“Com a graça de Deos”, os portugueses demonstravam bravura e coragem no célebre confronto que lhes assegurou a independência do rei de Castela. Eles se entregavam ao combate destemidamente, com as bênçãos celestiais, mesmo com a certeza da perda de suas vidas. No episódio específico abaixo, os cavaleiros castelhanos (*ginetes*) conseguiram cercar os portugueses com suas lanças mortíferas, mas tal situação não esmorecia o brio aguerrido dos desfavorecidos. Eles não desejavam fugir covardemente, mas se atiravam na frente dos perfuradores para uma morte honrosa como homens, sabendo que Deus estava do seu lado:

E os ginetes de Castella, que ja andavam d'arredor da carriagem de Portugal, os vyrom e forom a elles, e elles se colherom a hũus vallados de silvas que eram contra Porto de Moos, pera honde elles fugiam, e como porcos, aa calcada, os matarom todos aas lançadas, que nom ficou nenhũu, a qual cousa, com a graça de Deos, esforçou muito aos portugueses que ja mais nẽhũu nom olhou pera fugir, ante deziam que todos queriam morrer como homens que morerem como porcos, como aquelles que fugiram morrerom (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 118).

“O vencedor Joane esteve os dias
 Costumados no campo, em grande glória;
 Com ofertas, depois, e romarias,
 As graças deu a Quem lhe deu vitória.
 Mas Nuno, que não quer por outras vias
 Entre as gentes deixar de si memória
 Senão por armas sempre soberanas,
 Pera as terras se passa Transtaganas” (CAMÕES, 1980, III, 45).

Deus favorece certos ataques de sequestros e cárcere privado para o autor da *Crónica*. O desejo de desbaratamento e morte dos opositores recebe a mesma interpretação. Como forma de mostrar à rainha D. Leonor o poder e a ousadia portuguesa, Nun'Álvares incursiona com seus cavaleiros um dos castelos pertencentes à rainha aliada de Castela e o toma à força. No processo, impõe cerco ao lugar e prende seus donos. A ação é realizada somente porque “Deus dera a cidade” nas mãos da milícia do Condestável:

E disse-lhe Nun'Alvrez que fosse sua merçee de se nom anojár nem aver empacho, ca Deos, que lhe a çidade dera, lhe daria o castello, e que elle queria logo sobre ello hir falar com Martim Afonso Valiente e Afonso Anes das Leis, que o tinham, e, de feyto, asy o fez, que se foy logo a elles, poendo lhe deante que o deviam fazer, e por que deviam de dar o castello a seu senhor, o mestre. (...) E, em tanto, Afonso Anes foi posto em arrefees em poder de Nun'Alvrez, e Pedr'Eanes Lobato com elle. E foy posta grande guoarda no castello que nenhuã gente nom entrasse em elle, ataa que foy entregue ao mestre com honrra de Martym Afonso e o d'Affonso Anes que o fezeram saber aa raynha e nom lhe quiseram acorrer, ante mandou que lho entregassem (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 48).

A dizimação de cavaleiros castelhanos por ocasião da peste que assolou Lisboa à época da investida espanhola sobre Portugal foi lida também como a “vontade de Deus” para destruir os invasores. Na tradução de Jaime Cortesão, vemos que “quis Deus que uma grande pestilência desse no arraial castelhano, obrigando o rei a levantar o cerco, e sair para Castela” (*Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*, 1972, p. 124). Havia desejo da população oprimida numa vila de Ourém que o seu opressor, o rei de Castela, fosse morto, e essa esperança estava em Deus. E este mesmo anseio de guerra era compartilhado obviamente por Nun'Álvares Pereira:

E como o arrayall foy assentado e a teenda del'rey armada, levantou se hũu corço no meeo do arrayal e correo todo arredonda e per o meeo, e todos apos elle com lanças pera o matar e nunca o poderom matar nem soamente ferir, e foy se dereito à tenda mayor del'rey e ally o matarom. E o dizer de todos do arrayal era grande, avendo por bom sinal a morte do qual corço em tall lugar em como morreo. E deziã todos que esperavam em Deos que seria el'rey de Castella morto ou preso na teãda del'rey, e outras muytas cousas que se deziã. (...) E o conde estabre disse que dissessem a el'rey de Castella que nom avia por que lhe em tall razom mandar fallar, que elle esperava em Deos que elle seria oje aquelle dia vencido e desbaratado ou morto ou preso em poder de seu senhor el'rey (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 116, 117).

A invasão que marcaria o início da expansão marítima portuguesa também foi entendida como “*Deus vult*”. A incursão à Ceuta, motivo de grande orgulho português, como a inauguração de sua gesta oceânica, foi considerada “obra de Deus” obtendo significativo êxito no propósito de tomar aquele importante e estratégico entreposto comercial africano. Razias, pilhagens e o morticínio são plenamente protocoladas como “a vontade de Deus” neste episódio tido como heroico para a história portuguesa:

Depoys da morte da condessa grande tempo, el'rey, por serviço de Deos e seu, hordenou de hiir tomar a çidade de Çepta, que he em Bellamarim, e mandou armar hũa muy grande frota qual nunca foy em Espanha, em a qual foram elle e o iffante Duarte, seu filho primogénito, e o iffante dom Pedro e o iffante dom Anrique e o conde de Barçellos, seu filho bastardo. E os filhos iffante Joham e dom Fernando eram tam pequenos que nom foram la. E o condestabre foy com el rey e com seus filhos. (...) El'rey ouve hy seu conselho de tornar sobre Çepta e, de feito, entrou e tomou outro melhor porto e tomou a cidade tostemente com ajuda de Deos (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 193, 194).

E se os empreendimentos de guerra são a vontade de Deus, deve-se agradecer a ele pelo sucesso que causa a morte de milhares. Nas palavras de Calado, “O reduzido número de mortos numa refrega, em contraste com o elevado número de mortos do inimigo, é objecto de gratidão a Deus” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, XCVIII). A luta foi ferina contra Castela ainda sob o reinado de D. Fernando em Lisboa, mas os cavaleiros portugueses não tiveram perdas senão de nove cavalos, o que rendeu graças pelo perigo superado:

E aquelle dia deu Deos vitoria e grande honrra a Nun'Alvrez e aos que com elle hiam, como quer que lhe muytos fugirom dos seus, como a estoria o há ja divisado. E dos de Nun'Alvrez, a Deos graças, nenhuu nom morreo, mas foram delles peça feridos e nove cavalos mortos, dos quaes o primeiro foy o de Nun'Alvrez, e Nun'Alvrez muy pisado e mal tractado dos muytos golpes que ouve (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 32).

A apreensão de inimigos também era o motivo do louvor a Deus e alegria dos cavaleiros bem como de seu líder, D. Nun'Álvares Pereira:

E acerca da mea noyte, chegando os castellaãos com Alvaro Coytado honde os de Nun'Alvrez estavam em guarda, os portugueses derom de topo nos castellaãos e os castellaãos fugirom logo e desepararam Alvaro Coytado, e os de Nun'Alvrez o tomarom e levarom consigo a Nun Alvrez a Estremoz, com o qual Alvaro Coytado NunAlvrez ouve gram prazer quando o assy vyo fora das mãos de seus imiigos, o deu muytas graças a Deos (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 96).

As conexões na *Crónica* das aventuras do Nun'Álvares com passagens bíblicas são muito evidentes, do início ao fim da narrativa cavaleiresca. Alguns episódios guardam bastante semelhanças com as histórias sagradas.¹⁶⁹ Quando o jovem Nun'Álvares recebe aparato bélico que lhe convinha como cavaleiro armado rejeita o material, pois não lhe cabia:

E, porque elle era pequeno de hydade, de treze annos, como ja em'çima faz mençam, nam lhe podiam achar arnês tam pequeno. E entom disseram à rreynha de como o mestre d'Avis, que entom era irmaão del'rey dom Fernando, tinha hũu arnês que ouvera em seendo assy moço pequeno e fezerom'lhe entender que seria bõo e bem concertado pera o dom Nun'Alvrez, e ella o mandou logo pidir ao mestre. E, tanto que o mestre sobre ello vvo recado da rraynha, logo lhe enviou o arnês com boõa vontade e a rraynha o deu logo a dom Nun'Alvrez segundo lho avia prometido. E assy tomou dom Nun'Alvrez as primeyras armas, que foram do mestre d'Avis, e per mãos da rraynha dona Lyanor, e de hy em diante a rraynha o ouve sempre por seu escudeyro (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 5).

Davi, ao desafiar Golias na conhecida luta contra os filisteus invasores, também rejeita as armas pois não tinha experiência com elas. O pastor de ovelhas enfrenta o lendário gigante filisteu e o vence com o auxílio de apenas uma funda (uma espécie de atiradeira) e uma pedra, das cinco que colheu para o combate:

E Davi cingiu a espada sobre as suas vestes e começou a andar; porém nunca o havia experimentado; então, disse Davi a Saul: Não posso andar com isto, pois nunca o experimentei. E Davi tirou aquilo de sobre si. E tomou o seu cajado na mão, e escolheu para si cinco seixos do ribeiro, e pô-los no alforje de pastor, que trazia, a saber, no surrão; e lançou mão da sua funda e foi-se chegando ao filisteu (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Primeiro Livro de Samuel, XVII, 39, 40).

¹⁶⁹ A partir daqui apontaremos as conexões da *Crónica do Condestabre* com as histórias bíblicas, ou seja, o esforço do autor anônimo em aproximar o cavaleiro dos heróis sagrados. Entendemos a manobra discursiva como *citação de autoridade*, referida por Maingueneau, em que um "locutor" (o autor) se "apaga" diante de um "Locutor" (a Bíblia) que obviamente lhe é superior em relevância e poderio: "A distancia assim estabelecida também pode marcar a adesão, como foi visto a propósito da **citação de autoridade**, onde o "locutor" se apaga diante de um "Locutor" superlativo que garante a validade da enunciação. Geralmente, tratam-se de enunciados já conhecidos por uma coletividade, que gozam o privilegio da intangibilidade: por essência, não podem ser resumidos nem reformulados, constituem a própria palavra, captada em sua fonte. "Os comentários, análises, glosas que elas provocam não o esgotam. É preciso sempre partir dela e a ela retornar". Produzindo uma frase do Evangelho, por exemplo, sem indicar sua proveniência, um autor religioso faz expressar-se, por seu intermédio, uma voz da qual seria apenas o suporte contingente" (MAINGUENEAU, 1997, p. 100, *grifos do autor*).

É importante perceber outra semelhança com o rei de Israel, quando Nun'Álvares é referido na *Crónica* como “amado” do rei D. Fernando, da rainha D. Leonor e de todos os seus conhecidos: “...dom Nun'Alvrez, sendo prezado e amado del'rey e da raynha e assy de todos os de sua casa” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 6). “Davi” significa justamente isto, “o amado”.¹⁷⁰ Outra referência deste mesmo livro de Samuel¹⁷¹ é usado por Nun'Álvares, quando ele diz que “*milhor cousa he obedecer que sacrificio, parece me que he bem de lhe serdes obediente e comprirdes seu mandado*” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 34).

Outra virtude foi agregada ao Condestável, a da mansidão. Quando da preleção para o assalto à Ceuta, Nun'Álvares se pronuncia “*com muy brandas e muy doças pallavras que, de elle, em sua companhia, tomar terra, que o faria de boa vontade aa ventura que lhe Deos desse*” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 194), muito parecido como o libertador e legislador Moisés, conforme lemos neste versículo bíblico: “Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra” (BÍBLIA NOVA VIDA, 1992, Números XII, 3). Diante da descrença e desânimo de seus liderados, o Condestável proclama fé e coragem para o enfrentamento do inimigo, ainda que este seja mais numeroso. Ao se depararem com o poderio da frota castelhana que atacava Lisboa, os cavaleiros se amedrontam, a quem Nuno grandiloquentemente vocifera:

E pera esto, com ajuda de Deos, eu serey o primeiro que em elles toparey, e vós siguide'me e fazedes como eu fezer e certos sede que os castelãos nom vos sofrera se em vós sintirem esforço de bem fazer, mas logo volvera as costas, que nom tem esperança doutro acorro, e asi nos ajudaremos delles e percalçaredes gram fama e muita honrra que vos por sempre durara (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 28).

A relutância dos companheiros do Comandante também foi perceptível no episódio da tomada de Évora e Estremoz e a retomada destes territórios para Portugal:

E no dia seguinte vierom com seu acordo e responderom a Nun'Alvrez em esta guisa: “Nun'Alvrez, senhor, nós entendemos o que nos per vós oontem

¹⁷⁰ Davi, “amigo” ou “amado”. Nome único na Bíblia (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, p. 308).

¹⁷¹ “Porém Samuel disse: Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrificios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros” (*Ibidem*, XV, 22).

foy dito e achamos que he cousa muy duvidosa hyrmos comvosco pellejar com aquellas gentes, por certas razones: a primeira, polia gente seer muyta, e grandes senhores; a segunda, por hy viir o priol, vosso irmaão, que he hũu dos mayores que hy vem, e outros vossos irmaãos com elle, que he dura cousa pelejardes vós com elles; e a terceira, por vós teerdes muito pouca geente pera a que elles trazem. E porem, em conclusam, nós temos entençom de nom hyrmos comvosco a tall obra” (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 62).

Ao que responde o entusiasta Condestável, com sua fé inabalável na ajuda de Deus e prometendo ir à frente da batalha:

E pera vós veerdes que he asy, se a vós praza de em esta obra sermos companheiros, eu vos prometo bem que, com ajuda de Deos, eu seja o primeyro que a comece, e assy poderdes veer a vontade que eu em este feyto tenho contra meus irmaãos. E quanto na parte de nós sermos poucos e elles muytos, nem por esto deviades dovidar seerdes em tam bõa obra, que ja muytas vezes aconteceu os poucos vencerem os muytos, porque o vencimento em Deos he todo e nom nos homens (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 63).

Esta passagem é muito parecida com a trazida pelo livro dos Números, que relata a história de doze espiões enviados por Moisés à terra de Canaã, pretendida pelos hebreus. Josué¹⁷² e Calebe mantêm a fé na conquista enquanto que seus irmãos de armas dão relatório pessimista ao povo:

Então, Calebe fez calar o povo perante Moisés e disse: Eia! Subamos e possuamos a terra, porque, certamente, prevaleceremos contra ela. Porém os homens que com ele tinham subido disseram: Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós. E, diante dos filhos de Israel, infamaram a terra que haviam espiado, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Números XIII, 30-32).

¹⁷² Vinicius Cesar Dreger de Araujo, no artigo *Judas Macabeu: de herói do Velho Testamento a herói da cavalaria medieval* disserta sobre a criação de um panteão de heróis de grande influência na produção artística do Medievo, chamado de *Galeria dos Nove Bravos* do qual Josué participa. O autor aponta que a composição dessa ideia “variou no correr dos séculos, mas alcançou sua forma final na obra *Voeux du Paon* composta para o príncipe-bispo de Liège Thibaud de Bar, por Jacques de Longuyon em 1312” (ARAÚJO, 2008, p. 111). Eles são divididos sob o critério religioso, a saber, três heróis da Lei Pagã (Heitor, Alexandre e César), três da Velha Lei (Josué, Davi e Judas Macabeu) e três da Nova Lei (Arthur, Carlos Magno e Godofredo). O primeiro da “Velha Lei” terá grande predileção na *Crônica do Condestabre*, como veremos, pois “em relação a estes heróis, Josué (ou Duque Josué, conforme o uso medieval) o líder que conquistou a Terra Prometida, destruindo com seu pequeno exército (quase que uma *mesnie*) os exércitos inimigos e suas fortificações (como o episódio de Jericó) foi considerado, a partir do século XI, como uma prefiguração dos primeiros cruzados que lutaram em desvantagem numérica constante em seus combates e em imensos cercos como em Antioquia e Jerusalém e finalmente conseguindo conquistar a Terra Santa” (*Ibidem*, p. 112).

Josué mais uma vez é lembrado num trecho em que Nun'Álvares manda que seus cavaleiros escolham entre seguir com ele e partir em outro destino que não seja o da guerra contra os castelhanos, maior em número e poder. Eles argumentavam que suas chances de vencer eram mínimas dadas as condições desfavoráveis numericamente falando. Ao ouvir, porém, as palavras de ânimo forte do Condestável, eles decidiram abraçar a luta:

Mais, pois que asy he vossa teençom qual me dissestes, rogo-vos que os que comigo quizerem hiir a esta obra que se passem da parte d'aalem deste regato, e os que nom quizerem que fiquem desta parte". E elles, quando esto viram, todos a hũa voz disseram que todavia queriam hiir com elle (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 63).

Os hebreus liderados pelo sucessor de Moisés, em história semelhante, decidiram também ficar ao lado eleito como de Deus em unânime escolha:

Porém, se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei, hoje, a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais que estavam dalém do Eufrates ou aos deuses dos amorreus em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao Senhor. Então, respondeu o povo e disse: Longe de nós o abandonarmos o Senhor para servirmos a outros deuses (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Josué XXIV, 15, 16).

Juramento solene para poupar os inimigos é outro ponto de ligação entre o líder hebreu e seu êmulo medieval. Alguns habitantes de Gibeão, uma cidade cananita, fizeram, por estratégia, Josué jurar para que não os matassem: “Então, todos os príncipes disseram a toda a congregação: Nós lhes juramos pelo Senhor, Deus de Israel; por isso, não podemos tocar-lhes” (IX, 19). E, por ocasião de uma corriqueira tomada de castelo, certos Fernam Gonçalvez e Garcia Fernandez, partidários de Castela, após sucumbirem diante das investidas dos cavaleiros do Condestável, fizeram-no jurar para que não os executasse. Nun'Álvares, então, assim procede jurando sobre o Corpo de Deus (provavelmente uma imagem do Cristo após ser decantado da cruz) e prometendo poupar a vida dos derrotados, assim como fizera Josué, que juraram pelo seu Deus. Eis o trecho:

E logo, a pouco espaço, o dito Fernam Gonçalvez e Garcia Fernandez, por sy e por todollos outros castellaãos, enviarom dizer a Nun'Alvrez que os leixasse hiir em salvo pera Castella com todo o seu e lhe entregassem o que lhe tomado aviam e que, pera esto cumprir, Nun'Alvrez e certos de sua casa fizessem juramento no Corpo de Deos que o comprissem assy, e que lhe dariam o castello. E a Nun'Alvrez prouve dello e fez o juramento, e com elle jurarom outros grandes que elle pera ello apartou, antre os quaes foy

hũu dos que jurarom Fernam Pereyra, seu irmão, que hy com elle estava (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 91).

A quebra do juramento por parte de Fernam Pereyra, um dos nobres do castelo subjugado, teria causado sua morte logo em seguida, pois guardara uma cota (uma cobertura de metal usada pelos cavaleiros para proteção da cabeça e do tronco) e uma espada. A paz era o juramento mútuo, pois o nobre deveria mostrar, através de seu desarmamento, que concordava com ela. O homem, no entanto, esconde sua preparação para o combate, rompendo com o acordo e sendo, por isso, atingido por uma pedra atirada do alto de uma torre do castelo que o matou instantaneamente:

Nun'Alvrez partyo d'Evora e se foy a Elvas com certa jeente pera remediar o que lhe enviarom dizer com serviço do meestre, e antre os que consigo levava era hũu delles Fernam Pereyra, seu irmão. E, hindo asy per o caminho, Nun'Alvrez vio a seu irmão Fernam Pereyra levar vestida a cota e cingida a espada que fora de dom Garçia Fernandez, que elle escondera em Portell ao tempo que dom Garcia Fernandez de hy partyo. E, como lhe vyo a cota e a espada, foy dello mui anojado e disse logo a Fernam Pereyra, seu irmão, que fezera muy grande mall passar per elle tall cousa e demais hiir contra seu juramento, que, ao virtuoso e bõo, tanto he guardar a verdade ao ymiigo como ao amigo, receando muito viir'lhe por ello algũu mao aquaecimento. (...) E, como se assy lançarom per a porta, derom logo com hũu grande canto, ante que entrassem, ao Fernam Pereyra, que lhe escacharom o bacinete e a cabeça, e foy logo morto (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 92, 94).

É interessante perceber que os inimigos de Josué também agiram para enganar. O texto bíblico nos informa que os gibeonitas mentiram sobre seu local de habitação para não serem mortos pelo comandante israelense, levando víveres envelhecidos, querendo com isto parecer que vinham de muito longe. O stratagema, porém, dá certo e faz com que o líder jure não executá-los. Embora tenha descoberto a trama, Josué fê-los escravos, mas cumpriu a sua palavra de poupar-lhes a vida: “Assim lhes fez e livrou-os das mãos dos filhos de Israel; e não os mataram. Naquele dia, Josué os fez rachadores de lenha e tiradores de água para a congregação e para o altar do Senhor” (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Josué, IX, 26, 27).

Num momento semelhante, Nun'Álvares também refletiria o rigor de Josué como comandante militar, em que certo escudeiro teria roubado um cálice de uma igreja e, portanto, um objeto sagrado. A pena de morte já estava quase sendo aplicada quando alguns combatentes do Condestável lhe procuraram para que

poupasse a vida do criminoso por misericórdia. Muito a contra-gosto e pela insistência (*aficarom*) dos seus comandados, resolve não executar o escudeiro:

E emquanto hy esteve lhe foy dito que hũu escudeyro a que chamavam Gonçallo Gil de Veeiros, que era hum escudeyro conhecido, tomara hũu calez de huã ygreja, por a qual razam o logo mandou prhender e, elle preso, soube per enqueriçam seer verdade todo que lhe disseram e, porque achou que era culpado, mandou que fosse logo queymado. E o escudeiro, estando ja a lenha junta e o fogo aceso, vierom ao conde estabre todollos capitaães e cavalleiros da hoste a lhe pediir por elle mercee, que o nom matasse, e o conde estabre o nom queria fazer, e tanto o aficarom que lho ouve de dar muyto contra sua vontade, comtanto que mays nom fosse em sua avanguarda, e asy escapou de seer queimado (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 138).

A história sacra recuperada aqui em grande parte é a de um homem chamado Acã, que teria se apossado de “coisas condenadas”: uma capa babilônica e peças de ouro e prata, despojos proibidos aos israelenses naquele momento. Ao ser descoberto e ter confessado seu pecado, pois estar de posse dos tais artefatos causou a derrota dos hebreus na guerra, Acã foi imediatamente condenado ao apedrejamento para que Deus “apagasse furor da sua ira”:

Então, Josué e todo o Israel com ele tomaram Acã, filho de Zera, e a prata, e a capa, e a barra de ouro, e seus filhos, e suas filhas, e seus bois, e seus jumentos, e suas ovelhas, e sua tenda, e tudo quanto tinha e levaram-no ao vale de Acor. Disse Josué: Por que nos conturbaste? O Senhor, hoje, te conturbará. E todo o Israel o apedrejou; e, depois de apedrejá-los, queimou-os. E levantaram sobre ele um montão de pedras, que permanece até ao dia de hoje; assim, o Senhor apagou o furor da sua ira (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Josué XVII, 24-26).

Outra passagem famosa do sexto livro das Escrituras que possivelmente inspira a edição da *Crónica* relata uma fantástica alteração no tempo. Deus, como criador, tem o poder de manipular os astros e o movimento das nuvens em favor dos que protege, e o fez em relação aos hebreus e aos portugueses também. Quanto aos primeiros, o milagre ficou por conta da interrupção da rotação terrestre ao redor do sol que teria favorecido os israelenses em combate:

Então, Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor entregou os amorreus nas mãos dos filhos de Israel; e disse na presença dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeão, e tu, lua, no vale de Aijalom. E o sol se deteve, e a lua parou até que o povo se vingou de seus inimigos. Não está isto escrito no Livro dos Justos? O sol, pois, se deteve no meio do céu e não se

apressou a pôr-se, quase um dia inteiro. Não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, tendo o Senhor, assim, atendido à voz de um homem; porque o Senhor pelejava por Israel (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, X, 12-14).

O autor da *Crónica*, ao descrever mais uma incursão dos cavaleiros de Nun'Álvares pelos territórios lusitanos para reaver o domínio perdido para Castela, desta vez em Recoreba, também entendeu que a vontade divina beneficiou os combatentes fiéis com um milagre relativo ao tempo. A tempestade perigosa que se dava no local recebeu a ordem do Alto para cessar e obedeceu prontamente. O episódio remete a outra maravilha bíblica, àquela em que Jesus acalma a tempestade, descrita no Evangelho de S. Marcos IV, 37-39:

E daqui se partyo o conde estabre e se foy a outro lugar que chamam a Rreboreda, e a noyte que hy chegou foram tantas chuvas e tempestades e tam fortes em toda a noyte, que quebrou o esteo da tenda honde o conde estabre jazia, que cuydou que era morto, e asy todallas gentes da avanguarda cuydavam que viinha sobre elles a hyra de Deos, tanto era o tempo esquyvo e forte. No dya seguinte prouve a Deos de correger o tempo, e daqui mandou o conde estabre certas gentes à fforagem a Vali d'Arrago (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 138).

Num sexto momento, a *Crónica* recupera uma história vivida por Josué, a famosa conquista de Jericó.¹⁷³ Refere-se à tomada do castelo de Vila Nova, cuja investida exigiu sagacidade e estratégia, visto que os cavaleiros do Nuno eram poucos diante daqueles que defendiam a fortificação:

E o lugar nom tinha outra cerca senom hũa torre forte que se chama torre de menagem, e toda a outra povoraçom era aravalde bem abarreirado e apalancado. E os castellaãos e castões, com seu roubo, jaziam das barreiras adentro, junto com hũa ygreja que hy ha, e delles dentro. E o conde estabre com sua gente andou seu caminho e chegou ao logar em alvoreçendo, siintindo ja todos os que dentro eram, e logo as barreiras foram entradas, (...). E, sendo ja asy o conde estabre com sua gente na barreyra, os castellaãos e castões foram todos levantados e armados e se começaram a defender rriigamente como bõos homens, e foram hy asaz de lançadas e pedradas da hũa parte e da outra. E hindo o condestabre per hua travessa do arravalde, nom mays que com cinquo homens d'armas,

¹⁷³ “Ora, Jericó estava rigorosamente fechada por causa dos filhos de Israel; ninguém saía, nem entrava. Então, disse o Senhor a Josué: Olha, entreguei na tua mão Jericó, o seu rei e os seus valentes. Vós, pois, todos os homens de guerra, rodeareis a cidade, cercando-a uma vez; assim fareis por seis dias. (...) Tudo quanto na cidade havia destruíram totalmente a fio de espada, tanto homens como mulheres, tanto meninos como velhos, também bois, ovelhas e jumentos” (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Josué XVI, 6.1-3, 21).

leixanse a elle viir dez homens d'armas de castellaãos e castoões com lanças compridas nas mãos e o conde estabre se lançou da mula a pee terra e elle com seus cinco se deerom aas lançadas, asy soos ataa que outra gente da sua veeo. E todavia prouve a Deos de os castellaãos e castoões serem desbaratados e em tal maneyra que, antre mortos e presos, nom escaparam senom muy poucos (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 145).

Apesar de estar bem guarnecido (*abarreirado, apalancado*) por um torre de menagem, uma instalação muito alta que servia como abrigo dos sobreviventes e contrataque de flechas, caso as defesas nas muralhas falhem, os cinco cavaleiros do Condestável conseguiram penetrar no castelo. Mesmo atacando energicamente (*rriigamente*), os resistentes não foram páreo para os heróis portugueses, que mataram ou prenderam os castelhanos (*castellaãos*), sendo isto também “a vontade de Deus” (*prouve a Deos*).

Certa condessa de Coimbra, esposa de um conde inimigo dos portugueses, perseguiu Nun'Álvares através de articulações entre os homens ao redor dele, mas sem sucesso no final:

E asy se espedio do mestre e se foy a Coymbra e, como a Coymbra chegou, a condessa molher do conde dom Anrrique, que hy estava, por odyo que avia a Nun'Alvrez porque fora sobre seu marido a Sintra e por seer muyto da parte da raynha dona Lianor e del'rey de Castella, hordenou de o prhender, juntando secretamente muyta gente de escudeiros e doutros homões, porque naquella terra ella avia assaz de parentes e amigos e criados pera fazer tal obra. (...) E asy guardou Deos Nun'Alvrez da prisom e a condessa e os seus do gram priigoo, e seu cuidar e ajuntamento foy nenhua cousa (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 71).

Percebemos aqui mais referência a uma história bíblica, desta vez a de Elias, o tesbita, que enfrentou a fúria da rainha Jezabel, ao vencer 400 servos do deus pagão Baal. A monarca, bastante esforçosa de dar cabo da vida dos profetas, empreende muitas buscas para achar Elias, por ser extremamente avessa à religião dos hebreus. Ela, porém, não logra êxito no intento, e termina a sua vida sendo despedaçada por cães famintos após ter sido arremessada de um edifício:

Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito e como matara todos os profetas à espada. Então, Jezabel mandou um mensageiro a Elias a dizer-lhe: Façam-me os deuses como lhes aprouver se amanhã a estas horas não fizer eu à tua vida como fizeste a cada um deles (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Primeiro Livro dos Reis XIX, 1, 2).

A associação de Cristo com o Mestre de Avis e de Nun'Álvares com o Apóstolo Pedro foi feita por Fernão Lopes na sua *Crónica de D. João I*, conforme sinalizado pela professora Maria do Amparo¹⁷⁴. A leitura, contudo, já tinha sido realizada pelo autor da *Crónica do Condestabre*, que lhe serve de fonte. O Mestre tem uma relação de amizade muito profunda com seu Comandante e a demonstra no tom não impositivo ao outorgar as ordens de estratégia e combate num ambiente de cumplicidade e confiança. Transparece neste episódio certo sentimento fraternal a despeito da hierarquia que deve haver entre um rei e seu súdito, a exemplo do que Jesus ensinou aos seus discípulos.¹⁷⁵ Leiamos o trecho em questão:

E esse dia comeo o meestre com Nun'Alvrez e, tanto que o mestre comeo, sayu'se ao Riissio e Nun'Alvrez com elle e toda sua gente que levava junta com elle e, perante todos, faliou o meestre a Nun'Alvrez em esta guisa: "Nun Alvrez, vós bem sabees os recados que a mym vierom d'Antre Tejo e Udiana em rrazom daquelles senhores e gentes de Castella que per aquella terra querem entrar pera estroirem e daphnarem. E como por vos eu amar e fiar de vós por serdes bõo, vos escolhy em minha casa pera alio vos mandar por defensom daquela comarca e vos dey por companheyros esta boõa gente que aqui está, que som verdadeiros portugueses, e parte deles de minha criaçom, os quaes eu creio que vos seguyrám e ajudarám lyalmente em toda cousa de meu serviço e de vossa honrra em que vós poserdes mão. E eu asy lho mando que vos sejam bem mandados e obidentes em todo e façam por vosso corpo e mandado como por mym meesmo, e eu lhe farey por ello muytas mercees". E elles todos ledamente, com bodas vontades, responderom que lhes prazia muyto e eram ledos de o fazerem. E entom fallou contra Nun'Alvrez e lhe disse que lhe encomendava aquella boõa gente que consiigo levava, e lhe rogava que os trautesse bem e lhes desse de sy bõo gasalhado como elle esperava que elle farya, e que lho teerya em serviço. E Nun'Alvrez respondeo que asy o farya com bõo desejo, e entom beijou as mãos ao meestre, e assy todollos outros que com elle hyam, e espedirom'se delle. E o mestre se tornou a Lixboõa e Nun'Alvrez e os seus se partiram de Coua e se forom a Setuwall (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 58).

O cenário de refeição, que lembra em muito a Santa Ceia, quando Cristo dá suas derradeiras instruções antes de seguir para o Monte das Oliveiras, onde será preso, está muito impregnado de amor e paz entre o Mestre e Avis e seu Condestável. Enquanto se alimentam, o rei expõe a razão de ter escolhido

¹⁷⁴ "A analogia mais insistente é a que se estabelece entre o Mestre de Avis e Jesus Cristo e, em decorrência, entre Lisboa, esposa do Mestre, e a Igreja, esposa de Cristo (LOPES, 1977, p. 307), bem como entre Nun'Álvares e Pedro (LOPES, 1977, p. 299-300). Este, com os demais 'discípulos', fora encarregado de pregar pelo reino o 'Evangelho Português', revolucionário e anticismático" (MALEVAL, 2010, p. 234).

¹⁷⁵ "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o eu faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu pai tenho vos dado a conhecer" (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Evangelho de S. João XV, 15.15).

Nun'Álvares para capitanear a missão dos “verdadeiros portugueses”: amor e confiança. E mandando que Nun'Álvares recomende obediência aos seus comandados, o Mestre pede que também tenham esperança na concessão de favores (*mercees*). Os cavaleiros, então, ao ouvirem se alegraram (*ledamente, ledos*), com a preleção militar do rei que instou seu líder no campo de batalha a tratá-los bem e com acolhimento (*gasalhado*) e, após beijar as mãos do Mestre reverentemente, Nun'Álvares se despede rumo a mais um confronto perigoso. Como segunda prova deste messianismo do Mestre de Avis, na associação de sua figura com a de Cristo, temos na *Crónica* outra passagem que remete a Jesus. D. João I, ao chegar na cidade de Torres Vedras e seus arredores, após dominá-la por meio de escaramuras e cercos, é recebido com grande celebração, assim como Jesus ao chegar em Jerusalém na semana de sua crucificação¹⁷⁶. A aparição do Mestre na cidade foi encarada até como uma confirmação de profecias:

E foy grande maravilha que todollos moços pequenos da cidade, sem mandado de nenhũu, nem outro constrangimento, sayram a receber o meestre com grandes cantares e sabores, braadando todos e dizendo: “Em bõa ora venha o nosso rey!”, da quall cousa todos se maravilhavam, dizendo que verdadeiramente cryam que aquello era mandado de Deos, que falava pellas bocas daquelles moços como per bocas de prophetas (Estoria de Dom Nuno Alvez Pereira, 1991, p. 98).

Para destacar laudatoriamente a santificação e bondade do Condestável, o autor o retrata em mais um caso que lembra muito um trecho da história sacra: a multiplicação dos pães.¹⁷⁷ Uns cavaleiros ingleses, aliados dos portugueses nas batalhas contra Castela, passavam fome devido às condições da guerra. E Nun'Álvares, ao se deparar com isso, fez com que cinco pães alimentassem aqueles cinco famintos sem que faltasse para ele próprio:

E em todo arrayal era grande mingua de mantimentos e em tanto que deziã que em todo arrayall nom avia senom híiu pam, salvo se o el'rey

¹⁷⁶ “E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas! E, entrando ele em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, e perguntavam: Quem é este? E as multidões clamavam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia!” (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Evangelho de S. Mateus XXI, 9-11).

¹⁷⁷ “Tomando ele os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou; e, partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos repartiu também os dois peixes. Todos comeram e se fartaram” (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Evangelho de S. Marcos VI, 41, 42).

levava ou ho conde estabre. E, seëdo o conde estabre comendo tendo cinco paães na mesa, que na sua çaquitaria nom avia mais, chegarom a elle cinco cavalleiros ingreses dizendo que moriam de fame e que queriam com elle beber. E elle disse que lhe prazia dello muyto e mandou'lh'es trazer augua aas mãos e desy mandou'os assentar e elles disserom que queriam beber de pee e cada hũu lançou mão de seu pam e comerom e beberom duas vezes e foram'se. E assy nom ficou ao conde estabre pam nenhuu nem o comeo aaquelle comer, senom carne sem pam, e esto com gram sabor (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 109).

O texto nos informa que os cavaleiros ingleses comeram duas vezes, o que demonstra que foram saciados de sua mortífera fome. Há destaque para o prazer da benfeitoria que teve Nun'Álvares, pois sem o pão para si, que dera todo aos ingleses, comeu com grande *sabor* (agrado, prazer) o alimento que sobrara sabendo que, caridosamente, havia ajudado o semelhante e que esta ajuda não lhe tinha feito falta alguma. A misericórdia cristã do herói português, recomendada a todo bom cavaleiro,¹⁷⁸ ainda seria notada em outros momentos da *Crónica*, como na ocasião em que, bem ao gosto de Jesus, amparou e acolheu um cego, o que lhe rende um especial louvor da parte do seu biógrafo:

...e ataa hũu çego que no aravalde morava bradava que o nom leixassem ally antre aquella gente maa. E Nun'Alvrez o ouvio e, avendo delle piedade, ho mandou poer tras sy, nas ancas de hũa mula em que hya com o meestre, e assy o levou quatro legoas, honde o çego foy contente de ficar. Oo, que humano e caridoso senhor! (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 98).

Outro momento da compaixão do Condestável esteve em dividir despojos do assalto ao castelo de Vila Nova, que abordamos anteriormente, entre os mais pobres sem tirar nada para si próprio:

E todo aquello que asy foy tomado aos castellaãos e castoões o conde estabre mandou repartir per suas gentes, sem avendo nem querendo aver. pera sy nêhua cousa", Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 146).

O que se repetiu em outra ocasião:

¹⁷⁸ “Se Deus deu olhos ao mesteiral para que veja obrar, ao homem pecador deu olhos para possa chorar seus pecados, e se ao cavaleiro deu o coração para que seja câmara onde esteja a nobreza de sua coragem, ao cavaleiro que tem na força e em sua honra deu coração para que nele tenha piedade de mercê para ajudar e salvar e guardar aqueles que levam os olhos a chorar e os corações com esperança aos cavaleiros, que os ajudem e os defendam e os protejam de suas necessidades” (LLULL, 2010, p. 39).

Aqui partyo o conde estabre muy grossamente dinheiros e pam com aquelles que pêra esto mandou chamar, e elles se partirom a suas casas a se conçertar, e o conde estabre se partio pera Portel.” (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 152).

E ainda quando termina sua jornada como monge medicante no Convento de Carmo. Neste momento, os antigos inimigos, os castelhanos, também foram alvo do notável espírito de beneficência de Nun'Álvares Pereira:

E este, de todollos dinheyros que a sua casa vinham, asy de suas rendas como dos que lhe el'rey fezesse merçee, ou em qualquer outra maneyra que lhe viessem, logo delles era apartado o dizimo de todos, e os dinheiros deste dizimo eram dados todos por amor de Deos a pobres. E em cada hum anno dava de vestir aos pobres de todas suas terras per esta guisa: hũu anno o dava em huã comarca e o outro em outra, e desta guisa de dous em dous annos todos aviam de vestir. Muytos escudeiros e outros homens pobres, e asy molheres que em outro tempo forom honrradas e tenerom bem de comer e ora eram mingoadas, aviam tenças de pano e dinheiros em que se bem mantinham, e esso mesmo a cavalleiros e escudeiros e outras pessoas honrradas, especialmente daquelles que o seguiram em serviço del'rey, eram delle providos de pano pera vestir como elle sabia ou entendia que lhe compriam, e enviandolho a suas casas per homens de sua casa, por alongados que estevessem. (...) E ainda nom abastava fazer bem e esmolas aos do reyno de Portugall, mais ainda aconteceu que hũu anno foy mingoado de pam no regno de Castella, polia qual mingoa se vieram de Castella aa comarca d'Antre Tejo e Udiana bem quatrocentas pessoas de castellaãos, antre homens e molheres e moços pequenos, os quaes lhe foy dito que padeciam a fame. E deu carrego a dous pobres da serra que andassem a comarca d'Antre Tejo e Udiana, que sou bessem parte de todoilos homens e molheres e criaturas pequenas que hy eram, que com mingoa de pam se vierom de Castella, e que lhos trouvessem per escripto (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 199).

Do “Galaaz português”, seu cronista anônimo ainda afirmou que era mais um homem de atitudes do que de palavras. Sua impetuosidade na batalha era tão conhecida quanto as ações de ajuda ao próximo. Suas virtudes cavaleirescas o impulsionavam a agir em defesa do seu Deus e do seu país e às vezes nem falava muito, deixando seus passos mostrar por ele sua personalidade:

O Condestável, que não era homem de palavras, mas de feitos, temendo que el-rei mudasse do que tinha na vontade, ergueu-se um dia do conselho a tarde, e no dia seguinte, de manhã, acabada a missa, partiu-se com sua gente sem dizer palavra, a caminho de Tomar, por onde os castelhanos vinham (Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira, 1972, p. 150).

Demonstrações que falam mais do que palavras lemos também nos escritos canônicos do apóstolo Paulo, que, com suas viagens missionárias por quase todo o

mundo conhecido, contribuiu para a expansão da fé cristã pelo Ocidente até torná-la a religião predominante nesta parte do mundo até hoje:

E a minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder; Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios II, 4, 5)

Ainda sobre o Apóstolo dos Gentios lemos nesta mesma carta que ele recomendava a solteirice com fins de trabalho para o Evangelho, que Nun'Álvares seguiu fielmente até seu último dia. S. Paulo diz que evitar-se-ia “angústias da carne” decorrentes do casamento, além do fato de solteiros “cuidarem melhor das coisas do Senhor”, que significa um desimpedimento óbvio por não se tem alguém para dar assistência: “Estás casado? Não procures separar-te. Estás livre de mulher? Não procures casamento” (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Primeira Epístola de S. Paulo VII, 27). No termo de sua carreira, o Condestável se orientou também por essa doutrina paulina, ao escolher a vida reclusa e sem a companhia de uma mulher, cultivando a castidade do seu herói Galaaz que fez tanto seu gosto na sua jovialidade e que continuou fazendo na velhice:

O condestabre foy muy casto de vontade e ainda de feito, porque elle com outra molher nunca dormio senom com a sua, pero casasse muito mançebo e sua molher bem manceba e asaz de bem pareçente molher. E ainda com sua molher, depois que elle veeo ao triintairo del'rey dom Fernando, que ficou com el'rey seendo entom mestre, nunca depois com ella dormio, como quer que per vezes foy honde ella estava, e esto com grande pena por ser homem novo, mais todo avia por bem e grande prazer por servir a Deos (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 198).

Como última referência ou inspiração direta das Escrituras Sagradas, temos o epílogo da *Crónica*, que encerra a narrativa com ares de Evangelho, mais especificamente o de João. Eis o trecho:

E desta teença o condestabre e os que com elle estavam eram asaz abastados do que lhe fazia mester, e ainda ho condestabre delia fazia muytas esmollas. E doutras muytas virtudes e boas obras husou o condestabre tantas que se nom poderiam lembrar pera se poer em esta estoria. E ainda o dya de oje, depoy de sua morte, Deos, por sua merçee, fez e faz muytos millagres naquell lugar honde seu corpo jaz, que som asaz denotados e magnifestos, por que devemos de entender que sua alma he com Deos na sua gloria, a qual elle por sua merçee nos dê. Amen. (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 203).

Segundo o autor, Nun'Álvares teria feito tantas outras boas obras que ficaria difícil pôr todas em relato escrito. Os milagres que se realizaram depois de sua morte, no lugar de sua sepultura, também são descritos como numerosos, o que já mostra o culto ao Condestável já à época da escrita da *Crónica* e que contribuiu para a sua tardia canonização, no ano de 2009, conforme já informamos. Eis o texto bíblico que lhe serve de base como fechamento desta obra:

Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas as elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos" (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Evangelho de S. João XXI, 25).

O quarto Evangelho canônico traz como epílogo a ideia da insuficiência do texto para relatar as obras de Cristo, por serem muitíssimas, e o autor da *Crónica* procede da mesma maneira para exaltar a beatitude do seu herói cavaleiresco.

Este, portanto, é o homem celebrado como exemplo de patriotismo e devoção construído na *Crónica*. O relato de momentos de sua vida, quando se lhe atribuem valores desejáveis naquela Idade Média minguante, teve grande poder de inspiração no seu país pelos séculos afins. A imagem criada a partir sobretudo da *Crónica* ajudou a formar a cultura portuguesa, caracterizada laudatoriamente em sua literatura como nação navegante, fiel e resistente apesar das dificuldades. E Nun'Álvares, com seu ânimo constante de cavaleiro, lutou e se juntou aos heróis de sua pátria porque acreditava em algo maior do que simplesmente glória e riqueza nas batalhas. Tinha fé. E tal motivação o fazia sangrar até possivelmente o sacrifício final sem aparente hesitação em vários momentos de sua atribulada vida. O Condestável guerreava pelo seu Deus bastante convicto de que o seu lado era o correto e de que este mesmo Deus estava com ele. Era isto que lhe dava força. Seu país precisava ser liberto de inimigo opressor, cruel e cismático, afastado da verdadeira fé católica. Sua bandeira não era a de Portugal necessariamente, não portava os cinco escudos das quinas cercados pelos castelos, mas ostentava os seus santos de predileção, ou seja, exibia o que verdadeiramente lhe impulsionava, a missão de estabelecer a fé cristã pura, nicena, ameaçada pelo cisma apoiado por Castela. Nacionalista sim, mas cristão católico antes de tudo, pois o que o tornava patriota era querer o cristianismo, a única religião verdadeira para o seu país.

É curioso perceber que D. Nun'Álvares representou a própria Igreja Católica Romana em sua trajetória de existência, que num primeiro momento creu na sua missão de propagar uma fé que unisse os seres humanos em tolerância e paz (sua fase de leitor do seu herói Galaaz), depois assumiu o papel de Estado (armou-se escudeiro pela rainha D. Leonor, empreendendo suas primeiras incursões em nome da Coroa), conclamou a cristandade para combater os mouros nas Cruzadas (batalhou em razias sangrentas até a culminância em Aljubarrota, cuja carreira se encerra no ataque a Ceuta) e, por fim, nos tempos atuais propaga mensagens de paz e amor ao mundo, se colocando sempre contra conflitos armados em todo o mundo (a última fase no claustro, com voto de pobreza e se dedicando à caridade). É claro que não se trata de uma mudança em sua mentalidade. Muito pelo contrario. Temos o mesmo Condestável do início ao fim da sua vida, alterando apenas a maneira de defender a mesma fé cristã. A cruz e a espada eram o mesmo armamento, com o mesmo sentido: sua devoção. Segundo o autor anônimo da *Crónica*, quando jovem, Nun'Álvares, em estado de inocência, aos treze anos era apenas “*criado a gran viço*” (com cuidado, com um bom tratamento, *Estoria de Dom Nuno Alvarez Pereira*, 1991, p. 3), aprendendo as lições da *Demanda do Santo Graal*, e já servindo como estudante. Mais tarde, ergue armas como cavaleiro e afirma a rainha que “*prazeria a Deos que ainda Iho serviria*” (*Estoria de Dom Nuno Alvarez Pereira*, 1991, p. 5), e rumando depois para o confronto em Aljubarrota, afirmou “*que elle esperava em Deos que ele (rei de Castela) seria oje aquelle dia vencido e desbaratado ou morto ou preso*” (*Estoria de Dom Nuno Alvarez Pereira*, 1991, p. 117), guerreando obstinadamente para alcançar o objetivo. Nun'Álvares segue servindo a Deus ainda que já velho para a vida de caserna, estando a bordo rumo a Ceuta, onde se disse que era “*por serviço de Deos*” (*Estoria de Dom Nuno Alvarez Pereira*, 1991, p. 193). Sua entrega à vida monástica, finalmente, é louvada entusiasticamente por Mendes Remédios no prefácio da sua edição da *Crónica*, com vistas ao engrandecimento das obras caridosas do Condestável, neste ocaso de sua vida de servidão ao seu Deus:

Uma das glorias mais legitimas de Portugal sumia-se nos claustros d'um convento como um sol radiante e triumphal nas brumas cerradas por um longínquo poente” (*Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, 1911, Prefácio, XVI).

E ali, mesmo depois da morte, Nun'Álvares ainda foi instrumento de Deus para prodígios, segundo o cronista, que fecha sua obra dizendo que “Deus, por sua mercê, fez e faz muitos milagres naquele lugar onde seu corpo jaz” (*Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*, 1972, p. 228).

Em sua obediência, não importava que meios violentos ou rigorosos demais devessem ser empregados. Sua base ideológica estava sólida; o cavaleiro cristão deve pelejar e matar se preciso for em nome da religião de Cristo. Caridade para o mais fraco e dependente. Para o adversário, a espada. Nada de oferecer a outra face, a capa ou caminhar com ele duas milhas ao invés de uma. Jesus é um general, não “o cordeiro que tira o pecado do mundo” (A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Evangelho de S. João I, 29) com sua entrega pacífica a um sacrifício humilhante e doloroso. Nun'Álvares lutava por amor, não para espalhá-lo. Achava que, por meio do confronto armado, evangelizava e impunha a doutrina de amor ao próximo do Nazareno, mostrando apenas no final da sua vida alguma coisa de paz ao mundo, aquela que teria lido em algum lugar da Bíblia que Cristo pregou. Entendeu, durante a sua vida desde sua mais recuada jovialidade, baseado no seu estimado Galaaz, que a luta deve ser travada corajosamente e que a fé guardada na mesma intensidade, com apreço e negação, e que qualquer compromisso que assumisse deveria ser para honrar e defender o cristianismo, pois isto era o que lhe cabia como cavaleiro.

O ideal de Nun'Álvares, portanto, atravessou os séculos e chegou até nós. Ainda no presente século XXI, assistimos ao renascimento da guerra santa com personagens que elegem certos caracteres da sociedade como inimigos e imprimem, através do *discurso*, verdadeiros combates contra eles. Em nome de um “*serviço de Deos*” moderno, o “cavaleiro” Edir Macedo monta um conglomerado de empresas de comunicação para através dele veicular produção cultural que guerreie retoricamente contra os denominados inimigos da fé cristã. Trata-se da Igreja Universal do Reino de Deus, cristãos neopentecostais surgidos na década de 1960, que revivem o longínquo ideal cruzadístico materializado no Condestável D. Nun'Álvares, cujo combustível era a defesa de seu cristianismo. Passamos no próximo capítulo a traçar um linha histórica do surgimento do movimento neopentecostal bem como suas características belicosas de luta pelas suas doutrinas, que se chocam contra os eleitos como adversários destas mesmas doutrinas.

3 AS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS E SEU CRISTO GUERREIRO

Uma nova guerra santa surge no século XX e perdura até o nosso tempo. Assistimos a um movimento discursivo parecido com aquele cavaleiresco construído na *Crônica do Condestabre*,¹⁷⁹ em sua luta para fazer prevalecer a religião de Jesus Cristo por meio da belicosidade, em plena atualidade em que se celebram conceitos como a laicidade do Estado, diversidade étnica, sexual e cultural e pluralidade de ideias. Temos de volta um conflito de ordem religiosa, que opõe o Bem ao Mal dos mistificados tempos dos cavaleiros:

Este termo, ao que parece é antigo. Já em 1982, o autor do prefácio de um dos livros do Pastor Edir Macedo afirmava: ‘Através do rádio, da televisão e das igrejas que têm estabelecido rincões de nossa pátria e do exterior, o Pr. Macedo tem desencadeado uma verdadeira guerra santa contra toda obra do diabo (SOARES, 1990, p. 77).

Um conceito de modernidade, que supostamente se confronta com o que pejorativamente se atribui ao período medieval, como predominância da religiosidade no cotidiano, por exemplo¹⁸⁰, tem sido colocado em xeque com a permanência da fé como regente e parâmetro para a vida das pessoas. Ocorre neste tempo considerável influência de valores religiosos em quase todos os debates públicos, tais como nas questões de segurança pública (o aborto em casos de estupro e descriminalização do uso de drogas ilícitas), família (legalização do casamento civil de homossexuais bem como a adoção de crianças pelos mesmos) e

¹⁷⁹ A crônica em foco e os demais relatos de cavaleiros a serviço de Deus expostos nesta Tese não foram necessariamente lidos pelos neopentecostais, mas buscamos identificar a ideologia de guerra santa em comum. A pesquisa, assim sendo, visa aproximar os dois discursos, mas guardando as devidas diferenças temporais, as metáforas e procedimentos discursivos semelhantes, mas não idênticos nos propósitos a que serviam.

¹⁸⁰ Uma pesquisa inédita do instituto alemão Bertelsmann Stiftung, realizada em 21 países, revela que este renascimento da religião está mais presente no Brasil que na maioria dos países. O estudo mostra que o jovem brasileiro é o terceiro mais religioso do mundo, atrás apenas dos nigerianos e dos guatemaltecos. Segundo a pesquisa, 95% dos brasileiros entre 18 e 29 anos se dizem religiosos e 65% afirmam que são “profundamente religiosos”. Noventa por cento afirmam acreditar em Deus. Milhões de jovens recorrem à internet para resolver seus problemas espirituais. Na rede de computadores, a diversidade de crenças se propaga como vírus. “Na minha geração só sabia o que era budismo quem viajava para o exterior”, diz a antropóloga Regina Novaes, da Universidade de São Paulo e ex-presidente do Conselho Nacional de Juventude. “Hoje, com a internet, o jovem conversa com todo o mundo e conhece novas religiões. A internet virou um templo.” Mais talvez do que isso, ela se converteu no veículo ideal de uma religião contemporânea e desregulada, que pode ser exercida coletivamente sem sair de casa e sem submeter-se a qualquer disciplina. *Deus é pop*. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI77113-15228,00.html>> Acesso em 02/11/2020.

tributária (cobrança de certos impostos dos quais as igrejas são isentas). E, para defender estas pautas contra os chamados “progressistas”, temos no Brasil a criação de uma “bancada da Bíblia”, um conglomerado de parlamentares cristãos no Congresso Nacional (católicos e evangélicos, neste ponto havendo uma espécie de “contrarreforma”, visto que os dois estão separados há 500 anos, mas, no nosso país, voltaram a se unir por mútuas conveniências) que pelejam por causas identificadas como “conservadoras”, que manteriam a controle dos valores cristãos na sociedade brasileira.

Um grande movimento místico emerge principalmente das periferias das grandes cidades, ressaltando essa dimensão espiritual do Homem. Igrejas e outros centros religiosos proliferam como resposta aos anseios da população, pretendendo proporcionar alento, inclusão e, segundo se divulga, cura e libertação de seus problemas. Slogans como “Pare de sofrer” e “Trago a pessoa amada em três dias” são lidos nos muros e *outdoors* das grandes cidades brasileiras, na promessa do uso do sobrenatural para a concessão de algo pretendido. Acresce-se a isto a ocupação de porções significativas de horóscopo nos jornais de grande circulação, tentando prever, através dos astros, os caminhos e os destinos das pessoas. Os signos determinariam vícios e virtudes de cada um explicando-lhes as personalidades.

O que parte expressiva da academia erroneamente denomina como “medieval” pode ser perfeitamente posto como uma marca da contemporaneidade, haja vista a intensa permanência da religião no dia-a-dia das pessoas, que curiosamente se orgulham de suas liberdades e evolução como cidadão, conceito, aliás, constantemente solapado por fatores diversos de descrição extensa. A sociedade estaria “mais crédula”, pelo menos no sentido público ou político, uma vez que observamos cada vez mais a eleição de candidatos que se apresentam como “pastor”, “bispo”, “padre” ou “pai de santo” ou que são indicados por estes como “aquele que é da nossa religião”. Temos como um dos objetivos com este capítulo, assim sendo, examinar o fenômeno religioso mais detidamente com alguns dados sobre o crescimento do protestantismo no Brasil e a reação política de outras crenças.

Uma nova denominação temporal, então, far-se-ia necessária, uma vez que percebemos vários elementos que caracterizariam a “Idade Média”?¹⁸¹ A matéria ainda custa muitas pesquisas, mesmo que um sem-número já tenha sido feito por muitos especialistas, dada a relevância do assunto. Nesta aqui, procuraremos mostrar uma ideia de “guerra santa” arquitetada na literatura medievá, refletida na soberba, líquida¹⁸² e indefinida modernidade, especificamente na trilogia biográfica do bispo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo, que dirige seu *ethos* e estabelece uma importante conexão com a mentalidade do período em que foi composto a *Crônica do Condestabre*, símbolo escolhido para a tarefa. Antes, porém, de descrevermos esta conexão faremos neste capítulo uma necessária apresentação do movimento neopentecostal bem com sua historicidade no mundo e no nosso país.

Já no prefácio do polêmico livro do bispo, *Orixás caboclos e guias: deuses ou demônios?*, publicado em 1997, e tendo seis edições (a última lançada em 2019), anuncia-se uma “guerra santa”¹⁸³ contemporânea, expressão usada para denominar

¹⁸¹ Atualmente alguns historiadores de renome questionam essa periodização. O francês Jacques Le Goff, por exemplo, propôs uma nova periodização, uma “longa Idade Média”, que iria do século IV ao XIX. Para ele, os aspectos que caracterizam esta “longa Idade Média” são, do ponto de vista das ideias, a predominância do cristianismo e da crença na luta entre Deus e o diabo; sob ângulo social, a existência de três grupos principais, sacerdotes, guerreiros e camponeses; no que diz respeito à saúde, o medo da peste e o aparecimento dos principais hospitais; quanto aos transportes, a grande importância da carroça e do cavalo; com relação à cultura, a lenta alfabetização e a crença no milagre. (LE GOFF, 1994, p. 35-41). Hilário Franco Júnior, por sua vez, em *O nascimento do ocidente* postula que foi na “idade da trevas” que se deu vários acontecimentos marcantes atribuídos à Modernidade, como o próprio Renascimento, os Descobrimientos, o Protestantismo e o Absolutismo: A Baixa Idade Média (século XIV-meados do século XVI) com suas crises e seus rearranjos, representou exatamente o parto daqueles novos tempos, a Modernidade. A crise do século XIV, orgânica, global, foi uma decorrência da vitalidade e da contínua expansão (demográfica, econômica, territorial) dos séculos XI-XIII, o que levou o sistema aos limites possíveis de seu funcionamento. Logo, a recuperação a partir de meados do século XV deu-se em novos moldes, estabeleceu novas estruturas, porém ainda assentadas sobre elementos medievais: o Renascimento (baseado no Renascimento do século XII), os Descobrimientos (continuadores das viagens dos normandos e dos italianos), o Protestantismo (sucessor vitorioso das heresias*), o Absolutismo (consumação da centralização monárquica”) (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 18). No campo da literatura, nosso interesse maior, a “Idade Média” nos apresentou as novíssimas línguas românicas, pelas quais se realizou um tipo de prosa específica que leva este mesmo nome, o *romance*, a lírica trovadoresca, o amor cortês, o soneto e as canções de gesta. Todos gêneros literários que ressoariam, encantariam e inspirariam pelos séculos até os dias de hoje.

¹⁸² Famosa assertiva do filósofo Zygmunt Bauman, trabalhada em sua obra *Modernidade líquida*, de 1999, na qual o erudito analisa a volatilidade do comportamento humano atual propiciado pelos seus valores frágeis e sem profundidade.

¹⁸³ “*But for much of the world before the 17th century, these “reasons” for war were explained and justified, at least for the participants, by religion*” (Mas para grande parte do mundo antes do século XVII, esses “motivos” da guerra eram explicados e justificados, pelo menos para os participantes, pela religião). “*The objectives of warfare were broadened from the conquest of this or that sliver of a kingdom to the spread of revolutionary ideals, and through this ideological back door something like*

grandes conflitos na História entre religiões, sendo a mais famosa delas a medieval Cruzada. Temos reeditada mais uma “guerra santa”, desta vez no nosso tempo e sem armas físicas, pelo menos na maioria das ocorrências. Denominação, aliás, adotada pela mídia brasileira, embora tenha dimensões infinitamente menores do que aqueles confrontos armígeros que marcaram a Idade Média Alta e Central e outros mais, como de árabes e judeus, católicos e protestantes, estes já no século XX (MARIANO, 1999, p. 112). Eis a “declaração de guerra” do fundador da Igreja Universal do Reino de Deus aos “infiéis”:

Esse homem, que Deus levantou para uma obra de grande vulto no cenário evangelístico nacional e mundial, conhece todas as artimanhas demoníacas. Por meio dos veículos de comunicação e das igrejas que tem estabelecido pelos rincões de nossa pátria e no exterior, o Bispo Macedo vem desencadeando uma verdadeira guerra santa contra todas as obras malignas. Neste livro, ele denuncia as manobras satânicas por meio das práticas de feitiçaria; coloca a descoberto as verdadeiras intenções dos demônios, que se fazem passar por orixás, exus e erês, dentre outras entidades, e ensina a fórmula para que as pessoas se libertem do mal que tenta dominá-las (MACEDO, 2000, *Prefácio*, p. 7).

Nada a perder, autobiografia com muitos traços de “crônica hagiográfica”, visa exaltar entre outras coisas a “guerra santa”, como fez ou faz para vencê-la. O relato de sua trajetória desde a infância até a fundação da IURD tem como intuito mostrar-se como homem de sucesso e enviado por Deus para derrotar os inimigos da fé cristã. Com muita semelhança com a *Crônica do Condestabre*, *Nada a perder* expõe o “cavaleiro” vitorioso, temente a Deus, sofredor pela causa da fé e extremante aguerrido na luta justa ou justificada.

Nos cultos neopentecostais, cheios de alegria e agitação, Jesus é celebrado como um general valente e de guerra, assim como parece ocorrer na *Crônica do Condestabre*. Por meio de letras inflamadas e musicalidade fervorosa e estimulante,

the fervor of religion slipped back into war along with the mass of conscripts. Once again wars needed to be in some sense “holy” or, in the more secular lexicon of the times, “just”. (Os objetivos da guerra foram ampliados a partir da conquista desta ou daquela porção de um reino para a disseminação de ideais revolucionárias, e através dessa porta dos fundos ideológica algo como o fervor da religião caiu de volta na guerra junto com a massa de recrutas. Mais uma vez, as guerras precisavam ocorrer em alguns sentido “sagrado” ou, no léxico mais secular da época, “somente”). (PHILIPS, AXELROD, 2005. Introdução, p. XXIII). “...reconhecia-se na prática das armas uma atividade legítima e necessária, no âmbito da manutenção, ou da restauração de um equilíbrio que se via continuamente perturbado ou ameaçado por forças exteriores à Cristandade.” (...) Bernardo de Claraval retomará esta metáfora conferindo-lhe maior valor ao aplicá-la à luta contra os infiéis, sustentando que a eliminação de qualquer um deles poderia ser definida não como *homicidium* (“morte de um homem”), mas como *malicidium* (“morte de um mal”), já que o pagão que visa oprimir a Cristandade pelas armas é o sustentáculo ativo do mal no mundo (LE GOFF, SCHMITT, 2006, p. 475, 476).

ou seja, ritmos e batidas apreciadas pelo grande público, como rock, forró e funk, os fiéis cantam sua animosidade contra os declarados inimigos do cristianismo. Exaltam a arte da guerra por Cristo fazendo largo uso de figuras como “exército”, “general”, “inimigo”, “espadas”, “marcha” etc.:

Pelo Senhor, marchamos sim
O seu exército poderoso é,
Sua glória será vista em toda a terra!

Vamos cantar o canto da vitória!
Glória a Deus! Vencemos a batalha,
Toda arma contra nós perecerá!

O nosso general é Cristo,
Seguimos os seus passos,
Nenhum inimigo nos resistirá (...) (CAMPOS, 1995, faixa 2).

E, inflamados por este sentimento, boa parte dos adeptos saem em busca deste inimigo para realmente derrotá-lo a todo o custo, não ficando a peleja apenas nas letras dos seus cânticos e nos seus manuais de escola dominical. Na imprensa, abundaram os casos de agressões simbólicas ou até mesmo físicas àqueles identificados como “infiéis” e/ou associados a demônios. No dia 12 de outubro de 1995, um fato causou grande repercussão na sociedade brasileira: os chutes dados por um bispo da Igreja Universal, Sergio Von Helder, em uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, por ocasião de uma pregação que fazia contra o que chamava de idolatria no programa televisivo o *Despertar da Fé*, da TV Record. Com fala e gesticulação incisiva e hostil contra o símbolo católico, golpeando-o repetidas vezes, Von Helder rebaixa a imagem argumentando, em linhas gerais, que o objeto não valia muito materialmente e que “não era Deus coisa nenhuma”:

Nós estamos mostrando às pessoas que isso aqui, olha só, não funciona, isso aqui não é santo coisa nenhuma, isso aqui não é Deus coisa nenhuma! Quinhentos reais, meu amigo, isso, cinco salários mínimos custa no supermercado essa imagem, e tem gente que compra! Agora se você quiser uma santa mais barata, você encontra até por 100! Será que Deus, o Criador do universo, (ele) pode ser comparado a um boneco desse, tão feio, tão horrível, tão desgraçado?¹⁸⁴

Depois de ampla divulgação da mídia e reação de autoridades como o presidente da República à época, Fernando Henrique Cardoso (classificou como “intolerância”), e o próprio Papa João Paulo II, que teria recomendado “não responder o mal com o mal”, o bispo foi condenado por vilipêndio de objeto religioso e de discriminação religiosa à prisão preventiva, sendo notificado da sentença nos Estados Unidos, para onde fugiu temendo represarias violentas. Segundo reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 24 de setembro de 1996, os temores de Von Helder fizeram sentido, pois grupos de católicos extremistas atacavam templos da Igreja Universal em diversos pontos do país¹⁸⁵, motivados pelo ato inconsequente do neopentecostal. Alguns meses depois, O bispo da Universal foi condenado novamente a dois anos e dois meses de prisão sendo este o primeiro caso de punição, segundo o periódico¹⁸⁶ do dia 1º de maio de 1997, de intolerância religiosa.

Um segundo caso vultuoso de incorporação desta “guerra santa” noticiado pela imprensa está num ataque de quatro jovens cristãos ao centro espírita Cruz de Oxalá (Catete, zona sul do Rio de Janeiro) no dia primeiro de junho de 2008, após acusações de que os adeptos daquela crença estariam endemoniados, o que gerou desentendimento entre os sacerdotes e os rapazes. O calor da discussão levou os segundos a invadirem o local do culto de matriz africana para depredarem o que havia lá, expulsando os religiosos. Pelo ato de vandalismo e selvageria, os crentes, identificados como pertencentes à Igreja Geração Jesus Cristo, foram conduzidos à delegacia por policiais que, segundo a reportagem, logo chegaram por causa do tumulto:

¹⁸⁴ *O Chute na santa - um chute no estômago*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QiNJ8mQU6g8>> Acesso em 30/10/2020.

¹⁸⁵ *Bispo da Universal que chutou santa tem sua prisão decretada*. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/24/brasil/22.html>> Acesso em 31/10/2020.

¹⁸⁶ *Há 25 anos, bispo da Universal dava chute na santa e chocava o país*. Disponível em <<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/10/12/ha-25-anos-bispo-da-universal-dava-chute-na-santa-e-chocava-o-pais-152378.php>> Acesso em 31/10/2020.

- Eles falaram que as imagens estavam com o demônio. Por isso, eles resolveram quebrá-las - contou um dos policiais. (...) Segundo Cristina Moreira, uma das dirigentes do centro, foi nessa hora que as quatro pessoas - três homens e uma mulher - chegaram com atitudes e palavras agressivas.

- Depois de ofender as pessoas que estavam na fila, eles nos obrigaram a abrir a porta e invadiram o centro. Em seguida, quebraram todas as imagens de santos, mesas e cadeiras - disse Cristina. - Eles chegaram dizendo frases do tipo: "Onde está o demônio de vocês que não está aqui para protegê-los?". "Deus mandou a gente aqui para tirar o demônio de vocês" - disse a advogada.

Um idoso de 70 anos que estava na fila chegou a ser empurrado pelos agressores. Policiais militares chegaram a tempo de prender o bando. Eles foram levados à 9ª DP, onde prestaram depoimento.¹⁸⁷

A ação violenta dos quatro jovens, contudo, não foi tipificada na delegacia como "intolerância religiosa" ou "discriminação racial" conforme desejava a advogada do centro espírita, mas sim como injúria e vilipêndio, artigos 140 e 208 do Código Penal brasileiro. Segundo reportagem da *Revista Crescer* do dia 25/06/2009, os jovens foram condenados apenas ao pagamento de cestas básicas, por serem réus primários.¹⁸⁸ O pastor da igreja à qual pertencem os envolvidos, Tupirani da Hora, foi responsabilizado pelo atentado e também foi detido preventivamente. O líder religioso se defendeu dizendo: "Eu não respeito satanismo, se alguns vão chamar isso de religião é problema deles". Um dos jovens agressores, chamado Afonso Henrique Lobato, expressou profunda convicção na legitimidade de seu ato criminoso num vídeo na plataforma *YouTube*,¹⁸⁹ afirmando categoricamente que não tinha que se "justificar ou dar satisfação a ninguém". Afonso, desacatando as autoridades policiais, chamando o que fazem de "palhaçada" e "baboseira" e a eles de "ignorantes", "corruptos", "caras-de-pau" e "servidores do Diabo", relata que foi preso porque a imprensa, que também é acusada por ele de "servidora do Diabo", "distorceu tudo":

¹⁸⁷ Centro espírita é depredado no Catete. Disponível em <[¹⁸⁸ Brasil tem primeiras prisões por intolerância religiosa. Disponível em <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,ERT79088-15565,00.html>> Acesso em 02/11/2020.](https://extra.globo.com/noticias/rio/centro-espirita-depredado-no-catete520675.html#:~:text=RIO%20%2D%20O%20Centro%20Esp%C3%ADrita%20Cruz,do%202%C2%BA%20BPM%20(Botafogo).&text=Por%20isso%2C%20eles%20resolveram%20quebr%C3%A1,las%20%2D%20contou%20um%20dos%20policiais.> Acesso em 31/10/2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

¹⁸⁹ Resposta aos Espíritas, Globo e as "Autoridades". Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IDibSEjt-Zo>> Acesso em 02/11/2020.

Então nós começamos a expor a verdade sem agredir e ofender ninguém, porque esse não é o propósito do evangelho. Cristo Jesus veio salvar a humanidade e condenar quem não crê, mas não para ofender ninguém. Mas as pessoas se sentiram ofendidas com a verdade, acusadas com o pecado que estavam praticando! (...) Por isso nos ameaçaram de morte, pra ter cuidado com os carros, pois o nosso nome seria levado para os demônios deles, que a gente poderia sofrer algum acidente por estar ali perturbando eles. (...) Então ficou naquela ameaça nós aceitamos o desafio, porque falar em nos matar é um desafio! então aceitamos o desafio! (...) Nós já chegando lá dentro, e como o Diabo já havia corrido, então peguei todas as imagens de escultura e comecei a quebrar. A Bíblia diz que “a imagem de escultura é uma abominação”. Então eu repudio aquelas imagens também e comecei a tacar tudo para o alto. (...) Então, eu tô aqui hoje para estar esclarecendo todos os fatos! Então para os macumbeiros, espíritas ou satanistas, como queiram, o desafio está lançado. Vamos ver, vamos colocar à prova; quem realmente tem Deus! E quanto às autoridades, que pensam que são autoridades, policiais militares, policiais civis, juízes e advogados, eu estou aqui para dizer: julgai entre vós mesmos se antes é lícito nós obedecermos a vocês ou a Deus, porque não posso deixar de falar do que eu tenho visto e ouvido (*Resposta aos Espíritas, Globo e as “Autoridades”*).

No dia 18 de agosto de 2019, foi noticiado que traficantes, denominados “evangélicos” pela imprensa, atacavam terreiros de umbanda e candomblé em favelas da Baixada Fluminense por motivo religioso. Alcinados de “Bonde de Jesus”, os criminosos destruíram os locais de culto e expulsavam os adeptos das comunidades. Segundo a reportagem, a polícia apontou como criador e líder do “Bonde de Jesus” Álvaro Malaquias Santa Rosa, o “Peixão”, da facção criminosa Terceiro Comando Puro (TCP). Na semana anterior à notícia, os policiais em operação, prenderam oito traficantes acusados de integrar o grupo, que foi assemelhado aos terroristas islâmicos pelo delegado do caso, *Gilbert Stivanello*, da Delegacia de Combate a Crimes Raciais e Delitos de Intolerância: “- Eles distorcem a doutrina religiosa e agridem outras religiões, sobretudo as de matriz africana.” – disse o oficial. Investigações apontam que a inusitada e contraditória relação entre religião e crime se deu depois que a cúpula do TCP foi convertida por uma igreja neopentecostal. O portal *Terra* ainda afirma que: “Há informações, ainda não confirmadas, de que Peixão teria sido ordenado pastor”¹⁹⁰, que impunha intensa e rigorosa repressão sobre os adeptos, regulando inclusive suas vestimentas, sob pena de puni-los severamente:

¹⁹⁰ *Traficantes evangélicos causam terror a religiões africanas*. Disponível em <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/traficantes-evangelicos-causam-terror-a-religoes-africanas,1780cd9c3e66e3685264918be080ac4db4ddw64t.html>> Acesso em 14/10/2020.

Na Baixada Fluminense, traficantes passaram a ditar regras dos terreiros, como horários das cerimônias e uso de fogos de artifício e fogueiras. Eles também proibem as pessoas de andarem com roupas brancas ou de santo nas ruas. As invasões a terreiros são cada vez mais frequentes, com destruição de oferendas e imagens sagradas. (...)

"O ataque aconteceu num sábado de casa cheia. Eles entraram com violência, mandando todo mundo sair e quebrando tudo", contou uma testemunha. "O terreiro está fechado. Tiramos tudo de lá e não aconselhamos ninguém a voltar." Segundo a mesma testemunha, outros religiosos fecharam os terreiros e se mudaram (*Traficantes evangélicos causam terror a religiões africanas*).

Outras ações, de caráter mais simbólico, também evidenciam essa “guerra santa” moderna protagonizada por neopentecostais. Em 2009, foi sancionada pelo presidente da República Luís Inácio Lula da Silva a Lei 12.025, de autoria do bispo da IURD e então senador Marcelo Crivella, que instituiu um dia nacional da “Marcha para Jesus” no calendário oficial do país. Milhares de cristãos evangélicos vão às ruas para declararem a sua fé, “marchando” na defesa de seus princípios ao mesmo tempo que demonstrando a força de seu grupo (ALENCAR, 2005, p. 89) que se pretende hegemônico no país ou que se acha ameaçado pelo “pecado” da sociedade. Em 2019, o evento na cidade de São Paulo contou com a participação de mais de 2 milhões de pessoas,¹⁹¹ além de autoridades como o presidente da República Jair Bolsonaro, o governador do Estado João Dória e o prefeito da cidade Bruno Covas. Já em 2020, primeiro ano da pandemia do novo corona vírus, a caminhada transformou-se numa carreata de 10 mil veículos, número também muito expressivo para uma manifestação ao ar livre. Não sem motivo, o movimento foi chamado de “marcha”, pois o intento era mesmo metaforizar com um exército que se ergue para combater um adversário, usando para tal propósito a manifestação e o ajuntamento volumoso nas ruas. Os crentes “marcham” para “declarar que só Jesus é o Senhor” (SANT’ANA, 2014, p. 221), reafirmando, através dos cânticos de artistas gospel famosos e gritos de guerra, que “feliz é a nação cujo Deus e o Senhor” (*Ibidem*).

Como já foi dito, há claríssimo objetivo político, tendo em vista a presença de chefes do Poder Executivo, que enxergaram suas presenças como uma aproximação com estes grupos poderosos e influentes como eleitorado. Mas, da

¹⁹¹ *Marcha para Jesus 2019 reúne milhares de fiéis em São Paulo*. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/20/marcha-para-jesus-2019-reune-milhares-de-fieis-em-sao-paulo.ghtml>> Acesso em 03/11/2020.

parte dos integrantes da Marcha, o movimento serve também para combater fatos sociais cuja responsabilidade se atribui ao diabo:

O alvo combatido na Marcha, no entanto, é uma manifestação mais geral do que seria a ação do Demônio. Os elementos acionados como sendo fruto da ação do Diabo sobre as vidas humanas incluem a sujeira do rio Tiete, mas também a violência urbana, a prostituição, a homossexualidade e a corrupção. O combate a esse mal não se dá apenas pela ação de um pastor mediador, mas conta com a performance coletiva do público que se torna um verdadeiro “exército de Jesus” com suas armas de “louvor” e “oração”. (...) A celebração da unidade desse “povo de Deus” ocupa, desse modo, o ponto alto, a vitória nessa batalha travada pela cidade e por um Brasil que queira “declarar que só Jesus e o Senhor”, tomando para si as bênçãos de uma “nação feliz”, uma “nação cujo Deus é o Senhor” (*Marcha para Jesus 2019 reúne milhares de fiéis em São Paulo*).

Temos também a publicação, no jornal *O Globo*, de uma reportagem no dia 3 de março de 2015, sobre a criação de um grupo da Igreja Universal do Reino de Deus autodenominado *Gladiadores do Altar*. Consiste num ajuntamento de jovens aspirantes ao serviço missionário, que exalta valores de luta contra os inimigos de sua fé:

Vestindo uniformes pretos e verdes, jovens entram marchando em uma sala cheia de espectadores. Formam uma fileira, batem continência, gritam palavras de ordem ditadas por um líder e se dizem “prontos para a batalha”. A cena, que pode até lembrar a apresentação de um exército, acontece durante cultos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Os jovens recrutas fazem parte de um projeto chamado “Gladiadores do Altar”, lançado em janeiro com o objetivo de formar pastores em todo o Brasil e em países por onde a igreja já se espalhou, como Argentina e Colômbia.¹⁹²

A intensa militarização é o destaque do grupo, que vestido de preto, numa associação evidente ao BOPE da PM fluminense, adentra o templo e grita suas palavras de ordem em resposta ao comando do seu bispo cavaleiresco: “Atenção Gladiadores, em continência tempo um, tempo dois!” A seguir, ouve-se ecoar fortemente pela imensidão do templo neopentecostal a oração dos “militares”:

Senhor, tu que és o autor da vida e consumidor da fé e guia na nossa jornada, que nos ajuda a ficar de pé, combatendo o bom combate, completar a carreira e guardar a nossa fé, diante das nossas dificuldades, não nos deixe esmorecer, somos homens de caráter, escolhidos pelo Senhor, para dar a vida em favor dos perdidos, que façamos com amor,

¹⁹² *Jovens da Igreja Universal marcham e se dizem “prontos para batalha” em culto*. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/jovens-da-igreja-universal-marcham-se-dizem-prontos-para-batalha-em-culto-15490716>> Acesso em 03/11/2020.

temos força, coragem e determinação, para nunca fracassar, no cumprimento da nossa missão, graças ao Senhor, hoje estamos aqui, prontos para a batalha e decidimos a ti servir, somos gladiadores do teu altar, isso é uma decisão que todos os dias enfrentamos de fé, confiantes na tua santa proteção e entrega ao Senhor que nos ama e a ti pertence o sucesso do nosso trabalho, pois teu é o reino, o poder, a honra, a glória, para todo o sempre, Amém, amém, amem! Gladiadores, o que vocês querem?": Altar, altar, altar! Gladiadores, o que vocês querem?": Altar, altar, altar! Gladiadores, o que vocês querem?": Altar, altar, altar!¹⁹³

Ao final, o povo presente ovaciona o grupo, que conclamado pelo pastor celebrante a entregar suas vidas pela causa, recebem uma oração e agradece a “tropa” pela ajuda que prestará no serviço da pregação. O formato militarista do grupo da igreja teve repercussão negativa ao ser divulgado por vídeo do *YouTube*, que foi inflamada principalmente por grupos ligados à esquerda. O deputado federal à época, Jean Wyllys, do PSOL-RJ, militante do movimento LGBTQIA+, afirmou na plataforma *Instagram*¹⁹⁴ que foi uma demonstração de “fundamentalismo religioso no Brasil, articulado principalmente à lógica de mercado”. Disse também que está se “formando uma milícia” ligando o grupo evangélico ao fundamentalismo islâmico, que “empurra homossexuais de torres altas”. Já o deputado federal e pastor Carlos Gomes (PRB-RS), em defesa do projeto de sua igreja, afirmou que a entrada dos jovens perfilados em tropa no templo da IURD foi meramente teatral e que não prega a militarização do serviço eclesialístico e nem uma aproximação com o nazismo, dada a semelhança nos gestos com a nefasta ideologia alemã da primeira metade do século XX:

É mais uma apresentação uniformizada, uma encenação. Não existe treinamento militar. Não pregamos o ódio, discriminação, nada disso, (...). Esses jovens todos são preparados com a bíblia. A disciplina é bíblica. O que houve foi um erro, um exagero de interpretação. (...) Pode até lembrar, mas não tem nada a ver, nenhuma semelhança com o nazismo. Foi uma apresentação mal interpretada.¹⁹⁵

O Ministério Público Federal do Ceará, por sua vez, após denúncia do babalorixá Herbet Caullery Inácio de Oliveira de criação de grupo paramilitar que

¹⁹³ *Gladiadores do Altar em Fortaleza*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJvcsfaLELI>> Acesso em 03/11/2020.

¹⁹⁴ Disponível em <https://www.instagram.com/p/zs0XEQckkR/?utm_source=ig_embed> Acesso em 03/11/2020.

¹⁹⁵ *É encenação', diz deputado federal em defesa dos 'Gladiadores do Altar'*. Disponível em <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/03/e-encenacao-diz-deputado-federal-em-defesa-dos-gladiadores-do-altar.html>> Acesso em 05/11/2020.

teria intenção de discriminar e oprimir outras religiões, especialmente as de matriz africana, decidiu por arquivar o processo, concluindo que as acusações “não passam de meras suposições e conspirações sobre eventual regime de incitação ao ódio e à intolerância submetidos a seus participantes”.¹⁹⁶

Finalizamos esta escalada cavaleiresca moderna de união entre força bélica e cristianismo com talvez o símbolo que mais possivelmente represente o “espírito” de D. Nun’Álvares Pereira em sua gana em defender por meio das armas a sua fé. Foi fundada, em 1995, uma igreja na sede do Batalhão de Operações Especiais da PM do Rio de Janeiro, a Congregação Evangélica do BOPE. O propósito da inauguração, segundo o presbítero e subtenente do Batalhão André Monteiro, é mostrar à sociedade que na instituição há pessoas de fé que, “além das missões militares no dia a dia, buscam levar a palavra de Deus à comunidade, interagindo e ficando cada vez mais próximas a ela”¹⁹⁷. O grupamento policial-militar ficou muito notabilizado pelo filme de José Padilha, lançado em 2007, com uma continuação em 2010, que expunha a extrema violência empregada por estes policiais na realização de suas incursões nas favelas da capital fluminense, tendo questionados estes métodos por entidades ligadas a Direitos Humanos. A Congregação Evangélica, no entanto, recebe a todos indiscriminadamente, desde que se submetam à revista corporal, e “não façam movimentos bruscos” antes de entrar no Batalhão para cultivar. Não é permitida a visita fora dos horários de celebração, reservado o acesso, obviamente, a membros da corporação.

Segundo a reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 23/07/2017, *Bope abre templo evangélico e utiliza versículos para justificar letalidade*, a igreja neopentecostal (embora participem membros de outras igrejas evangélicas como Batista, Assembleia de Deus, Universal e Deus é Amor) ostenta em suas vestimentas e pregação o famoso emblema do BOPE e o ressignifica para se ajustar ao Evangelho:

¹⁹⁶ *MP do Ceará Gladiadores do Altar*. Disponível em <https://www.google.com/search?q=mp+do+cear%C3%A1+gladiadores+do+altar&rlz=1C1AVNG_enBR652BR652&oq=mp+do+cear%C3%A1+gladiadores+do+altar&aqs=chrome..69i57.15640j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em 03/11/2020.

¹⁹⁷ *Caveiras de Cristo: Bope inaugura igreja evangélica*. Disponível em <<https://overbo.news/caveiras-de-cristo-bope-inaugura-igreja-evangelical/>> Acesso em 05/11/2020.

O diferencial é a vestimenta. Na camiseta dos frequentadores, que se organizam em grupos como Tropa de Louvor e Caveiras de Cristo, o símbolo do Bope: o crânio com uma faca cravada no cocoruto, duas pistolas amarelas em forma de "x" no fundo, tudo envolvido por um círculo vermelho. Uma imagem claramente cristã, na concepção do subtenente André Monteiro, 46, um dos articuladores do espaço. Prega a Bíblia que o calvário de Jesus aconteceu na colina de Gólgota ("o lugar da caveira"). Daí o crânio do Bope, afirma Monteiro. O contorno rubro significa "o sangue que Jesus derramou por nós". A faca? Lâmina e cabo formam uma cruz, como aquela onde o filho de Deus foi crucificado. "O símbolo do Bope mostra a vitória sobre a morte".¹⁹⁸

O presbítero ainda se esforça para dar uma cara cavaleiresca ao grupamento cristão, chamando-os de "valentes de Davi" que, segundo a Bíblia, foram homens destacados na arte do combate à espada: "Monteiro vê seu batalhão como a versão moderna dos "valentes de Davi", que guerreavam pelo monarca retratado no Antigo Testamento. "O rei sabia que podia contar com eles" (*Ibidem*). A igreja conta também com o lançamento de grupos musicais, chamados de "Caveiras de Cristo" e "Tropa de Louvor", claramente alusivos ao grupamento militar, que se vale de tortura e força letal para combater o crime no Estado.¹⁹⁹ Um dos integrantes do conjunto de louvor, o sargento do BOPE Luiz André Monteiro, conta que começaram a ser apresentar em 2009, e desde então seu uniforme é um camisa preta, com a inscrição "Se queres a paz, prepara-te para a guerra".²⁰⁰

Por fim, dispomos de um fato recente, divulgado no dia 31 de agosto de 2020, que possivelmente envolve certa hostilidade da parte de cristãos neopentecostais. Trata-se dos "Guardiões do Crivella", funcionários da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, governada pelo bispo licenciado Marcelo Crivella, eleito em 2016, cuja função era impedir o acesso da Rede Globo, adversária política, para noticiar sobre as falhas no sistema de saúde municipal. As denúncias envolvem o desvio de servidores públicos para o intento de obstruir o acesso de repórteres da emissora rival que vão a hospitais da rede querendo expor as mazelas do serviço. A prefeitura, em nota, desviou-se do assunto, afirmando que "uma falsa informação

¹⁹⁸ *Bope abre templo evangélico e utiliza versículos para justificar letalidade*. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/07/1901929-bope-abre-templo-evangelico-e-utiliza-versiculos-para-justificar-letalidade.shtml>>. Acesso em 05/11/2020.

¹⁹⁹ "Sobretudo nós, policiais, que estamos mais expostos aos riscos e à miséria em que os bandidos germinaram como plantas selvagens. Somos as feras da selva. Feras profissionais" (BATISTA, PIMENTEL, SOARES, 2005, p. 28).

²⁰⁰ *Assim como Tropa de Elite, evangélicos do Bope contam suas histórias*. Disponível em <<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/assim-como-tropa-de-elite-evangelicos-do-bope-contam-suas-historias.html>> Acesso em 05/11/2020.

pode levar pessoas necessitadas a não buscarem o tratamento onde ele é oferecido, causando riscos à saúde”.²⁰¹ Por sua vez, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), também em nota assinada pelo seu presidente Paulo Jerônimo, repudiou a ação classificando-a como intimidante e agressiva:

A Associação Brasileira de Imprensa (ABI) denuncia mais um atentado contra a democracia por parte do prefeito Marcelo Crivella. Em ações orquestradas, funcionários da prefeitura tentam intimidar, com agressões verbais e ameaças de agressões físicas, jornalistas que trabalham em reportagens sobre a situação de calamidade dos hospitais públicos no Rio. As ameaças se estendem aos usuários que prestam depoimentos sobre o mau atendimento. Episódios ocorridos nas portas de vários hospitais municipais nos últimos dias mostram que não estamos diante de fatos isolados, mas de uma política do prefeito para constringer repórteres e cidadãos. A ABI reafirma seu compromisso com a liberdade de expressão e deixa claro que irá às últimas consequências para defender esses princípios. Não aceitaremos que o prefeito Crivella tente violentar a democracia e impeça o trabalho da imprensa (*'Guardiões do Crivella': funcionários da prefeitura fazem plantão na porta de hospitais para impedir trabalho da imprensa*):

Esses fatos são certamente alguns demonstrativos da influência do neopentecostalismo²⁰² e sua doutrina belicosa no país dado seu crescimento em popularidade gigantesco e acelerado.

²⁰¹ *'Guardiões do Crivella': funcionários da prefeitura fazem plantão na porta de hospitais para impedir trabalho da imprensa*. Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/31/guardioes-de-crivella-funcionarios-da-prefeitura-fazem-plantao-na-porta-de-hospitais-para-atrapalhar-reportagens-sobre-a-saude-do-rio.ghtml>>. Acesso em 21/11/2020.

²⁰² Optamos nesta pesquisa pelo termo “neopentecostal” para denominar este grupo de cristãos pelo maior número de ocorrências no material que nos serve de fonte. Escolhemo-lo embora reconheçamos a existência de discussões inconclusas acerca dessa individualização. Citemos, então, algumas posições sobre a terminologia “neopentecostal”. O nome começa a ser utilizado por diversos especialistas na década de 90, conforme nos aponta Ricardo Mariano, cujos estudos empregam “o termo neopentecostal para se referir às novas igrejas pentecostais, entre eles: Mendonça (1992; 1994), Oro (1992; 1996), Azevedo Júnior (1994), Jardino (1993; 1994), Ruuth (1994), Mariano (1995), Mariz (1995), Domingues (1995). Barros (1995), Pierruci & Prandi (1995), Machado (1995), Campos (1996), Lehmann (1996), Birman (1997). Além disso, o neopentecostalismo foi tema de dossiê da revista *Novos Estudos Cebrap* (março de 1996, n. 44) e já foi adotado por órgãos da grande imprensa. Destaque-se que a própria Igreja Universal se classifica como neopentecostal. Na *Folha Universal* [jornal impresso da IURD], de 11.6.95, Luís Cláudio de Almeida diz que o “neopentecostalismo é um ramo do pentecostalismo”, que suas igrejas são autônomas ou *auto-sustentadas*, fazem evangelização de massa nos meios de comunicação, atingem principalmente as classes menos favorecidas e pregam cura divina, prosperidade financeira, libertação dos demônios e poder sobrenatural da fé” (MARIANO, 1999, p. 33). Ari Pedro Oro, apesar de usar também o termo “neopentecostal” já propunha dois anos antes outros nomes para diferenciar estas igrejas: “Em outro lugar (Oro, 1996), considere que embora não haja fronteiras nítidas pode-se caracterizar da seguinte forma este novo modo de ser pentecostal: pentecostalismo de líderes fortes, pentecostalismo *anti-ecumênico*, pentecostalismo “liberal”, pentecostalismo de cura divina, pentecostalismo eletrônico e pentecostalismo empresarial” (ORO, 1997, p. 10) e Gedeon Alencar semelhantemente apresenta sua lista de eruditos que se debruçam sobre a aparente dificuldade de classificar este grupo religioso: “encontrar uma nomenclatura de consenso sobre o grupo majoritário deste período é tarefa impossível, pois há diversas: “agência de cura divina” (Monteiro, 1979),

Em reportagem de 29 de janeiro de 2007, o jornal *Folha de São Paulo*, destacava: “O Brasil é hoje o maior país pentecostal do mundo”.²⁰³ Levantamento de um instituto americano indica que o país reúne 24 milhões de seguidores de igrejas como a Universal do Reino de Deus, a Assembleia de Deus (que não é “neopentecostal”, conforme veremos mais adiante) e a Renascer em Cristo. Com apenas cem anos de presença em solo brasileiro, o crescimento dos pentecostais no Brasil é um fenômeno religioso sem precedentes no mundo. O último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE do ano 2000 demonstrava em seus dados a expansão alcançada por este seguimento religioso nas últimas décadas do século XX e o de 2010, ressaltando o crescimento desses cristãos no Brasil. No Censo de 2000, já era possível constatar o crescimento notável do pentecostalismo. Os evangélicos alcançavam 26,2 milhões, em 2000. E em 2010, o número de evangélicos quase dobrou, atingindo 42,3 milhões de brasileiros, ou seja, cerca de 22% da população brasileira. Enquanto os evangélicos cresciam, os católicos diminuía. Entre 2000 e 2010 ocorreu uma queda de 1,3% da população de católicos. Estima-se que em 2040 a população de evangélicos terá ultrapassado a população católica.²⁰⁴ Em nota de seu artigo, Mariano ainda esclarece que:

Em números absolutos, o maior país católico do planeta figura como o maior país protestante da América do Sul, abrigando cerca de metade dos 50 milhões de evangélicos estimados atualmente no continente, e como o terceiro no *ranking* mundial, abaixo somente dos Estados Unidos e da China. (2) Convém esclarecer que o termo evangélico recobre o campo

“sindicado dos mágicos” (Mendonça, 1992), “pentecostalismo autônomo” (Bittencourt, 1994), “pentecostalismo de terceira onda” (Freston, 1993), “neopentecostalismo” (Mariano, 1995), “pós-pentecostalismo” (Siepierski, 1997)” (ALENCAR, 2005, p. 49). Sobre as divergências acerca do termo temos o artigo de Gerson Leite de Moraes intitulado *Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro*, de 2010, cujo trecho a seguir faz um bom resumo de sua proposta: “Se os critérios para classificar igrejas como neopentecostais no subcampo pentecostal brasileiro são suas posturas menos sectárias e ascéticas, uma postura mais liberal e tendências a investir em atividades extra-igreja. Com relação às atividades extra-igreja parece não haver problemas, pois até mesmo protestantes históricos cumprem esse requisito, além é claro, dos grupos religiosos do Pentecostalismo tradicional. Poucas, porém, são as igrejas que conseguem cumprir esse programa em sua totalidade. De fato, a única que parece ser liberal, menos sectária e ascética em assuntos espinhosos para os evangélicos, como por exemplo o aborto e a homossexualidade, parece ser a Igreja Universal do Reino de Deus. (...) Percebe-se, então, que as bases sobre as quais foi construído o conceito neopentecostal não comportam todas as igrejas que até agora foram classificadas como neopentecostais” (MORAES, 2010, p. 6).

²⁰³ *Brasil é o maior país pentecostal*. Disponível em

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2901200708.htm>> Acesso em 06/11/2020.

²⁰⁴ Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>> Acesso em 12/10/2020.

religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma Protestante. Assim, designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, *Assembléia de Deus*, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Universal do Reino de Deus etc.). Nascido nos Estados Unidos no começo deste século, o pentecostalismo distingue-se do protestantismo, do qual descende, grosso modo, por pregar, baseado em Joel 2: 38, Atos 1:8 e Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais ressaltam os dons de língua (glossolalia), cura, discernimento de espíritos, profecia (MARIANO, 1996, p. 25).

Temos, no entanto, que muitas transformações das mais diversas ordens política, social e econômica se deram que culminaram na formação do pensamento pentecostal e neopentecostal. É conveniente, portanto, descreveremos em linhas gerais um caminho deste influente movimento religioso a partir daqui.

3.1 Um caminho do cristianismo medieval ao moderno: importantes transições

Dentre os fatores que determinaram o ocaso da Idade Média certamente está a visão alterada da fé cristã a partir dos Quinhentos. As transformações econômicas experienciadas nos principais países da Europa, tais como a passagem do feudalismo para o mercantilismo, e o surto de crescimento tecnológico para este fim, abalam a poderio da Igreja Católica Romana, que passou a ter suas riquezas cobiçadas pelos príncipes europeus:

Os bens feudais da Igreja dão origem a constantes conflitos entre a Igreja e os príncipes, que tendem a chamar para si, no todo ou em parte, o poder religioso e os bens eclesiásticos, quer separando-se de Roma, como Henrique VIII de Inglaterra, quer arrancando-lhe, como o rei de França, importantes concessões (SARAIVA & LOPES, 2001, p. 170).

O impulso acumulador da incipiente e cada vez mais poderosa burguesia em vários países do Velho Continente inflama a separação de seus reinos da Sé católica, favorecendo argumentações que contradizem o que representa a teologia hegemônica. Esta, não mais coadunando com os interesses da realeza e nobreza de muitos países,²⁰⁵ precisava se renovar para o ajuste aos novos propósitos mercantis. E nesse lastro, portanto, aliado obviamente a outras bases filosófico-

²⁰⁵ “Por vezes a realeza favorece a burguesia mercante; outras vezes, ajudada pela concentração do poder econômico e político, actua como vértice de uma aristocracia militar e administrativa, na sua maioria parte oriunda da aristocracia agrária” (*Ibidem*, p. 170).

culturais trazidas pela Renascença, é que se encaixa a Reforma Protestante de Lutero: “estas circunstancias facilitaram a propagação da heresia religiosa desecadeada pelo protesto de Lutero contra a venda de indulgencias, em 1517” (*Ibidem*).

Depois de muitos questionamentos durante séculos, a maioria baseada no distanciamento da Igreja Romana dos mais pobres, na sua intensa preocupação com acúmulo de bens através do domínio violento e na falha na providência de uma resposta diante das muitas catástrofes naturais e pestes marcadoras do Medievo, dá-se o cisma. A afixação das 95 teses do monge Martinho Lutero nas portas da Igreja do Castelo de Wittenberg, atual Alemanha, a 31 de outubro de 1517, ecoaram por toda a Europa para abalar o prestígio, influência e domínio de Roma, desencadeando rupturas no campo teológico, político e econômico. A Dieta de Worms tentou dirimir essas rupturas, tentando o imperador Carlos V dissuadir Lutero de suas ideias que se resumem nas Cinco Solas (*sola gratia, sola scriptura, sola fide, soli Deo glori e sola Christi*), mas sem sucesso. As novas doutrinas, que se confrontavam com a Igreja, antes, se multiplicaram rapidamente arrebanhando muitas pessoas, descontentes com o cristianismo oficial romano, o que causou divisões violentas por todo o Sacro Império Romano Germânico. Em 1529, uma nova Dieta, na cidade de Espira, foi convocada para reconciliar as partes, visto que as diferenças se transformaram em luta armada, mas só se conseguiu “protestos” dos príncipes do Norte do país, apoiadores do luteranismo, devido à proibição de não se ensinar os Solas, fato que deu origem ao nome destes seguidores de Jesus Cristo (HURLBUT, 1979, p. 143).

Como foi dito, as ideias de Lutero se espalharam pela Europa e teve interpretações diferentes, provocando importantes transformações na mentalidade cristã através dos tempos.²⁰⁶ Na Suíça, o precursor da Reforma foi Ulrico Zuínglio que, em 1522, implanta sua leitura das Teses luteranas que vão orientar seu discípulo mais notável, João Calvino. A Península Escandinávia seria facilmente conquistada com a retórica de Calvino e novas concepções que “inspiraram os

²⁰⁶ “A Reforma Protestante representou radical ruptura com os aspectos mágicos do Catolicismo medieval (WEBER 1983; BERGER 1985: 117-138), promovendo amplo desencantamento do mundo. No campo religioso, o Protestantismo se destacou no papel de promotor da secularização na Europa Ocidental, combatendo crenças e práticas mágicas de origem católica ou pagã” (MARIANO, 2008, p. 89).

movimentos liberais dos tempos modernos, tanto no que se refere ao Estado como também à igreja, e contribuíram poderosamente para o progresso e para a democracia em todo o mundo” (HURLBUT, 1979, p. 157), fixada em sua obra *Instituição da Religião Cristã*, publicada em 1536.

Na França assim como nos Países Baixos e na Península Ibérica, o protestantismo teve pouco êxito, recebendo violenta reação católica da parte de príncipes e reis, que promoveram perseguições e massacres para manter a hegemonia romana²⁰⁷. A Holanda, na Europa Ocidental, foi exceção, deixando prevalecer as doutrinas de Marinho Lutero e suas variantes.

O avanço das ideias reformistas na Inglaterra, contudo, é que repercutiria mais fortemente sobre os americanos entre as quais se formaria a cultura protestante que chegou até o presente tempo. A revolta contra Roma na Grã-Bretanha foi liderada pelo próprio rei Henrique VIII, que, por não ter seu divórcio da rainha Catarina aprovado pelo papa Paulo III, rompeu com a Igreja para fundar a sua própria, a Anglicana. A exemplo do que aconteceu no restante da Europa, a criação de um novo ramo do cristianismo custou perseguições e sentenças de morte de resistentes católicos e protestantes opositores da igreja britânica oficial, como os puritanos, surgidos em 1654, dos quais se originaram três igrejas históricas: Presbiteriana, Congregacional e Batista (HURLBUT, 1979, p. 164).

No século XVIII, a fé cristã ainda seria impactada e de certa forma modificada pelo Iluminismo com seu culto à razão. A filosofia setecentista não militaria na extinção do sentimento religioso mas, pregaria uma “religião natural”, produto da racionalidade humana,²⁰⁸ e contribuiria para mais um ajuste do cristianismo. Este tempo ficaria caracterizado pelo “princípio da lei natural” cuja premissa está no regimento do universo por forças naturais imutáveis como uma máquina e a fé seguiria tais regramentos. A nova teologia inaugurada, então, será decalcada numa

²⁰⁷ “Na França, a igreja católica romana possuía mais liberdade do que no resto da Europa. Por essa razão era menos sentida a necessidade de independência eclesiástica de Roma. (...) o protestantismo sofreu um golpe quase mortal, no agosto de 1572, quando quase todos os chefes protestantes e milhares de seus adeptos foram covardemente assassinados. A fé reformada enfrentou terrível perseguição, mas uma parte do povo francês continuou protestante. Apesar de pequeno em número, o protestantismo francês exerceu grande influência” (HURLBUT, 1979, p. 146).

²⁰⁸ “Mas se ao iluminismo coube uma certa apologia de uma “religião natural” (*religio naturalis*), já que pela razão era possível o conhecimento de Deus e de sua criação, pode-se indagar se no fundo desta assertiva não estaria a ideia de que existiria um sentimento religioso profundamente arraigado na chamada “natureza humana” (CARDOSO, VAINFAS, 1997, p. 474).

“religião natural básica para todos os homens independentemente da Bíblia ou dos sacerdotes” (CAIRNS, 1995, p. 322). Em outras palavras, o sentimento religioso, com base nas semelhanças entre o cristianismo e as religiões pagãs que os europeus iam encontrando por meio das Grandes Navegações, nortear-se-ia por um princípio científico e universal, sistemático e racional, não manipulável por instituições como a Igreja, já bastante abalada pelas rupturas causadas pela Reforma Protestante há dois séculos: “Assim, os homens foram levados ao deísmo, que parecia estabelecer uma religião ao mesmo tempo natural e científica” (CAIRNS, 1995, p. 322). Alguns nomes do Iluminismo, como Jean Jacques Rousseau, Voltaire, D'Alembert e Denis Diderot foram identificados como “deístas”, cuja influência é bem sabida na história do pensamento ocidental, ideias, inclusive, que seriam alguns dos sustentáculos ideológicos na importante Revolução Francesa, de 1789.²⁰⁹ Haveria também, por consequência de certa libertação da ortodoxia oficial de Roma nos anos 1700, um surto de reexame da Bíblia Sagrada. Os especialistas se empenharam em desenvolver um texto definitivo, para demonstrar sua fidedignidade e provar a segurança da sua preservação. Foi utilizado neste intento o uso da gramática e da história para uma pretensa exegese correta da Bíblia, numa postura “estimulada pelo movimento racionalista” (CAIRNS, 1995, p. 325).

Por conta dos ideias iluministas, os cristãos protestantes pareceram encontrar uma Igreja Católica Romana relativamente enfraquecida e desprestigiada como representante única e oficial da fé cristã, o que teria lhes favorecido na disseminação deste evangelho reformado. Assiste-se, no entanto, como uma resposta à influência do racionalismo na fé cristã, movimentos “reavivamentistas” na Europa e depois nos Estados Unidos, que enfatizaram uma “luz interior”, pela qual o homem seria iluminado espiritualmente, independentemente da Bíblia. O Quietismo, dentro da próprio catolicismo romano, e o Quacrerismo inglês representaram esta tendência, que pode ser ilustrada pelo pietismo e pelo metodismo nas igrejas Luterana e

²⁰⁹ “O deísmo difundiu-se na França, encontrando aí um clima propício entre os filósofos do século XVIII. É que alguns deístas ingleses, como Herbert e Shaftesbury, foram à França e tiveram seus livros traduzidos e publicados amplamente; ademais, alguns deístas franceses, entre os quais Rousseau e Voltaire, também foram à Inglaterra. O deísmo de Rousseau foi desenvolvido no *Emile* e o de Voltaire está em todos os seus escritos contra a Igreja e a favor da tolerância. D'Alembert e Denis Diderot (1713-1784) editaram a *Enciclopédia*, sobre o conhecimento universal amplamente racionalista e deísta. Na França a Igreja Católica Romana lutava contra esses deístas, livres pensadores que acabaram exercendo uma influência fortíssima sobre a Revolução de 1789, que se refletiu em toda a Europa” (CAIRNS, 1995, p. 324).

Anglicana, igrejas protestantes das mais notáveis neste cenário setecentista (*Ibidem*).

3.2 As origens do movimento pentecostal

Quanto aos Estados Unidos, berço do pentecostalismo, sua história se entrelaça com a da expansão protestante no continente. Embora a imigração católica tenha sido precedida por espanhóis e franceses²¹⁰, chegou no território uma leva de colonos anglicanos de orientação puritana enviados para explorar economicamente a terra já nos inícios do século XVII, liderados pelo reverendo Alexander Whitaker para realmente²¹¹ estabelecer o protestantismo como religião majoritária. A Igreja Anglicana, então, se estabeleceria como dominante até a Revolução Americana. Em 1620 também chegaria um novo grupo de religiosos desta ramificação, os *Peregrinos*, que, fugidos da perseguição dos anglicanos, rumam para o Novo Mundo com o objetivo de se dedicar a atividades espirituais e econômicas.²¹² Com forte doutrinação calvinista, o grupo, também chamado de “congregacionais”, rejeitava o sistema episcopal anglicano para adotar posicionamentos mais liberais. E com a tomada de posse inglesa das colônias norte-americanas em 1664 aos holandeses, o anglicanismo prevaleceu tornando-se a “igreja do Estado” (HURLBUT, 1979, p. 232).

Outros segmentos protestantes se desenvolveram nas Treze Colônias no século seguinte, como os luteranos, presbiterianos, metodistas, batistas e quacres, marcando a sociedade estadunidense até hoje como um país de maioria evangélica. No início da história da colonização holandesa da Nova Amsterdã, hoje Nova Iorque, possivelmente em 1623 os luteranos chegaram a essa cidade. Em 1638, alguns luteranos suecos estabeleceram-se próximo ao rio Delaware, e no século seguinte, os protestantes alemães e suecos emigraram em grande quantidade para a América

²¹⁰ “Em 1556 os espanhóis introduziram na Flórida um catolicismo que não foi duradouro e mais tarde, no Novo México, Arizona e Califórnia. Os franceses introduziram-no no Quebec, mas ele não fincou raízes nas treze colônias antes de 1634, em Maryland” (CAIRNS, 1995, p. 314).

²¹¹ “A Igreja da Inglaterra (Episcopal), foi a primeira religião protestante a estabelecer-se na América do Norte. Em 1579 realizou-se um culto sob a direção de Sir Francis Drake, na Califórnia” (HURLBUT, 1979, p. 228).

²¹² “Uma companhia londrina de comerciantes “aventureiros” emprestou-lhes sete mil libras para financiar a viagem. Os imigrantes ficaram de lhes pagar com o trabalho, ajudando-os a instalar uma indústria pesqueira” (CAIRNS, 1995, p. 310).

do Norte. Isso deu motivo à organização do primeiro Sínodo Luterano na cidade de Filadélfia, em 1748. A partir daí as igrejas luteranas cresceram muito na colônia:

Outra igreja reformada de origem alemã foi estabelecida no país no início do século dezoito e passou a chamar-se "Igreja Reformada nos Estados Unidos". Entre o povo, porém, uma é conhecida como Reformada Holandesa e a outra Reformada Alemã. A terceira igreja da mesma origem foi a "Igreja Cristã Reformada", que se desligou da igreja do Estado na Holanda, em 1834. A quarta igreja que apareceu chamava-se "A Verdadeira Igreja Reformada". Vários esforços se fizeram para unir essas quatro igrejas em um só organismo, porém sem resultado (HURLBUT, 1979, p. 232).

Os presbiterianos, por problemas de ordem econômica com a Inglaterra, pois se lhes eram tributados muitos impostos pela Coroa em razão de suas escolhas doutrinárias (dentre as quais o *puritanismo*²¹³), imigraram em número significativo para a América. Oriundos da Irlanda do Norte, estes colonos seguiram a Confissão de Westminster²¹⁴, que sistematizava a doutrina calvinista observada por muitas denominações evangélicas atualmente. Quanto ao chamado "metodismo"²¹⁵, suas matrizes na Inglaterra denominam-se Igreja Metodista Primitiva, Igreja Cristã Bíblica

²¹³ Este ramo do presbiterianismo, sendo, portanto, uma subdivisão, foi fundado pelo professor de teologia da Universidade de Cambridge Thomas Cartwright, que formulou nestes termos uma nova leitura do calvinismo por volta do ano de 1570: "Os puritanos entendiam que muitos "trapos do papado" continuavam na Igreja Anglicana e queriam purificá-la de acordo com a Bíblia, aceita por eles como regra infalível de fé e prática. Por isso receberam a alcunha de puritanos, por volta de 1568. Até 1570, suas principais objeções eram dirigidas contra a permanência, na liturgia eclesiástica, do ritual e das vestes que lhes soavam como papistas. Eles se opunham à guarda dos dias santos, à absolvição clerical, ao sinal da cruz, à presença de padrinhos no batismo, ao ajoelhar-se na hora da Ceia e ao uso da sobrepeliz pelos ministros. Deploravam eles, também, a inobservância do domingo pelos anglicanos. Eles seguiam as interpretações que William Ames (1576-1633) e William Perkins deram de Calvino" (CAIRNS, 1995, p. 273).

²¹⁴ A Confissão de Fé, elaborada na cidade inglesa com início em 1643 e término em 1646, visa se opor obviamente ao catolicismo romano e também ao luteranismo na concepção do texto bíblico em vários aspectos, embora tenham saído da mesma madre, a Reforma Protestante: "Lutero e Calvino diferiam tanto teologicamente como pessoalmente. Lutero enfatizava a pregação; Calvino preocupava-se com a formulação de um sistema formal de teologia. Os dois aceitaram a autoridade da Bíblia, só que a ênfase maior de Lutero era sobre a justificação pela fé e a de Calvino, sobre a soberania de Deus. Lutero interpretava a consubstanciação como a melhor teologia para a Ceia do Senhor; Calvino negava a presença física de Cristo, aceitando apenas a presença espiritual de Cristo pela fé nos corações dos participantes. Lutero só rejeitava o que a Bíblia não aprovava; Calvino rejeitava tudo o que não pudesse ser provado pela Bíblia. Lutero aceitava a predestinação dos eleitos mas se preocupava muito pouco com a eleição para a condenação. Calvino, por sua vez, defendia uma eleição dupla, para a salvação e para a condenação, baseada na vontade de Deus, e rejeitou qualquer concepção da salvação como fruto do mérito do eleito ou da presciência de Deus, como se Deus elegeisse para a salvação aqueles que Ele sabia de antemão que creriam" (CAIRNS, 1995, p. 251).

²¹⁵ "Durante esse tempo (João Wesley) uniu-se a um grupo de estudantes de Oxford, que aspirava a uma vida santa, e era chamado zombeteiramente "o Clube Santo". Em razão da maneira como esses estudantes viviam, deram-lhes depois o nome de "metodistas", nome que alguns anos mais tarde se tornou definitivo para os seguidores de Wesley" (HURLBUT, 1979, p. 215).

e Metodista Wesleyana, que, divididas na América do Norte e Canadá, geraram a Igreja Metodista Episcopal e a Nova Conexão Metodista, a partir de sua chegada em 1766 (HURLBUT, 1979, p. 255). Outro influente grupo protestante firmado nos E.U.A. foi o Batista, cujo início das atividades no continente ocidental foi feito pelo ex-clérigo da Igreja da Inglaterra Roger Williams, expulso de Massachusetts por não concordar com a teologia da igreja estatal. Williams fundou a colônia de Rhode Island, em 1644, tendo como base a liberdade de crença e a separação entre Estado e Igreja, recebendo membros de religiões perseguidas em outras partes do país (HURLBUT, 1979, p. 234). Por fim, os Quacres fecham este importante grupo de denominações basilares filhas da Reforma na América²¹⁶, que, a exemplo dos batistas, se opuseram à interferência da Igreja em assuntos de Estado e vice-versa. O precursor da doutrina foi o reverendo inglês Jorge Fox, que se opunha a certos rituais e à organização eclesiástica. Ensinava que o batismo e a comunhão deviam ter mais profundidade espiritual e não ser meramente formais e que o corpo de crentes não devia ter sacerdote, nem ministros assalariados, mas que qualquer um dos fiéis podia falar. Os Quacres ou “Amigos” também eram contra a escravidão e se empenhavam sistematicamente na conversão dos índios nativos americanos (HURLBUT, 1979, p. 237). A ramificação cresceu a ponto de causar divisões no mapa da colônia:

Os quacres surgiram em Boston em 1656. Logo, porém, perceberam que não seriam bem recebidos pelos puritanos da Nova Inglaterra por causa de sua ideia de separação da igreja do estado e de sua indiferença para com a doutrina. Em 1674, New Jersey foi dividida em duas, uma do oriente e outra do ocidente até 1702. Esta se tornou uma colônia quacre. Mas foi a Pennsylvania que se constituiu no grande refúgio quacre, graças aos esforços de William Penn (CAIRNS, 1995, p. 314).

Na Revolução Americana de 1776, a influencia das pregações também era deslocada para o apoio ou não às campanhas de independência. A Igreja Anglicana continuou leal à causa revolucionária nas colônias do sul, como Maryland e Virgínia. Nas colônias do centro, entretanto, sua lealdade foi dividida entre os revolucionários e os ingleses e na Nova Inglaterra, ela se colocou ao lado da Inglaterra. Os metodistas foram acusados de desleais à causa nacional, pois John Wesley era de

²¹⁶ “Os presbiterianos formaram com anglicanos, congregacionais e batistas, as maiores igrejas das colônias” (CAIRNS, 1995, p. 315).

um partido conservador inglês e, portanto, apoiava o rei. Os quacres eram patriotas, mas seus princípios pacifistas os afastaram da guerra. Os congregacionais, os batistas e os presbiterianos, por sua vez, defendiam a causa da revolução ardorosamente e em seus sermões, os ministros trabalhavam a ideia de uma igreja com responsabilidade civil, embora fossem contra a união com o Estado. Para os batistas, era preciso influir politicamente, afirmando que “o governo que violasse seu contrato ou agisse contrariamente às leis de Deus não podia esperar que o povo não se revoltasse” (CAIRNS, 1995. p. 318).

A influência do protestantismo no pós-Revolução contribuiu para a inserção na primeira emenda à Constituição com dispositivos que proibiam a colocação de qualquer igreja como oficial do Estado e que garantia o direito ao livre exercício da religião. O processo de separação igreja-Estado iniciou em Maryland e New York durante a Revolução e acabou em 1786 pela ação do presidente norte-americano Thomas Jefferson, que fez com que a Igreja Anglicana perdesse sua posição de privilégio na Virgínia. Algumas décadas depois, as igrejas congregacionais de New Hampshire em 1817, Connecticut em 1818 e Massachusetts em 1833 também se separaram do Estado.²¹⁷

“O Grande Avivamento” ainda influenciaria o desenvolvimento da fé protestante no continente. Consiste numa reafirmação dos valores cristãos de compromisso e prática da fé, que se considerou perdidos por causa de fatores como “o declínio da moral e da religião, provocado pela influência do processo colonizador, com o constante movimento populacional e a sucessão de guerras brutais” (CAIRNS, 1995, p. 316). O movimento começou entre os calvinistas holandeses reformados e presbiterianos calvinistas e logo se espalhou pela Nova Inglaterra congregacional, graças aos esforços de Johnathan Edwards, pastor em Northampton, no oeste de Massachusetts. O “Avivamento” deu partida em 1734, chegou à Nova Inglaterra e atingiu seu auge em 1740, quando contou com 30 ou 40

²¹⁷ Por ocasião da independência dos Estados Unidos, muitas igrejas seguiram a tendência da “nacionalização” organizando-se com base em modelos republicanos e democráticos: “As igrejas, seguindo o exemplo do país, que criara um governo nacional em 1789, elaboraram constituições e criaram organizações nacionais. Os metodistas, liderados por Thomas Coke e Francis Asbury, criaram uma igreja nacional em 1784 que seria conhecida como Igreja Episcopal Metodista. Os anglicanos fundaram a Igreja Episcopal Protestante em 1789. Os presbiterianos criaram uma igreja nacional em 1788, cuja primeira *Assembléia* Geral em âmbito nacional se reuniu em 1789. Os holandeses reformados criaram uma igreja nacional em 1792 e os alemães reformados fizeram o mesmo em 1793. As igrejas da Nova Inglaterra, *todavia*, (grifo meu) não foram muito afetadas pelas tendências de centralização e nacionalização da organização (*Ibidem*, p. 319).

mil pessoas em 150 novas igrejas “somente na Nova Inglaterra numa população de 300 mil” (*Ibidem*, p. 317). No entanto, o movimento não foi unânime na colônia, pois os pastores (congregacionais) da Nova Inglaterra dividiram-se em "Velhas Luzes", chefiados pelo clérigo Charles Chauncy, que se opunha ao Avivamento, aos pregadores itinerantes e ao calvinismo de muitos dos “avivalistas”, e "Novas Luzes", liderados por Edwards, que apoiava o movimento e um calvinismo levemente alterado. Este cisma criou mais adiante um grupo ortodoxo e outro liberal. Dos apoiadores de Chauncy surgiu, no começo do século XIX, o grupo unitariano, que se separou do congregacionalismo da Nova Inglaterra. O Avivamento cindiu em 1741 os presbiterianos das colônias do centro em dois segmentos, que só seriam reunidos em 1758. A "Velha Face", formada por velhos ministros vizinhos à Filadélfia, opunha-se

à aprovação e ordenação ao ministério de candidatos não acadêmicos, à interferência dos avivalistas em campos determinados e à atitude crítica de muitos avivalistas para com o trabalho dos ministros” (CAIRNS, 1995, p. 318).

A "Nova Face" apoiava o Avivamento e dava salvo conduto para que pessoas sem nível superior, mas que manifestassem dons espirituais, pudessem administrar novas igrejas. Os holandeses reformados de Nova Jersey e os batistas do sul logo se separaram também, por causa da atitude da igreja diante do Avivamento. O país assistiria mais tarde à eclosão de um “Segundo Avivamento” em 1787, concebido em Hampden-Sidney, uma pequena universidade da Virgínia, com a finalidade de um despertar para mais “santidade e aproximação de Deus”, caracterizado em alguns lugares por “estranhos fenômenos, como quedas, pulos, meneios, danças e ladridos” (CAIRNS, 1995, p. 398). Seria uma espécie de preparação para a criação do pentecostalismo que viria uma centúria depois. O movimento marcaria o século a seguir por uma divisão mais acentuada das igrejas com o surgimento de muitos outros subgrupos protestantes²¹⁸, tais como a Igreja Unitariana, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Adventista do Sétimo Dia e a Ciência Cristã, todas alcançando uma expressiva popularidade no século XIX e nos vindouros.

²¹⁸ Um demonstrativo da influencia do protestantismo nos E.U.A. esteve na proibição do consumo de bebida alcoólica em 33 Estados, lei que só seria revogada em 1933: “Outro resultado também significativo do reavivamento foi o fortalecimento da moral no oeste” (CAIRNS, 1993, p. 398, 400).

Mais um fator de grande separação no protestantismo foi a Guerra Civil Americana. As denominações, devido às suas localidades, Norte e Sul, se posicionaram contra ou a favor da escravidão naquele conflito que ceifou a vida de mais de 600 mil pessoas. A escravidão, sob o ponto de vista econômico, era uma das tônicas centrais da discussão que dividiu o país há poucas décadas declarado independente. O Sul, ou os Confederados, com sua produção de algodão necessária às indústrias têxteis da Nova Inglaterra e da Inglaterra em expansão escolheu manter o sistema detestável, enquanto que o Norte, ou a União, que abraçara a Revolução Industrial inglesa, optava pela libertação dos escravizados. Com uma duração de quatro anos (1861-1865), o último ganhou a grande batalha e o país, enfim, ficou livre da escravidão iniciando logo a seguir suas campanhas para se tornar a maior potência bélica, cultural e econômica do mundo atualmente.

A guerra causou, como já foi dito, rupturas nas igrejas em razão de suas posições geográficas. Mesmo antes do conflito houve tentativas de pôr fim à escravidão através das pregações,²¹⁹ que dividiram as denominações. Prevaleceu inevitavelmente, porém, a tendência de se colocar conforme o interesse de seus membros mais abastados. Os cristãos que se mantiveram firmes na ideologia abolicionista saíram de suas congregações para fundar novas. A Igreja Metodista Wesleyana organizou-se em 1843, tendo como primeiros membros não-escravagistas saídos da Igreja Metodista Episcopal. A Convenção Batista do Sul se estruturou em 1845 por causa da oposição dos batistas do Norte à escravidão. No mesmo ano, fundou-se a Igreja Metodista Episcopal do Sul. Os presbiterianos do Sul, dos grupos da “Nova” e da “Velha Escola” separaram-se em 1858 e 1861, unindo-se em 1864 para formar a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Já as Igrejas Metodistas do Norte e Sul dos EUA, que se separaram por causa da escravidão, viriam a se reunir novamente só em 1939.

Os protestantes criaram raízes profundas na cultura, na legislação e na política. O *Thanksgiving Day* (o Dia de Ação de Graças), comemorado na quarta 5ª

²¹⁹ “A escravidão existia em toda as colônias, porém entre os Amigos era proibida, e faziam propaganda contra, até mesmo nas plantações do Sul” (HURLBUT, 1979, p. 237). “Para Wesley, o evangelho devia influenciar a sociedade, e ninguém pode negar o impacto do reavivamento metodista sobre a sociedade inglesa. Ele se opôs ao álcool, guerra e escravidão”. “Já em 1769, os congregacionais de Rhode Island pregavam contra a escravidão, numa tentativa de melhorar as condições de vida dos escravos entre 1729 e 1830” (CAIRNS, 1993, p. 330, 401).

feira de novembro e a expressão *In God We Trust* (*em Deus confiamos*) impressa na nota de um dólar, são alguns demonstrativos da influência do cristianismo reformado no país que seria conhecido mais tarde como Estados Unidos da América.

Embora um ramo significativo do protestantismo tenha lutado contra a escravidão no país, a odiosa prática econômica ainda deixara fortíssimo legado nas mentes da sociedade americana, e a isto, entre outras coisas, é que devemos o surgimento do movimento pentecostal. O cristianismo ocidental, já fragmentado em diversas linhas de interpretação das doutrinas bíblicas, receberia mais uma leitura, desta vez de caráter mais popularesco e místico.

Fruto basicamente de segregação social e racial²²⁰ e de uma teologia livre e antiacadêmica, o pentecostalismo nasceria de uma concepção cristã que une ensinamentos de uma doutrina do final do século XIX, já crescente entre os protestantes denominada *holiness*²²¹, a elementos da cultura africana. William Joseph Seymour, ex-garçon, filho de ex-escravos, assistia às aulas do lado de fora da sala, pois Charles Parham, seu professor de Escola Dominical, era simpatizante da discriminação racial e não o deixava participar das aulas dentro da sala. Impedido de cultivar na fé que escolheu livremente, Seymour passou a se reunir com outros excluídos num lugar à parte, na Rua Azuza, Los Angeles, Califórnia, dando início ao que seria chamado de *O Avivamento da Rua Azuza*, no dia 6 de abril de 1906, e, por conseguinte, ao movimento pentecostal. Os membros da igreja fundada pelo ex-garçon caracterizar-se-iam por

uma religiosidade que valorizaria alguns traços da tradição negra: oralidade da liturgia; teologia e testemunhos oralmente apresentados; inclusão de êxtase, sonhos e visões nas formas públicas de adoração; holismo quanto as relações corpo-alma; ênfase nos aspectos xamânicos da religião; uso de coreografias e de muita música no culto (CAMPOS, 2005. p. 112).

²²⁰ “No início do século (XX), o pentecostalismo é alvo de muitos preconceitos, tanto pelas demais igrejas evangélicas como pela academia e as razões não eram, como se podia esperar, teológicas ou científicas, mas racistas. Pentecostalismo é uma manifestação religiosa de preto e pobre, nasce entre ex-escravos, algo bem próximo da perseguição efetuada aos grupos afro, tanto no Brasil como nos demais países” (ALENCAR, 2005, p. 88).

²²¹ “No século XIX, o movimento de santidade (“holiness”) nos países de língua inglesa democratizou o conceito: em lugar da busca demorada, a experiência rápida e disponível a todos chamada “batismo no Espírito Santo”. Este movimento, além de penetrar muitas denominações, produziu uma franja separatista de pequenos grupos “holiness”. Foi entre estes que o pentecostalismo nasceu” (FREESTON, 1993, p. 67).

O destaque maior ficaria por conta do fenômeno chamado de *glossolalia*, pelo qual seriam conhecidos esses adeptos de Jesus Cristo, que teve sua primeira ocorrência na experiência de Seymour e nos demais membros da congregação da Rua Azuza. Consiste na produção de palavras e sons de ordem extática e não inteligíveis, atribuídos pelos religiosos ao Espírito Santo como um dom²²², que ficaria como marca ou identidade deste grupo de cristãos.

A nova teologia, então, se expande rapidamente pelos Estados Unidos até chegar à cidade de Chicago e da igreja de lá saem os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, que, após retornarem para seu país de origem com a nova doutrina, rumam para o Brasil no intuito de fundar o pentecostalismo em terras tropicais. Passamos a um percurso da história e desenvolvimento do grupo que, segundo Paul Freston, tem no país “a segunda maior comunidade de protestantes praticantes no mundo” (FRESTON, 1993, p. 135).

3.3 O movimento pentecostal e neopentecostal no Brasil

Os missionários suecos, que fundaram a Assembleia de Deus em 1911, no entanto, não foram os primeiros protestantes a chegarem aqui. O mérito cabe aos

²²² Não há acordo entre os evangélicos quanto a definição de o que vem a ser o fenômeno. As chamadas igrejas protestantes históricas não reconhecem como dom espiritual a glossolalia, enquanto que os pentecostais e neopentecostais a pregam com uma manifestação do Espírito Santo na vida do fiel. Eis algumas interpretações da glossolalia que citamos para representar o debate: *Glossolalia* significa a capacidade de, no transe religioso, falar línguas desconhecidas” (HOUISS, 2009). “Insistem (movimentos pentecostal e carismático) na *glossolalia* – a fala em línguas, descrita por alguns como “língua estranha” – identificada com “o dom de línguas no N. T. (Novo Testamento). Quase todos insistem que o sinal de ter recebido o batismo é a fala em línguas, embora haja pentecostais que não tomem tal posição. Admitem alguns que tal fala poderia ocorrer uma única vez, na ocasião do batismo com o Espírito, mas outros fazem uma prática contínua e usam línguas em oração privada e em cultos públicos. Os que tem mais cultura, normalmente entende que “línguas” sejam idiomas que eram ou são falados por grupos humanos” (HARBIN, 1995, p. 68). “Experiência extática e milagrosa e portanto difícil de explicar” (BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Atos dos Apóstolos, II, 3 nota). “Não são línguas como português ou inglês, espanhol, mas sons ou formas de falar que, para serem entendidas, precisavam ser interpretadas” (BÍBLIA DE ESTUDO NTLH, 2008, Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, XXII, 10 nota). “O VERDADEIRO FALAR EM LÍNGUAS. (1) As línguas como manifestação do Espírito. Falar noutras línguas é uma manifestação sobrenatural do Espírito Santo, i.e., uma expressão vocal inspirada pelo Espírito, mediante a qual o crente fala numa língua (gr. glossa) que nunca aprendeu (2.4; 1Co 14.14, 15). Estas línguas podem ser humanas, i.e., atualmente faladas (2.6), ou desconhecidas na terra (cf. 1Co 13.1). Não é “fala extática”, como algumas traduções afirmam, pois a Bíblia nunca se refere à “expressão vocal extática” para referir-se ao falar noutras línguas pelo Espírito. (...) No decurso da história da igreja, sempre que as línguas como sinal foram rejeitadas, ou ignoradas, a verdade e a experiência do Pentecoste foram distorcidas, ou totalmente suprimidas” (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 1995, p. 819).

luteranos, que, em 1823, se estabeleceram no nosso país, mas não no intuito *a priori* do proselitismo religioso. Os europeus classificaram-se como um protestantismo de *imigração* ou *étnico*, pois esta população rumara para a América Portuguesa com finalidades colonialistas. Como ainda era incipiente a noção de um Brasil ex-colônia independente neste início de século XIX, a visão que prevalecia era de um território a ser ocupado e explorado economicamente. Segundo Martin Dreher, a imigração protestante resume-se em sete tópicos: O *branqueamento da raça*, uma vez que era comum a ideia de uma superioridade étnica, que culminava na *eliminação das nações indígenas*, por força bélica, consideradas atrasadas civilizatoriamente; a *segurança nacional*, visto que o Império do Brasil concebia como cidadãos somente os europeus e sua descendência, os outros “ameaçavam a identidade e unidade nacional”; a *valorização fundiária*, pois com a imigração caucasiana sobe o preço e o prestígio do território; a *mão-de-obra barata*, o que desencadeou num grande incentivo para que europeus viessem para cá já que passavam por grave crise econômica em seus países, o que barateou sua força de trabalho; a *construção e conservação de estradas*, resultante desta mesma política de facilitação da imigração europeia e a *criação da classe média*, oriunda da abolição da escravatura e o estabelecimento da nova forma de produção e organização da sociedade: o capitalismo. Os europeus compunham essa nova classe, intermediária entre escravos e grandes latifundiários e produtores rurais (DREHER, 2003, p. 117). Aponta-se também como causa a questão napoleônica, pois se Portugal era aliado dos ingleses naqueles grandes conflitos, era esperado que seus territórios americanos fossem receptivos a estes imigrantes (ALENCAR, 2005, p. 40).

Os luteranos, portanto, “que não vieram para evangelizar, e sim para trabalhar” (TUCKER apud ALENCAR, 2005, p. 41), logo seriam contagiados para mudar sua perspectiva colonialista e racial pelo segundo momento evangélico no Brasil: o *protestantismo de missão*. Temos nessa fase o nascimento da conscientização do proselitismo que é inaugurado pelas igrejas chamadas de *históricas*²²³, *tradicionais* ou de *missão*, que são a Igreja Luterana, agora imbuída

²²³ (MAFRA, 2001; CAMPOS, 2008). A nomenclatura “históricos” foi utilizada no Censo Institucional Evangélico, realizado pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião), em 1992. Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica os evangélicos no Brasil em *evangélicos de missão* e *evangélicos pentecostais*.

desta finalidade, a Presbiteriana, a Metodista e a Batista. Suas características relacionam-se à conversão, base bíblica, ascetismo e separação do mundo, que, segundo sua concepção, é mau e precisa ser abandonado, mas que, contraditoriamente, acreditam no fruto do trabalho capitalista como bênção. Apoiam políticas liberais que, confrontando-se com a fé estatizante de uma Igreja Católica sempre confiante na sua influência como igreja oficial²²⁴, apresentam-se como “a resposta para os males do Brasil, a causa dos quais era o catolicismo” (FRESTON, 1993, p. 51). Os protestantes históricos têm forte tradição e notabilidade²²⁵ na instituição de ensino, visto que enfatizam o conhecimento bíblico como condição de salvação, pregando o *sola scriptura* de Lutero, e fundam escolas importantes como a Faculdade Presbiteriana Mackensie, o Instituto Metodista Bennett e o Colégio Batista.

Esta marca academicista, livresca, sem cores e excessivamente ascética, negadora no seu primeiro momento do modo de ser brasileiro, contudo, não impactaria o Brasil e o mundo como suas igrejas filhas. O anglicismo caucasiano, distante dos primeiros protestantes, logo seria superado em número por uma nova leitura do cristianismo. O místico povo daqui de nossas terras, ansioso por substituir o seu tradicional catolicismo, desde sempre estatal, elitista e acomodado, se identificaria muito mais com uma fé que considerará mais próxima de seu modo de ser. Vivenciar-se-á em todo percurso do século XX, assim sendo, as “ondas do pentecostalismo” que emergiriam das periferias das grandes cidades para ocupar o poder civil, conquistando postos do Executivo e inúmeras cadeiras do Legislativo influenciando com estes na elaboração de leis que vão muito além dos limites das paredes dos seus templos.

O pentecostalismo é compreendido principalmente através de “três ondas” do movimento pentecostal cuja terceira é precisamente o movimento

²²⁴ “Esse discurso católico de apoio aos pobres e ser contra o governo está mais para acidente de percurso que sua própria natureza. Desde Constantino, passando pelo fascismo na Itália, a ditadura do Estado Novo com Getúlio até os militares de 64 sempre teve apoio institucional da Igreja” (ALENCAR, 2005, p. 95).

²²⁵ “O sistema educacional se impunha incontestavelmente, como o melhor da época, consolidando a aceitação do Protestantismo no país” (CAMARGO, 1973, p. 142). “O metodismo investiu pesadamente em educação, levando a um vínculo com o mundo universitário. A reflexão teológica mais voltada para a academia, e o governo eclesiástico em que os leigos perderam espaço, possibilitaram a radicalização a partir da cúpula, impulsionada pelo reencontro com a tradição teológica radicalizada no contexto brasileiro, e pelos contatos internacionais ecumênicos” (FRESTON, 1993, p. 279).

neopentecostal,²²⁶ nosso alvo de pesquisa, que é hoje a maior expressão do evangelismo no Brasil e no mundo. As “três ondas”, descritas por Paul Freston e retomadas por pesquisadores como Ari Oro (1997, 2005, 2006, 2001, 2011) e Ricardo Mariano (1996, 1999, 2004, 2008, 2014), classificam-se por período de tempo, recebendo bastante influência da organização social e econômica mutante da sociedade brasileira. As razões de seu surgimento, sob um ponto de vista meramente econômico, giram em torno de uma urbanização e formação de uma sociedade de massas, o desenvolvimento do alcance dos meios de comunicação e uma demanda maior de consumo, que, por sua vez, favorece um movimento contrário, uma frustração causada pela negação deste mesmo consumo, que será suprida pela espiritualidade. Fora de uma perspectiva estritamente econômica, o movimento pentecostal do século XX foi resumido desta forma por Freston: “A ênfase da primeira onda pentecostal foram as línguas, a da segunda onda foi a cura; e a da terceira é a libertação, pelo exorcismo, da pessoa maligna relacionada principalmente com os cultos mediúnicos” (FRESTON, 1993, p. 100). E, quanto aos métodos de difusão da mensagem, Paulo Romeiro pontua que

A primeira onda do pentecostalismo usou o evangelismo pessoal, a literatura (distribuição de folhetos) e as reuniões ao ar livre como método de proselitismo. A segunda onda desses métodos agregou o evangelismo radiofônico. Já a terceira onda somou todos esses métodos e investiu agressivamente no televangelismo (ROMEIRO, 2005, p. 16).

A “primeira onda” ou “pentecostalismo clássico” é feita pela Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, fundadas em 1910 e 1911 respectivamente, e tem como características a grande ênfase na glossolalia como dom de línguas (a crença no batismo no Espírito Santo), a composição de membros de pouca escolaridade e pequena renda, a forte resistência ao catolicismo, e a crença na volta imediata de Cristo e no paraíso como redenção dos sofrimentos terrenos, herdando

²²⁶ Vamos, além de retomar a terminologia utilizada pela maioria dos especialistas, denominando de “neopentecostal” o grupo religioso, classificar o movimento pentecostal no Brasil em “três ondas” à semelhança destes mesmos especialistas. Ressaltamos, porém, que as nomenclaturas não são definitivas, sendo, antes, alvo de muitas discussões acadêmicas e ainda sem conclusão dada a complexidade e dinamismo do tema. Outra proposta de classificação nos é apresentada por Delmo Gonçalves em *Neopentecostalismo*, embora o autor corrobore com o termo usado pela maioria dos estudiosos do assunto no próprio título de sua pesquisa: “nestas três ondas se classificam três vertentes: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo. Esta terceira onda traz a demarcação de um corte histórico-institucional da formação da corrente pentecostal, que passa então a ser chamada de “neopentecostal”” (GONÇALVES, 2013, p. 18).

o ascetismo dos protestantes históricos. E sobre uma das características mais marcantes dos crentes desta primeira onda, a disciplina, Clara Mafra assinala que o comportamento dos fiéis incidiu

na vestimenta recatada, na proibição da dança, do fumo, da bebida e, às vezes, do futebol - e não nas questões teológicas, pois apostava que uma boa teologia é aquela que se deixa penetrar pela inspiração divina e que, ao mesmo tempo, concorre para o bom senso e a simplicidade. (MAFRA, 2001. p. 33)

A Congregação Cristã foi fundada pelo italiano Luigi Francescon (1866-1964), emigrante dos Estados Unidos, que, convertido à fé evangélica, tornou-se um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Italiana, em Chicago. Trouxe para Brasil, porém, as doutrinas pentecostais, se estabelecendo temporariamente entre imigrantes italianos residentes em São Paulo e Santo Antônio da Platina, no Paraná. Conquistou seus adeptos entre presbiterianos, metodistas e batistas e, segundo Freston, cresceu principalmente no interior do estado de São Paulo, Paraná e Minas Gerais (FRESTON, 1993, p. 78), rejeitando métodos modernos de divulgação, como rádio, televisão, pregações em lugares públicos, ou literatura. Conserva a pregação via contato pessoal e sua principal doutrina é a predestinação, cuja premissa é de que Deus escolhe alguns para a salvação eterna em detrimento de outros:

Este rigorismo de fato é reforçado pelos fortes elementos sectários. Os sexos se separam no culto, as mulheres usando véus. A visão de mundo é de forte dualismo matéria/espírito. Os pecados graves após a entrada da igreja, como adultério, são punidos com a permanente “perda da liberdade”; nunca mais a pessoa poderá ocupar um cargo ou dar um testemunho. A CC não se considera protestante nem católica, e não coopera com outras igrejas, mesmo pentecostais (FRESTON, 1993, p. 79).

Já a Assembleia de Deus resultou dos esforços de dois suecos de origem batista, Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1885-1963), que igualmente emigraram para os Estados Unidos e foram alcançados pelo movimento pentecostal de Willian Seymour na cidade de Chicago. Os dois obreiros fixaram-se em Belém do Pará, onde passaram a frequentar a Igreja Batista, cujo pastor também era de nacionalidade sueca. Alguns meses mais tarde, a mensagem pentecostal de Vingren e Berg produziu um cisma na igreja, surgindo assim o primeiro grupo da nova denominação. Das primeiras igrejas protestantes é a que “nasceu brasileira”, pois,

em 1911, a Igreja Católica celebrava missas em latim, as Igrejas Luterana e Adventista, cultos em alemão, e a Igreja Anglicana e todas as demais denominações protestantes num “teologuês” anglo-saxônico. Até mesmo a única igreja pentecostal da época, a Congregação Cristã do Brasil, celebrava seus cultos em italiano (ALENCAR, 2005, p. 58).

Seu avanço pelo Norte e Nordeste do país (FREESTON, 1993, p. 71) é marcado principalmente pelo apelo junto às camadas econômicas mais baixas da sociedade: “periférica, simples e marginal, cresce entre os pobres. Ela não opta pelos pobres. Ela é uma igreja de pobres” (ALENCAR, 2005, p. 58). E tal desinteresse pelas questões sociais como seletiva de pessoas para o culto teria favorecido seu crescimento, na medida em que aceitava negros, ex-escravos, como membros da comunidade:

O conteúdo étnico que o pentecostalismo tem em suas origens norte-americanas não o acompanhou aqui. No Brasil, todos os “homens são livres mesmo em estado escravocrata” (Franco, 1997). Não há um só texto nos jornais sobre a questão da escravatura ou sobre o racismo – brasileiro ou norte-americano. Muitos ex-escravos estavam vivos ainda e, pelo ambiente que a AD atingiu em todo o Brasil, a igreja deve ter recebido muitos deles como membros. A questão é inexistente para os suecos (ALENCAR, 2010, p. 66).

Incorporou, por conta disso, vários aspectos de uma cultura “transnacionalizada” (ALENCAR, 2010, p. 107), representando uma verdadeira ruptura com o protestantismo tradicional histórico, muitas vezes distante da realidade brasileira²²⁷. Sua musicalidade, por exemplo, é manifestada através de instrumentos como pandeiro, sanfona, cavaquinho, violão e outros, ao invés da frieza norte-americana dos órgãos e pianos, que por sinal são extremamente caros. Os assembleianos resistem ao ensino teológico formal, mesmo para preparação dos pastores e líderes, como de costume nas demais igrejas protestantes. Uma tentativa de implantar um seminário em 1948 foi frustrada pela liderança da AD, caracterizada por um sistema oligárquico e caudilhesco que se estrutura por “uma complexa teia de redes compostas de igrejas-mães e igrejas e congregações dependentes (...)”. O

²²⁷ “O presbiterianismo era intelectualista, aristocrático e autoritário, e o luteranismo aliado à nobreza tornou-se religião estatal com os mesmos problemas que o catolicismo tinha antes; portanto a Reforma não conseguiu satisfazer as necessidades religiosas dos camponeses e das demais classes privilegiadas. E quais eram essas necessidades? Justiça social, participação popular nos cultos, fervor emocional, esperanças apocalípticas. A igreja dos deserdados tem tudo isso, além de “visões, revelações, luz interior, atmosfera sobre natural de milagres” – tudo o que mais tarde vai caracterizar o pentecostalismo” (ALENCAR, 2010, p. 35, *grifo do autor*).

pastor-presidente da rede é efetivamente um bispo, com grande concentração de poder” (ALENCAR, 2010, p. 72). Em 1978, no entanto, não só houve a flexibilidade em relação à formação teológica como também à obrigatoriedade do curso para o exercício do pastorado. Depois disto ocorre “uma proliferação de institutos bíblicos”, que desencadeia, devido ao aumento do questionamento trazido pelas reflexões nos seminários, um cisma na AD, em 1989, que criou a Convenção de Madureira, no Rio de Janeiro, separada agora da Missão, com sede em Belém, onde foi fundada. Predominam em suas diretrizes o anti-catolicismo, pela ênfase na conversão, o dom de línguas, o radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo (MARIANO, 1996, p. 25) e o escatologismo²²⁸, cujos traços mantêm bem vivos, apesar dos 110 anos de existência. Hoje, a AD é a maior igreja pentecostal do Brasil com aproximadamente 10 milhões de adeptos e tamanho número de fiéis tem redundado em expressiva influência no cenário político do país, visto que possui, em 2020, 30 parlamentares no Congresso Nacional, compondo a chamada Bancada da Bíblia.

A segunda onda é marcada pela implantação de outras igrejas no território brasileiro na década de 50. Mariano mostra que essas igrejas de segunda fase do pentecostalismo foram uma “fragmentação denominacional”, fruto da Cruzada Nacional de Evangelização, coordenada pelos missionários americanos Harold Williams e Raymond Boatright, ex-atores de filmes faroestes e vinculados à *International Church of Foursquare Gospel*, que, trazida para o Brasil em 1951, foi chamada de Igreja do Evangelho Quadrangular. Essa campanha da Cruzada enfatizava a cura divina centrada no evangelismo de massa e atingia as camadas mais pobres da população. No sucesso desse proselitismo, surgiram a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo²²⁹, em São Paulo, no ano de 1955, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, também em São Paulo, em 1962, a Casa da Bênção, em Belo Horizonte, em 1964 e várias outras de menor expressão. De acordo com Beatriz Muniz de Souza (apud MARIANO, 2005), a doutrina dessas igrejas quase não apresentou mudanças em relação às igrejas da primeira onda, salvo na ênfase nos chamados dons do Espírito Santo. Enquanto a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã enfatizavam a glossolalia, as igrejas que surgiram em

²²⁸ Doutrina que prega a segunda vinda de Cristo nos moldes do livro do Apocalipse (ALENCAR, 2010, p. 141).

²²⁹ A Igreja O Brasil para Cristo surgiu de uma dissidência nacionalista da Igreja do Evangelho Quadrangular e foi a primeira igreja evangélica no Brasil cujo fundador era brasileiro. Foi fundada em 1955, em São Paulo, por Manuel de Mello.

torno da década de 50 enfatizavam o dom de cura divina. Outro diferencial desta segunda onda, segundo Duncan A. Reily, está na abertura ao ministério feminino, em que elas puderam exercer cargos de maior expressividade interna como de pastoras e obreiras (REILY, 1993, p. 388). Freston ainda diz que foi a Igreja do Evangelho Quadrangular, pioneira desta fase, “a única grande denominação cristã iniciada por uma mulher”, a missionária Aimee Semple McPherson, nascida no Canadá, embora radicada nos Estados Unidos, onde fundou sua variante pentecostal (FRESTON, 1993, p. 82).

O apreço pelo ascetismo com vistas à segunda vinda de Cristo permanece da primeira onda, embora com alguma flexibilidade, pois a tônica passara a ser posta na cura milagrosa. Em meio a um prodígio e outro, contudo, a pregação de uma santidade longe das coisas mundanas continuava. Eis um trecho de um manual doutrinário da Igreja Deus é Amor:

É permitido criança brincar de pipa... Mat. 19.14 e 1Co 13.11... Brincar com bola é permitido, desde que seja bola de plástico ou borracha e a idade da criança não ultrapasse 7 anos, 1Co 13.11... Assistir programa de TV ou de rádio mundano...: é proibido segundo a Bíblia... punição: 1ª vez – 3 meses; 2ª vez – 1 ano... As irmãs de 16 até 18 anos poderão se casar com um irmão, até 28 anos, de 18 a 21 anos poderão casar-se com um irmão, até 36 anos... punição: 90 dias de prova (*Doutrina Bíblica para os Dias de Hoje* apud FRESTON, 1993, p. 92).

Nesta fase, ainda há grande ojeriza à teologia formal, restringindo-se o ensino até mesmo de instrumentos musicais à própria igreja, pois o pentecostalismo é marcado pela valorização da experiência pessoal e o compartilhamento destas experiências entre os adeptos. Basta apenas a fé aprendida de maneira simples, não sendo mais necessárias maiores divagações.

A grande explosão de popularidade, não obstante promover abstinência de prazeres cotidianos, ficou por conta das gigantescas campanhas evangelísticas realizadas por estas igrejas. As convocações para as cruzadas constituir-se-iam em eventos de milhares de pessoas nos estádios, excitadas por instrumentos modernos como guitarras e baterias. A antiga gravidade ascética e negacionista da alegria e da frivolidade, consideradas mundanas, dava lugar a demonstrações carnavalescas de sons e danças, embora com algum comedimento ainda. Para a professora Clara Mafra, a Cruzada Nacional dos anos 50 introduziu diversos elementos de um pentecostalismo mais moderno no Brasil, que iam desde o uso de guitarra elétrica

durante as pregações ao vestuário do pastor. Os corinhos alegres e contagiantes inauguraram outro estilo de manifestação do Espírito Santo. Nele, o improvisado tendia à informalidade; a autonomia se fazia através do maior direcionamento da mensagem” (MAFRA, 2001. p. 35). A animação era preparada pelos sermões inflamados e suas músicas, transmitidos pelo rádio no estilo pentecostal, que se descobrira como meio de comunicação muito eficaz na propagação do seu Evangelho. A televisão ainda neste tempo seria vista como veiculadora de hábitos pecaminosos, ficando sob responsabilidade do rádio a difusão das doutrinas pentecostais, que, por sinal, se mostrou lucrativo, tamanho era o crescimento destas igrejas. E esta expansão logo redundou em surgimento de interesse político, visto que, segundo Freston, a Igreja O Brasil para Cristo foi a primeira a “eleger políticos e a relacionar-se com entidades ecumênicas” (FRESTON, 1993, p. 86), abrindo caminho para o grande movimento que viria ocorrer nas décadas seguintes, de sistemático aumento de ocupação do poder civil pelas igrejas protestantes que mais tarde será chamado de Bancada da Bíblia.

A Igreja Cristã de Nova Vida, fundada pelo canadense Robert McAlister, no Rio de Janeiro, que rompeu com a Assembleia de Deus em 1960, representará a fronteira entre a segunda e terceira onda, pois foi pioneira de um pentecostalismo de classe média, menos legalista, e investiu fortemente na televisão e não apenas no rádio. A nova igreja simboliza uma espécie de elitização do pentecostalismo sendo mais “refinada” e exigindo de seus obreiros algum nível de ensino teológico formal, instalando-se primordialmente nos grandes centros, em contraste com seus antecessores, que primavam pela experiência pessoal e por um público mais do interior. A Nova Vida foi berço de três grupos da terceira onda: a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, Goiás), a Igreja Universal do Reino de Deus (1977, Rio de Janeiro), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980, Rio de Janeiro), Renascer em Cristo (1986, São Paulo), e a Igreja Evangélica Cristo Vive (1987, Rio de Janeiro).

A terceira onda, *neopentecostal*, vertente que mais cresce entre as igrejas protestantes, apresenta forte tendência de acomodação ao mundo, participa da política partidária, vale-se de uma lógica empresarial²³⁰, utiliza intensamente a mídia

²³⁰ Uma das igrejas neopentecostais de maior proeminência, a Renascer em Cristo, colocou fé no empreendedorismo e nas suas táticas de faturamento. “Na apostila *A igreja usando o marketing como*

eletrônica²³¹ e intensifica a batalha espiritual, nosso interesse maior nesta pesquisa. Este ramo surgido não depende do código escrito, como é de tradição do protestantismo histórico e que foi justamente questionado pelo movimento pentecostal. As igrejas da terceira onda vão valorizar mais os sentidos “da visão e do tato” (FREESTON, 1993, p. 99), ou seja, farão largo uso de gestos e toques, empregando elementos místicos, no caso da Universal, de “pães de fartura”, “maçãs do amor”, “rosas ungidas”, “nardos ungidos”, “sarça dos milagres”, “sabão em pó ungido”, etc. Criam as “correntes” que são cultos nos quais se busca um benefício ou um milagre específicos. Em cada dia, foca-se numa necessidade, como prosperidade, amor ou libertação, e neste dia, fazem clamores e ofertas para que o adepto conquiste o que deseja. As atitudes de fé de maneira mais visível e simbólica, portanto, terão mais relevância do que a reflexão introspectiva produzida pelo ensino, ainda considerado nesta fase academicista e de pouca aplicabilidade prática:

O neopentecostalismo não conhece nenhum método de interpretação bíblica. A bíblia se torna um brinquedo lançado de um lado para o outro, ao sabor das conveniências. Tomam-se diferentes declarações, episódios e símbolos bíblicos e, sem esforço algum de interpretação, passa-se diretamente para a aplicação, muitas vezes de uma maneira que nada tem a ver com o próprio original do passado (LIBANIO, CUNHA, 2011, p. 73).

A principal e mais emblemática denominação, a IURD, cuja crônica hagiográfica *Nada a perder* estudamos nesta Tese, nasceu de um cisma²³² da Nova

arma espiritual, baseada nas teorias de Phillip Kotler, o líder da Renascer em Cristo, apóstolo Estevam Hernandes Filho, ex-gerente de marketing da Xerox do Brasil e da Itaotec, afirma que, no plano organizacional e administrativo, sua igreja deve ser encarada como uma empresa no mercado” (MARIANO, 2008, p. 72). Ideia, portanto, que foi colocada em prática e que redundou em grande sucesso financeiro para o “apóstolo”. Sua denominação construiu um império de empresas de comunicação no país (*Rede Gospel de Televisão, Gravadora Gospel Records, Rádio Gospel, Waves* Produtora de CDs e shows, *Publicações Gamaliel, Editora RGC Produções*) além de outras razões sociais na área do comércio como a *Gospel Wear Indústria e Comércio Confecções de Roupas Ltda.* Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG76167-6009-452-4,00.html>>. Acesso em 25/11/2020.

²³¹ *Igrejas controlam 9 dos 50 veículos mais influentes do país, mostra pesquisa.* Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/igrejas-controlam-9-dos-50-veiculos-mais-influentes-do-pais/>> Acesso em 17/10/2020.

²³² “Que igreja protestante não nasceu cismática? Divisionismo, aliás, reside no cerne do protestantismo” (NIEBUHR, 1992). Não apenas o protestantismo, acrescentamos ao autor citado, mas todo o cristianismo. Como já é de praxe na história desta crença, as novas denominações surgem de discordâncias quanto ao entendimento do texto bíblico. Lembremos do movimento monástico, ainda nos séculos V e VI, que pode ser considerado uma das primeiras rupturas com a doutrina tida como ortodoxa. Os famosos Cismas medievais do Oriente e do Ocidente, a própria

Vida para representar uma crença que atendesse mais, segundo a visão de seu fundador, o ex-comerciante e atendente de casa lotérica Edir Bezerra Macedo, os anseios do povo de libertação, prosperidade e “vitória contra o mal”. Ao lado de seu cunhado Romildo Ribeiro Soares, Roberto Augusto Lopes e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, fundou a Cruzada do Caminho Eterno, mas logo rompeu com seus colaboradores para abrir, independentemente, em 9 de julho de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus, no bairro carioca da Abolição. O carisma, estilo autoritário e centralizador bem como o dinamismo e pragmatismo de Macedo, segundo Mariano, teriam ofuscado a liderança dos demais líderes do Caminho Eterno, o que causou uma cisão no projeto (GONÇALVES, 2013, p. 50). O golpe final na sociedade unida ficara por conta de disputas de popularidade dentro da igreja, cuja eleição para líder fora ganha por Macedo, que cada vez mais conquistava os membros da igreja por causa de suas pregações de 15 minutos na Rádio Metropolitana. Com o ambiente insustentável para ambos, Macedo funda a IURD, separado do Caminho Eterno, e Romildo Ribeiro Soares, que será mais conhecido como R. R. Soares, chamará, a partir do dia 9 de junho de 1980, a sua igreja de “Internacional da Graça de Deus” (GONÇALVES, 2013, p. 51).

Inicialmente, Macedo pregava nas casas, praças públicas e depois foi evoluindo para reuniões em cinemas alugados, angariando um número cada vez maior de adeptos devido a uma retórica que agradava as parcelas mais humildes da população. O acolhimento social e a sensação de pertencimento, a certeza de vitória financeira apesar da condição de desfavorecimento e o recebimento de ajuda imediata, no trabalho de beneficência realizado pela comunidade, a vibração dos cultos, que parecem ser divertidos e prazerosos são alguns fatores psicológicos que podem ser apontados como responsáveis pelo sucesso numérico da nova igreja.

Reforma Protestante, passando pelos Avivamentos norte-americanos são claríssimos demonstrativos de que a fé cristã é bastante susceptível a mudanças das mais variadas ordens e que qualquer tentativa de estatização e unificação de suas doutrinas da mesma, haja vista a Igreja Católica Romana ao longo dos tempos, fracassa. No Islã percebe-se a divisão entre sunitas e xiitas, sendo as facções mais radicais desta crença responsáveis pelos covardes atos terroristas que assolam o Ocidente ao seu próprio povo. Mesmo nas religiões de matriz africana são perceptíveis divisões entre si, conforme lemos no artigo de Vagner Gonçalves da Silva: “O candomblé [a partir da década de 1960 nas grandes cidades do Sudeste] sempre procurou marcar sua distinção em relação à umbanda criticando-a como uma versão ‘fraca’ e ‘deturpada’ de suas tradições transformadas sob a influência exacerbada do catolicismo e do espiritismo kardecista” (SILVA, 2007, p. 234, 235). Historicamente, segundo o autor, essas religiões têm se desenvolvido muito mais por dissidências ou contraposições do que por aglutinação em torno das entidades de representação coletiva, o que tem sido mudado, contudo, com o engajamento crescente de outros setores da sociedade fora deste âmbito religioso, como artistas, intelectuais e políticos conforme veremos mais adiante neste capítulo.

Outros favorecedores de ordem sociológica também nos servem como razão desse surto neopentecostal no Brasil como a crise católica²³³ e o crescimento da umbanda e uma demanda cada vez mais intensa de consumo²³⁴, haja vista o aumento do alcance dos meios de comunicação e com eles a publicidade.

Notabilizada pela agressividade e êxito financeiro, A Igreja Universal, sem dúvida, é o caso neopentecostal mais inspirador de debates e estudos, pelas estratégias mercadológicas e políticas bem-sucedidas que vêm empregando nos seus poucos 41 anos de existência. Sua estrutura é de governo eclesiástico verticalizado, gestão de tipo empresarial, quadros eclesiástico e administrativo profissionalizados. Segue estratégias de marketing, institui metas de produtividade para os pastores, possui “mercadoria” (seus serviços mágico-religiosos) de grande demanda entre a camada mais consumidora, demonstra grande disciplina eleitoral (para eleger suas bancadas políticas), arrecada recursos com eficácia e os investe no evangelismo eletrônico, reúne grande conglomerado de empresas de comunicação (gravadora, editora, redes de rádio e TV²³⁵) e abre massivamente novas congregações (ou franquias?) e novos campos missionários, inclusive no exterior.²³⁶

Os avanços da IURD e de outras igrejas neopentecostais logo se transformariam em poder político que alcançaria um número expressivo de cadeiras no Legislativo brasileiro e até no Executivo também. A igreja de Macedo criou partidos ao longo de sua história, como o Partido Municipalista Renovador, em 2005,

²³³ “Um questionamento recorrente entre os estudiosos da religiosidade brasileira é entender o porquê de o Pentecostalismo ter esse poder de atração e de conquista de novos fiéis. Algumas coisas podem ser explicitadas, como: o esgotamento natural do Catolicismo romano em nosso país, que depois de séculos de influência em nossa cultura entrou em estagnação; ou ainda, o misticismo do povo brasileiro, que nasceu da influência das religiosidades africana e indígena, que estiveram presentes na organização da sociedade brasileira desde a colonização, deixando um legado que afetou não somente o Catolicismo romano, produzindo o Catolicismo popular brasileiro, como foi de fundamental importância para a aceitação do Pentecostalismo, que frequentemente recorre ao pensamento mágico para responder às suas indagações” (MORAES, 2010, p. 10).

²³⁴ “...o novo neopentecostalismo se adapta facilmente à cultura urbana influenciada pela televisão e pela ética *yuppie*” (FREESTON, 1993, p. 95).

²³⁵ Além de acumular editoras, jornais, gráficas e rádios, no ano de 1989 a Universal compra do grupo Silvio Santos a Rede Record de Televisão, uma das maiores do país atrás em audiência apenas da Rede Globo, a mais assistida no Brasil. Para a contabilização do número de empresas detidas pela IURD, bem como a historicidade e análise do fenômeno, leia-se o artigo de Bruno Gomes de Araújo *Fé e ordenamento social do território: estratégias de controle da Igreja Universal do Reino de Deus* publicado na *Revista Meridionalis*, n. 2 no ano de 2015.

²³⁶ “A IURD está também no exterior: em quase toda a América do Sul, Portugal, Estados Unidos (basicamente entre os hispânicos) e Angola, Moçambique, África do Sul e agora na Índia,” (*Ibidem*, p. 89).

mais tarde renomeado como Partido Republicano Brasileiro, e posteriormente como Republicanos, seu nome atual. No mandato de 2018-2022, os parlamentares ligados à igreja neopentecostal são 18, sendo 12 no mandato anterior e compõem a influente Bancada da Bíblia para legislar em defesa das pautas conservadoras, nas questões de costumes, conforme a tabela do anexo A.

A justificativa dos protestantes em aspirar ao poder civil tem como base a ideia de que política está dominada pelos “imorais”, que recebem influência diabólica: “Para tanto, segundo a leitura pentecostal, faz-se necessário combater os “demônios” causadores das atitudes imorais dos políticos”.²³⁷ A IURD, por exemplo, atribui o subdesenvolvimento do Brasil à ação de pessoas endemoniadas, identificadas com os adeptos das religiões africanas e de outras, das quais falaremos mais a frente neste capítulo, para incorporar as eleições à sua guerra

²³⁷ ORO, 2011, p. 390. Muitas vezes parece que os deputados da Bancada da Bíblia é que são “possuídos pelo demônio” para protagonizar escândalos das mais variadas espécies. A título de exemplificação citamos o bispo da IURD Carlos Rodrigues, deputado federal pelo Rio de Janeiro de 1999 a 2003 e depois de 2003 a 2007, que foi condenado a seis anos de prisão sob acusação de participar do chamado *mensalão*, esquema de compra de votos no Congresso Nacional à época do governo do presidente Lula. (Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/mensalao/noticia/2014/09/bispo-rodrigues-deixa-cadeia-e-comeca-cumprir-prisao-domiciliar.html>>. Acesso em 21/11/2020). O religioso ainda respondera por outros crimes de desvio de recursos públicos no *Caso Waldomiro* e na *máfia das sanguessugas*, o que fez a igreja, depois de descobrir um caso extraconjugal seu, afastá-lo temporariamente. Outro escândalo envolvendo parlamentares protestantes é o caso da também deputada federal fluminense Flordelis, pastora e cantora gospel. Ela foi apontada como a mandante do assassinato a tiros de seu marido, o pastor Anderson do Carmo, no dia 16 de junho de 2019. O executor teria sido seus filhos, que, segundo reportagens, tentaram diversas vezes tirar a vida da vítima. Os motivos, ainda desconhecidos, circulam em torno de suspeita de adultério do pastor, que teria se relacionado sexualmente com alguns filhos e filhas da deputada. Flordelis, por causa de sua imunidade parlamentar, foi condenada à época a usar uma tornozeleira eletrônica e ser proibida de sair do país apenas. (Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/28/direcao-da-camara-decide-por-unanimidade-enviar-caso-flordelis-para-o-conselho-de-etica.ghtml>>. Acesso em 21/11/2020). Sua prisão, no entanto, foi finalmente decretada no dia 13 de agosto de 2021 e, enquanto era conduzida para a Delegacia de Homicídios de Niterói pela Polícia Civil, dizia aos seus familiares carregando uma Bíblia: “Amo vocês, fé em Deus” (Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/08/13/justica-decreta-a-prisao-de-flordelis.ghtml>>. Acesso em 02/10/2021). Temos também a condenação e prisão de outro deputado federal pelo Rio de Janeiro, o pastor Everaldo Pereira, do Partido Social Cristão, que inclusive, fora candidato à presidência da República em 2014. A acusação sobre o líder, de corrupção e lavagem de dinheiro, se refere aos contratos de insumos para a área da Saúde e relativos à companhia de águas e esgotos do Estado, a Cedae. A Polícia Federal cumpriu o mandato de prisão no dia 28 de agosto de 2020, na operação *Tris In Idem*, que também determinou o afastamento do cargo do governador do Estado Wilson Witzel, do mesmo Partido Social Cristão. (Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/28/pastor-everaldo-e-presos-em-operacao-que-afastou-witzel-do-governo-de-rj.ghtml>>. Acesso em 21/11/2020). “...uma vez eleitos, vários parlamentares evangélicos reproduziram o mesmo comportamento *anti-ético* que combatiam, pois se envolveram em escândalos de desvio de dinheiro e de favorecimentos espúrios (ORO, 2011, p. 390).

santa, estimulando o eleitorado evangélico a votar em seus candidatos, conforme lemos no livro de Edir Macedo:

Se o povo brasileiro tivesse os olhos bem abertos contra a feitiçaria, a bruxaria e a magia, oficializados pela umbanda, quimbanda, candomblé, kardecismo e outros nomes, que vivem destruindo as vidas e os lares, certamente seríamos um país mais desenvolvido (MACEDO, 2000, p. 55).

Freston também identifica o fim do apoliticismo (FRESTON, 1993, p. 245) dos pentecostais, resultado de certo temor da esquerda, que, alçada ao poder, pode restringir ou até mesmo acabar, por exemplo, com o exercício do livre-mercado, a acumulação de capital privado e a interferência do Estado em assuntos religiosos, experiências bem vívidas em países socialistas. Dá-se ao seu ingresso mais intenso na política nestas últimas décadas ares de cruzada contra o mal, na difusão de que esta está tomada pelo diabo, que precisa ser derrotado pela influência democrática dos eleitores evangélicos. É a pregação da responsabilidade dos cristãos de não apenas exercerem sua fé na frequência aos cultos e na ética diária, mas também de usarem a cidadania “terrena” para garantir a vitória contra o mal:

Ao advertir os cristãos de que a política brasileira está dominada por satanás, a IURD reforça sua missão religiosa de libertá-la do mal e moralizá-la. A eleição de candidatos evangélicos e uma estratégia de ocupação de instituições “totalmente controladas” pelo demônio a fim de promover a exorcização da política, a “redenção” da sociedade e a vitória sobre o mal. Por conseguinte, na guerra contra o diabo, os crentes devem votar em “homens de Deus”, capazes de enfrentar “os espíritos malignos” e, desse modo, purificar a política. O voto, além de exercício da cidadania, também adquire uma conotação religiosa, sendo incluído na lógica da batalha espiritual (DANTAS, 2011. p. 503).

Na eleição presidencial de 1989,²³⁸ a cúpula da Igreja do Evangelho Quadrangular orientava seus membros “a não votarem em candidatos de esquerda

²³⁸ Em sua tese de doutorado, Paul Freston traça um caminho da atuação dos protestantes na política brasileira e aponta a atuação do deputado e pastor metodista Guaracy Silveira, do PSB como um dos pioneiros no interesse político evangélico. Seu mandato foi nos anos 1933, 1934 e 1946 e lutou por pautas liberais no seu tempo e pelo objetivo de “preservar os trabalhadores da influência do comunismo” (FRESTON, 1993, p. 156). Nos “Anos de chumbo” o pesquisador sinaliza alguma oposição dos protestantes ao regime militar por razões como a ideologia da segurança nacional ser considerada idólatra, a ascensão no período de políticos ligados à umbanda, e já no fim dessa época a percepção do presidente João Figueiredo como ligado a setores espíritas: “O período militar é visto, hoje, por muitos evangélicos como o momento em que correntes espíritas esotéricas ganharam espaço no Planalto” (*Idem*, p. 159). Ari Pedro Oro ainda destacará em seu artigo *Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil* um esforço do candidato Lula e de sua sucessora Dilma nas suas campanhas de 2006 e 2010, respectivamente, de se aproximarem dos evangélicos tamanha

tais como Lula, Freire, Brizola, Covas...”, pois “toda ideologia de esquerda... é totalmente oposta ao Evangelho” (FRESTON, 1993, p. 255). Um pouco mais recentemente a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), organizada formalmente em 2015, posicionou-se a favor do processo de impeachment sofrido em 2016 pela presidente Dilma Rousseff, que foi acusada de crimes de responsabilidade fiscal (as chamadas pedaladas fiscais), improbidade administrativa e desvios de recursos da Petrobrás, no escândalo de corrupção que ficou conhecido como “Petrolão”. Os deputados evangélicos afirmaram em nota que tomaram essa decisão, pois o Brasil atravessava “grave crise econômica, moral, ética e política” e “que os mais pobres do país são os que mais estão sofrendo com os resultados dessa crise generalizada”²³⁹. No entanto, o viés político-partidário da opção logo é perceptível, tendo em vista a oposição e votos dados pelos partidos de esquerda²⁴⁰ contra a condenação da presidente do PT, que, como já foi dito, são identificados com pautas progressistas, radicalmente contrárias a certos pontos das crenças dos protestantes²⁴¹.

E, atualmente, percebe-se este mesmo posicionamento dos evangélicos contra partidos de esquerda, na medida em que estes defendem pautas conflitantes com valores cristãos, como a chamada ideologia de gênero, legalização do aborto e consumo recreativo de drogas. O presidente Jair Bolsonaro, projetando-se como “liberal na economia” e “conservador nos costumes”, explorou suas semelhanças ideológicas com os protestantes e lançou-se assim em sua campanha em 2018: “O

expressividade política alcançada pelo grupo. O primeiro logra êxito no intento, conseguindo o apoio da IURD e da Assembleia de Deus, porém Dilma, já mostrando uma tendência do PT dos anos 2010 de se afastar dos protestantes, não conquista a importante e estratégica aliança dos religiosos, o que, entre outras coisas, a derrubaria da presidência da República no impeachment de 2016.

²³⁹ *Bancada evangélica declara apoio ao impeachment de Dilma*. Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bancada-evangelica-declara-apoio-ao-impeachment-de-dilma/>>. Acesso em 27/11/2020.

²⁴⁰ Partidos como PDT (12 votos), PSOL (6 votos) e PT (obviamente por ser o da presidente afastada, com 60 votos) declararam-se contra o impeachment. *Impeachment de Dilma: saiba como votou cada um dos partidos na Câmara*. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-04/impeachment-de-dilma-saiba-como-votou-cada-um-dos-partidos-na-camara>>. Acesso em 28/11/2020.

²⁴¹ É interessante a síntese que o bispo Edir Macedo faz no seu livro proselitista *Mensagens* das ideologias que se chocam com o seu cristianismo neopentecostal atribuindo cada uma delas a ideias do diabo: “São os espíritos imundos inteligentes, que têm tomado a mente das pessoas e as têm escravizado, com toda sorte de pensamentos contrários a Deus. São eles os promotores de filosofias, tais como comunistas, fascistas, nazistas, imperialistas, enfim, toda a sorte de ideias que contrariam a Palavra de Deus” (MACEDO, 1995, p. 133).

Brasil precisa de um presidente honesto e que tenha Deus no coração”²⁴². A FPE, em apoio ao então candidato Bolsonaro, divulgou um manifesto associando seus interesses aos do presidenciável, cujos trechos abaixo representam. Entre outras questões, como o combate ao “gigantismo do Estado”, bem como sua “desburocratização”, prometem defender a moralidade, sob seu ponto de vista, de ameaças identificadas com pautas chamadas de progressistas nos costumes:

...para além da pauta tradicionalmente por nos defendida, - de preservação dos valores cristãos e de defesa da família -, compreendemos que e chegada a hora de darmos uma contribuição maior a sociedade, a qual seja consentânea aos mais de 45 milhões de eleitores brasileiros que professam a fé evangélica. (...) Libertar a educação pública do autoritarismo da ideologia de gênero, da ideologia da pornografia, e devolver às famílias o direito da educação sexual das suas crianças e adolescentes. Defender o direito à inocência da criança como direito humano universal.²⁴³

A presença dos evangélicos na política, contudo, deixaria de ser “modesta”,²⁴⁴ no falar de Ari Pedro Oro. Assistiremos os feitos políticos protagonizados pelo bispo Marcelo Crivella, eleito para senador da República pelo Rio de Janeiro em 2002, cargo que exerceu por 13 anos, nomeado para ministro da Pesca e Agricultura pela presidente da República Dilma Rousseff, em 2012, por conta do apoio político da IURD dado à chefe do Executivo petista, e novamente eleito, dessa vez prefeito da cidade do Rio de Janeiro, em 2016, depois de perder a disputa em 2008, e para governador do Estado em 2006 e 2014. Em 2020, o líder neopentecostal licenciado disputou a reeleição com o ex-prefeito Eduardo Paes, do DEM, mas não obteve sucesso, conseguido apenas 35,93% do votos válidos contra 64,07% de seu oponente. Faltando apenas oito dias para encerrar o seu mandato, Crivella é preso acusado de corrupção e de fazer parte de um esquema de recebimento de propina de empresários em contratos municipais. Na tarde do dia 13 de fevereiro de 2021, porém, o político recebe alvará de soltura expedido pelo ministro do STF Gilmar

²⁴² “Precisamos de uma pessoa normal”, diz Bolsonaro sobre futuro presidente...” Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/14/precisamos-de-uma-pessoa-normal-diz-bolsonaro-sobre-futuro-presidente.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 25/11/2020.

²⁴³ Manifesto à Nação. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2018/10/Manifesto-a-Nacao-frente-evangelica-outubro2018.pdf>>. Acesso em 27/11/2020.

²⁴⁴ “Os evangélicos, por seu turno, detêm também uma histórica, embora modesta, presença na vida política brasileira” (ORO, 2006, p. 324).

Mendes, sendo obrigado ainda a usar tornozeleira eletrônica durante quatro dias.²⁴⁵ Eis, portanto, um resumo da influência dos protestantes neopentecostais na política brasileira devido à grande popularidade que alcançou nas últimas décadas. Para fins ilustrativos, apresenta-se-á, no anexo B, um quadro com as principais igrejas protestantes brasileiras e suas divisões, denominadas “ondas” do pentecostalismo. Passamos, então, a esboçar uma introdução ao movimento religioso.

3.4 O neopentecostalismo e suas características

Uma boa síntese das características do neopentecostalismo, grandemente marcante na política brasileira como vimos anteriormente, está no artigo de Ricardo Mariano e Emerson Guimbelli, que queremos desenvolver:

Caracterizam-se os neopentecostais por: (1) pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, defensora do polêmico e desvirtuado adágio franciscano “é dando que se recebe” e da crença nada franciscana de que o cristão está destinado a ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos; (2) enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo, seu séquito de anjos decaídos e seus representantes na terra, identificados com as outras religiões e sobretudo com os cultos afro-brasileiros; (3) não adotar os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade, que até há pouco figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo (MARIANO, 1996, p. 26).

Três pontos resumem a ruptura teológica sugerida pelo “neopentecostalismo”. Em primeiro lugar o papel axiomático, em termos de cosmogonia, das entidades demoníacas, decorrendo disso a importância do exorcismo e do combate às religiões afro-brasileiras. Em seguida, a influência da “teologia da prosperidade”, cuja caracterização Mariano devota atenção particular. Traça a genealogia dessa corrente teológica nos Estados Unidos e acompanha sua introdução no Brasil. A partir dela, a obtenção de curas e milagres, garantindo ao fiel “vida abundante”, tornar-se-ia a meta da religião e sinônimo de salvação. As bênçãos, no entanto, estão nessa caso atreladas ao dízimo e às ofertas, contribuições materiais dos fiéis à igreja. Por fim, a liberalização dos “usos e costumes” – ao confortar todo um estilo de vida (expresso na aparência pessoal, nas restrições de lazer, no moralismo sexual) serviam para distinguir os adeptos pentecostais tradicionais (GUIMBELLI, In.: BORTOLETO, 2014, p. 37).

A urbanização e industrialização rápida no mundo capitalista, experienciadas a partir da segunda metade do século XX, contribuirá para produzir uma nova

²⁴⁵ “Após decisão do STF, Justiça do RJ expede alvará de soltura para o ex-prefeito Marcelo Crivella”. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/02/13/justica-expede-alvara-de-soltura-ao-ex-prefeito-marcelo-crivella.ghtml>> Acesso em 15/11/2021.

concepção de cristianismo.²⁴⁶ Chamar-se-á Teologia da Prosperidade a explosão do desejo de consumo justificada pela fé que outrora pregara resiliência e desapego de bens materiais. O sacrifício pelo outro - “mais bem aventurada coisa é dar do que receber” - e por si próprio - “negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me”²⁴⁷ foram substituídos pela valorização do bem-estar terreno e pelo prazer imediato. A terra não é mais um lugar de sofrimento e provação. Segundo o neopentecostalismo, o mundo passa a ser alvo de conquista, defendendo que

o domínio e a autoridade sobre a terra foram dados por Deus aos homens desde Adão, mas foram perdidos pelo pecado original. Recuperados por Jesus através do sacrifício vicário, devem ser retomados pelos crentes. Isso se daria por meio de luta espiritual contra o diabo, que estaria bloqueando a atmosfera da terra e impedindo o fluxo do céu e a emanação de bênçãos advindas do alto (ROSAS, 2020. p. 246).

O movimento filosófico-teológico também conhecido como Confissão Positiva, fundado nos Estados Unidos pelo ex-evangelista batista e pastor licenciado da Assembleia de Deus Kenneth Hagin, em 1962 (MARIANO, 1996, p. 28), teve significativa ressonância aqui no Brasil com suas pregações de transes, visões, profecias, revelações e experiências sobrenaturais, constituindo-se como base doutrinária para Edir Macedo, R. R. Soares, Miguel Ângelo, Estevam Hernandez, Waldomiro Santiago e outros. E estes “heresiarcas” como diria a Igreja Católica

²⁴⁶ “Há algumas causas prováveis que podem ajudar a entender e a explicar esse fenômeno. Primeiro, sempre houve forte apelo religioso no protestantismo em virtude do incentivo à piedade individual e da independência pessoal quanto à obtenção da salvação; por sua vez, a ética ascética ligada à rejeição do mundo pareceu ir ao encontro daqueles que tinham motivos suficientes para não estar satisfeitos numa sociedade sempre desajustada e desigual como a brasileira. Segundo, o protestantismo no Brasil organizou-se e cresceu sob o primado do leigo; este fato pode muito bem ter capitalizado parte da mentalidade anticlerical brasileira recorrente em períodos do século XIX e XX. Terceiro, a hegemonia econômico-política do mundo anglo-saxão, agora representada pelos Estados Unidos, nunca deixou de injetar energia nos grupos protestantes” (MENDONÇA, 1997. p. 23).

²⁴⁷ “...em vez de valorizar temas bíblicos tradicionais de martírio, auto sacrifício, isto é, a “mensagem da cruz” – que apregoa o ascetismo (negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo) e a perseverança dos justos no caminho estreito da salvação, apesar do sofrimento, das injustiças e perseguições promovidas pelos ímpios contra os servos de Deus -, a Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos” (MARIANO, 1999, p. 158). Um bom demonstrativo da evolução do pensamento cristão no que diz respeito à posse de bens materiais foi bem proposta por Steve Bruce: “A corrupta igreja medieval pedia os bens deste mundo e prometia recompensas na vida futura. A igreja pós-reformada exigia o ascetismo intramundano como sinal de eleição que garantia recompensas na vida futura, na sua transformação isso cedeu o passo à ideia de que as recompensas deste mundo era produto do esforço intramundano. Alguns elementos da igreja eletrônica vão mais longe na secularização da ética protestante. Prometem que os salvos serão recompensados nesta vida com saúde e prosperidade. Ser rico não é só bom mas pode vir... sem a necessidade do esforço diligente” (BRUCE, 1990, p. 158, *trad. nossa*).

Romana, disseminam que a pobreza é resultado da falta de fé ou da ignorância (FRESTON, 1994, p. 147), estimulando a aspiração por uma vida abastada e sem angústias, ajustando o ensino de Jesus à acumulação de coisas físicas, em detrimento da ida para o céu como se cria antes: “A preocupação com o céu, com a vida após a morte e com o retorno de Cristo arrefeceu sensivelmente, dando lugar à busca das bênçãos financeiras e da solução de problemas e conflitos” (ROMEIRO, 2005, p. 74). Associa-se, portanto, pobreza ao diabo e riqueza a Deus²⁴⁸, lançando culpa ao fiel pelo seu estado de penúria e lhe fazendo aflorar a gana pelo consumo. Com o seu jargão principal “Pare de sofrer”, a IURD, através de seu líder, instiga a contribuição numa espécie de barganha com Deus prometendo que virá deste a felicidade material. Afirma que a terra e tudo que há nela pertencem ao fiel, cabendo, então, a ele, por meio de seu dízimo e fé, tomar posse de sua abundância:

Deus deseja ser nosso sócio [...] As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é d'Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer (...) Comece hoje, agora mesmo, a cobrar d'Ele tudo aquilo que Ele tem prometido [...] O ditado popular de que "promessa é dívida" se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na Sua Palavra é uma dívida que tem para com você [...] Dar dízimos é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a Bíblia [...] Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores [...] Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar d'Ele aquilo que prometeu? O dízimista! [...] Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários, como o sr. Colgate, o sr. Ford e o sr. Caterpillar (MACEDO apud MARIANO, 1996, p. 34, 35).

Com promessas de que o mundo seria um lugar de felicidade, gozo e fartura de vida para os cristãos, na sua maioria pobre, a Teologia da Prosperidade veio “coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação de várias denominações pentecostais aos valores e interesses mundanos das sociedades capitalistas” (MACEDO apud MARIANO, 1996, p. 28), que resulta numa religiosidade incentivadora de consumo ou da esperança exacerbada de fazê-lo. A lógica, portanto, do próprio capitalismo, de investimento prévio e lucro posterior, aplica-se às questões da fé, visto que, segundo seus líderes, quanto mais se oferta, mais se tem chance de receber.

²⁴⁸ “Recorre-se, então, à teologia da bênção de Deus para os ricos e ao castigo para os pobres, porque são preguiçosos e pecadores” (LIBANIO, 2002, p. 155).

Como um subproduto da Teologia da Prosperidade, temos uma segunda característica do neopentecostalismo, que é uma espécie de “mundanização”, em contraste com o sectarismo e ascetismo das igrejas protestantes históricas e pentecostais da primeira e segunda ondas. Consiste na substituição de uma esperança da eternidade de prazer e descanso no paraíso, crença característica do cristão desde sempre em sua história, por uma felicidade terrena, material, como amostra das bênçãos de Deus sobre o crente. A Teologia da Prosperidade leva o celeste porvir para o terrestre presente para que se coma a melhor comida, vista as melhores roupas, dirija os melhores carros e tenha o melhor de todas as coisas. A pregação na terceira onda pentecostal inclui o incentivo ao acúmulo de bens, o seu usufruto, sendo a sua homilia “Pare de sofrer” (GONÇALVES, 2013, p. 90), que exalta a felicidade definida filosoficamente sob o ponto de vista burguês.²⁴⁹ A carência e a escassez se tornam justamente sinal de afastamento de Deus e a abundância material indicativo necessário da aprovação divina. Cristão abençoado é aquele que possui, enquanto que aquele que passa dificuldade financeira está sob maldição. O fiel nesta última condição não apenas deve pedir para enriquecer como exigir de Deus sua prosperidade. O cristão verdadeiro tem o direito de conseguir a felicidade plena, e de requerê-la, ainda durante a vida presente sobre a terra, bastando para isso que tenha confiança incondicional em Deus. Prega-se que só não é próspero financeiramente, saudável e feliz aquele que não tem fé e não segue as doutrinas bíblicas acerca das promessas divinas. É-lhes excitada um “postura ousada, sem limites, na qual ao fiel se oferece uma fé capaz de conquistar o mundo” (*Ibidem*, p. 24), cujo impedimento só ocorre se eles mesmos não tiverem vontade suficiente para conseguir alguma coisa. Tudo, absolutamente tudo na teologia neopentecostal está ao alcance, basta ter fé, uma vez que a pobreza, como já foi dito, é produto da pouca comunhão com Deus:

O cristão (...) deve ser proprietário de muitos bens, muito dinheiro e muita saúde. Caso contrário, estará caracterizada a ausência de fé, a vida em pecado ou então o domínio de Satanás (LIBANIO, CUNHA, 2011, p. 81).

²⁴⁹ É bem conhecida a campanha publicitária da IURD “Eu sou a Universal” em que figuram emergentes, testemunhas da prosperidade pregada pela igreja. Dizem que, através da fé neopentecostal, foram alçados aos postos mais altos da hierarquia social burguesa, como artistas, atletas e empresários. A propaganda é veiculada na TV Record e está disponível no site <<https://www.universal.org/eu-sou-a-universal/cases/>>. Acesso em 04/12/2020.

Temos o surgimento de uma leitura que abranda os sofrimentos oriundos da vida cristã mais devotada em suas renúncias e trabalho em prol do outro. Freston fala numa “acomodação ao hedonismo moderno” (FRESTON, 1993, p. 120), que reinterpreta o cristianismo como cedente de bem-estar das mais variadas fontes, como nos informa Mariano também:

Seus fiéis foram liberados para vestir roupas da moda, usar cosméticos e demais produtos de embelezamento, frequentar praias, piscinas, cinemas, teatros, torcer para times de futebol, praticar esportes variados, assistir a televisão e vídeos, tocar e ouvir diferentes ritmos musicais (MARIANO, 2004. p. 124).

Na “adequação da teologia do corpo” (ALENCAR, 2005, p. 90), há grande apologia ao consumo e ao “viver bem consigo próprio”, na tradição protestante sempre negados e até mesmo combatidos. Tem-se, usando a IURD como exemplo, de acordo com Alencar, uma espécie de *self-service* religioso, em que se submete Deus como um despenseiro de dádivas para fazer o corpo ficar feliz e sadio, provas cabais do êxito espiritual. Em livro doutrinário intitulado *Vida com abundância*, Edir Macedo escreve que Cristo satisfará o crente no que este quiser, pois o ama: “A vida abundante que Deus, pelo Seu grande amor, nos garante através de Jesus Cristo , inclui todas as bênçãos e provisões de que necessitamos, ou mesmo que venhamos a desejar” (MACEDO, 1990, p. 27). E em outro trecho afirma:

Verdadeiramente, um pai rico só poderá ter filhos ricos. Se você [...] não está vivendo com um abundante filho de Deus é porque está afastado das origens de sua verdadeira família, ou não quer se apossar da herança; entretanto, se você deseja viver a verdadeira vida que Deus tem preparado, comece hoje, agora mesmo, a cobrar aquilo que Ele tem prometido (MACEDO, 1990, p. 26).

“As pessoas têm ideia de que ser evangélico é fazer muitos sacrifícios. Não há sacrifícios, é liberdade total...” (MACEDO, 1990, p. 92), disse o pastor Wesley Bandeira, da Comunidade Sara Nossa Terra. Silas Malafaia, líder de uma dissidência da Assembleia de Deus chamada de *Vitória em Cristo*, em seu programa de tevê do dia 22 de dezembro de 2001, fez uma longa reportagem divulgando seu “cruzeiro evangélico”²⁵⁰ pela costa nordestina que dava direito a saunas, piscinas,

²⁵⁰ Alencar chama a atenção de maneira bem humorada sobre a transformação das coisas consumíveis em “gospel”: Tudo é ou pode ser *gospel*: danceteria, passeata, baile, batom, moda, etc.

salão de beleza, esportes e “reuniões para deleite espiritual” (MACEDO, 1990, p. 100). Os cultos neopentecostais não se tornaram apenas deleite espiritual mas físicos também, em explosões de alegria e diversão, abandonando definitivamente os rituais católicos e evangélicos, frios e afastados do fervor tropical brasileiro, tomando assim “a dianteira do campo protestante” (FREESTON, 1993, p. 149), visto que suplantaram numericamente em muito suas matrizes luteranas. Multiplicaram-se, assim sendo, os ritmos e danças vistos nas festas consideradas mundanas pelas igrejas evangélicas mais antigas:

(...) abriu espaço para outros ritmos – até então rejeitados pelos evangélicos – também populares mas associados pelos religiosos a grupos marginalizados, como o rap, o funk, o hip-hop, o forró, o reggae; e ao Carnaval e a malandragem, como o samba, o pagode, o axé-music. As igrejas, nos anos 90, assistiram ao surgimento de um número extenso de grupos musicais de todos esses ritmos que não encontravam espaço no cenário musical evangélico para apreciação e muito menos para uso litúrgico (CUNHA, 2004, p. 159).

Como terceira e última característica que, para alguns estudiosos, é a mais latente do neopentecostalismo, temos a “guerra santa”.²⁵¹ Segundo Ari Pedro Oro, a “Teologia da Guerra Espiritual” surgiu na década de 80 no meio evangélico norte-americano, que procedeu à demonização sobretudo das religiões não-cristãs. O principal protagonista da guerra espiritual é o pastor norte-americano Peter Wagner, da Igreja Congregacional que, junto com os pastores Sehrman e Danson, pregam que não se pode separar “a guerra espiritual” da evangelização mundial. O tônica desta teologia é que ela conduziria à libertação e, por sua vez, à saúde, cura e prosperidade (ORO, 2005, p. 328).

Os cultos são todos carregados de vibração, suor, danças, músicas altas e pregações inflamadas que não devem em nada ao carnaval, às chamadas *raves*, bailes *funk* e danceterias de quaisquer espécies. O neopentecostalismo é uma religião jovem para jovens, contendo todos os elementos atraentes para esta faixa

Com exceção da questão das drogas, bebidas e sexualidade, a nova versão pentecostal escancarou tudo” (ALENCAR, 2005, p. 105).

²⁵¹ “...agora na terceira onda, conhecida como “neopentecostais” “pentecostalismo autônomo”, a ênfase recai sobre a batalha espiritual” (HORTAL, 1994). “Para esta (A IURD), o afro-brasileiro representa a alteridade radical, que contribui, por contraste, para a construção da sua própria identidade religiosa” (ORO, 1997, p. 19). “Na prática isso significa que a lurd, desde a sua fundação, conduz um ataque sem trégua, contumaz, radical, contra as religiões afro-brasileiras, a tal ponto que esse combate “tornou-se um de seus principais pilares doutrinários” (ORO, 2005, p. 329).

etária, sem, é claro, excluir crianças, adultos e velhos, pois a ênfase nas curas e na libertação certamente é de grande interesse destes últimos. As camadas menos privilegiadas economicamente (com crescente mudança neste paradigma, visto que a classe média também tem ingressado nestas igrejas²⁵²) são atraídas pela emoção não apenas do ânimo alimentado de enriquecer um dia, mas principalmente por estarem envolvidas numa grande batalha entre o Bem e o Mal. E excitados por uma “pedagogia guerreira” (GONÇALVES, 2013, p. 91), empreendem conflitos intensos em sua liturgia contra os espíritos das trevas, responsáveis por todas as mazelas deste mundo. Prega-se que estamos, como humanidade, todos envolvidos nesta luta indiscriminadamente e que precisamos escolher urgentemente o lado do qual participamos, sendo a própria conversão não suficiente para demonstrar isto. O neopentecostalismo exigirá do seu fiel mais do que arrependimento de seus pecados e mudança de comportamento. Conversão não é o bastante, como pregam os protestantes históricos,²⁵³ será necessário *libertação*, entendida como ato do resgate de uma prisão imposta pelo diabo, que seriam os vícios e doenças deste mundo. A figura empregada é mesmo da guerra e seus prisioneiros em um campo de concentração. Quem está “no mundo”, ou seja, tendo uma vida fora da religião cristã evangélica, perdeu ou está perdendo a guerra contra Satanás que o encarcerou em tristezas, frustrações e sofrimentos cotidianos. Convém, portanto, que a pessoa, através de sua devoção a Cristo, se liberte da tal prisão para viver ao lado de Deus para trilhar um caminho de paz e sobretudo de prosperidade material. Doenças, desemprego, miséria, vida familiar infeliz e outros infortúnios são todos resultado desta “guerra” que está se perdendo para o diabo e seus agentes, os demônios.²⁵⁴ Todo mal existente é interpretado espiritualmente como ação demoníaca que reproduz a crença cristã desde seus primórdios, sendo agora exacerbada nesta terceira onda do pentecostalismo. Segundo os neopentecostais,

²⁵² “Todas as igrejas dos pobres cedo ou tarde se transformam em igrejas de classe média” (NIEBUHR, 1992, p. 42).

²⁵³ “Na Igreja Universal, assim como em outras, não se fala em conversão mas em libertação. Seu objetivo primeiro não é converter e sim libertar as pessoas do jugo do demônio” (ORO, 1997, p. 18).

²⁵⁴ “Os demônios, em sua maioria, personificam os males, atuam como espíritos sem cor, sexo, dimensões, enfim, sem corpos. Procuram seres vivos para através deles se exprimirem, e o homem é seu principal alvo. Não possuem corpos, daí viverem se apossando daqueles que não têm cobertura de Deus; são inimigos de Deus e do homem, por ser este a coroa da criação divina. Possuem os homens não somente para afastá-los de Deus, mas também porque desejam se expressar no mundo físico em que vivemos. São entidades espirituais que atuam organizadamente tendo Satanás como chefe” (MACEDO, 2000, p. 19).

os impulsos humanos que causam algum tipo de malefício como ira, ganância e luxúria, por exemplo, são todos operados sob a influência de demônios que estão no mundo para provocar o caos e a desordem, na peleja que travam contra Deus e seus filhos. A tomada de posição, desse modo, é fundamental na teologia da terceira onda, uma vez que o planeta vive numa grande guerra e que há risco iminente de se “perder a batalha” e, conseqüentemente, de empobrecer ou ser afligido por algum outro mal deste mundo:

O que quero demonstrar, no entanto, é que a sutil diferença de enfoque revela, em certa medida, uma prática religiosa singular. Pois a “conversão” implica diretamente a ideia de pecado, de culpa pessoal, e a necessidade de arrependimento consciente, enquanto a “libertação” valoriza a figura do diabo e sua possessão inconsciente (ALMEIDA, 2009, p. 111).

Identificados, então, os responsáveis espirituais pelas desgraças do mundo, é conveniente agora apontar seus soldados, aqueles humanos que “se deixam usar” pelo Mal: os adeptos das religiões de matriz africana:

Esta “guerra” parece ser a forma encontrada para pôr em prática a obra de *libertação*, tão presente no discurso das igrejas mobilizadas para a “guerra santa”. Ela é consequência do proselitismo e da agudização de certa postura que, ao imbuir seus fiéis do espírito de combate ao *Mal* transforma os cultos afro-brasileiros em alvo preferencial de suas ações e demonstrações. (SOARES, 1990, p. 75, 76, *grifo no original*)

Espíritas kardecistas, católicos e até mesmo evangélicos de igrejas históricas são considerados inimigos nesta guerra santa e alvo dos ataques neopentecostais, porém, ameaça mesmo é o grupo que forma as crenças afro-brasileiras, com seu panteão de deuses, os orixás. E tamanho foi o crescimento das investidas contra os religiosos daquelas fés que parte da imprensa renomeou o confronto de “guerra santa”, conforme nos informa Mariano:

O Brasil experimentou, a partir de meados dos anos 80, significativo incremento da hostilidade pentecostal contra os cultos afro-brasileiros. Com a eclosão de conflitos, ataques e agressões entre membros dessas religiões, o fenômeno embora de proporção e gravidade infinitamente menores comparados à guerra religiosa, política, econômica e territorial travada entre árabes e judeus, protestantes e católicos na Irlanda foi nomeado de “guerra santa” pela mídia brasileira (MARIANO, 1999, p. 112).

Os *cultos de libertação* das sextas-feiras, nos quais se “expulsam os demônios”, são os mais frequentados (SOARES, 1990, p. 82), e é onde mais se dão

os confrontos. A vibração começa pela anunciação: “É hora da guerra!” tendo o pastor conclamando os fiéis para juntos expelirem os espíritos malignos do templo, que estariam porventura possuindo alguém presente. Seguem-se no ritual muitas citações de entidades do panteão afro-brasileiro associando-os com demônios²⁵⁵ para invocá-los: “Você que se chama Exu Tranca-Rua, o Exu da Miséria! Você que se diz espírito de luz! Você está acabando com essa pessoa! Manifesta! Sai desse corpo!” (ALMEIDA, 2009, p. 84). Quando alguma pessoa se apresenta “endemoniada” no púlpito, cada obreiro, com as mãos em torno da cabeça dela, faz uma “oração forte”, jogando-a freneticamente para frente e para trás enquanto o público grita incessantemente: “Queima, queima, queima!” (ALMEIDA, 2009, p. 97). Os “espíritos malignos”, neste momento, são achincalhados e humilhados²⁵⁶ pelos pastores, que os fazem obedecer suas ordens absurdas. Depois de se “perseguir os demônios” numa curiosa inversão,²⁵⁷ já que ocorre uma invocação no intuito de fazê-los se revelar no corpo de algum frequentador da igreja, o *liberto* dá seu testemunho cantando músicas alegres e triunfantes, relatando o quanto sofria sob o domínio do maligno:

‘Inimigo’, ‘marchar’, ‘Jesus é nosso general’, ‘poder’ e, acima de tudo, a ‘vitória’ são as expressões belicosas encontradas nos cânticos finais, que confirmam a certeza do êxito na batalha espiritual” (ALMEIDA, 2009, p. 98).

Na guerra espiritual, contudo, ocorre uma intrigante apropriação de elementos das religiões combatidas. Os eruditos da área chamarão o fenômeno de “umbandização”, “religiofagia” (ORO, 1997, 2005) e “samba do teólogo doido”

²⁵⁵ “A ênfase no exorcismo dos demônios – identificados com o panteão religioso afro-brasileiro – que perturbam as pessoas causando-lhes os males, constitui um importante código de diferenciação, um sinal diacrítico da identidade neopentecostal, especialmente da IURD” (ORO, 1997, p. 19).

²⁵⁶ “É Deus, continua o fundador da IURD, que “permite que os demônios se manifestem para que sejam envergonhados e, principalmente, desmascarados” (Macedo, 1987, p. 136). A ridicularização ocorre de várias formas. A mais usual é o ordenamento para que a “entidade” se ajoelhe diante do pastor. Outra é que ela “bata cabeça” para o pastor, ou bispo. Mas pode, também, quem preside o ritual convocar toda a assembleia para repetir com ele um refrão comum nos jogos infantis, como este: “O Exu Caveira é um bobão, olha a cara dele” (ORO, 2005, p. 329). “Consequentemente, o médium possuído, de respeitado e agente (nos terreiros) torna-se um desafiado e uma marionete nas mãos dos pastores (nos templos)” (ORO, 1997, p. 29).

²⁵⁷ “Muitos cristãos vivem pedindo oração porque estão sendo perseguidos pelo diabo. É de estarrecer, porque a realidade deveria ser outra. Os cristãos é que devem perseguir os demônios. Nossa luta é muito mais de combate do que de defesa; devemos nos armar de toda a armadura de Deus para libertar os oprimidos. A igreja deve ser triunfante e estar sempre na ofensiva” (MACEDO apud ORO, 2005, p. 325).

(ALENCAR, 2005), sendo este último mais bem humorado e sarcástico, obviamente. Consiste na

capacidade se “apropriar” e “reelaborar” elementos pertencentes a crenças de outras igrejas e religiões, sobretudo os elementos das religiões afro-brasileiras e “exacerbação” destes elementos” (ORO, 2005, p. 320).

O neopentecostalismo representado pelas Igreja Universal, Internacional da Graça e Mundial do Poder de Deus, articula sincreticamente crenças, ritos e práticas das crenças concorrentes. Além de retirar elementos do judaísmo, como o óleo de oliveiras da Galileia, o sal, água, areia e pedras do mar Morto, anunciados como milagrosos,²⁵⁸ realiza sessão espiritual de descarrego, fechamento de corpo, corrente da mesa branca, retirada de encostos, desfazimento de mau-olhado, aspersão nos fiéis com galhos de arruda molhados em bacias com água benta e sal grosso, substituição de fitas do Senhor do Bonfim por fitas com dizeres bíblicos, evangelização em cemitérios durante Finados e oferta de balas e doces aos adeptos no dia de São Cosme e São Damião. Além dos itens comumente usados nas religiões católica e afro-brasileiras, como velas, imagens, cálices, sal, flores, água, óleo, arruda, enxofre, ervas, mel, giz, retratos, roupas etc., os neopentecostais incorporaram em seus rituais novos mediadores com o sagrado, retirados do dia-a-dia, como *shampoo*, sabonete, brinquedos, garrafas, sabão em pó, saco de lixo, travesseiro etc. Argumentos que são, esotericamente, bastante parecidos com os crentes de matriz africana, que dizem que

todos os artefatos humanos e todos os elementos da natureza podem servir para se conectar com o mundo divino: podem ser utilizados como mediadores eficazes com a esfera extra-mundana, desde que consagrados, ‘ungidos’ por seus pastores (ORO, 2005, p. 325).

A “umbandização” da Igreja Universal, segundo Oro, “é tanta que elas (as entidades afro-brasileiras) passaram, até certo ponto, a fazer parte do panteão religioso daquela igreja” (ORO, 1997, p. 32). A possessão e o exorcismo passaram a

²⁵⁸ Conta-se também neste cristianismo esotérico rituais da mais extrema bizarrice e repugnância, como na igreja do “Apóstolo” Santiago, que toca nos enfermos pregando que o seu suor seja dotado de poderes curativos (CAMPOS, 2008, p. 20). Certo pastor cospe na boca do fiel alegando ser unguido e, após jogar o restante da água que havia no copo na cabeça dele, observa-o desmaiar. *Cuspe Ungido! Pastor cospe na boca do crente fiel*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Pkmj3JxMvIs>>. Acesso em 08/12/2020.

integrar indispensavelmente os cultos diários da Universal, onde se realizam atos mágicos, sacralizam bens simbólicos e objetos pessoais dos crentes de forma semelhante às religiões afro-brasileiras e, tal como essas últimas, tendem a fazer maior uso ritualístico do corpo. Os pregadores também usam uma terminologia que os aproxima das crenças adversárias: “Esta pessoa está com a vida *amarrada*; o demônio *amarrou* os negócios dele; está tudo *amarrado*”; “Tá *amarrado*, em nome de Jesus”; “O problema financeiro se deve a um *trabalho*”; “Foi feito um *trabalho de bruxaria*”; “Foi *pago no cemitério, na cachoeira*”; “Este óleo santo é para ‘*fechar o corpo*’”; “Fazer a *corrente* da saúde, da libertação” etc. (*Ibidem*, p. 28, grifo do autor). Dá-se, portanto, uma verdadeira “fagocitose religiosa”, expressão de Oro que é desenvolvida no estudo, reproduzido no trecho abaixo:

De minha parte, considero-a, sem nenhuma conotação pejorativa, uma igreja *religiofágica*; literalmente, “comedora de religião”, ou, como diz R. de Almeida (2003, p. 341), uma igreja que procedeu a uma “fagocitose religiosa”. Isto é, uma igreja que construiu seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística, incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários (ORO, 2005, p. 321).

E o próprio fundador da IURD admite a semelhança, senão a própria estratégia de criar uma religião entre cristianismo, ocultismo e feitiçaria animista pela qual elabora, “pela guerra, uma antropofagia da fé inimiga”, “acatando o panteão africano”, tomando-os para si e reconhecendo-lhes o poder como entidades espirituais, conforme salienta Soares (SOARES, 1990, p. 87-89). E segundo Ari Pedro Oro,

não são somente os *iurdólogos* que percebem uma face “macumbeira” na Iurd. O seu próprio fundador o admite quando escreve: “Se uma pessoa chegar à Igreja no momento em que as pessoas estão sendo libertas, *poderá pensar que estão em um centro de macumba, e parece mesmo*” (ORO, 2005, p. 330, *grifos do autor*).

E neste “samba do teólogo-doido” (ALENCAR, 2005, p. 87), abundam os neologismos assim como as novas formas de conceber Cristo, tomado agora como um general de guerra, como um guru místico, e como fundador de uma religião cujos líderes são ou se aproximam muito da feitiçaria e superstição. Eis uma reportagem em tom sarcástico e bem humorado sobre esta inusitada mistura de crenças adotada pela IURD e que é didaticamente esboçada nos anexos C, D e E:

Um homem todo de branco comanda o culto, cercado por pomba-giras, exus e pretos-velhos. Os auxiliares também se vestem do branco mais puro e acreditam nos poderes do sal grosso e do galho de arruda. Que religião é essa? Ihih, se vossuncê, respondeu umbanda, está errado, mizim fio. O culto – bata a cabeça – é da Igreja Universal do Reino de Deus. Saravá. A Sessão do Descarrego – esse é o nome propagado pela própria igreja – faz sucesso às terças-feiras, na Catedral da Fé, na Avenida Dom Helder Câmara, Del Castilho. É o momento, pregam os pastores, de retirar os encostos dos fiéis (MARIANO, 2008, p. 133).

Apropriando-se, portanto, da cultura afro, lança-a contra ela própria, promovendo cultos como “Sessão do Descarrego” na IURD e “Campanha do Desencapetamento Total”²⁵⁹ nesta guerra que demoniza outras religiões e cujas manifestações extrapolaram às vezes o campo das ideias, conforme vimos no início deste capítulo. Cultiva-se no neopentecostalismo a luta contra as entidades de outras fés nos cultos que se caracterizam pelo misticismo e agitação estimulada por cânticos enaltecendores de um Cristo guerreiro e invencível.

Observamos, no entanto, uma reação dos agredidos na atualidade, que não é verificada em outros tempos, conforme pontua Freston, nos anos 90: “Estes grupos têm sido incapazes de enfrentar a IURD” (FRETON, 1993, p. 101). O paradigma mudou nestas últimas décadas e fez com que o outro lado entendesse que se tratava mesmo de uma “guerra santa” e que precisava reagir. A atitude pacífica dos adeptos, consoante com essa visão, percebe-se no comentário de Adalberto Pernambuco Nogueira: “Para eles (os evangélicos) na hora certa, os nossos deuses, os orixás, vão dar a resposta”, e no do presidente do Conselho Estadual da Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros (CEUCAB) “deixamos por conta do *alto* (*itálico do autor*), porque o *alto* sabe o que faz” (ORO, 1997, p. 21), não é mais a realidade. Candomblecistas e umbandistas têm se organizado para combater os neopentecostais, reconhecendo realmente uma luta contra as suas crenças. Oro sinaliza em seu artigo que a “guerra santa” está forçando os adeptos das religiões de matriz africana a se “institucionalizarem” (ORO, 1997, p. 36). O autor nos informa que realizou-se em Salvador, entre os dias 17 e 20 de agosto de 1997, o V Congresso Afro-Brasileiro, onde se reuniu o “Povo de santo”, renomados babalorixás e ialorixás da capital baiana, professores/pesquisadores, militantes do movimento negro e membros diversos das religiões afro-brasileiras. Debatendo

²⁵⁹ Alencar comenta jocosamente sobre o assunto: “Deve ser candidata (Igreja da Graça) ao prêmio ISO 9002 – categoria demônio. Será que estas igrejas estão pagando *copyright* ao candomblé?” (ALENCAR, 2005, p. 109).

principalmente os ataques da Igreja Universal, pronunciaram frases como "nossa falta de união é nosso calcanhar de Aquiles", "Devemos enfrentar esta besta-fera", "Saíamos de nossos casulos e vamos nos organizar" e "Se não nos unirmos, vamos perder" (ORO, 1997, p. 26). Os movimentos de defesa das religiões afro-brasileiras, formado por movimentos negro, ONGs, acadêmicos, pesquisadores, políticos, advogados e promotores públicos, têm se organizado também no âmbito jurídico. Ações legais têm sido impetradas pelos babalorixás e ialorixás contra pastores e/ ou suas igrejas para conter a agressividade neopentecostal. A Bahia é o Estado onde existe atualmente um número maior de casos registrados de reação e, segundo levantamentos publicados por um jornal, na década de 2000, foram registrados quase 200 reclamações e processos, entre elas ações por difamação contra pastores evangélicos e seus seguidores (e também contra alguns padres) por pregarem serem as religiões afro-brasileiras demoníacas, distribuírem folhetos com este conteúdo (normalmente em festas públicas de orixás), apresentarem programas na televisão, vilipendiando símbolos dessas religiões ou atacando terreiros e seus membros (SILVA, 2007, p. 221).

O "lado" afro-brasileiro recebe apoio da influente parte da classe intelectual e artística do país. No dia 21 de setembro de 2008, foi realizada a *1ª Caminhada pela Liberdade Religiosa* em Copacabana, tendo ampla divulgação na Rede Globo, adversária histórica de Edir Macedo. O evento em suma fora um levante contra a influência do neopentecostalismo no Brasil e uma reafirmação da laicidade do Estado, em processo claro de tomada pelos evangélicos com a crescente eleição de seus candidatos:

Cerca de 10 mil pessoas (...) para pedir o fim da discriminação religiosa. Sob chuva, a manifestação reuniu artistas, intelectuais e representantes de várias crenças, com o predomínio das religiões afro-brasileiras, que denunciaram o preconceito e a perseguição por parte de outros grupos. De acordo com um dos organizadores da manifestação, o babalorixá Ivanir dos Santos, são inúmeros os casos de preconceito no Rio, principalmente, contra as religiões de matriz africana como umbanda e candomblé. Segundo ele, os ataques são "sistemáticos", inclusive pelos veículos de comunicação. "Há 20 anos sabemos de casos de invasão a casas, ofensas, violência. Algumas pessoas põem a Bíblia na nossa cabeça. Na escola, as crianças são chamadas de macumbeiras, dizem que seguem ao diabo".²⁶⁰

²⁶⁰ *Mais de 10 mil pedem o fim da intolerância no Rio*. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/adbblock.shtml?origin=after&url=https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2008/09/447346-mais-de-10-mil-pedem-fim-da-intolerancia-religiosa-no-rio.shtml?loggedpaywall>>. Acesso em 08/12/2020.

Percebe-se, todavia, relativa hostilidade ²⁶¹ crescente contra os neopentecostais, o que evidencia mesmo uma espécie de “guerra santa” no Brasil. Oro assinala que estes religiosos “são também vítimas de intolerância religiosa”, travada “sobretudo pela mídia e pelas ciências sociais, com repercussões na sociedade em geral, que mantêm uma atitude negativa e preconceituosa contra eles” (ORO, 1997, p. 11). Em 22 de setembro de 1995, a Rede Globo²⁶² levou ao ar o primeiro capítulo da série *Decadência* em que se associava a fé evangélica a intenções corruptas e nefastas, além de atribuir, na boca do protagonista, ao pastor Mariel, charlatão, estelionatário e ganancioso, frases ditas na vida real pelo bispo Edir Macedo. A cena mais chocante e considerada a mais ofensiva, no entanto, foi o sexo e o conseqüente arremesso de um sutiã em cima da Bíblia, vilipendiando o livro sagrado dos cristãos. Macedo, então, decidiu processar a emissora e o diretor

²⁶¹ Como representante da classe intelectual que sai em defesa das crenças de matriz africana temos o comentário no 1º Seminário Nacional Multidisciplinar de Diálogo Inter-Religioso Contra a Intolerância Religiosa no Brasil realizado em maio de 2013, na UFMG. O pai-de-santo e professor antropólogo Erisvaldo dos Santos, em tom agressivo e desafiador buscou identificar neopentecostais em qualquer lugar. Perguntamos: para que finalidade? Eis a fala: “Este seminário procura reunir trabalhos acadêmicos e sacerdotes que estudam e vivenciam a intolerância religiosa. Estamos aqui procurando conhecer melhor este cenário para combatê-lo, a gente precisa se defender dos ataques. E tem neopentecostal em tudo quanto é lugar. Até dentro da Igreja Católica tem neopentecostal!” (BORDOLETO, 2014, p. 69). O bloqueiro e professor Fábio Py lança-se ao ataque contra o bispo associando-lhe o comportamento com o fascismo, e por extensão a morticínio de inocentes e divulgação de ódio, num claríssimo exagero militante e descompensado: “Macedo munido e seu império de conglomerados religiosos e midiáticos possibilitam sua incansável “guerra bíblica”, promovida por meio da teologia pentecostal das grandes corporações como a Igreja Universal. O apoio do bispo tece os argumentos de Bolsonaro com símbolos evangélicos, em prol de sua política eugênica de “permissão das mortes” dos mais aptos, saudáveis. Nesse sentido, Macedo tanto desenvolve, quanto se aproxima das posições do presidente fazendo-se como peça importante do cristofascismo brasileiro junto a uma teologia-política de ódio”. *Como Edir Macedo se tornou um dos cavaleiros do apocalipse pandêmico brasileiro*. Disponível em <https://www.academia.edu/43648625/Como_Edir_Macedo_se_tornou_um_dos_cavaleiros_do_apocalipse_pandemico_brasileiro20200717_10357_kevvse> Acesso em 21/12/2020.

²⁶² A emissora de maior alcance do país, rivaliza com a Igreja de Macedo deste a década de 90 e, por conta disso, busca sistematicamente desqualificar os neopentecostais. Freston observou que há um trabalho por parte da imprensa que não conta com programas evangélicos em suas grades de programação de incorporar na consciência do público uma imagem negativa dos pentecostais. “A Globo (15/05/2020 procura mostrar “como o culto da Universal *explora* (grifo do autor) a emoção dos fiéis” (ao invés de, por exemplo, *vai de a encontro* (grifo do autor, que se desvia da norma padrão, pois a expressão correta é “*vai ao encontro da*”). As pessoas entrevistadas, pobres, são ridicularizadas. Uma mulher “confunde milagre com correção monetária”. Outra, que faz a crítica evangélica tradicional ao culto dos santos, é fulminada com a pergunta: “então, São Francisco de Assis para você é um demônio?” Qual é a fórmula que a Igreja Universal utiliza para delas o senso crítico?” Pergunta a Globo. Segundo um padre, “o povo simples... não tem senso crítico para discernir o autêntico fenômeno religioso do charlatanismo”. Parece, então que a Universal não precisa de fórmula alguma para tirar o senso crítico dos seus fiéis, pois não tem nenhum. Um enfoque tipicamente elitista, incapaz de admitir que os pobres possam aproveitar inteligentemente as opções no mercado e reinterpretá-las segundo suas próprias experiências” (FRESTON, 1993, p. 7).

da minissérie, Dias Gomes pelo ultraje, cujo advogado José Américo Buentes, alegou se tratar apenas de “uma obra de ficção” enquanto que a diretora do Departamento Jurídico da Igreja Universal, Maria de Almeida, procurou outras igrejas evangélicas para processar a Globo: “- Não queríamos entrar sozinhos para não dizer que vestimos a carapuça, mas consideramos que as agressões são graves e que não podem ficar sem resposta”. “- Vimos que até os cultos retratados na minissérie são semelhantes aos da nossa igreja”,²⁶³ afirmou.

Em 2019, o canal de *YouTube Porta dos Fundos* postou um vídeo intitulado *A Primeira Tentação de Cristo* em que Jesus é retratado, após regressar do seu período de 40 dias no deserto, como gay, além de outras liberdades artísticas inusitadas como Deus como sedutor de Maria e vivendo um triângulo amoroso com José. A produção natalina foi lida como um ataque político aos cristãos visto que os atores assumem claramente posicionamento ideológico à esquerda e militam em todos os seus vídeos sob este ponto de vista. Segundo reportagem da revista *Veja*, entidades evangélicas como a *Coalizão pelo Evangelho* repudiaram o vídeo do *Porta*, afirmando que vilipendiar Jesus é o mesmo que infligir a ele novamente tudo o que passou quando foi condenado a morte de cruz, ou seja, as torturas e humilhações que sofreu antes de perder a vida pregado no madeiro²⁶⁴. Grupos de evangélicos liderados pelo deputado federal pastor Marco Feliciano (Republicanos-SP) decidiram também processar o *Porta* pelo crime de vilipêndio público de ato ou objeto de culto religioso, artigo 208 do Código Penal brasileiro, mas não obtiveram parecer favorável. A 5ª Vara Cível do TJ do Rio de Janeiro inocentou os artistas de pagarem uma multa de 1 milhão de reais pedida pela Igreja Pentecostal Brasa Viva, sob a justificativa da liberdade de expressão²⁶⁵. O caso ainda geraria um atentado contra a sede da produtora. Um grupo autodenominado “Comando de Insurgência Popular da Família Integralista Brasileira”, de inspiração fascista, assumiu a autoria justificando o ato terrorista nestes termos:

²⁶³ *Universal processa Globo por danos morais*. Disponível em

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/23/brasil/25.html>>. Acesso em 09/12/2020.

²⁶⁴ *Porta dos Fundos: especial de Natal da Netflix revolta grupos religiosos*. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/religiao/porta-dos-fundos-especial-de-natal-revolta-grupos-religiosos/>>. Acesso em 09/12/2020.

²⁶⁵ *Igreja queria lucrar R\$ 1 bi com Netflix e ficou no prejuízo na Justiça*. Disponível em <<https://gente.ig.com.br/cultura/2020-02-12/igreja-evangelica-pede-r-1-bilhao-de-indenizacao-ao-porta-dos-fundos-e-netflix.html>>. Acesso em 10/12/2020.

Temos o prazer de declarar que as inquietações advindas do espírito popular hoje foram parcialmente satisfeitas. O Porta dos Fundos resolveu fazer um ataque contra a fé do povo brasileiro se escondendo atrás do véu da liberdade de expressão”, diz um dos membros, com voz retorcida para não ser identificado “O Brasil foi fundado sob a cruz de Cristo e é Cristo a única solução para os problemas do Brasil” transmite ao destacar que o grupo Porta dos Fundos é “um agente burguês culpado do crime de lesa pátria”.²⁶⁶

A Igreja Católica Romana, de um passado de lutas sangrentas, após todo o seu período de estabilidade na condição de religião estatal no Brasil, recentemente saiu para a “guerra” também. No campo teológico, criou, na década de 60, a Teologia da Libertação, de viés marxista com enfoque na temática da ajuda aos pobres e crítica ao sistema capitalista, visto pelos neopentecostais que surgiam como possível abençoador do fiel. Felicidade sob o ponto de vista burguês passou a ser a marca da benção de Deus sobre o crente, contra o que se insurge, entre outras coisas, a Teologia da Libertação. Apresenta também a Igreja Romana nos anos 1960 a Renovação Carismática, movimento que valoriza os dons do Espírito Santo bem como a experiência pessoal dos fieis em detrimento de uma ênfase nos rituais costumeiros da Igreja, considerados distantes da realidade da maioria da população. Em resumo, a Renovação quer fazer uso do que tem atraído as pessoas para o neopentecostalismo, uma vez que este novo catolicismo se assemelha muito às suas práticas. No dizer de Alencar, ocorre a “neopentecostalização” do mundo cristão, embora não o assumam:

mas liturgicamente tomando emprestado todas as formas típicas do pentecostalismo: espontaneidade no louvor, prédica mais subjetiva e menos hermenêutica, maior espaço para o experimental/ místico, com a “atuação” dos chamados dons espirituais (...) até a circunspecta Igreja Católica, tão conservadora em seus rituais, tenha que admitir que, para atrair 50, 200 ou 800 mil pessoas, só mesmo a “Aeróbica de Jesus” celebrada pelo padre Marcelo Rossi. Afinal, uma celebração com leitura de texto, pregação expositiva e hermenêutica apurada cansa, e poucos estão interessados (ALENCAR, 2005, p. 110, 113).

Em 1981, o Vaticano, trocando o termo “protestante” por “seita”, tomou uma série de medidas para conter o avanço neopentecostal no Brasil, o maior país de maioria católica do mundo. Além de reconhecer a Renovação Carismática, dando-

²⁶⁶ Entenda a polêmica, envolvendo o Porta dos Fundos, Cristãos e Grupo Integralista. Disponível em <<https://diariodamanha.com/noticias/entenda-a-polemica-envolvendo-o-porta-dos-fundos-cristaos-e-grupo-integralista/>>. Acesso em 10/12/2020.

lhe “maior aprovação episcopal” (FRESTON, 1993, p. 11), formulou uma “*contra-ofensiva* católica diante da “invasão protestante na América Latina” que sugere, segundo a revista *30 Dias*, ligada à Igreja Romana, ações de caráter mais enérgico. Eis o trecho:

Com um pouco de pudor, mas em alguns lugares de forma aberta – incluindo certos meios progressistas – a intervenção repressiva dos governos [é] desejada em nome da ameaça aos valores fundamentais da nacionalidade (FRESTON, 1993, p. 12).

Outra “arma” do clero contra os evangélicos é a ideologização do seu crescimento. Afirmam representantes do Vaticano, como Dom Sebastião Leme, que a expansão protestante ocorre por causa do “dinheiro norte-americano politicamente motivado” e “por obra da CIA” (FRESTON, 1993, p. 12, 13), querendo associar sua demanda a certo clamor de setores da sociedade contra o imperialismo estadunidense, fazendo dos evangélicos um braço deste domínio: “os adeptos são “vítimas”, ou dos métodos dos propagadores ou do dinheiro estrangeiro” (Ibidem, p. 14). Politicamente, os católicos têm reagido contra os protestantes usando a sua “marca de católicos”, ou seja, reafirmando sua religião para obter cadeiras do Legislativo e no Executivo, conforme nos informa Oro:

Enfim, a reação católica mais forte ao sucesso eleitoral dos evangélicos proveio, especialmente a partir da década de 90, da emergência de candidatos que adotam “a identidade católica como principal recurso eleitoral”, vários deles apoiados pela Renovação Católica Carismática, fazendo uso inclusive de slogans como “católico vota em católico”, ou exortando o eleitorado católico para o perigo da ascensão política pentecostal e, em especial, da Igreja Universal: “Atenção, o momento é grave. Acordem católicos” (...) (ORO, 2011, p. 389, *grifos do autor*).

Estes, portanto, são indícios de uma “guerra santa” contemporânea, em que ambos os lados atacam buscando a derrota ideológica do outro. Envolvem violência verbal ou até mesmo física, legitimada por motivos políticos, mas sobretudo religiosos, à semelhança da *Crônica do Condestabre*, embora a obra que usamos como *corpus* obviamente não se resuma a isto.

Vamos, no próximo capítulo, estabelecer um paralelo entre a *Crônica* e a trilogia *Nada a perder* do bispo Edir Macedo, representante principal do neopentecostalismo brasileiro, mostrando que as duas obras buscam construir um

discurso hagiográfico e heroico de defesa da fé cristã por meio das armas, metafóricas ou não.

4 REINVENÇÕES DA GUERRA SANTA MEDIEVAL NOS SÉCULOS XX E XXI – CONEXÕES DA *CRÓNICA DO CONDESTABRE* COM A BIOGRAFIA *NADA A PERDER*, DE EDIR MACEDO, O NOVO “CAVALEIRO” DEFENSOR DA CRISTANDADE

Uma boa inspiração para o início deste último capítulo temos na afirmativa de José Luiz Fiorin, em seu livro *Linguagem e ideologia*:

A linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. Ele veicula os tabus comportamentais. A sociedade transmite aos indivíduos - com a linguagem e graças a ela - certos estereótipos, que determinam certos comportamentos. Esses estereótipos entranham-se de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais. (FIORIN, 1998, p. 55)

A guerra santa é um *ideologia* na linguagem que perpassa nas obras que escolhemos como corpus para demonstrar nossa hipótese. O cavaleiro medieval Nun'Álvares Pereira, em sua gana de lutar pela sua fé, recebe um improvável êmulo contemporâneo no tempo em que são estimulados valores pacifistas como respeito e tolerância religiosa. O bispo Edir Macedo relembra a velha combatividade cronística em toda a literatura proselitista e doutrinária de sua Igreja Universal, especialmente na sua biografia *Nada a perder*, em que hagiograficamente expõe as bases desta nova guerra entre religiões, ressurgida com o mesmo vigor ideológico verificado na quinhentista *Crónica do Condestabre*.

Embora estejam separadas por mais de seis séculos e por representarem gêneros literários diferentes ²⁶⁷, as duas obras supracitadas apresentam muitos

²⁶⁷ As obras em foco nesta pesquisa possuem diversos afastamentos entre si, embora ambas sejam indiscutivelmente em seus caracteres, segundo Roland Barthes, “prótases argumentativas” (REIS & LOPES, 1988, p. 280). Sinalizamos, assim sendo, que a *Crónica do Condestabre* e o *Nada a perder* são literaturas que se diferenciam em primeiro lugar por serem uma crônica e uma autobiografia respectivamente. Fora os aspectos óbvios de distinção como a forma do Português usado nestas escritas e muitos outros mais de ordem cultural e temporal os fatores literários de distinção entre as duas obras que analisamos começam, segundo, Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes pelos conceitos de *autor* (que, no caso da crônica quinhentista, ele se exime da sua identificação, empreendendo sua labuta para narrar a trajetória de outrem, enquanto que no *Nada a perder* fica claríssima a intenção da autopromoção do narrador, visto obviamente que é uma biografia); *editor* (que, da *Crónica do Condestabre* fora um anônimo que selecionara episódios da vida de Nun'Álvares Pereira nos que diz respeito às ações deste e no *Nada a perder* temos um trabalho de Edir Macedo, cujo esforço há para “humanizar-se”, ou seja, expor seus sentimentos, angústias, medos, aflições, etc.); *estrutura* (cuja

traços em comum, dos quais queremos destacar a *ideologia*. A história de Nun'Álvares, em se tratando de uma crônica, tem características literárias que obviamente diferem do *Nada a perder*, biografia escrita pelo próprio retratado. No entanto, pensamos que é por meio do *discurso* que estas duas obras se encontram, embora separadas por grande espaço temporal, e que a *ideologia* que as une é seguramente a guerra santa, cujos pontos em comum desejamos assinalar.

No capítulo anterior, traçamos a historicidade das igrejas neopentecostais, das quais a IURD é a mais influente liturgicamente e politicamente, em suas peijas contra os denominados inimigos do cristianismo, como as fés de matriz africana, católica e até mesmo dos protestantes históricos. Assim, é conveniente afirmar, como Pierre Ansart, que queremos

mostrar como a produção ideológica pode permitir o mascaramento, a deslocação, ou o desvio dos conflitos ou das potencialidades do conflito, de que modo pode ainda exagerar o conflito, ou amenizá-lo, articulando um conflito imaginário sobre as potencialidades efetivas. A ideologia, (*portanto*), surgirá como um instrumento permanente dos poderes e como o ponto simbólico onde os poderes são incessantemente legitimados ou contestados, reforçados ou enfraquecidos (ANSART, 1978, *grifo nosso*).

Valemo-nos, desse modo, para o nosso intento os estudos e conclusões da Análise do Discurso, que consideram em grande medida a influência da *ideologia* como elemento primordial na construção de sentido, no caso da *Crônica* e do *Nada a perder* de uma sanção da guerra santa.

4.1 O *discurso* e a legitimação da guerra santa

Na década de 1960, começam grandes questionamentos acerca da famosa dicotomia saussuriana *língua x fala*, considerada insuficiente para explicar o fenômeno da enunciação, uma vez que restringe a análise dos textos à mera oposição do sistema de signos, desconsiderando outros elementos que influem nas

primeira obra constrói-se por uma narratividade dinâmica e ativa, orientada sobretudo por episódios associados a trechos bíblicos, enquanto que a segunda centraliza-se na experiências pessoais, intimistas do autor) e *gênero narrativo* (que, segundo antiquíssima tradição ocidental apartam-se estilisticamente as obras em questão, pois aludem a “categorias históricas, tais como a *epopeia*, o *romance*, a *novela* ou o *conto*, nos quais se reconhecem implicações periodológicas mais ou menos efetivas”. *Ibidem*, p. 47).

escolhas do sujeito falante.²⁶⁸ É sobre estes “elementos” que se debruçam os estudiosos da geração que fundaria a nova disciplina dentro da Linguística: a Análise do Discurso. Michel Pêcheux (1938-1983), o pioneiro da chamada Escola Francesa,²⁶⁹ gerada “sob a égide do estruturalismo e em torno do discurso político” (MAINGUENEAU, 2008, p. 15), teoriza que o *discurso* articula as disciplinas da Linguística, História e Psicanálise²⁷⁰ para considerar o ideológico e o sujeito na produção dos efeitos de sentido. Sua ideia de *discurso* vem questionar o tradicional esquema da comunicação, segundo o qual o emissor transmite uma mensagem a seu receptor, por meio de um canal adequado e de um código comum a ambos. Pêcheux rejeita a concepção de mensagem como transmissão de informação entre A e B para preferir a noção de *discurso* como “efeito de sentido” entre A e B (PÊCHEUX, 1969, p. 18). E, para o linguista francês, tais “efeitos de sentido” são causados, além de pelos próprios mecanismos argumentativos da língua, pelo “inconsciente” (noção da Psicanálise lacaniana)²⁷¹ e por uma *ideologia*, entendida sob o ponto de vista althusseriano²⁷² nesse primeiro momento da história da Análise do Discurso. É pelo *discurso* que se dá, para Pêcheux, a materialização da

²⁶⁸ “Chama-se geralmente discurso na prática das análises a toda comunicação estudada não só ao nível dos seus elementos constituintes elementares (a palavra por exemplo) mas também e sobretudo a um nível igual e superior, à frase (proposições, enunciados, seqüências)”. (BARDIN, 1995, p. 170). E complementa Eli Orlandi que “Também não se deve confundir discurso com “fala” na continuidade da dicotomia (língua/fala) proposta por F. de Saussure. O discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-la à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo discurso, como a fala, apenas sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, assistemático, com suas variáveis etc. o discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto” (ORLANDI, 2005, p. 22).

²⁶⁹ Nos estudos da Análise do Discurso a Escola Francesa se opõe à Escola Anglo-Saxã cuja a ênfase, segundo o professor Décio Rocha, “é colocada na extensão das unidades de análises (sempre superiores à frase), no fato de lidarem invariavelmente com enunciados em situação de uso” e “no planejamento intencional das trocas verbais por seus atores” numa dimensão consciente no projeto de comunicação (ROCHA, 2020, p. 620). Outra proposta didática das diferenças entre as Escolas foi feita por Dominique Maingueneau no seu livro *Novas Tendências em Análise do Discurso* na tabela do anexo 6.

²⁷⁰ “Dito de outra forma, a análise do discurso depende das ciências sociais e seu aparelho esta assujeitado a dialética da evolução científica que domina este campo” (MAINGUENEAU, 1997, p. 11).

²⁷¹ Ideia seguida por notáveis eruditas como Laurence Bardin: “...o discurso é por um lado, ‘uma atualização parcial de processos na sua grande parte inconscientes’ e, por outro, a estruturação e as transformações provocadas pela passagem pelo ‘fluxo da linguagem e pelo ‘outro’” (BARDIN, 1995, p. 170).

²⁷² Entendida segundo a concepção do filósofo marxista francês Louis Althusser: “Uma ideologia é um sistema (que possui sua lógica e rigor próprios) de representações (imagens, mitos, ideias ou conceitos, conforme o caso) dotado de uma existência e de um papel histórico em uma sociedade dada” (ALTHUSSER apud MAINGUENEAU, 2008, p. 17).

ideologia, concebida como “a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” visto que, “dissimula”

sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito”. (PÉCHEUX, 1969, p. 153, *grifos do autor*).

Eli Orlandi, bastante decalcada na trindade Linguística/História/Psicanálise da Escola Francesa, afirma que “todo o dizer é ideologicamente marcado” e que “o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia”, havendo, portanto, grande luta da Análise do Discurso contra o posicionamento de que a fala é neutra, isenta, um ajuntamento de fonemas, palavras e frases. Segundo a autora, “tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade” (ORLANDI, 2005, p. 43). Em outro lugar, a autora ratifica a servidão do “sistema de signos” de Saussure à transmissão inconsciente e autoritária de opiniões e visão de mundo próprios: “A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade este jogo” (ORLANDI, 2005, p. 59).

Outros eruditos da disciplina também põem em grande relevo a preponderância da *ideologia* veiculada no *discurso*, manifestada nele ou sendo ela própria. Michel Foucault (1926-1984), em suas ecoantes considerações sobre o assunto, comentando que o *discurso* é o controle, a seleção, a organização e redistribuição de certo número de procedimentos²⁷³ com a função de “conjurar poderes e perigos” (FOUCAULT, 1999, p. 9), reitera a característica ideológica do *discurso*. Em outras palavras, dizendo que “é poderoso e perigoso”, assevera seus impactos na sociedade bem como as transformações que imprime na história. É por meio dos *discursos* que se formam exércitos, nações e impérios e grandes acúmulos de riquezas e territórios sob domínio, dadas suas estratégias persuasivas (impositivas?) com base na História e na cultura construída através dela. Para organizar o funcionamento dos discursos, Foucault propõe o sistema de *exclusão* externo e interno. Fazem parte dos mecanismos de exclusão externos ao discurso a

²⁷³ “Segundo Foucault (idem), há processos internos de controle do discurso que se dão a título de princípios de classificação e ordenação, distribuição, visando domesticar a dimensão de acontecimento e de acaso do discurso. Normalizando-o diríamos.” (ORLANDI, 2005, p. 74).

interdição (os tabus reguladores do que se pode ou não falar, como assuntos e opiniões relacionadas à sexualidade, política, religião, etc., *Ibidem*),²⁷⁴ a *separação* ou *rejeição* (definindo *quem pode falar* tendo estes o “direito privilegiado” do *discurso*, como especialistas e autoridades das mais diversas ordens, acadêmicos, clérigos, políticos etc., FOUCAULT, 1999, p. 10) e a “*vontade de verdade*” (que, apoiado num suporte e distribuição institucional, impõe a “verdade” apreendida da Ciência anulando, portanto, coercitivamente, o contraditório num sistema de “verdadeiro e falso” advindo dessa oposição, FOUCAULT, 1999, p. 13). Quanto aos mecanismos internos (ou de *rarefação*), compõem o quadro o *comentário* (a intervenção de um especialista para repetir ou ampliar a verdade do discurso com a finalidade de confirmá-lo. FOUCAULT, 1999, p. 21), o *autor* (que funciona como um princípio de agrupamento que dá unidade e coerência a um conjunto de significações. p. 26) e a *disciplina* (o enquadramento dos assuntos por campos do saber, bem como sua categorização, que conduz à exigência de uma terminologia hermética e delimitação teórica. FOUCAULT, 1999, p. 29).

Como valorização final do filósofo com respeito à influência do *discurso*, organiza um terceiro grupo de procedimentos que permitem o controle do *discurso*. (p. 36:) o *ritual* (que numa organização interna define a qualificação, os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso, sendo tomado como exemplo os discursos religiosos, jurídicos, terapêuticos e políticos (FOUCAULT, 1999, p. 39), as *sociedades de discurso* (cujas funções são conservar ou produzir discursos, mas para fazê-lo circular em um espaço fechado com regras estritas, tendo como exemplo os discursos médico, jurídico, econômico etc. FOUCAULT, 1999, p. 39) e *doutrinas* (que ao contrário das “sociedades de discurso”, difunde-se, não se restringindo a uma comunidade mas sendo numerosa cujo limite é apenas a aceitação das mesmas verdades e regras, como nas igrejas, ordens, federações etc. FOUCAULT, 1999, p. 39), a *apropriação social dos discursos* (feita pela *educação formal* que é “uma

²⁷⁴ *Ibidem*.

maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”).²⁷⁵

Quando chega à quarta seção de seu estudo, Foucault intenta ainda dar valor à influência da *ideologia* do discurso e, explicitando a metodologia a ser usada, diz que vai se nortear por quatro pontos: fará uma *inversão* (no sentido de reconhecer “o jogo negativo de um recorte e de rarefação de um discurso”, ou seja, investigar no texto suas intenções, caminhos, ver o que está “por baixo dele” (FOUCAULT, 1999, p. 26), uma *descontinuidade* (em leve contraposição às teorias coletivistas da Escola Francesa, analisará os textos de maneira isolada, dissociada, *descontinuada*, pois “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1999, p. 53), *especificidade* (que o *discurso* “é uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso, e é nesta prática que os acontecimentos dos discursos encontram o princípio de sua regularidade”(Ibidem) ou seja, sua *ideologia* é argumentativa, apologética, busca sempre o atingir seu alvo constante de prevalecer) e por último *exterioridade* (considerará, ao invés de apenas elementos estruturais do texto ou seu entendimento imediato, “suas condições externas de possibilidade”, (FOUCAULT, 1999, 53) , isto é, sua repercussão e intenções.

Outra questão importante da *ideologia*, concebida como materializada no *discurso*, está na sexta e última parte deste livro foucaultiano que, mostrando sob seu ponto de vista os aspectos do discurso, defende-o como um sistema de

²⁷⁵ Ibidem, p. 22. Este último ponto destacado por Foucault é um dos de maior relevância para o tempo presente, visto que mobiliza grandes debates o projeto “Escola Sem Partido” originado da acusação de que docentes fariam apologia político-partidária à esquerda usando suas condições de educadores. Professores estariam promovendo propaganda ideológica nas instituições de ensino e até mesmo coagindo alunos a votarem em candidatos alinhados com as convicções pessoais deles. Atualmente, há diversos projetos de lei em tramitação em câmaras municipais, assembleias legislativas e no Congresso Nacional que falam sobre os direitos e deveres dos professores dentro da sala de aula, os direitos dos pais na decisão sobre o conteúdo da educação dos filhos e regras para a definição de livros didáticos a serem adotados pelas escolas. A maioria dos projetos de lei apresentados recentemente seguem os moldes do anteprojeto elaborado pelo ‘Escola sem Partido’. “Apoiadores e críticos aos projetos debatem se ele fere ou não a Constituição, se é possível ensinar com neutralidade e até que ponto a educação familiar deve ter influência no ensino escolar. O embate entre os dois campos chegou até ao site do Senado Federal, onde uma consulta pública sobre o projeto de lei sobre o tema recebeu mais de 360 mil votos cerca de duas semanas.” “‘Escola sem Partido’: entenda a polêmica em torno do movimento e seus projetos de lei”. Disponível em <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml>> Acesso em 07/01/2021. A discussão gira em torno da premissa de Foucault que ressaltamos da escola ser importante difusor político de ideologia. Concluímos baseados nesta última leitura d’A *ordem do discurso* que ambos os grupos beligerantes na questão almejam a posse do sistema de ensino para através dele impor sua visão de um mundo perfeito.

oposições²⁷⁶ e precisamente um destes aspectos diz da *regularidade*. Consiste no retorno de uma ideia (ou *ideologia*) ou a sua permanência, que é caso da guerra santa que focamos, vivida por Nun'Álvares Pereira na *Crónica do Condestabre* e trazida novamente pela retórica belicosa da IURD, sistematizada por Edir Macedo.

O professor Dominique Maingueneau também dá grande ênfase ao tema *ideologia* como formadora do *discurso*, contudo, não lhe atribuindo o caráter de representante única do processo. Apesar de apresentar a ideia de que o *discurso* não deve ser examinado sob um olhar estritamente sociológico²⁷⁷ ou psicológico, concebe o fenômeno, que renomeia de *prática discursiva*,²⁷⁸ como uma articulação

²⁷⁶ *Acontecimento x criação, série x unidade, regularidade x originalidade e condição de possibilidade x significado* (p. 54).

²⁷⁷ Maingueneau se afasta sistematicamente em sua pesquisa da visão cientificista da Escola Francesa, quando esta dá excessiva interpretação marxista, via Althusser, na Análise do Discurso, embora considere, como diremos, a relevância da *ideologia* como parte integrante na formação discursiva. Conceitua, então, desta forma: "Disciplina que, em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu 'contexto', visa a articular sua enunciação sobre certo lugar social. Ela está, portanto, em relação com os gêneros de discurso trabalhados nos setores do espaço social (um café, uma escola, uma loja...) ou nos campos discursivos (político, científico...)" (MAINGUENEAU, 1996, p. 13, 14). O autor critica em muitas obras suas a exaustiva e predominante análise dos linguistas sob o crivo marxista: "não é suficiente lembrar a existência de um conflito social, de uma língua, de ritos e de lugares institucionais de enunciação, e precise ainda pensar que o próprio espaço de enunciação, longe de ser um simples suporte contingente, um "quadro" exterior ao discurso, supõe a presença de um *grupo específico* sociologicamente caracterizável, o qual não é um agrupamento fortuito de "porta-vozes". "O último pressuposto sobre o qual gostaríamos de insistir diz respeito a maneira de pensar a articulação entre discurso e sociedade. Seja pelo viés de uma certa vulgata marxista ou através da chamada Escola "dos Anais", opondo a história "pesada" à história "leve", existe há muito tempo uma propensão em considerar a sociedade como a superposição de um alicerce maciço (o econômico, as classes sociais) e de falas destinadas a "traduzir" (representar, inverter, negar, deslocar, etc.) esta realidade já constituída. Toda dificuldade consiste, como vimos, em admitir que o sentido e a linguagem não se superpõem as relações econômicas e sociais, mas consistem em uma dimensão constitutiva dessas relações" (*Idem*, 1997, p. 29, 188, grifos do autor). Em algum momento o linguista francês chamou muito acertadamente de "moda" a ditadura marxista imposta nos estudos da Análise do Discurso: "Adotou-se o hábito, em particular entre os althusserianos, de conceber as ideologias como "sistemas de representações", mas isso é frequentemente mera concessão à moda e não se pergunta nunca em que consiste precisamente este "sistema" (*Ibidem*, 2008, p. 17, grifos do autor). E em outro engajadamente criando outra vertente da AD, a *Análise Crítica dos Discursos*, que nada mais é do que militância em forma de Linguística. Eis o comentário: "em um quadro teórico muito diferente, o do marxismo althusseriano, Michel Pêcheux e seus colaboradores desqualificavam qualquer semântica que se pretendesse desligada da luta de classes (Pêcheux, 1975; Gadet, 1981). Os defensores dessa concepção forte da análise crítica tendem a avaliar seus conceitos e seus aparatos metodológicos apoiando-se em uma argumentação filosófica: pra eles, conceitos e métodos não são simples ferramentas, mas devem também ser objeto de crítica" (*Ibidem*, p. 58). Pretendem argumentar que a AD não seria suficiente para fazer seu trabalho, sendo que é da sua própria natureza apontar os mecanismos e intensões de veiculação de *ideologia* e outros propósitos mais: "A nosso ver, por sua própria forma de proceder, a análise do discurso tem uma força crítica, mesmo que os pesquisadores não se interessem por temas sensíveis como o machismo ou o neocapitalismo, mesmo que eles não considerem que as ciências humanas e sociais devem estar a serviço de uma emancipação" (*Ibidem*, p. 59).

²⁷⁸ "...falaremos de **prática discursiva** para designar esta reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso (MAINGUENEAU, 1997, p. 56, grifo do autor).

entre as ciências. Mesmo defendendo que não deve prevalecer a definição de *ideologia* como “visão do mundo” (MAINGUENEAU, 1997, p. 60), aceita que se deve considerar traços sócio-históricos identitários (grupos, crenças, projetos políticos etc. na análise de um texto (MAINGUENEAU, 2005, p. 150). E citando a linguista francesa Jaqueline Authier, menciona certa “consciência sócio-ideológica”, influenciando na produção do discurso:

Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinado, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência sócio-ideológica em torno do objeto de tal enunciado (AUTHIER apud MAINGUENEAU, 1997, p. 152).

Em outro momento, Maingueneau reitera que no *discurso* ocorre um “jogo de interações psíquicas e sociais” (BARONAS; MIOTELLO, 2011, p. 70), em contraposição ao estudo da língua, que é analisada a partir das estruturas gramaticais. O autor não menospreza o intercurso de condições sociais na organização do *discurso*, antes, considera como parte fundamental do processo de sua produção. Para sintetizar bem o procedimento de análise discursiva proposto pelo linguista francês, que envolve significativa valorização da *ideologia*, temos no trecho abaixo um bom resumo de suas ideias:

Quanto ao analista do discurso, ele levará em conta as propriedades do próprio gênero de discurso, os papéis sociodiscursivos que ele põe em relação (animador, convidado), as diferentes estratégias de legitimação dos locutores, a maneira de cada um ajustar seu posicionamento ideológico às restrições impostas pelo gênero e pela conjuntura na qual eles falam etc. (MAINGUENEAU, 2005, p. 48).

E é convergindo todas estas pertinentes contribuições da Análise do Discurso no estudo da Literatura, que procederemos à aproximação das obras que usamos como corpus nesta Tese. As colocações sobre *ideologia* bem como os apontamentos de como se dão suas manifestações no texto é um dos propósitos que almejamos alcançar nesta pesquisa. O traço em comum entre a *Crônica do Condestabre* e o *Nada a Perder*, que é a guerra santa, é delineado pela *ideologia*, revigorada no tempo atual através dos mecanismos que pontuaremos no decorrer deste capítulo. Muito conveniente, assim sendo, é antes esboçarmos uma apresentação e leitura da obra do bispo Edir Macedo, que constitui-se numa

possível volta do ideal de cavalaria medieval, na medida em que enaltece aqueles valores hagiográficos que percebemos na crônica de Nun'Álvares Pereira.

4.2 O *Nada a perder* e suas características crônicas e hagiográficas: um novo herói cavaleiresco ressurgente

O fundador da Igreja Universal conta a sua trajetória tentando mostrar que venceu bravamente as intempéries da vida. É um sofredor que triunfou apesar das angústias e perseguições padecidas por apenas querer pregar o Evangelho. Muitos inimigos poderosos (a Globo, a polícia, Igreja Católica, governantes) se levantaram contra ele, mas se sobressaiu a todos, erguendo sua igreja que é a mais expressiva dentre as neopentecostais e uma das mais influentes no cenário político nacional. O bispo lutou contra o que considerou a ação do maligno no mundo, conquistou grande notoriedade da mídia e comprou um conglomerado de empresas de comunicações para disseminar suas ideias de expansão evangélica pelo país e pelo mundo. E sobre “essa ação do maligno” no mundo é que fundamenta sua doutrina nova e pretensiosa, cuja influencia se estendeu até mesmo ao meio civil.

Era preciso travar uma guerra para derrotar a origem do mal no Brasil, mas primeiro é necessário personificar o herói e os inimigos. O bispo Macedo opera as duas coisas no *Nada a perder*, fazendo a si mesmo o “escolhido”, identificado com Cristo, não necessariamente o crucificado, o que dá a outra face, mas o guerreiro, o Leão de Judá, o valente de guerra, o cavaleiresco medieval. Quanto aos inimigos, enxerga-os, como em toda boa crônica maniqueísta daqueles literários séculos XIII e XIV, não nos mouros mas atualmente nos adeptos das religiões de matriz africana, que encarnam novamente, para a teologia *iurdiana*, a presença do diabo na terra.

Nada a perder, publicada pela primeira vez em 2012, é uma trilogia que relata a vida do bispo de maneira hagiográfica e antropocêntrica. Embora haja uma dedicatória “Ao meu Deus, Senhor da minha vida. Nada do que aconteceu seria possível sem o Espírito de Deus” (MACEDO, 2012, p. 4), a narrativa é centralizada na figura do próprio religioso, suas aventuras para conseguir erguer heroicamente sua igreja, contrariando certos interesses de políticos e empresas. Assim como a produção hagiográfica medieval destinava -se, *a priori*, a fixar na memória as ações

dos “heróis da nova fé”,²⁷⁹ *Nada a perder* é um louvor à resistência e constância do seu protagonista. Diferentemente da *Crônica do Condestabre*, a ação coaduna com algo de intimismo. O narrador-personagem, em muitos momentos, é introspectivo, revelando ao leitor suas angústias, medos e ansiedades, não obstante não se detenha muito nestas questões, pois divagações mais profundas e contemplações arcádicas são preteridas: “Não existe resultado concreto sem atitude, sem ação, sem procedimento, por mais crença que se diga possuir” (MACEDO, 2012, p. 148).

Há predileção pela variante da norma popular, com a finalidade claríssima de se comunicar com as camadas menos escolarizadas, que compõem as porções mais pobres da população,²⁸⁰ e, portanto, seu público-alvo. Usa inclusive gírias para aumentar mais ainda a simpatia do fiel carioca no decorrer na escrita: “Sua vida está um cocô!” (MACEDO, 2013, p. 45); “Eu não tenho rabo preso com ninguém. Somos livres para falar a verdade” (MACEDO, 2013, p. 46); “Os pastores da Igreja Universal (...) vivem sem eira nem beira” (MACEDO, 2013, p. 46); “Ficava refém desse 'chove não molha”. Eu sentia remorso e não me arrependia” (MACEDO, 2013, p. 88). “A Universal e eu fomos seguidamente esculhambados, sem o menor direito de resposta para nada” (MACEDO, 2013, p. 100). “Os golpes passaram a ser abaixo da cintura e de maneira explícita” (MACEDO, 2013, p. 103). “Fazer de tudo para arrancar gente do inferno” (MACEDO, 2013, p. 113). “Logo, os nossos templos entupiram de gente desesperada para se livrar da atuação cruel dos espíritos” (MACEDO, 2013, p. 54). O estilo é fluido, jornalístico, de fácil absorção por um leitor médio e os capítulos são curtos para dar celeridade à narrativa, uma vez que, como já dissemos no capítulo anterior, a terceira onda do pentecostalismo prima pouco por linguagem erudita. Predominam *fatos* para cumprir o objetivo a que se dispõe, que é reforçar uma fé prática do leitor:

Nada a perder não é uma simples retrospectiva. Não sei viver do passado. Eu olho para frente. Por isso, esta obra se projeta para o futuro, com o objetivo de reunir e divulgar experiências pessoais para alicerçar a crença dos que seguem firmes a fé cristã e alcançar os que se consideram perdidos (...) A intenção principal desta obra é registrar com minhas próprias

²⁷⁹ “O conteúdo das hagiografias caracterizava-se pelo aspecto pedagógico e pastoral, promovendo a santidade com a celebração da grandeza de um ou mais santos” (VAUCHEZ, 1989).

²⁸⁰ “Não podemos também deixar de mencionar a preocupação de muitos pregadores em proferirem uma mensagem erudita, “recheada” de palavras sofisticadas. Pretendendo provar aos seus ouvintes uma sabedoria exemplar, dificultam a mensagem e colocam mais empecilhos no caminho dos fiéis” (MACEDO, 1996, p. 28, *grifo do autor*).

palavras os momentos de convicção que transformaram a minha vida e que podem ajudar tantas pessoas a encontrar o significado maior de suas existências (MACEDO, 2013, p. 7).

O intento hagiográfico de Macedo é a marca desta trilogia, traço que é percebido em vários momentos da obra. Após a *Introdução*, o bispo seleciona como primeiro capítulo o relato de sua prisão, que intitulou de “Meus onze dias na cadeia”. Alega que fora vítima de perseguição da Cúria Romana e por pregar o Evangelho, que estava alcançando um grande número de pessoas, iniciando assim uma “guerra santa”. A polícia, com seu armamento pesado, cerca o carro do líder da IURD com sua esposa Ester Cardoso, venerada especialmente no Livro 3 como muito virtuosa e companheira, e o prende. O santo hagiográfico contemporâneo, então, exercita sua resignação e resiliência e suporta a injustiça com jejuns,²⁸¹ afirmando que haveria de ser justificado para sair do cárcere.²⁸² Associado aos personagens bíblicos em sua aflição, para lhe conferir a mesma autoridade, de que era alguém realmente separado para o serviço de Deus,²⁸³ o bispo é encarcerado “como um bandido”, segundo suas palavras, e odiado por muitos.²⁸⁴ Como todo santo

²⁸¹ “Começou a minha primeira noite atrás das grades. Não jantei, apenas alimentei meus pensamentos. Deitado, lutando para encontrar o sono, as memórias remoídas” (*Idem*, 2012, p. 21).

²⁸² Uma relevante sistematização da vida de um mártir medieval, que identificamos ter muita aproximação com o *discurso* do bispo da IURD, foi feita Blasucci no *Dicionário Franciscano*. O especialista afirma que o testemunho de fé fornecido pelo mártir poderia assumir três distintas formas: “diante de tribunais ou suportando prisões e maltratos por causa da fé, contudo sem morrer (confessor que era o martírio incompleto ou incoativo advindo da confissão da fé através da palavra); através de uma vida cristã seguida com perfeita observância da lei divina (martírio branco, do qual trataremos a seguir); e o testemunho selado com a morte (martírio perfeito, ou consumado ou de sangue)”. Pontua, no entanto, que em todas essas modalidades e significações de martírio foram acentuadas na relação entre esses personagens e Cristo, já que eles simbolizariam a extensão do seu sacrifício de sangue (BLASUCCI In.: GUIMARÃES, 1999. p. 416). Segundo Blasucci, nesse momento, o ideal de martírio aparecia nas opções: “vinculado ao desejo de martírio, indicando a perfeição interior do cristão que estaria disposto a dar a vida em nome da cristandade, caso a situação se apresentasse, à uma vida recheada de sacrifícios e obras de penitência (martírio branco) e à morte do santo por testemunhar a sua fé na defesa dos inimigos da cristandade (martírio de sangue) (p. 418).

²⁸³ “Quem seria capaz de enfrentar uma situação destas sem a proteção de Deus? Caiam mil ao meu lado e dez mil à minha direita, eu não serei atingido. Mesmo sozinho numa “batalha perdida”, o profeta Eliseu tinha consigo tropas maiores e mais fortes do que um exército inteiro, com forças militares imbatíveis, sob o comando do rei da Síria” (MACEDO, 2012, p. 17). “José havia sido preso. Jeremias lançado nas celas de um calabouço. Daniel encarcerado numa cova. Pedro sofreu as aflições de virar prisioneiro. A Igreja perseverou em oração e uma luz resplandeceu na cadeia. Paulo e Silas foram jogados na masmorra e açotados. A prisão tremeu quando eles oraram. Como reagir, à luz da fé, ao se tornar personagem de um drama real?” (*Ibidem*. p. 20).

²⁸⁴ “O meu nome foi surrado por anos seguidos. Para quem me odiava, bispo Macedo era sinônimo de bandido. Isso é assim até hoje. Muita gente se quer me conhece e deseja o mal para mim. Tudo bem, a própria Palavra de Deus me alertava sobre isso” (*Ibidem*, p. 13).

hagiográfico,²⁸⁵ Macedo passa por diversas provações para demonstrar-se um servo digno de ser igualado aos personagens bíblicos, seu intento maior. O bispo foi acusado de charlatanismo e crimes de ordem fiscal, mas, segundo sua visão, era perseguido por fazer a vontade de Deus: “Era uma época em que eu tinha a obrigação de andar com um documento de contramandado de prisão da Justiça. E tudo por qual motivo? Pregar o Evangelho!” (MACEDO, 2013, p. 86). Aponta até mesmo violência policial no processo, pois o que fazia argumentou incomodar os adversários da sua obra proselitista:

Em alguns casos, houve abuso policial. Como a noite em que um grupo armado de policiais civis, com metralhadoras e revólveres apontados para os membros e obreiros, interrompeu nosso culto na Universal do Brás, na Avenida Celso Garcia, em São Paulo. Um dos chefes da tropa tirou o microfone do pastor e começou a revistá-lo com truculência. Invadiram o escritório, arrombaram armários e apreenderam pastas e computadores. O ex-bispo Carlos Rodrigues foi levado algemado para depor na delegacia (MACEDO, 2013,, p. 87).

A imprensa, segundo dizia, também se esforçava sistematicamente para enxovalhar a reputação dele e de sua igreja, como prova do seu sofrimento hagiográfico. Os movimentos críticos por parte dos grupos de comunicação concorrentes travavam verdadeiras batalhas jornalísticas contra a IURD e suas práticas, o que era interpretado por Macedo como ataques ao cristianismo de maneira geral. Ele era a vítima de calúnias levantadas, porque “Deus estava com ele”. Sua posição era a correta aos seus próprios olhos, pois teve a atribuição de pregar o Evangelho como escolhido dos céus: “A imprensa em geral nos tratava com intolerância já antes da compra da Record” (MACEDO, 2013, p. 99):

²⁸⁵ As tentativas do líder da Universal de se aproximar inconscientemente de um santo ideal e digno de imitação são o esforço também dos hagiógrafos na figuração dos piedosos cristãos da Primeira e Alta Idade Média, numa mesma *ideologia*, portanto. “A vida terrena do santo dá-se na permanente exposição do corpo aos limites da sobrevivência. A morte, assim experimentada em vida, mostra-se plena de potência vital. As vigílias, penitências, macerações, a busca do isolamento social, o jejum, a abstinência sexual voltam-se para a limitação das necessidades naturais de descanso, de alimentação, de exercício da sexualidade e dos sentidos” (SOUZA, 2002, p. 13). E sobre o martírio, elemento que sanciona a condição de santo, o *Dicionário Teológico Enciclopédico* apresenta quatro tópicos norteadores, a saber, “a *ecclesia*, pois sem a Igreja não haveria o martírio; o *dom da vida*, pelo mártir simbolizar a doação da vida em nome de um amor maior representado pela fé; a *crístologia*, que seria seguir o exemplo de Cristo que deu a vida pelos irmãos; e a *defesa da verdade do Evangelho*, já que o mártir não morre por si, mas para testemunhar sua fé diante de seu perseguidor” (PACOMIO & PADOVESE, 2003, p. 467, 468).

Os processos de supostos crimes contra meu nome formavam pilhas enormes, apontavam-me os advogados. Qualquer eventual acusação ou uma simples nota de jornal era motivo de um novo inquérito, que me forçavam a prestar depoimentos o tempo inteiro (MACEDO, 2013, p. 87).

A Igreja Universal é a “Igreja de Deus” (“Concluí que Deus protegeu a Sua Igreja”. MACEDO, 2013, p. 26), a única com a revelação certa e definitivamente se reconhecendo como o mensageiro de Deus, comissionado para difundir o Evangelho. Com gana e resolução fortes, sente-se motivado a fazê-lo, não importando que barreiras se interponham:

Tinha sede de me entregar e ser usado de corpo, alma e espírito como pastor ou o cargo que fosse na obra de Deus. Não importa. Queria ser instrumento do Espírito Santo com o único e majestoso objetivo de arrebanhar almas. Essa convicção pulsava no meu interior. Um fogo, um ardor, uma súplica do espírito. Um chamado. Meus sonhos passariam a ser os sonhos de Deus. Estava obstinado a dar uma virada na minha própria história, mas antes era preciso vencer muitos obstáculos (MACEDO, 2013, p. 145).

Na Igreja de Nova Vida, onde se converteu e presenciou o primeiro milagre,²⁸⁶ considerava-se insatisfeito, tendo saído pouco tempo depois. Na sociedade que tentou imprimir com o missionário R. R. Soares e outros pastores na Cruzada do Caminho Eterno, ainda não tinha se encontrado. Achava os companheiros vaidosos e desfocados da missão evangelística e, sob seu ponto de vista, era o mais humilde e servil de todos: “Eu obedecia porque era servo, um mero colaborador, (...) Afinal de contas, eles eram pastores consagrados e não me achava com direito de questionar homens ungidos” (MACEDO, 2013, p. 182). Sua vontade de obedecer ao chamado divino é apontada como virtude e tida como excessiva pelos seus primeiros líderes: “Por favor, me deixem ganhar almas! — Edir, você sabe que não trabalhamos assim. Nosso sistema é de comunidade – ele (Tito Oscar, bispo da Nova Vida) respondeu” (MACEDO, 2013, p. 182). Não havia outro caminho senão criar a sua própria igreja, disciplinada e direcionada para o seu propósito:

Vivi como membro fiel de uma Igreja evangélica durante onze anos, desde pouco antes da minha conversão, quando eu tinha 19 anos, até meados de

²⁸⁶ “A vida de Elcy passou por uma reviravolta: suas crises de asma desapareceram e ela tornou-se assídua frequentadora daquela denominação. A cura chamou a atenção da minha família e, em menos de um ano, todos passaram a acompanhar a mais nova seguidora do Evangelho” (*Ibidem*, p. 77).

1975. Foram onze anos de inconformismo. Nascido de novo e selado no Espírito Santo, mas espiritualmente encarcerado a uma instituição que me considerava incapaz de ser usado na difusão do Evangelho, eu despertei quando decidi agir. (...) Na Nova Vida, não me consideravam com “unção” nem para abrir e fechar portas na hora dos cultos. Fiquei um tempo imenso, para mim uma eternidade, aguardando uma chance. Onze anos depois, me convenci de que não poderia mais esperar. Era hora de dar uma virada (MACEDO, 2013, p. 148, 149, *grifo do autor*).

Em sua caminhada hagiográfica, constam, como não poderia deixar de ser, milagres, sendo o primeiro, a glossolalia. Era a marca do Espírito Santo na sua vida e inauguraria seu ministério como pregador:

O milagre aconteceu dois anos depois do meu encontro com Deus. Eu estava para completar 21 anos. O primeiro sintoma foi uma reação inesperada em uma vigília de orações em uma campanha especial de sete dias para receber o Espírito Santo. (...) Naquele dia, eu falei em línguas estranhas, segundo a Bíblia, um dos sinais do recebimento do Espírito de Deus (MACEDO, 2013, p. 135).

Os prodígios divinos jamais deixariam sua trajetória, segundo sua biografia. Viviane, sua primeira filha, nasceu com má formação congênita, lábio leporino e palato fendido, o que causava complicações na respiração. A este drama Macedo atribui a geração da Igreja Universal do Reino de Deus, visto que se voltou “contra o inferno que provoca em milhões de seres humanos o mesmo sofrimento” que sentia naquele instante (MACEDO, 2013, p. 164). Ainda recém trazida ao mundo, com dez dias de vida, parou de respirar mas, com a oração do pai, restituiu-se a normalidade: “Não sabia o que fazer. Viviane sem ar. Não deu tempo de orar. Levantei o bebê para o alto e gritei: — Jesus! Viviane tossiu e retomou a respiração” (*Ibidem*, p. 166). Já com a IURD fundada e estabelecida, seguiram-se os mega-eventos de cura e libertação e muitas pessoas, segundo afirmou, eram livradas das mais variadas espécies de males por ação de suas pregações. Disse que multidões encontravam milagres para suas dores e doenças nos grandes encontros em estádios como o Maracanã e o Maracanãzinho. Até a própria compra da TV Record foi considerada uma dádiva celestial:

Tinha consciência de que as correntes de cura e libertação, restauração da família e prosperidade financeira aglutinavam multidões à Igreja, (...) Dois dias após o Natal de 1987, organizamos a maior concentração de público até aquela época. Tivemos a inspiração de abarrotar o Estádio do Maracanã e o Ginásio do Maracanãzinho, juntos, com um objetivo nobre: invocar a descida do Espírito Santo (MACEDO, 2013, p. 73).

A inconsciente hagiografia de Macedo, por fim, expõe as batalhas contra o diabo,²⁸⁷ pedra fundamental de sua nova denominação. Tal inimigo agiria de igual modo, usando certas circunstâncias, e ações lidas como opostas à igreja seriam vistas como obra satânica: “O diabo está tentando destruir a Igreja Universal, a família de Deus, selada por Deus, instituída pelo Espírito de Deus” (MACEDO, 2013, p. 111). Ele mesmo se considerava um endemoniado, visto que reservava a Satanás o causador de todo o mal no mundo e por um motivo hagiográfico de se conceber como pecador humilde que carece de perdão:

Eu, de fato, virei luz. Os demônios que habitavam meu corpo foram arrancados. Nunca manifestei com espíritos malignos, mas era uma pessoa endemoniada. Isso mesmo: havia forças espirituais do mal que controlavam meu ser e a minha maneira de pensar. (...) Era possuído por demônios (MACEDO, 2012, p. 106).

Sua primeira experiência de ver a expulsão de um demônio o marcaria para sempre, fazendo-o perder o temor das entidades e dando, como já foi dito, a face da

²⁸⁷ “Decidi falar diretamente com o diabo. — Presta atenção, satanás! A partir de agora, toda vez que você me trazer esse lixo na mente, eu vou adorar e glorificar ao meu Senhor – passei a ordem, com determinação” (*Ibidem*, 2012, p. 135). Embates contra o Maligno são uma das características mais marcantes dos santos hagiográficos medievais. Jacopo de Varazze nos traz diversas histórias com protagonistas que lutaram para derrotar o príncipe das trevas. Santa Juliana, celebrada por se recusar a fazer sexo com seu marido por ser pagão, submeteu satanás arrastando-o para humilhá-lo: “Então Juliana amarrou-lhe as mãos atrás das costas e, jogando-o no chão, bateu duramente nele com a corrente que servia para prendê-la. O diabo dava gritos e suplicava: ‘Minha senhora Juliana, tenha piedade de mim’” (VARAZZE, 2003, p. 267). São Vicente, diácono espanhol, por sua fidelidade, em meio às torturas respondeu convictamente que não ia ceder ao diabo por causa das terríveis dores que sofria ao ser atravessado com ferros nas costelas: “Ó língua venenosa do diabo! Não tenho medo de seus tormentos. Só há uma coisa que temo: que você se apiede de mim, porque quanto mais o vejo irritado, mais fico alegre. Não diminua esses suplícios, pois quero vê-lo reconhecer-se vencido” (*Ibidem*, p. 189). Santa Teodora, após ser acusada injustamente de adultério se refugiou num mosteiro e seguiu ali numa vida de santidade sob uma identidade masculina. Mesmo escondida, operou vários milagres de benevolência e tinha grande autoridade sobre o diabo: “Mas o diabo, que não podia suportar tanta santidade, apareceu a ela dizendo: “Você é uma prostituta, uma adúltera que abandonou seu marido para vir aqui me desprezar, então combaterei com meus terríveis poderes e se não conseguir fazê-la renegar o Crucificado, pode dizer que não sou eu”. Mas ela fez o sinal-da-cruz e no mesmo instante o demônio desapareceu. (...) Outra vez ainda, o diabo quis assustá-la com demônios aparecendo para ela sob a forma de feras terríveis e com um homem que as instigava dizendo: “Devorem esta meretriz”. Mas ela rezou e tudo se esvaneceu” (*Ibidem*, p. 532, 533). À semelhança desta última, Santa Pelágia termina sua carreira eclesiástica como São Pelágio na clausura de um mosteiro. Depois de ser uma mulher extremamente bela e vaidosa entrega seu caminho à religião, vive como um monge e se embate contra o diabo em sonhos vencendo-o: “Naquela mesma noite, enquanto Pelágia dormia, o diabo foi despertá-la para dizer: “Senhora Margarida, que mal fiz a você? Não o ornei de todo tipo de riquezas e de glória? Suplico, diga-me no que a entristeci, e no mesmo instante repararei o dano que fiz. Peço apenas que não me abandone, para que não me torne objeto do desprezo dos cristãos”. Mas ela fez o sinal-da-cruz e soprou sobre o diabo, que desapareceu imediatamente” (*Ibidem*, p. 849-851).

igreja que criaria. A carreira pastoral de exorcista começa então naquele momento, acompanhado pelo seu amigo R. R. Soares, na Igreja de Nova Vida:

Observei pela primeira vez com ousadia a manifestação e expulsão de demônios. Fui assistir aos cultos de libertação pouquíssimas vezes, mas suficientes para arrancarem definitivo qualquer medo de enfrentar o diabo. (...) Pouco a pouco, por direção do Espírito de Deus, comecei a idealizar o modelo considerado ideal para a Igreja dos meus sonhos. Um trabalho espiritual capaz de provocar um terremoto no inferno. Uma fórmula guardada dentro do meu peito e no meu intelecto (MACEDO, 2012, p. 159).

Ativamente como pastor, o fundador da IURD empreende seu primeiro combate contra o diabo, que afligia um humilde casal da zona norte carioca, Seu Albino Silva da Costa e dona Maria Veronese da Silva. Conta que a mulher, de 45 anos, padecia de depressão crônica, caía desacordada e trincava a boca. Toda a família sofria, inclusive as filhas Alba e Rosalva, segundo o relato, mas não do mesmo mal que a mãe. Ao visitar uma das reuniões na igreja, foram libertados do infortúnio:

De repente, subi na cama e deitei sobre Dona Maria. O demônio não resistiu e se manifestou de um jeito que nunca tinha visto. Fiz um árduo trabalho de libertação, eram espíritos de atuação pesada. Em seguida, Dona Maria voltou a si sem saber o que havia acontecido nas últimas horas. Esta foi apenas uma das ocorrências no combate ao inferno no início da minha trajetória como servo de Deus (MACEDO, 2012, p. 203).

Outra mulher é libertada do domínio do maligno numa guerra espiritual que trava com êxito, tirando dela um “encosto”:

Ao entrar na casa, a cena de um filme de horror. A mulher, aparentando meia-idade, estava completamente transtornada. O corpo um pouco curvado, as mãos dobradas e os olhos virados. A voz tinha engrossado. Era possível ouvir seus risos diabólicos de longe. No chão, a Bíblia toda rasgada. Pessoas de outras denominações haviam tentado socorrer a mulher colocando a Bíblia sobre sua cabeça. Em vão: o espírito imundo tomou a Bíblia e picou como se fosse confete. Ela voltou a si logo após nosso embate implacável contra o mal (MACEDO, 2013, p. 38).

Com o feito, a fama da igreja se espalha, originando daí a famosa “sexta-feira da libertação”, notabilizada pelos cultos de invocação de demônios e exorcismo: “Os desafios aos espíritos abriram os olhos de quem vivia refém da ação perversa das entidades” (MACEDO, 2013, p. 38). A IURD e seu líder firmam-se cada vez mais como combatentes espirituais à medida em que se proliferam esses rituais. A nova

denominação neopentecostal cresce aceleradamente entre a população mais periférica, na zona norte do Rio de Janeiro, usando como uma das armas principais o rádio. As “batalhas contra Satanás” se intensificavam através dos programas, que inflamavam e envolviam o povo nas fabulosas lutas entre o Bem e o Mal. A guerra contra os seres das trevas estava mesmo declarada. Com esta divulgação radiofônica, os templos se abarrotam de pessoas querendo ser libertadas e os espetáculos contra os demônios, encostos e espíritos tomam a cena principal: “Nossas reuniões de sexta-feira na Abolição superlotavam. Escolhemos a sexta para as correntes de libertação por se tratar de um dia em que são arreados os despachos mais agressivos” (MACEDO, 2013, p. 54), numa clara referência aos dias de culto de algumas religiões afrobrasileiras. Macedo, então, estava chegando no auge de sua auto-concepção como guerreiro da fé cristã enviado de Deus para pregação do Evangelho, sendo aos seus próprios olhos o autêntico sucessor dos apóstolos:

A primeira declaração de guerra aconteceu em nosso programa na Rádio Metropolitana, que herdava a audiência de uma famosa atração espírita. Ao vivo, eu convocava os ouvintes a assistirem na igreja ao desafio dos deuses. O Deus da Universal contra os espíritos que provocavam doenças e sintomas de possessão e que eram anunciados ali como anjos evoluídos e de proteção (MACEDO, 2013, p. 55).

As obras de libertação, segundo o bispo, atingiam a multidões no estádio do Maracanã. Pelejas contra o diabo eram o assunto que rivalizava com a tônica principal do neopentecostalismo, a teologia da prosperidade. As demais igrejas evangélicas eram eclipsadas pela IURD, que tomava porções significativas de audiência com a sua recém adquirida TV Record, divulgadora principalmente na madrugada, de programas de guerra espiritual. Shows de protagonismo de Satanás se observavam pela TV,²⁸⁸ rádio e ao vivo nos estádios de futebol, esporte que, de

²⁸⁸ Consta que os cultos de libertação são preenchidos com toda a espécie de movimentação feita pelos “endemoniados”. Eles gritam, pulam, cantam e obedecem às ordens dos pastores. São entrevistados quanto aos seus propósitos e saracoteiam proporcionando espetáculos de grande atratividade: “Eu entrevistava o demônio antes de colocá-lo de joelhos e mandá-lo embora. Um jovem sempre manifestava nessas orações fortes e me sujava de cima a baixo” (*Ibidem*, 2012, p. 199). “Como de costume, coloquei o espírito de joelhos e o entrevistei sobre as mazelas provocadas na vida da jovem. Ela sofria com a infelicidade no amor e o consumo desenfreado de cocaína e maconha. (...) – Demônio, o que você está fazendo no corpo dela? – questionei, diante da igreja lotada. O espírito manifestado respondeu à minha pergunta. – Sou eu que estou lá! Não deixo ela morrer nem viver... Ela não está fazendo as coisas direito... Vou deixá-la sofrer bastante... Sou eu que estou lá! Mande o demônio se calar e ordenei que viessem àquele corpo todos os outros

certo modo, disputava a atenção do povo com as batalhas contra as trevas, ou pelo menos fazia vibrar tanto quanto. Fascinado com o movimento, um dos pastores que conheceu o neopentecostalismo de Macedo, o norte-americano Forrest Higginbotham, de uma pequena congregação protestante histórica, compara a guerra santa da IURD com o que chamou de “igreja primitiva” que seriam as primeiras reuniões de cristãos do século I. Disse-se impressionado, e que nunca tinha visto coisa semelhante, de tantas pessoas serem “libertadas do diabo” ao mesmo tempo:

A obra de libertação espiritual deixou meu pai espantado: — Os pastores e obreiros sabiam exatamente o que fazer. Eles expulsavam os demônios em Nome de Jesus e as pessoas ficavam libertas! As doenças saíam deles ali na hora. Alguns viam uma grande diferença em suas vidas por terem sido libertos no mesmo momento. É inacreditável! Parecia que estávamos de volta à Igreja Primitiva! (MACEDO, 2014, p. 30).

Um dos libertados, Agostinho Inácio da Silva, 41 anos, recebeu particular atenção em *Nada a perder*. O homem fora vítima de “um trabalho sentimental de uma ex-namorada” (MACEDO, 2014, p. 30), uma espécie de feitiçaria com finalidade de prejudicar outrem por motivo de vingança e por isso teria ingressado nesta religião, que pode ser identificada como de matriz africana. O bispo, contudo, não especifica qual. Submetido às ordens dos espíritos para servi-los nas consultas a outras pessoas e vítima de alucinações, o cidadão aceitou um dia o convite para uma das reuniões da igreja neopentecostal. Nessa noite, seu Agostinho “manifestou o demônio” de maneira agitada, com os braços cruzados para trás e cabeça baixa, correndo desesperadamente pelo templo da igreja:

Ele iria chocar a cabeça contra a parede do altar, com intenso impacto. De repente, a poucos centímetros do acidente, o espírito segurou o corpo dele. Era possível imaginar o tamanho da tragédia (MACEDO, 2014, p. 55).

Enquanto oravam por ele, o homem gritava e se debatia assustadoramente, até que finalmente Macedo põe as mãos sobre o “possesso” e o “liberta do mal”. Após ingressar como um novo membro da IURD, seu Agostinho se torna o principal consultor do bispo na confecção de um dos livros mais polêmicos e conhecidos do

espíritos malignos que atuavam no leito do hospital. Em seguida, unido com os fiéis, executamos a libertação da jovem” (*Ibidem*, p. 59).

líder desta denominação e que citamos aqui nesta tese: *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*. Através de sua experiência, o “ex-feiticeiro” auxilia Macedo na escrita da obra que, segundo este, “apenas traz a verdade cristalina e esmiuçada sobre o efeito nocivo dos espíritos malignos” (MACEDO, 2014, p. 55).

Estas, então, são as bases da doutrina que chamamos cavaleiresca de Edir Macedo, edificadas na sua biografia hagiográfica *Nada a perder*. Começando pelo relato de sua prisão, o bispo intenta criar uma imagem de santo, verificada naquele gênero medieval, na medida em que sofre injustamente perseguições, humilhação e execração pública. O bispo abre mão de sua juventude, rejeitando inclusive namoradas em nome de seu chamado, o que o associa com aqueles sacrifícios cultivados por hagiógrafos como Jacopo de Varazze, de abstinência de prazeres corporais. Os santos deviam se desviar da fruição deleitosa para seguir rumo ao seu martírio final, normalmente dado sob muita tortura cruenta e o bispo da IURD se aproximou do preenchimento deste requisito, quando se submeteu à cadeia e dificuldade financeira, que curiosamente pregaria mais tarde como sinal de maldição.

Os antigos pregadores eram exaltados nas hagiografias por afrontarem os poderes civis vigentes em nome de sua fé, recebendo por causa disto a condenação, e Macedo se esforça em sua biografia para apresentar esta característica, na proporção em que se choca em diversos momentos com autoridades, parte expressiva e influente da imprensa e a Igreja Católica, religião predominante no país. Ele busca se aproximar do objetivo de ser um padrão de fé, assim como queriam os redatores das hagiografias com os seus santos, pois os testes a que disse ter se submetido o assemelham em alguma ou muita medida àqueles devotos medievais, exaltados como exemplos de conduta, sendo, então, um de seus propósitos, elevar-se à categoria de alguém digno de ser imitado. A associação ideológica com aqueles modelos que visavam dar uma leitura de “luta contra o Mal” aos seus auto-sacrifícios e perseguições, torna-se, desse modo, algo plausível para esta pesquisa, muito embora haja um número significativo de diferenças culturais entre os santos medievais e Edir Macedo, como o ascetismo dos primeiros e a teologia da prosperidade do segundo e a distância latinizante da liturgia eclesiástica medieva e o cunho popularesco da retórica neopentecostal. Não obstante, estabelecemos a partir daqui os traços discursivos que unem as duas obras focadas.

4.3 A *Crónica do Condestabre e Nada a perder: um discurso, uma ideologia.* Algumas considerações

Segundo Foucault, “o *discurso* (*italico nosso*) não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1999, p. 10) e a temática da guerra santa é aparentemente o desejo dos dois autores que pesquisamos nesta Tese, a despeito da distância temporal que os separa. É a tentativa de tomar para si a razão da luta pela fé cristã, fazendo de seus protagonistas os senhores deste *discurso*, como diz o filósofo, “querendo se apoderar dele”. Constrói-se, na tomada do *discurso*, assim sendo, uma *ideologia* pela qual se legitima um conflito mais aguerrido contra certos caracteres eleitos como inimigos dos cristãos. Possivelmente, portanto, é a operação argumentativa na *Crónica do Condestabre*, em que percebemos a continuidade de um *interdiscurso*,²⁸⁹ ou por assim dizer, um “já-dito”, elucidado pela linguista Eli Orlandi, cuja repetição ou reprodução de uma ideia é condicionada por uma memória de algum ponto da História, que recupera certo posicionamento político-ideológico.²⁹⁰ Esta reflexão apoia-se também em Maingueneau, quando este diz que o *discurso* “considera sua enunciação como o correlato de uma certa *posição* (*grifo do autor*) sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis” (MAINGUENEAU, 1997, p. 14), e que uma forma discursiva não fica parada no tempo, mas se articula com outras formas discursivas, no dizer do autor, “revela-se, assim, como “esquema de

²⁸⁹ “O interdiscurso consiste em um processo de *reconfiguração incessante* (grifo do autor) no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos” (COURTINE apud MAINGUENEAU, 1997, p. 113). E para Eli Orlandi, *interdiscurso* é “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2005, p. 33).

²⁹⁰ “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do interdiscurso nos permite, no exemplo, remeter o dizer da faixa a toda uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos” e que “sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos” (*Ibidem*, p. 32, 54).

correspondência”,²⁹¹ ainda que separadas por vasta extensão de tempo, como possivelmente no caso das obras que analisamos aqui.

A professora Orlandi ainda apresenta uma interessante esquematização que nos parece bastante útil na aproximação que fazemos das duas obras pesquisadas. Trata-se do conceito que ela chama de *repetição*, que se mostra sob três formas: a *empírica* (mnemônica), do efeito papagaio, só repete; a *formal* (técnica) que é outro modo de dizer o mesmo; e a que nos interessa mais diretamente, a *histórica*, que

é a que desloca, a que permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido (ORLANDI, 2005, p. 54).

Deste modo, o *discurso* tem a função de “assegurar a permanência de uma certa representação” (ORLANDI, 2005, p. 73) histórica de uma mentalidade, um modo de conceber a realidade, uma *ideologia*, portanto. E, eventualmente, tal representação é a guerra santa, construída por estes séculos de cristianismo através da literatura produzida por um discurso legitimador de uma ofensividade mais ostensiva contra os adversários dos cristãos.

Por questões políticas diversas, a filosofia pacífica de Jesus Cristo foi repensada por filósofos, escritores e poetas ao longo dos tempos para acomodar gradualmente uma ideologia de guerra que se tornou surpreendentemente base identitária de corporações belicosas como as cavalaria medievais, às quais pertencia Nun’Álvares Pereira. Num processo de séculos, o cristianismo oficial muda a sua conceituação original de paz e amor ao próximo para se ajustar a uma realidade de religião estatal que devia resolver o impasse entre não agressividade e segurança pública. Com pouco sucesso na resolução deste contraditório, dado os inúmeros excessos cometidos, como torturas e morticínios afins, seguiu o seu caminho no fluxo da história tendo o *discurso* como seu principal esteio. A *Crónica do Condestabre* é uma destas obras que, por meio do *discurso*, engrandece um herói pelos seus esforços armígeros pela fé e que parece ter um repetidor

²⁹¹ "Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára o tempo e o congela por décadas ou séculos ...; ela estabelece o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais" (FOUCAULT apud MAINGUENEAU, 2008, p. 23).

ideologicamente no século XXI, na gana cavaleiresca do bispo Edir Macedo, em sua hagiografia moderna *Nada a perder*.

Uma sugestão classificatória esboçada novamente pela professora Orlandi nos parece conveniente quanto aos tipos de *discurso*. A autora desenvolve a ideia de um *discurso autoritário*²⁹² que, diferenciado do *discurso polêmico* (em que a polissemia²⁹³ é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores e se mantém numa disputa tensa pelos sentidos), e do *lúdico* (a polissemia está aberta, o referente está presente, os interlocutores se expõem a esta presença, não regulando sua relação com os sentidos), que consiste na contenção e apagamento do referente, no estabelecimento do locutor como agente exclusivo e na anulação do contato com o interlocutor. A *Crônica do Condestabre* impõe seu herói como exemplar, digno da mais alta respeitabilidade, cuja fama, de fato, é venerada em seu país de origem. Cabem pouquíssimas ou nenhuma discussão sobre suas virtudes, pelo menos em sua *intradiscursividade*,²⁹⁴ assim como em *Nada a perder*, cujas críticas ao comportamento de seu autor estão fora da literalidade da obra. Internamente, só se percebe um homem escolhido por Deus, que, por conta disso, sofre perseguições e reveses. E tal traço de *discurso autoritário*, no falar de Orlandi, podemos citar como o primeiro que possivelmente aproxima as duas escritas. O primeiro tópico do *discurso autoritário* apontado é a *polissemia contida*, sendo a polissemia “o deslocamento, ruptura de processos” e “simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico” (ORLANDI, 2005, p. 36, 38):

²⁹² (*Ibidem*, p. 86). Lembra Orlandi que suas considerações não contêm juízo de valor: “...é uma descrição do funcionamento discursivo em relação a suas determinações histórico-sociais e ideológicas. Não se deve assim tomar, por exemplo, o lúdico no sentido do brinquedo mas do jogo de linguagem (polissemia) e não se deve tampouco tomar pejorativamente o autoritário como um traço de caráter do locutor, uma questão moralista, mas uma questão do fato simbólico (a injunção à paráfrase)” (*Ibidem*, p. 87).

²⁹³ *Polissemia*, sob a visão de Orlandi, se opõe à *paráfrase*, que é a operação que eventualmente é verificada no *Nada a perder*, de trazer novamente o ideal da cavalaria medieval para os tempos presentes: “Daí consideramos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásicos e polissêmicos. Os processos parafrásicos são aqueles pelos quais em todo o dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização” (*Ibidem*, p. 36).

²⁹⁴ Que, se opondo a *interdiscursividade*, diz de uma “verdade interna” do texto que se pretende independente da história ou contexto, como preconizam as teorias da Análise do Discurso Francesa. Ou a própria formulação do discurso independente da historicidade (*Ibidem*, p. 32, 33).

(...) todo discurso é incompleto e tem seu sentido intervalar: um discurso tem relação com outros discursos, é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico social, e se institui na relação entre formações discursivas e ideológicas. Assim sendo, o sentido (os sentidos) de um discurso escapa(m) ao domínio exclusivo do locutor. Poderíamos, então, dizer que todo o discurso, por definição, é polissêmico, sendo que só o discurso autoritário tende a estancar a polissemia. (ORLANDI, 1987, p. 1)

As obras analisadas variam obviamente em seus aspectos linguísticos e culturais por estarem separadas por centenas de anos, no entanto, mantêm, por exemplo, certas “características hagiográficas”²⁹⁵. O autor desconhecido da *Crónica* apresenta Nun’Álvares Pereira como Santo Condestável já no Prólogo de sua obra, consciente do que já se tornara o cavaleiro para a fé católica e para seu país. Ele é eleito como exemplo de conduta, não cabendo, como já foi dito, maiores discussões sobre o caráter do retratado. A premissa do heroísmo do protagonista medieval²⁹⁶ não falha em nenhum momento, devendo ser ele um ícone digno de imitação em tudo que fizer:

Antigamente foy custume fazerem memoria das cousas que se faziam, assy erradas como dos valentes e nobres feitos: dos erros por que se delles soubessem guardar, e dos vallentes e nobres feytos por que aos bõos fizessem cobiça aver pera as semelhantes cousas fazerem. E por nom fazer longo prologo farey aqui começo em este virtuoso senhoi do qual veeo o vallente e muy virtuoso conde estabre dom Nuno Alvrez Pereyra, e assy de hy em diante seguiremos nossa estória (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 1).

A não ruptura com esta linha é apresentada em *Nada a perder*, quando o bispo também se elege como exemplo de vida piedosa, devota e conjugal:

Por isso, esta obra se projeta para o futuro, com o objetivo de reunir e divulgar experiências pessoais para alicerçar a crença dos que seguem

²⁹⁵ O artigo de João Monteiro tem como uma das finalidades aproximar a *Crónica do Condestabre* das produções hagiográficas, tendência que seguimos nesta pesquisa: “De facto, e apesar da sua designação, a *Crónica do Condestabre* parece mais inscrita na tradição da hagiografia do que na família da crónica propriamente dita. O exame desta biografia de Nuno Alvares Pereira revela-a ainda muito próxima da linha literária das célebres *Vidas de santos*. (...). Creio, entretanto, que também aqui a nossa *Crónica do Condestabre* não escapará a um possível enquadramento dentro desta família das “crónicas hagiográficas” (MONTEIRO, 1989, p. 49, 50).

²⁹⁶ O propósito de formar por meio do *discurso* personagens a serem imitados é, segundo Antonio Calado, da cronística medieval: “Era, aliás, a concepção que já andava na Crónica Geral de Espanha de 1344: “... os sabedores antigos ... escreverò outrossy as estórias dos príncipes, assy dos que bem fizeram como dos que fizeram o contrayro, por que os que depois veessem trabalhassem de fazer bem per exemplo dos bõos e que pello dos maaos se castigassem” (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, Introdução, CXXIII).

firmes a fé cristã e alcançar os que se consideram perdidos. (MACEDO, 2012, *Introdução*, p. 7)

Na sequência da trilogia *Nada a perder*, Ester prepara uma obra biográfica em que relata todas as suas experiências espirituais, afetivas e de vida com detalhes jamais conhecidos. Um guia de felicidade para as mulheres em todo o mundo (MACEDO, 2014, p. 137).

Família, ou por assim dizer, linhagem, no falar medievo, é algo caro para as duas pretensas hagiografias nessa polissemia contida no *discurso autoritário*. Ambas as obras sublimam a temática dando a si muita importância, a origem “nobre” merecedora de louvor e orgulho dos heróis. À época de Nun’Álvares, não apenas era valor altíssimo ter linhagem como cavaleiro mas como lhes era obrigatório possuí-la²⁹⁷, e seu possível êmulo neopentecostal reproduz a ideia:

...a imprensa humilhava a Igreja Universal e a nossa família em suas reportagens sujas, e isso machucava muito a mamãe. Mas ela permaneceu firme ao meu lado o tempo todo, sempre me estimulando a ir adiante. O amor incondicional de minha saudosa mãe, que faleceu cinco anos depois, me fortaleceu ainda mais atrás das grades. O juramento escrito pelo profeta Isaías era claro: mesmo se uma mãe se esquecesse do filho recém-nascido que ainda mama, Deus não se esquecerá de mim. (...). Meu pai, Henrique Francisco Bezerra, alagoano de Penedo, cidade do semiárido de Alagoas, sempre foi muito dedicado ao trabalho pesado nas áreas rurais do interior ou no subúrbio dos centros urbanos. (...). Meu pai tinha 32 anos quando conheceu minha mãe, Eugênia, então uma jovem humilde e recatada de apenas 16 anos, na pequena cidade de Rio das Flores, interior do Rio de Janeiro e divisa com Minas Gerais. (...). Minha mãe era a protetora do lar, a mulher que nos criou com amor e zelo tão grandes que nos fizeram jovens sem rebeldia. Ela me ensinou a rezar o Pai-Nosso e, assim, à sua maneira, a acreditar em Deus. (MACEDO, 2012, p. 38, 39, 49, 50)

Outra operação realizada neste *discurso autoritário* diz respeito ao apagamento e contenção do referente ou do interlocutor, ou seja, na supremacia do emissor sobre o destinatário. Os autores da *Crônica* e do *Nada a perder* parecem ser exclusivamente os doadores da verdade, não deixam espaço para a polissemia de que falamos. Os dois se posicionam como imbuídos da missão de ensinar boas condutas crendo mui convictamente nesta tarefa. O Condestável é enaltecido pelo seu biógrafo pela castidade, coragem, empenho no serviço da guerra e fidelidade,

²⁹⁷ “Seendo dom Num’Alvrez criado a gram viço em casa de seu padre, e chegando à hydade de treze annos e avendo el rey dom Fernando de Portugal guerra com el’rey dom Anrique de Castella, este rey dom Anrique de Castella se trabalhou de viir, e de feyto veo, com seu poderio à cidade de Lixbõa” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 1).

causa pela qual “se deve entender” alcançou a glória celeste que tem que ser cobiçada pelo leitor também:

E ainda o dya de oje, depouys de sua morte, Deos, por sua merçee, fez e faz muytos millagres naquell lugar honde seu corpo jaz, que som asaz denotados e magnifestos, por que devemos de entender que sua alma he com Deos na sua gloria, a qual elle por sua merçee nos dê. Amen. (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 203).

Ideia reproduzida pelo ministro neopentecostal no seguinte trecho:

Espero apenas que as pessoas pensem por si próprias, sem influências preconceituosas, e decidam o melhor para elas. Esse é o principal objetivo da biografia *Nada a perder*, que termina com este terceiro e último volume. Esta obra não é uma simples retrospectiva, nem segue a linha cronológica de uma biografia convencional. Meu foco sempre foi compartilhar minhas experiências de vida e reflexões espirituais para alicerçar a crença dos que seguem a fé cristã e alcançar os que se consideram perdidos (MACEDO, 2014, p. 13).

O bispo, por sua vez, apaga ou contém o interlocutor através da pretensão do ensino, estabelecendo-se também com uma leitura própria de fatos debatidos amplamente na sociedade e com pontos de vista diversos. Ocorrências polêmicas como a da compra da TV Record, do “ou dá ou desce” e o do “chute na santa” recebem certo abrandamento na sua pretensa hagiografia heróica, omitindo minúcias importantes das questões, que à época geraram inclusive denúncias por parte da imprensa:

A imprensa já publicava que a venda da Record estava suspensa por falta de pagamento do acordo de aquisição, prevista na carta de intenções assinada por seu Vieira. E que a então direção da empresa só enviaria a documentação de transferência ao Ministério das Comunicações depois que o negócio fosse oficializado, com o pagamento das quantias combinadas. Uma guerra espiritual se levantou. Quando minha participação na compra da Record se tornou pública, os ataques se intensificaram. O tom de discriminação dominava o noticiário. Havia uma clara tentativa de me asfixiar com processos e intimações atrás de intimações. Começaram a vasculhar minha vida, minha família. Mas nunca, nada era comprovado. (...). Um dos nossos ex-bispos havia chutado levemente uma imagem de cerca de um metro de altura, que ele mesmo havia comprado. Era dia 12 de outubro de 1995, feriado católico. Com base em versículos da Bíblia, criticou a veneração por imagens de santos (...). Um deles, na véspera do Natal de 1995, foi usado pela Globo para desferir mais um duro golpe na Igreja Universal e em mim. Durante dias, foram exibidas cenas caseiras em que, radiante, apareço contando as doações de membros do templo de Manhattan, nos Estados Unidos. Meus momentos de descontração com outros bispos em um hotel de Jerusalém e no Rio de Janeiro foram mostrados fora do contexto e com total conotação criminosa. (MACEDO, 2013, p. 30, 108, 110).

4.4 As obras e a tradição cronística do Ocidente

Há na tradição cronística ocidental zelo na retratação de fatos tendo como *ideologia* a exaltação do poder régio e sua autoridade divina, atribuição de certas ações a deuses e glorificação de heróis coletivos ou individuais. No *discurso autoritário*, com forte ressonância histórica, perpassa a transmissão de valores, que se deseja inculcar como identitários ou nacionais, que devem prevalecer. Na *Crónica* e no *Nada a perder* percebem-se tais peculiaridades evidentemente sob a perspectiva cristã, mas com semelhanças muito notáveis, haja vista seus propósitos moralizantes e doutrinários. De modo mais geral, é a elevação de exemplos a serem seguidos. Veremos agora, no sentido mais estrito, as características que assemelham as duas obras em análise nesta pesquisa e as características que as une com a longínqua tradição da cronística ocidental.

A primeira é *exaltação do poder régio e autoridade divina*, que pode ser lido nas duas obras cristãs que examinamos como reverência às autoridades constituídas, atribuindo-lhes o status de representante da vontade de Deus na terra. D. Nun'Álvares se esforçou alegremente para defender o Mestre de Avis com sua própria vida, sabendo que este cumpria os desígnios divinos. Na batalha de Aljubarrota, a vitória coube aos portugueses, liderados pelo monarca que triunfou segundo a ordem dos Céus. O rei, assim sendo, foi investido de poder do Alto e o manifestou com o ganho na batalha. Sua própria coroação foi confirmação de profecia, a prova cabal de que Deus se mostrara através do rei:

“Em bõa ora venha o nosso rey!” da quall cousa todos se maravillavam, dizendo que verdadeiramente cryam que aquello era mandado de Deos, que falava pellas bocas daquelles moços como per bocas de prophetas. (...) E desto foy o conde estabre muy ledo e deu muytas graças a Deos e mandou alio çerta gente a receber os lugares e poer em elles guarda como compria a serviço del'rey (...). Per prazimento de Deos elrey de Portugall venceo a batalha. El'rey de Castella e as suas gentes que com elle escaparon fugirom e se forom pera Santarém. E o conde estabre foy aquella noyte em grande cuydado por poer guardas no rreal de seu senhor el'rey, do que se nêhum nom nembrava (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 98, 104, 120).

Em *Nada a perder*, o bispo da IURD associa-se também aos poderes constituídos, crendo que as autoridades civis foram eleitas por Deus. Há sistemático plano de tomada das cadeiras do Legislativo e Executivo, com algum êxito, tendo em vista a expressividade e influência política alcançada pelo segmento pentecostal

e neopentecostal no cenário político da atualidade no Brasil²⁹⁸. Especificamente na biografia de Macedo, lemos as referências a chefes de Estado brasileiros, como da “vontade de Deus”, assim como na crônica medieval:

Para marcar o início da nova programação da emissora, foi organizada uma festa com a presença de pastores de várias denominações e diversas autoridades políticas. (...)

Dias antes de ser destituído do cargo, Collor me convidou para um café da manhã em Brasília, na casa do ex-deputado federal Paulo Octávio. O presidente chegou de helicóptero. Ele se disse indignado com a Rede Globo, que, de uma hora para outra, deixara de apoiá-lo. Na ocasião, orei forte com as duas mãos na cabeça de Collor. Por fim, ele agiu idoneamente comigo e com a Record. Antes de partir, dei um conselho: – Presidente, faça como eu. Deixe de “beber” do noticiário ruim da imprensa. É uma maneira de se preservar. A assinatura da concessão foi praticamente o último ato de Collor na Presidência. Nosso Senhor é fiel. (...).

Nas primeiras poltronas, também acompanhando a cerimônia (*de inauguração do Templo de Salomão em São Paulo, em 31 de julho de 2014*) do início ao fim, dezenas das principais autoridades brasileiras. Representantes de todos os poderes da República: o vice-presidente do Brasil, vários ministros de Estado, o governador de São Paulo, além de outros governadores de diversos estados; o prefeito de São Paulo juntamente com vários prefeitos de importantes capitais brasileiras (...).

O Poder Legislativo representado pelo vice-presidente da Câmara dos Deputados, acompanhado de parlamentares do Congresso Nacional. Representantes do Judiciário como os Ministros do Supremo Tribunal Federal, do Superior Tribunal de Justiça e do Superior Tribunal Militar. Embaixadores, juizes, promotores, procuradores e os principais agentes chefes das polícias brasileiras também estavam lá. Os mais altos escalões das Polícias Federal, Civil e Militar. (MACEDO, 2013, p. 23, 96. MACEDO, 2014, p. 236, 237)

Atribuição de certas ações a deuses, especialmente de caráter inesperado como fenômenos da natureza, livramentos e vitórias nas guerras, é o outro ponto de conexão entre estas obras. O sintagma *com a ajuda de Deos* e seus cognatos figuram 51 vezes na *Crônica* como indicativo de que a atuação divina é presente e reconhecida desta maneira pelos personagens. Deus apóia os portugueses em suas aventuras, intervindo inclusive na natureza para favorecê-los²⁹⁹. Atua na maioria das

²⁹⁸ Ver o anexo A. É interessante também constatar que o controle do poder civil pela IURD é doutrina pregada como um obrigação do fiel desta igreja. Leia-se um trecho de um livro do bispo sobre este ensino: “Os cristãos não devem apenas discutir, mas principalmente procurar participar de modo a colaborar para a desenvoltura de uma boa política nacional e, sobretudo, com o projeto de nação idealizado por Deus para o seu povo (MACEDO & OLIVEIRA, 2008, p. 25).

²⁹⁹ “Ao longo de todo o texto torna-se notada a atribuição dos êxitos militares, ou pelo menos a limitação das suas consequências adversas, à intervenção divina. Assim, quando os acontecimentos têm um desfecho favorável às armas portuguesas e proporcionam a Nun’Alvares mais uma vitória pessoal, o facto é atribuído e agradecido a Deus” (*Estória de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, *Introdução*, CXXXV).

vezes para confirmar sua predileção pelos súditos do Mestre de Avis e seu Condestável, dando-lhes o amparo e o triunfo no final:

E, tanto que Num'Alvrez estas novas ouvyo, foy'sse logo ao priol seu irmão a lhas contar, e dizer que esto era obra de Deos, que se queria lembrar desta terra, que nom fosse subjeyta a Castella e que, pois tal começo era feyto, que lhe pedia por mercee que todavia se tornasse a serviço do meestre, como ja outras vezes lhe dissera. (...) Nun'Alvrez, seu filho, de sua bõa tençom, ante contrariava a sua madre, dizendo que Deos nom quisesse que por dadivas e largas promessas elle fosse contra a terra que o criara, mas que ante despenderia seus dias e espargeria seu sangue por emparo delia, de guisa que, onde ella vinha pera reduzir seu filho pera serviço del'rey de Castella (...) E o conde estabre lhe respondeo: "Affonso Pirez amigo, ora prouvesse a Deos de serem aqui as gentes de todo o reyno de Castela, ca, com a graça de Deos, tanto averiamos mayor honrra. Nem por levarem alguns dos gados nom he cousa que nos monte, porque em terra somos que bem nos entregaremos, prazendo a Deos". (...) Desto foy o conde tam ledo que mays nom podia seer, e logo se alevantou e foy folgar per hum pomar da quintaa, per huu corrii muyta augua. E, sem embargo de todo este pasado, a door tornou a elle e lhe crecia cada vez mays. El'rey lhe mandou os seus físicos 5 e hum delles prouve a Deos de lhe conhecer a door e o curou delia em tal guisa que, com ajuda de Deos, começou de melhorar (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 42, 45, 128, 167).

Desfechos políticos, financeiros e resultados de acontecimentos diversos são creditados pelo bispo neopentecostal ao divino. Fatos como sua soltura da prisão, a compra da TV Record³⁰⁰, eleição e destituição de certos personagens do cenário político brasileiro têm Deus como o responsável ao seu favor. Apesar de conter um enfoque bastante antropocêntrico, uma vez que Macedo se propõe como o escolhido apostólico e por isso centrando a igreja que fundou numa ideia de “nova revelação”, ainda reserva aos Céus alguma coisa miraculosa. O impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992, também foi por consequência espiritual, visto que o bispo relatou ter o líder do Executivo nacional se associado com uma mãe-de-santo, Maria Cecília da Silva, dando ela a honra de subir a rampa ao seu lado por ocasião de sua posse, a 1º de janeiro de 1990 (MACEDO, 2013, p. 96):

No décimo primeiro dia de cadeia, acordei confiante de que o pesadelo estava próximo do fim. No começo da tarde, chegou a notícia. O juiz havia, finalmente, acatado o *habeas corpus*. O tribunal de alçada

³⁰⁰ “Pense em todos os noticiários do mundo anunciando o combate dos israelitas com os filisteus, enfocando a luta de Davi x Golias, e todas as emissoras de televisão do mundo se ocupando com esse evento. Imagine o amigo leitor, quantas pessoas, definitivamente, se converteriam ao Deus vivo se a tecnologia existente, hoje, estivesse a serviço de Deus. (...). As condições materiais hoje podem, num abrir e fechar de olhos, apresentar o grande Deus dos Exércitos, o invencível nas batalhas, para todo o mundo, todos os povos” (MACEDO, 1998. p. 33).

criminal de São Paulo tinha votado unanimemente pela minha soltura. Alívio. Respirei fundo. Deus, enfim, tinha atendido meu clamor (MACEDO, 2012, p. 39).

Dobrei os joelhos, coloquei minha cara no chão e chorei. Desabei com todo aquele peso sobre os meus ombros. Tinha feito tudo o que podia fazer e nada dera certo. Então, disse para Deus: – Olha, a compra dessa emissora está nas Tuas mãos! Se conseguirmos a Record, muito bem! Se não, paciência! Se o Senhor não me ajudar, eu não vou fazer mais nada! Eu me rendo! (...) Como explicar o tamanho dessa incrível reviravolta? Como tudo aconteceu? Cada um acredite no que desejar. Eu tenho certeza absoluta de que foi a ação de Deus (...). Outra lição foi encontrar forças, onde não havia, para orar por cada um dos que tentaram nos prejudicar. Confesso: não foi uma missão simples, mas pedi ao meu Deus por cada um, indistintamente.

Infelizmente, os personagens daqueles anos de chumbo tiveram destinos diferentes.

Fernando Collor de Mello foi destituído da Presidência da República por força de um *impeachment*.

PC Farias apareceu morto com a amante em sua casa de praia em Alagoas.

O empresário José Carlos Martinez morreu em acidente de avião.

Leopoldo Collor morreu vítima de um câncer no pescoço.

O juiz João Carlos da Rocha Mattos foi condenado por vender sentenças, ficou oito anos preso e perdeu o cargo.

O autor Dias Gomes perdeu a vida em um trágico acidente de carro.

O ex-deputado Afanásio Jazadi caiu no esquecimento. Em sua última candidatura, em 2008, não conseguiu sequer ser eleito para vereador em São Paulo. Suas tentativas de voltar à televisão foram fracassadas.

O ex-senador Romeu Tuma faleceu vítima de falência múltipla dos órgãos.

O ex-reverendo Caio Fábio teve envolvimento com escândalos políticos e foi exonerado de sua igreja ao assumir uma relação extraconjugal com a secretária.

O *Jornal do Brasil* faliu e só existe na internet.

A TV Manchete também faliu e foi extinta.

A TV Globo enfrenta quedas sucessivas nas últimas décadas e vive atualmente a pior audiência de sua história. (MACEDO, 2013, p. 15, 31, 114).

Curas e prodígios obviamente foram obra de Deus na hagiografia do bispo. O defeito congênito de sua filha Viviane, que, como mencionamos acima, lhe provocava problemas respiratórias graves foi vencido, segundo o pai, pela fé em Jesus. Como adulta não sente qualquer sequela da doença que quase a matou:

Assim como Cristiane, Viviane hoje é casada e vive com um homem de Deus. É uma mulher realizada, alegre, cheia de sonhos e, o mais importante, como eu, dedica a vida ao Evangelho (MACEDO, 2012, p. 175).

Evelyn Higginbotham, esposa do pastor Forrest Higginbotham, amigo de Edir, estava grávida e tinha uma doença rara e grave chamada ceratocone, que causa enfraquecimento e deformação das córneas. Com a intercessão dos pastores da

IURD e a imitação do gesto da cura de Jesus a um cego em que o Messias lhe cospe nos olhos³⁰¹, a mulher volta a enxergar:

O que importava era a fé. Somente a fé. Aquela palavra despertou a minha convicção, uma certeza absoluta, e me deu uma determinação inabalável de que seria curada. Depois de duas semanas, duas consultas ao médico, eu estava novamente enxergando. As pessoas passavam por mim e, algumas surpreendidas, diziam: “Ela está vendo, ela está vendo!” (MACEDO, 2014, p. 38).

Sua igreja, por fim, é responsável pela cura de muitas pessoas ao ponto de, aos olhos do religioso, substituir o sistema de saúde pública, conforme se lê na biografia:

Aliás, quantos milhões, talvez bilhões de reais, o trabalho de libertação e cura da Igreja Universal já não fez e faz os governos pouparem somente no Brasil? São adultos e crianças que estariam entupindo os hospitais públicos em busca de tratamento. Muitas são enfermidades com origem espiritual que não podem simplesmente ser erradicadas pelo esforço de médicos e enfermeiros (MACEDO, 2014, p. 28).

O terceiro e último traço comum no *discurso* da cronística ocidental é seguramente a *glorificação de heróis coletivos ou individuais*. Por meio do empreendimento de guerra é que notáveis homens se sobressaem neste tipo de texto, sendo o conflito armado o responsável por contar a história do mundo. Deste modo, é de conhecimento geral que as fronteiras foram desenhadas na maioria das vezes por invasões e conquistas, feitos imprimidos por heróis reais que a literatura perpetua tornando-os lendários, ou inventando outros. Lugar comum é a assertiva de que a posteridade toma ciência da história através do registro, contudo, os heróis são construídos pelo *discurso* e seu *tom*³⁰² para mantê-los com a importância de um conquistador cheio de virtudes e modelo a ser venerado e imitado pelos tempos afins.

³⁰¹ A BÍBLIA VIDA NOVA, 1992, Evangelho de S. Marcos, VIII. 22-26.

³⁰² O tema de um *sujeito* no *discurso* que o delinea inconscientemente é caro para os analistas de discurso. Especificamente Maingueneau ressalta a existência de um *sujeito* em cada *discurso* que o modela revelando um *tom* que lhe determina os caminhos tirando-lhe a neutralidade percebida inocentemente num primeiro momento. Esse *tom* é que aparentemente forma, na nossa leitura, os heróis na literatura pretensiosamente histórica que chamamos de crônicas: “Parece-nos que a fé em um discurso, a possibilidade de que os sujeitos nele se reconheçam presume que ele esteja associado a uma certa voz (que preferiremos chamar de *tom*, à medida que seja possível falar do “tom” de um texto do mesmo modo que se fala de uma pessoa) (MAINGUENEAU, 1997, p. 46).

É facilmente perceptível que uma das razões pela qual o Nun'Álvares Pereira é cultuado é sua entrega para defender seu país. E ele não é o único que se dispõe a morrer pelo seu povo. Na *Crónica*, o patriotismo dos cavaleiros é uma grande característica e virtude reverenciada, a exemplo do que se nota na tradição cronística do Ocidente, como afirmamos. A começar pelo protagonista, que, segundo Oliveira Martins, era “abrasado” e “enlouquecido”³⁰³ pelo amor à nação, seus subordinados nutriam grande afeição pela pátria, não sendo a *Crónica do Condestabre* apenas uma hagiografia, mas também uma epopeia, dado o cunho nacionalista que se pode apreender. É claro que uma leitura primeira nos leva a focar obviamente no personagem principal e por isso classificá-la como uma *crônica hagiográfica*, sendo o objetivo autoral este mesmo: nos mostrar Nun'Álvares Pereira e seu valor. Entretanto, transparecem elementos no *discurso* que identificam a *Crónica* como uma obra genuinamente nacionalista, que pode justificar uma publicação com o intuito de incutir tal sentimento. Calado afirma que a edição de 1848 teria como uma das motivações “ser uma obra nacional”,³⁰⁴ antes de ser uma hagiografia, ou seja, serviria como instrumento de estímulo cívico.

Internamente, há também forte destaque aos cavaleiros, que são chamados de “verdadeiros portugueses”. A expressão, que aparece cinco vezes no texto, aliada com “*bões portugueses*” (duas vezes) e “*bons portugueses*” (uma vez) em oposição a “*maos portugueses*”,³⁰⁵ é usada para designar os lusitanos que se empenharam de coração e alma nas guerras da independência através de uma lealdade ao seu rei, à sua pátria e à fé católica. Naqueles tempos perigosos de confronto em que se andava em busca de um sentido definitivo para a nação portuguesa e para si próprio, não bastava ser português. Era preciso distinguir entre os que permaneciam apegados à terra-mãe e aqueles que procuravam no apoio

³⁰³ “Este sentimento ainda ignoto, nascido com elle, na sua alma: o sentimento heroico da pátria portugueza que o abrazava, fazia-o parecer doido ao commum da gente, affogada nos calculas da intriga, nos impulsos da cobiça, ou nos accessos da ambição mesquinha” (MARTINS, 1893, p. 83).

³⁰⁴ “É interessante notar que a motivação não parece residir tanto na figura do Condestável como no próprio texto: a crónica aparece aureolada ao longo do tempo pela “grande e geral aprovação que tem encontrado no conceito dos sábios”; por outro lado, “quer a consideremos pela índole do assunto, quer pelo lado literário, é uma obra eminentemente nacional” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, *Introdução*, XLVII).

³⁰⁵ Estes cavaleiros se opõem moralmente aos portugueses reprováveis por certos comportamentos como traição aberta e heterodoxia: “E foram logo hy mortos huía gram cama de castellaãos e, asy bastos como som os feixes no rrestolho do bõ trigo e bem basto, especialmente morrerom logo todos, a mayor parte chamoros, que entom chamavam aos maaos portugueses que com el'rey de Castella viinham”. (...). “E tanto era com elles emborilhado que lhe chamavam çismatico, como naquelle tempo chamavam aos maos portugueses” (*Ibidem*, p. 119, 122).

junto a um rei estrangeiro para a segurança das suas posses e das suas posições sociais (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, *Introdução*, XCVII). Do lado do Mestre de Avis, então, se posicionaram os tais “verdadeiros portugueses”, servidores de seu país, contra os partidários de Castela, liderados por D. Leonor Teles com seu amante, o conde Andeiro, e seu genro, o rei D. Juan de Espanha, pretendente ao domínio de Portugal. Como se sabe, a derrota deste partido foi consumada em Aljubarrota e nas batalhas subsequentes, dando ao Mestre o reinado de uma nação independente, premiando e consagrando os heróis que deram suas vidas no esforço desta missão, entre eles o Condestável D. Nun’Álvares Pereira.

Na *Crónica* são mencionados como corajosos, sempre dispostos a morrer pela causa nacional:

Digo’vos, senhor conde, que, pois vós com meu senhor, o meestre, ficastes e verdadeira vontade avees de o servir, tal conselho e pallavras quaes lhe vós dizees nom he bõo conselho nem elle nom vos deve de creer, ante deve de hiir per seu feito em diante, e nom contra el’rey de Castella, que he hum poderoso rey, mas contra todollos reys do mundo, ca tem coraçom e razom de o fazer, e nom outro nêhuu, e todollos bõos portugueses tõe razom de o seguirem e servirem atees mortes (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 54).

São leais e solícitos ao serviço belicoso:

E como por vos eu amar e fiar de vós por serdes bõo, vos escolhy em minha casa pera alio vos mandar por defensom daquela comarca e vos dey por companheyros esta boã gente que aqui está, que som verdadeiros portugueses, e parte deles de minha criaçom, os quaes eu creio que vos seguyrãm e ajudarãm lyalmente em toda cousa de meu serviço e de vossa honrra em que vós poserdes maõ (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 58).

Trabalhadores incansáveis, com vontade firme na cooperação:

E, estando Nun’Alvrez em Évora, ouve sua falia com tres homens de Portel, verdadeiros portugueses, convém a saber, Joham Mateos e Joham Longo e outro, se lhe poderiam dar huúa porta ou outra algua entrada pera aver a villa de Portel. E a elles prouve de em ello fazer seu poder, e per dias trabalharom sobre ello quanto poderom, de guisa que lhe derom o lugar per hua porta (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 90).

Homens raros, valorosos, difíceis de serem achados:

Chegou Fernand’Alvrez ao conde estabre, que el’rey lhe mandava dizer que se tornasse, e o conde estabre lhe mandou pidir por merçee que o leixasse hiir, que elle, com aquelles poucos e bons portugueses, daria batalha a

el'rey de Castella, pero que elle se hya apousentar com sua geëte (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 114).

Em contrapartida, seus adversários espanhóis são retratados bastante negativamente, sendo-se-lhes atribuídas várias ações reprováveis ao longo da narrativa. Apesar de também serem uma nação cristã, os castelhanos são figurados como destituídos de qualquer virtude cavaleiresca, o que foi estabelecido inclusive por Ramon Llull, no *Livro da Ordem da Cavalaria*, que foi um espanhol. O autor da *Crónica*, firme em seu propósito maniqueísta de glorificar seu herói e seu povo, dá pouca voz ao contraditório em seu *discurso autoritário*, e reserva aos vilões da história atitudes deploráveis sob o ponto de vista de um cavaleiro. Já no início da narrativa, Nuno mostra desprezo por seus adversários a ponto de não querer nem sequer sentar-se com eles: o motivo era que não tinha lugar para ele se pôr à mesa, o que era desonroso para um visitante nobre como ele. Nem mesmo ao rei de Castela, presente nesta ocasião, Nun'Álvares deveu respeito, tamanha repulsa sentia pelos seus antagonistas naquele momento:

Nós nom teemos proll nem honrra de aqui mais estar, e porem he bem que nos vaamos pera as pousadas, mas ante que nos vamos eu quero fazer que estes que nos pouco preçarom e de nós escarnecerom, que fiquem escarnidos (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 37).

Seus inimigos são descorteses e covardes. No episódio de um ataque do grupamento de Nuno, à noite, a um castelo de Vila Viçosa, certo cavaleiro castelhano chamado Álvaro Coytado (seu nome realmente se liga muito ao triste destino que teve) foi vergonhosamente abandonado pelos seus companheiros que o fez ser levado prisioneiro para Estremoz:

E acerca da mea noyte, chegando os castellaãos com Alvaro Coytado honde os de Nun'Alvrez estavam em guarda, os portugueses derom de topo nos castellaãos e os castellaãos fugirom logo e desepararom Alvaro Coytado, e os de Nun'Alvrez o tomarom e levarom consigo a Nun Alvrez a Estremoz, com o qual Alvaro Coytado NunAlvrez ouve gram prazer quando o assy vyo fora das mãos de seus imiigos, o deu muytas graças a Deos (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 96).

Somam-se a eles também atitudes desrespeitosas à igreja, pois os cavalos dos castelhanos defecaram no local sagrado sem que os cavaleiros atentassem

para a indignidade. Há destaque nesta passagem para a humildade do Condestável, que se submeteu a limpar, junto com os seus subordinados, o lugar de culto:

E daqui se partyo Nun'Alvrez no dia seguinte pella manhã, que era dia de Endoenças, e se foy de pee e descalço em romaria a Sancta Maria do Açumar, húa legoa de hy, que he húa ygreja muy devota, e todollos seus depôs elle. E, como chegou aa ygreja, achou a casa delia muyto çuja das bestas dos castellaãos que dentro nella meterom quando per hy passavam e, ante que se apousentasse, mandou a limpar, e elle foy o primeyro que ajudou tirar o esterco fora (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 69).

Ocorre, portanto, a glorificação de heróis coletivos, secundários, e manifestamente de um único herói.

O cronista desconhecido, aparentemente fascinado com as façanhas militares de Nun'Álvares Pereira, lhe dá pouca voz intimista, preferindo antes suas ações, seus combates, táticas, demonstrações de fé, coragem e abnegação, que sendo às vezes negativas (não aderir a certas superstições populares e não contrair casamento) ainda assim ganham um aura de atitude positiva e heróica, não se importando o biógrafo em ser um autor onisciente nem nesses momentos. E como, segundo Antonio Calado, a *Crónica* é pioneira na figuração de um herói nacional,³⁰⁶ o autor teria achado por bem destacar sua característica mais apreciável para um leitor da época: uma fé demonstrada em batalhas. É mister expor o comentário de Zurara sobre esse posicionamento privilegiado dos heróis nas crônicas, convenientemente exaltados pelo *tom* que mencionamos há pouco com base em Maingueneau:

Ca sem embargo de se em em todollos regnos fazerem geeraaes crónicas dos rex delles, nom se leixa porem de screver apartadamente os feitos dalguus seus vassallos, quando o grandor delles he assy notável de que se com razom deve fazer apartada scriptura; assy como se fez em França do duc Joham senhor de Lançam e em Castella dos feitos do Cide Ruy Diaz, e ainda no nosso regno dos do conde Nunalvarez Pereira. (ZURARA apud Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, Introdução, LVII).

Quanto ao Nun'Álvares, não há dúvida que é considerado como um grande herói, na medida que tal concepção orienta o *discurso* da *Crónica*, destacando

³⁰⁶ “Com a edição da *Coronica do Condestabre* Germão Galharde situava-se num terreno pisado muito raramente na época: a biografia de um herói nacional com uma forte componente de história também estritamente nacional — e em língua portuguesa (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, *Introdução*, XXVI).

ações ao invés de introspecções que porventura teriam entre uma luta e outra ou durante a batalha, suas motivações, anseios, angústias etc. Para o seu biógrafo, de fato, são mais dignas de nota as obras que põem o retratado ao lado dos maiores combatentes da história, símbolo máximo de entrega renunciada ao serviço da guerra. E a aceitação desta imagem construída já fora uma realidade, segundo Calado, numa atitude inédita no seu tempo. O Condestável fora honrado com um funeral que remetia aos seus grandes serviços prestados em nome da pátria, prestigiado inclusive por um grande número de pessoas, sendo esta uma evidencia interna da veneração recebida pelo cavaleiro ainda na obra que lhe retrata:

El-rey e o iffante lhe mandarom fazer suas exéquias muy honrradamente, como em Espanha se nom fez a homem de seu estado, ao qual comprimento, per mandado del'rey e do iffante, vierom muyta gente e crerizia. Praza a Deos que em seu regno lhe dê gloria e honrra tanta como em este mundo lhe foy feita (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 197).

Calado ratifica a importância do Condestável para seu povo na sua versão da *Crónica*:

A figura de Nun'Álvares não precisou da perspectiva do tempo para ganhar estatura. A sua vida foi suficientemente vibrante para impressionar fortemente os seus contemporâneos, o que explica que por ocasião da sua morte lhe tenham feito tão grandiosas exéquias como nunca se viram a homem da sua condição em toda a Península (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, CXX).

O comentário laudatório abaixo de Mendes dos Remédios, um dos responsáveis por uma das edições da *Crónica*, representa bem tal sentimento de enaltecimento ao Nuno:

O autor da Chronica do Condestavel nunca se detem para em quaisquer invocações ou críticas chamar a atenção do leitor, surprehendê-lo no desvendar d'um assumpto, encarecer-lhe o grandioso e épico de um facto, salteá-lo com uma surpresa, provoca-lo á sympatia do seu heroe, inspirar-lhe o ódio dos seus inimigos (Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira, 1911, Prefácio, XI).

Outras composições baseadas na *Crónica* também o reconhecem como herói, operação que certamente ajudou a fazer do personagem merecedor de muitas

homenagens em seu país.³⁰⁷ O inaugurador da formação da imagem do Santo Condestável mais importante, depois da própria *Crónica do Condestabre* é sem dúvida Fernão Lopes, que na sua *Crónica de D. João I*, dedica especial e particular louvor ao cavaleiro. O cronista lusitano mais célebre lança os alicerces da adoração que o Nuno iria receber de seu povo pelos séculos que viriam até hoje, com sua narrativa entusiástica e panegírica do homem. O trecho abaixo pode representar a consideração de Lopes ao falar do guerreiro português a cavalo:

Como a estrela da manhã foi claro em sua geeraçom, sendo de honesta vida e honrosos feitos, no qual parecia que reluziam os avisados costumes dos antigos e grandes barões. Seus geitos e defesa na guerra mostravam tal autoridade que neuũ era ousado, andando em sua companhia, d'empeecer de guisa que uũ se disponha a cumprir todos os seus preceitos, nem lhe convinha de os quebrantar por cousa que aviinr podesse; no qual porém sempre morava ã discreta mansidom, que é ama dos boõs costumes (LOPES, 1977, cap. 193).

O “vate lusitano” e “Príncipe dos Poetas”, Luís de Camões, sintetizador da “alma portuguesa” no falar de Eduardo Loureiro, e fundador da “consciência de si próprio” desta nação, segundo Hélder Macedo, que foi nossa inspiração no mestrado³⁰⁸, tamanha sua influência política e ideológica, dedica estes versos e outros mais ao símbolo da resistência portuguesa em batalha representado por Nun’Álvares:

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Álvares; mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Àquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo. (CAMÕES, 1980, IV, 14)

³⁰⁷ É de grande extensão a listagem com todos os literatos que contribuíram para heroicidade de Nun’Álvares Pereira através dos tempos, o que exigiria uma pesquisa a parte. E, com certeza, já foi tema de uma vasta gama de especialistas o assunto, o que faz com que nos reservemos apenas a alguns exemplos que achamos bons e mais influentes representantes. Reconhecemos, no entanto, que a ideia de *cânon literário* precisa ser constantemente revista e questionada, para que haja maior riqueza no estudo da literatura portuguesa e universal.

³⁰⁸ NASCIMENTO, Robson Rafael de Oliveira. *As leituras de Os Lusíadas, de Luís de Camões, como instrumento político-ideológico no Brasil dos séculos XIX e XX* / Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj, 2016. 120 f.: il. Dissertação de Mestrado.

Na *Vida de D. Nuno Alvares Pereyra*, publicada em Lisboa em 1723, temos o trabalho biográfico do frei Domingos Teixeira, que o inicia com termos próprios das grandes epopeias formadoras do cânon ocidental:

Darey a ler a vida de Dom Nuno Alvares Pereyra, tratada já em repetidos volumes por homens tão grandes, que bastarão a deixar em invejas da fama, estímulo dos mais famosos Heroes, aquelle Varão excelente, que poucos igualarão, nenhum excedeo. (Estoria de Dom Nuno Alvez Pereira, 1991, Introdução, XVIII)

Mais adiante, Oliveira Martins dá prosseguimento a esta construção da figura heróica do Condestável na sua versão da biografia. Compara-o com o mítico D. Sebastião, o rei perdido de Alcácer Quibir, que foi cercado de contos lendários a ponto se criar o célebre mito do Sebastianismo. O jovem rei morto na batalha de 1578 seria “*um Nun'alvares posthumo*” (MARTINS, 1893, p. 7). E segue, fundamentado na constante comparação com o puro Galaaz, exaltando entusiasticamente o cavaleiro da independência conquistada em Aljubarrota, pondo nele todas as virtudes possíveis que só cabem a um verdadeiro santo possuir. O sentimento de sua paixão pelo seu país fazia com que nada pudesse desviá-lo. Os impulsos humanos jamais foram capazes de afastá-lo de seu intento maior. Tinha uma convicção profunda em servir ao seu Deus e à pátria:

Surgia, com effeito, uma éra nova para o mundo. para Portugal. Nun'alvares, sem duvida alguma, foi o nosso Messias. Remiu-nos a um tempo do peccado antigo da inconsciencia, definindo claramente o destino piedoso e heroico da vida, sobre o passado de inconsciencia bravia (...). Nem mulher, nem vaidade, as duas raizes mais fundas da acção humana, podiam dominal-o, porque estava fadado para um voto de santidade superior, holocausto absoluto á pátria, transformando-a em ádito do ceu... (Estoria de Dom Nuno Alvez Pereira, 1991, p. 15, 83)

Num último momento de veneração ao cavaleiro português, sentimento adotado pelos seus compatriotas até os dias de hoje, devido às muitas homenagens feitas em Portugal ao Condestável, Martins declara que

nunca a especie humana produziu exemplar mais bello da alliança do heroismo e da santidade: nunca, portanto, os homens viram de tal forma enlaçadas as duas agulhas culminantes que da terra sobem a penetrar nos ceus... (...). Invertia-se-lhe claramente no espirito a ordem natural das coisas: real era o eco, ficção a realidade. A remota imagem de Galaaz, por onde primeiro afeiçoara a sua, subtilisava-se; e o cavalleiro heroe tomava

uma phisionomia archangelicamente indefinida (MARTINS, 1893, p. 305, 310).

Fernando Pessoa complementa notavelmente com seu poema *Mensagem* a imagem que se fez do Condestável como cavaleiro exemplar e fonte de toda a inspiração no que diz respeito à fé, coragem, disposição para o combate e renúncia por motivação patriótica e cristã. Posto na “Coroa” em seu simbolismo místico, Nun’Álvares Pereira representa aquele que foi fundamental no estabelecimento da dinastia de Avis, a “Ínclita Geração”, e considerada a mais gloriosa da monarquia portuguesa. Daí a homenagem do poeta a estes reis e ao santo cavaleiro, alçando-o à posição de “coroa” na sua obra prima, cuja conveniência de ser representada aqui é muitíssima:

IV. A COROA

NUN'ÁLVARES PEREIRA

Que auréola te cerca?
É a espada que, volteando.
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Artur te deu.

'Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver! (PESSOA, 2020, p. 43)

Temos que a biografia *Nada a perder* também apresenta em muita medida o bispo Edir Macedo como um herói e seus cavaleiros, representando assim a longínqua tradição cronística ocidental. Lemos seus pastores como guerreiros destemidos bem como a Igreja Universal como um grande exército que cumpre melhor a tarefa dada por Deus de pregar a libertação e cura no mundo. É uma organização (a única) que entendeu o propósito divino da salvação e que tem o Evangelho correto, em detrimento das demais, anteriores e contemporâneas. A guerra santa, *ideologia* possivelmente unificadora da duas obras, é um produto desta concepção, de que a IURD se insurge como uma igreja superior com a única mensagem e leitura bíblica capaz de libertar as pessoas do diabo. Convém,

portanto, que se combata a “teologia” para a fazer predominar os seus próprios ensinamentos.³⁰⁹

Voltando à heroicidade coletiva contida no *Nada a perder*, nota-se o prestígio dado aos pastores e ao próprio Edir Macedo. Há sistemático esforço do autor para elevar os líderes formados na IURD como homens diferenciados, possuidores daquelas virtudes mais desejáveis num santo ou até mesmo num soldado, cavaleiro por assim dizer. Seriam o “verdadeiros portugueses” da *Crónica do Condestabre* na reprodução de sua *ideologia*, conforme os pressupostos da Análise de Discurso Francesa que pontuamos. No *Livro 1*, são comparados com o profeta João Batista, do qual falou Jesus, que fora batizado por ele, que “entre os nascidos de mulher ninguém lhe era maior” (*Evangelho de S. Lucas, VII, 28*):

Esta é a vida do pastor da Igreja Universal. Como João Batista, habitante solitário do deserto, que se alimentava de gafanhotos e mel silvestre, e não tinha nada. Ou melhor, nada e tudo ao mesmo tempo, porque mantinha-se fiel a Deus, pregando arrependimento e preparando a chegada do Senhor Jesus, salvador dos homens. Assim conduzo meu dia a dia: “preso” na Igreja a serviço integral do nosso Deus (MACEDO, 2012, p. 226).

Ressaltam-lhes também a virtude da coragem no serviço, o desprendimento e a ousadia. Diz-se que são capazes de irem aos lugares mais inóspitos e longínquos de outros continentes para cumprirem seu ministério. São despegados de bens materiais também como os santos hagiográficos medievais, sendo exaltados como muito dignos de admiração pelo que são capazes de fazer positiva e negativamente pela causa do Evangelho:

Os pastores da Igreja Universal não são os donos da verdade, mas o sacrifício de vida que oferecem no altar não é comparável em nenhuma outra instituição. Vivem sem eira nem beira. Um dia acordam no interior da África e, no outro, dormem nos vilarejos ribeirinhos da Amazônia. Levam apenas a mulher, os filhos, quando os possuem, e uma mala. Mais nada. (MACEDO, 2013, p. 46)

³⁰⁹ O bispo, para preservar a sua condição de controlador da doutrina de sua igreja e consequentemente evitar cismas ou discussões teológicas nela critica o acúmulo de conhecimento fora dos limites de sua denominação neopentecostal. Não permite que seus pastores se apresentem com um ensinamento fora do preconizado por ele: “Não estamos falando do conhecimento ou da sabedoria, mas das normas, dos preceitos e dos dogmas doutrinários que são nocivos à fé e à comunhão entre os cristãos e, infelizmente isso é TEOLOGIA” (MACEDO, 1993. p. 21). E na sua hagiografia *Nada a perder* diz que “Hoje, o que mais existe no Brasil e no exterior são pastores formados em universidades renomadas, mas ignorantes na fé. Cheios de conhecimento, mas vazios do Espírito Santo, completamente ociosos da verdadeira crença que transforma os angustiados” (*Idem*, 2013, p. 46).

O pastor da Universal não conhece limites. O pastor não tem horário, não tem férias e quase não tem folgas. O pastor não se envergonha de não saber falar um novo idioma. O pastor aplica todas as suas forças tanto para fazer uma reunião para cinco pessoas como para pregar numa concentração de milhares. (MACEDO, 2014, p. 84)

Usa o termo “soldado” para se referir a certo pastor que morreu defendendo o dinheiro das ofertas. De nome Júlio Cezar Gomes, 23 anos, glorifica-o dizendo que o jovem foi assassinado pelo criminoso para proteger o “sangue da Igreja”, que, no texto integral, grafa com a maiúscula, para enfatizar a superioridade da instituição a ser protegida e no decorrer do texto emprega intenso vernáculo relacionado à guerra, como “causa”, “baixa”, “soldado”, “exército”, “batalhão” e “direção”.

Em uma reação inesperada, o pastor Júlio protegeu a maleta. O ladrão não pensou duas vezes e atirou. O pastor respirou por mais alguns momentos e desfaleceu. Ele chegou a ser socorrido com vida, mas morreu no hospital. Morreu praticamente abraçado às ofertas e aos dízimos do povo. O sangue do pastor foi derramado para proteger o sangue da Igreja. (...) Minhas palavras foram diretas com Deus: – Meu Senhor, hoje tivemos uma baixa. Um soldado do nosso exército se foi. Que o sangue dele se multiplique em outras milhares de vidas. Milhares de homens de Deus, em todo o mundo, para pregar a Tua Palavra! (MACEDO, 2013, p. 41).

Mesmo convivendo em países onde foi destacado imperar a violência, como em Angola, um deles resistiu à ordem do bispo comandante para continuar seu trabalho lá. Seu entusiasmo pela evangelização foi maior do que o risco de morrer:

— Volte para o Brasil, rapaz! Esse lugar está cada vez mais perigoso — falei, preocupado, ao receber um tele- fonema desse pastor para contar a trágica situação.
— Eu vou ficar aqui, bispo — ele me respondeu, decidido (MACEDO, 2014, p. 76).

Abrem mão até mesmo de prestar a última homenagem aos seus entes queridos mortos, uma vez que colocam a missão em primeiro lugar em suas vidas:

Muitos pastores sequer tiveram a oportunidade de enterrar seus próprios pais em meio a essa batalha espiritual. Eu fui um deles. Em 27 de janeiro de 1987, não pude ir à cidade mineira de Juiz de Fora sepultar meu velho pai, Henrique Francisco Bezerra, porque estava com um processo de documentação em andamento, vital para minha pregação nos Estados Unidos. (...) Mesmo com o aval da Igreja, outros pastores e bispos também não conseguiram dar um último adeus a sua mãe, a seu pai ou a outro familiar querido, porque estavam longe, dedicando a vida à Palavra de Deus. Isso não é insensibilidade ou falta de amor à família, mas a absoluta entrega da própria vida em sacrifício no altar. Antes de criticar um pastor da Universal, pense nisso (MACEDO, 2014, p. 76).

A caridade e espírito evangelístico é outro destaque feito por Macedo de seus “cavaleiros contemporâneos”. O vício no crack, drama vivido lamentavelmente por muitos jovens das grandes cidades brasileiras, foi contraído por um rapaz de 19 anos, não identificado, filho de um empresário do Sul do Brasil, também desconhecido. Depois de se arriscar indo à favela, também não especificada, para buscar o enfermo garoto, que já estava sendo ameaçado por traficantes, teve a boa notícia de que seu filho tinha conhecido um pastor da IURD. O ministro, sem qualquer preconceito, se aproximou, ouviu e levou ao garoto uma palavra e o convenceu a largar a dependência química. Foi uma prova da simpatia e amor de um líder da Igreja Universal em sua evidência interna:

De repente, um pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, também da mesma idade, passou a conviver com o jovem viciado e ajudar na sua recuperação. Passava horas ao seu lado, ouvia suas dores nas crises de abstinência, abraçava o rapaz e chorava com ele, transmitia a fé capaz de vencer o vício. (...) O jovem viciado largou o crack, voltou a estudar e hoje, casado e empresário ao lado do pai, se tornou um homem de bem, plenamente recuperado (MACEDO, 2014, p. 11, 12).

Assim como os “verdadeiros portugueses” da *Crónica*, também pressupõe-se os “falsos”. Maniqueisticamente, há de se esperar o apontamento dos maus obreiros, para evidentemente contrastar-se como os tidos como modelares. Alguns são acusados até de estarem endemoniados por serem insubmissos, desleais e covardes, características consideradas intoleráveis no modelo hierárquico da igreja neopentecostal:

Hoje em dia, muitos pastores têm abandonado a Igreja Universal cheios de ódio e com espírito de vingança. Tiram as mãos do arado semeando críticas ferozes e maldosas, ataques covardes, baixarias, grosserias sem a mínima demonstração de respeito e gratidão. (...). Curioso é que se trata de um comportamento exatamente igual ao observado nos espíritos incorporados quando expulsos das vidas que escravizam. (MACEDO, 2012, p. 158)

Os crentes sempre tiveram medo dos demônios. Os pastores fugiam do assunto. Não havia sequer uma igreja evangélica capaz de comprar a briga de milhões de brasileiros perdidos nas trevas. Isso me incomodava, sacudia meu interior. (MACEDO, 2013, p. 53)

Heterodoxia é outro traço dos maus sacerdotes pontuado no *Nada a perder*.³¹⁰ Foi, inclusive, a causa do rompimento com R. R. Soares que deu origem à criação da Igreja Internacional da Graça de Deus. Os dissidentes são comparados bíblicamente a vinho velho que azeda o novo:

A liderança de Soares e, principalmente, sua administração espiritual estavam sob questionamento. Primeiro porque convidou diversos pastores de outras denominações para comporem o quadro de pregadores da Igreja Universal. Isso contrariava meus princípios de fé. A mistura com o vinho velho azeda o novo. Os tais “pastores importados” traziam consigo uma fé viciada em costumes impróprios à fé inteligente. Não deu certo, claro (MACEDO, 2013, p. 211).

A leitura da Bíblia é encorajada pelo bispo, mas não estimula seus líderes a interpretá-la livremente. Como lemos no trecho acima, a IURD experimentou seminários paralelos no início mas, segundo Freston, “a formação não era apropriada para atender os tipos sociais que atraía” (FRESTON, 1993, p. 102). Como solução, criou o Instituto Bíblico Universal cujo curso teológico para o ministério pastoral é “por convite, não tem duração fixa e frisa aspectos práticos” (FRESTON,

³¹⁰ Há na *Crónica* alguns episódios que mostram o conservadorismo ortodoxo do Condestável, o que seria mais um traço de *ideologia* em comum entre as duas obras que analisamos. Crendices e superstições do povo eram rechaçadas pelo herói católico, que zela unicamente pela doutrina de sua Igreja. Ao ouvir um sonho de um escudeiro, sobre uma batalha que seria perdida em mar, o Nuno ignorou o presságio e partiu para o confronto: “*E Nun’Alvrez lhe respondeo que elle ficasse com seu sonho e nom no quis levar, e o escudeyro ficou e Nun’Alvrez embarcou e se meteo nos batees e atravessou pella frota del’rey de Castella*” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 89). Sua repulsa por crendices populares esteve também quando uma haste que suportava uma bandeira quebrou enquanto rumavam para mais uma batalha contra os espanhóis. Isto também foi entendido como um mal agouro e foi da mesma maneira ignorado pelo cavaleiro: “*E elle nom curou de cousa que disessem, mas mandou poer a bandeira em outra aste e foy seu caminho*” (*Ibidem*, p. 93). Em outro momento, certo animal de carga saiu correndo com uma cama e, ao passar pelas pessoas, caiu morto perto de onde estava Nun’Álvares. O povo, então, entendeu que era uma espécie de sinal de aviso, mas ele desprezou mais uma vez o fato supostamente miraculoso. Seguiu seu caminho previsto colocando a cama em outro animal: “*E disserom esto ao conde estabre, dizendo lhe que, por tal sinal, nom era bem hiir adiante, e que se tornasse, e elle nom curou daquello nada e mandou que posessem a cama em outra besta e se fossem apos elle*” (*Ibidem*, p. 101). Mesmo que neste episódio tivesse a fala de um espírito maligno através de um homem, que matou o animal, dizendo que a derrota dos portugueses era inevitável, o que assustava as pessoas ali presente, o Condestável manteve-se firme e tranquilo em seu propósito e fé: “*E aveo esse dia, assy, que, à porta honde a azemella morrera, o espirito maligno tomou hy hum homem e fallou delle muytas cousas, antre as quaes disse que elle matara aquella azemella, cuydando que polia morte delia o conde estabre nom fosse adiante, honde avia de fazer muytas boas cousas e que elle tal espirito de gram fe levava consigo que o nom quis fazer nem se tornou nem torvou nêhuía cousa, e que era rependido do que fezera, poys nom aproveytara seu desejo. E todavia o conde estabre chegou a Leça e hy dormio essa noyte seguinte e em outro dia partyo de Leça*” (*Ibidem*, p. 102). O que faria Edir Macedo numa situação dessas, de confronto com um espírito maligno?

1993, p. 102). É perceptível, portanto, que Macedo deseja controlar sua denominação, zelando pela formação de seus pastores para que não haja divisões.

Critica os pastores que menosprezam os “símbolos sagrados” da fé cristã, assim como os castelhanos no episódio dos cavalos na igreja, que destacamos anteriormente. Para seu propósito de construir um templo grandioso que demonstre a força da sua denominação o bispo resolve erguer o edifício religioso³¹¹, e o que o motiva é a irreverência dos outros segmentos evangélicos quanto ao assunto e sua respectiva correção. Pretende resgatar a “santidade do cristianismo perdida” com a má instrumentalidade das demais igrejas:

Os símbolos da fé são tratados com irrelevância. Os próprios pastores tratam seus templos como um edifício comercial, sem nenhum cuidado com os preceitos bíblicos. A minoria consegue compreender o aspecto sagrado que significa o espaço da Igreja. Poucos têm a capacidade de assimilar a fundo a definição de “a Casa de Deus”. Talvez essa tenha sido uma das maiores conquistas da abertura do novo Templo de Salomão O resgate da consciência da santidade ao Deus da Bíblia (MACEDO, 2014, p. 217).

Quanto à auto-glorificação verificada no *discurso* do bispo, temos evidências que também ratificam uma heroicidade, uma nobreza de caráter que o faz se sacrificar para ajudar os mais necessitados. O bispo tem vontade firme para pregar o evangelho:

Eu me entregaria como nunca, mesmo se nenhuma Igreja ou pastor acreditasse na minha garra em servir a Deus, Eu pagaria o preço que fosse para me doar à causa dos menos favorecidos e rejeitados (MACEDO, 2012, p. 164).

E tal operação discursiva suscita, a exemplo das hagiografias medievais, desejo de imitação e veneração, que o próprio Macedo admite usar: A minha vida é um exemplo real desse simplório e revolucionário conceito de sucesso” (MACEDO, 2012, p. 226). E conforme o pesquisador Leonildo Campos:

³¹¹ Edificar igrejas e mosteiros como ato de louvor e reverência era habitual para o Condestável: “Fez certas ygrejas aa sua propia despesa, convém a saber, a ygreja de Sancta Maria e de Sam Jorge, que elle fez honde foy a batalha rreal, naquelle lugar honde a sua bandeira esteve, e o mosteiro de Sancta Maria do Carmo de Lixbõa, de que ja encima esta estoria faz mençom. E fez mais a ygreja de Sancta Maria de Villa Viçosa e a ygreja de Sancta Maria de Monsaraz e a ygreja de Sancta Maria de Portell e a ygreja de Sancta Maria de Sousel. E acabou a ygreja de Sancta Maria dos Martes d*Estremoz, a quall el’rey dom Fernando começou, e ficou a mayor parte delia por fazer. E fez a capella do mosteiro de Sancto Agostinho de Villa Viçosa e outras muytas obras meritórias (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 198).

Para os *iurdianos* (*itálico do autor*), Edir Macedo é o pastor modelar, um homem que tem intimidade com Deus, ágil, empresário de sucesso e perseguido, a exemplo de Cristo, até preso. (...). Ele é alguém que “saiu do nada”, conseguiu “muita coisa” na vida” e hoje, “humildemente”, se dedica à pregação do evangelho. (CAMPOS, 1997, p. 388)

Macedo compara a si mesmo com Cristo, no sentido de ser recluso em alguns momentos para ouvir melhor a Deus. Mesmo nos dias em que passou preso, busca transparecer serenidade e controle da situação, podendo realmente ser comparado aos santos retratados por Jacopo de Varazze para ser referência de fé resignada e paciente:

É meu momento com Deus. Jesus “se retirava” para o deserto para orar. Ninguém o acompanhava, ele seguia só para viver sua intimidade de Espírito. Era o alimento de sua alma. Sigo esse exemplo (...). Ali, na solidão do quarto, eu meditava nos textos sagrados e orava por horas seguidas. Cheguei a ler a Bíblia inteira, de ponta a ponta. (MACEDO, 2012, p. 11, 109, *grifo do autor*)

Sua renúncia para obedecer ao chamado divino lhe requereu o tempo de dedicação à família. Quis mostrar abrir mão de momentos agradáveis para seguir em frente em sua jornada missionária, nos mesmos moldes que os profetas, apóstolos bíblicos e santos medievais. Aos seus olhos, era mesmo um escolhido de Deus que precisava escolher cumprir suas ordenanças:

Os primeiros anos de dedicação irrestrita à Igreja consumiram praticamente todo o meu tempo de convivência com a minha família. Esse foi um dos preços pagos por entregar meu presente e meu futuro no altar. Eu confesso: quase não vi minhas duas filhas amadas crescerem. O meu envolvimento com o socorro das almas foi tão grande que me obrigou a renunciar as horas de lazer ao lado das minhas meninas. (MACEDO, 2013, p. 64)

Por fim, a análise da santidade auto-afirmada do bispo se faz numa peregrinação, bem ao gosto e costume da Idade Média, quando centenas rumavam a um local onde se encontrava alguma relíquia sagrada para alcançar bênçãos, como o próprio Nun'Álvares Pereira fez, quando seguiu em romaria à Igreja de Santa Maria do Assumar, descalço, e onde aconteceu o caso da falta de reverência dos castelhanos. Outras romarias foram feitas pelo Condestável para exercer sua fé,

que tão fervorosamente ostentava em sua carreira de cavaleiro.³¹² Macedo, na *paráfrase e esquecimento*,³¹³ da professora Orlandi, reproduz o mesmo ideal cavaleiresco de santidade e devoção do herói português de Aljubarrota, empreendendo uma viagem para maior aproximação a Deus. Segue para a Terra Santa e lá se descobre mais vocacionado para a missão de pregar a libertação e cura das pessoas. Ao subir no Monte Sinai, Egito, onde Moisés teria recebido as tábuas com os dez mandamentos, o bispo e sua romaria enfrentam vários perigos e onde se dá um tom épico à narrativa. Ocorrem alguns ferimentos e desmaios, mas nada que impedisse prosseguir na empreitada:

A subida foi estafante. Mais de quatro horas de caminhada em terreno íngreme e forrado de pedras. Em certo trecho da subida, tropecei e rasguei minha perna, que sangrou na hora. Não desistimos de chegar até o topo. A temperatura era outro obstáculo. De dia, calor causticante e, de noite, o frio rigoroso de bater os dentes. A sensação térmica tornava a madrugada ainda mais gelada. O chão úmido do monte impedia o sono prolongado (MACEDO, 2013, p. 79).

Os peregrinos, liderados pelo bispo neopentecostal, passam quase fome em situações insalubres e hostis de tempo. Relata que enfrentou sol escaldante e tempestade de chuva e neve, além dos riscos de tombo grave de camelos. Sua filha Cristiane Cardoso passou mal devido ao excesso de esforço na subida a pé e ele próprio bateu com a cabeça, numa ocasião em que foi acometido de hipoglicemia, além de desfalecer em outra. Ao ser-lhe dado um pedaço de chocolate para comer, restabeleceu a consciência para seguir em frente. Quis explicitar que sua convicção era maior do que as dificuldades. A romaria da IURD percorria todos os lugares sagrados para o cristianismo com o objetivo da santificação e o culto. Queria mesmo o bispo que Deus falasse como ele, assim como pretendia D. Nun'Álvares Pereira no seu tempo:

A cada lugar visitado, percebo o próprio Deus falando algo especial ao meu interior. O Monte Moriá, o Muro das Lamentações, a Fonte de Gideão, o Jardim das Oliveiras, o Rio Jordão, o Cenáculo, o Santo Sepulcro (MACEDO, 2013, p. 79).

³¹² “*El'rey esteve ally, honde a batalha foy, tres dias e, ao terceyro dia, se foy o conde em romaria a Sancta Maria de Çeiça d'Ourem tomou logo posse do lugar d'Ourem, de que lhe el'rey fezera merçe e doaçom*” (*Estoria de Dom Nuno Alvez Pereira*, 1991, p. 120).

³¹³ “Por esse esquecimento (ideológico), temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade retomamos sentidos existentes” (ORLANDI, 2005, p. 35).

Nessas viagens santas, Macedo realizou muitos rituais que o teriam abençoado assim como a milhares. No Monte Hermom, outro lugar sagrado para os cristãos, na fronteira entre o Líbano e a Síria, o bispo, após declarar-se inocente das acusações que sofria, invoca o Espírito Santo do modo pentecostal corriqueiro, com muito fervor e energia, sobre os seus fiéis, através de uma transmissão ao vivo pela TV. Enquanto fazia a prece, pássaros raros sobrevoaram o local de culto, que Macedo dá a entender como um milagre, visto que, segundo o religioso, aquela espécie de aves não passava por ali. Disse ainda que muitas pessoas informaram no seu blog outros milagres recebidos ao assistirem a oração. E sobre a simbologia de suas práticas, compra 40 litros de azeite árabe para abençoar e levar ao Brasil no intuito de usá-lo em suas unções, costume de sua igreja que confere cura ao fiel, e inaugura o famoso ritual da “fogueira santa de Israel”, ao pegar os papéis dos seus inquéritos criminais para lançá-los às chamas no icônico Monte Sinai:

No alto do monte, ao lado dos meus companheiros, estendi os processos para o alto e clamei o livramento. Suplicamos justiça. Era preciso decidir situações drásticas. E Deus nos honrou. Um a um, pouco a pouco, todos os processos e inquéritos criminais foram vencidos. Segundo o Judiciário brasileiro, a maioria por inocência ou arquivado por falta de provas. A resposta veio do Monte Sagrado (MACEDO, 2013, p. 81).

Como foi exposto, as duas obras guardam muitos alinhamentos, que a Análise de Discurso de orientação francesa valoriza como *ideologia*, recuperando uma tradição antiga da cronística ocidental, que enfoca: exaltação do poder régio e sua autoridade divina, atribuição de certas ações a deuses e glorificação de heróis coletivos ou individuais. Desejamos, neste último tópico, aprofundar mais a *ideologia* da guerra santa que é transmitida na *Crónica do Condestabre* e em *Nada a perder*, para fins de conclusão desta Tese.

4.5 Nun'Álvares Pereira e Edir Macedo, cavaleiros defensores da cristandade

Apesar de terem como modelo um ideal que originariamente preconizava o amor e a paz, os protagonistas das histórias que estudamos elegem o confronto como *modos operandi* de suas ações e *ideologia*. Embora reclusos e pacatos num primeiro momento, porque a violência desmedida e sem razão é algo condenável em todas as culturas e épocas, lançam-se às armas, devidamente justificados por uma

teologia cristã adaptada, para atacar seu adversário ³¹⁴. Salvaguardando, obviamente, as diferenças contextuais entre o Condestável e o bispo da IURD, pois o cavaleiro medieval combatia literalmente com espadas seus inimigos, provocando destruição e morte para defender sua fé, e o religioso contemporâneo disferia seus ataques apenas nos discursos, pelo menos até esse momento presente da história, ambos demonstram intensa repulsa contra seus assim eleitos opositores. E tais figuras são identificadas com o não cristão, heterodoxo ou apóstata da fé, devendo-se a todo o custo combatê-los para aniquilá-los, ainda que metaforicamente ou não, no caso dos cavaleiros. O que pensamos, portanto, na *Crónica* e no *Nada a perder* é, entre outras coisas, um possível louvor ao empenho na guerra cujo inimigo ameaça a pureza da fé ortodoxa, revelada pela igreja única verdadeira (Católica para o Nun'Álvares e Universal para Edir Macedo). Os *infiéis*, desse modo, passam a ser uma identidade, um comportamento que pode ser encarnado em diversos caracteres ao longo da história que, na hagiografia contemporânea que examinamos, é o adepto da religião de matriz africana, o clero romano e até mesmo os protestantes de outras igrejas históricas e pentecostais.

O Condestável se mostrou avesso não apenas aos mouros, como também aos castelhanos, cismáticos de Roma e portanto inimigos da fé adequada, ³¹⁵ e aos “*maos portugueses*”, que se ajuntaram aos primeiros para tomar Portugal, retratados como covardes em muitos momentos. Sua guerra, destarte, era contra todos os contrários ao catolicismo, que entendia como correto, apostólico. No movimento *discursivo*, embora guarde peculiaridades que o distinguem, o *Nada a perder* apresenta seu protagonista com a mesma garra para lutar contra os adversários, na alta convicção de que porta a luz do conhecimento único e de que os demais precisam ser anulados, convertidos de seus maus caminhos e de sua crença original, que é obra do diabo.

³¹⁴ “...porque o bom e experimentado cavaleiro sabe que a valentia deve usar-se a proposito e com justo fim” (*Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*, 1972, p. 186).

³¹⁵ Os divisores da Igreja são julgados de maneira negativa, como no caso de certo aldeão, rico e caridoso, que, por conviver com castelhanos, foi acusado de ser um “mau português”. A discriminação fez com que um escudeiro lusitano se achasse no direito de tomar seus bens e prendê-lo, tendo, depois, sido dissuadido deste objetivo cruel: “*Este alfageme era caudeloso e beadante, e era muy chegado e liado com os castellãos emquanto em Santarém estiverom, asy como de nom ser português. E tanto era com elles emborilhado que lhe chamavam çismatico, como naquelle tempo chamavam aos maos portugueses*” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, p. 122).

Está-se numa atmosfera de guerra nas duas obras, indicando claramente que os protagonistas se propõem a lutar pelas suas religiões, não obstante cada um com seus métodos. O combate é real contra os inimigos dos cristãos, que precisam ser vencidos por meio da ofensiva, verbal ou armígera, abrindo-se mão de todo amor e pacifismo evangélico para uma estratégia mais belicista. Na *Crónica*, se lutava com verdadeira força letal e exército devastador e no *Nada a perder* com uma retórica popularesca, inflamada e maniqueísta, no propósito de aproximar outras religiões ao demoníaco e perverso. Calado aponta as características de uma escrita já voltada para o destaque da guerra que glorifica ações de caridade e ajuda:

O que temos, pois, na *Estória*, apesar de uma atitude religiosa que aflora bem viva em diversos pontos, é sobretudo uma narrativa de sucessivos feitos militares, de que emerge um retrato de Nun'Álvares bem adequado a um ambiente de guerra — precisamente aquele que a sobrevivência e a integridade da Pátria exigiu no espaço e no tempo (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, *Introdução*, CXVIII).

Em *Nada a perder*, o bispo seleciona como primeiro episódio a ser relatado sua prisão depois de um culto tranquilo em sua igreja. Logo depois, introduz seus primeiros inimigos como responsáveis pelo seu encarceramento: o Clero Romano³¹⁶ e setores que, segundo Macedo, são manipulados por este:

Era um tempo de ataques à Igreja Universal, a mim e a minha família. Desde que o trabalho começou a crescer, entramos na mira. O Clero Romano mandava e desmandava no Brasil, mais do que nos dias de hoje. Eram políticos de prestígio, empresários da elite econômica e social,

³¹⁶ Como seu “arsenal”, Macedo usará, nos ataques aos inimigos do seu cristianismo neopentecostal, sua literatura proselitista e doutrinária, dado seu grande conglomerado de mídia. Temos aqui um exemplo de sua hostilidade teológica contra a Igreja Católica, primeiro adversário apresentado no *Nada a perder*: “A carta à Igreja de Tiatira, no segundo capítulo, retrata a meretriz como sendo “Jezabel”, isto é, símbolo de tudo quanto fosse contrário a Deus. Hoje, no entanto, nós a consideramos como a Igreja Católica Romana. Se considerarmos a igreja romana, exclusivamente, como a de satanás, erraríamos, mas podemos, sem sombra de dúvida, considerá-la como a principal; como a mãe das demais meretrizes e das abominações da terra, haja vista a sua culpabilidade em ter negado aos povos da terra o conhecimento da Verdade que liberta, permitindo assim a grande procriação de outras tantas meretrizes espalhadas pelo mundo afora. (...). Cerca de 150 mil pessoas morreram sacrificadas, durante 30 anos de Inquisição. Todo aquele que, durante este período inquisitório, não professava a fé católica, ou de alguma forma a refutava, era julgado por um tribunal católico e condenado à morte pelo mesmo tribunal. Além disso, desde o princípio da “Ordem dos Jesuítas”, em 1540, supõe-se que 900 mil pessoas pereceram sob a crueldade papal. Não é de se admirar que quando o Senhor mostrou este quadro terrível ao apóstolo João, este ficasse pasmado “com grande espanto”. Como João poderia supor que aquela igreja tão perseguida pelos “neros” viesse um dia se tornar perseguidora implacável? Como poderia João entender que aquela igreja pela qual se morria, se sacrificava para não pecar contra o seu Senhor, agora os habitantes da terra são levados por ela ao pecado? (Ap. 18:3)” (MACEDO, 1993. p. 114, 115).

intelectuais, juízes, desembargadores e outras autoridades do Poder Judiciário que tomavam decisões sob a influência do alto comando católico (MACEDO, 2012, p. 13).

O tema da guerra já é determinado no início da trilogia e seguirá sendo uma marca da escrita. Há uma ideia de que todas as dificuldades passadas pelo narrador-personagem foram propiciadas pela sua vontade de pregar o evangelho, que não seria do interesse de certos grupos políticos ou religiosos. E tal conflito teria desencadeado as perseguições sofridas por ele. O santo hagiográfico neopentecostal diz penar por contradizer e incomodar certos poderes hegemônicos e desenvolve, por conseguinte, sua nova doutrina justamente baseada nos acoamentos e no embate contra os poderes do mal, encarnados, em certos caracteres da sociedade opostos à ortodoxia criada por Macedo. A nova denominação, surgida nos anos 70, tem em seus alicerces o ideal da guerra, a premissa de que foi o único ramo do cristianismo que realmente teve audácia e coragem para “enfrentar o diabo e seus anjos”. Tem certeza de que inaugurou a luta espiritual, que antes era ignorada ou não travada suficientemente pelos fieis até a criação da IURD:

Decidi que a Igreja Universal se levantaria contra o mal como nunca havia acontecido. Era preciso coragem, determinação e, acima de tudo, a condução do Espírito Santo. Eu havia sido chamado para isso. Não importa se me acusassem de promover lavagem cerebral ou indução de mentes. Esses espíritos são a fonte do mal e isso precisava ser anunciado de uma maneira escancarada, sem meias palavras (MACEDO, 2013, p. 53).

A fé católica e as demais cristãs estavam desviadas de seu compromisso com Deus, segundo o chefe da IURD. Estavam “inoperantes e sem comprometimentos” (MACEDO, 2012, p. 50), daí a “necessidade” de uma nova revelação da parte de Deus para o avanço do evangelho³¹⁷. Macedo parte do lugar de uma espécie de

³¹⁷ Macedo, no seu intuito de desmoralizar o catolicismo romano ainda menciona o delicado tema da pedofilia na instituição religiosa. Acusa-a de hipocrisia apontando-lhes os rituais, vestes, e a postura que deveriam passar santidade, mas, ao invés disso escandalizam com um crime tão abjeto. Ainda critica uma suposta leniência da Igreja Romana com os agentes dos abusos: “Ainda adolescente, nas visitas esporádicas que fazia às paróquias, passava minutos observando os padres à distância. Para mim, homens santos, puros, sem máculas. Representantes de Deus na terra. Balançavam o incensário, ordenavam o sacramento, passavam a hóstia. A batina branca, com correntes e crucifixo dourado pendurado no pescoço. Arcebispo, monsenhor, cardeal. Nomes pomposos, para mim, naquele tempo, sinônimos de pureza. Os anos seguintes, infelizmente, me provaram o contrário – e, claro, isso não é uma regra. Os crimes de pedofilia me produzem uma sensação asquerosa. Pior, talvez, é a maneira criminoso como alguns religiosos encobrem esses atos covardes” (*Ibidem*, p. 70).

messianismo³¹⁸, fenômeno, aliás, bem recorrente no cenário religioso brasileiro, acentuando a concepção da luta. A cena do Cristo massacrado, derrotado e enfraquecido não refletiria o general de guerra que idealizara para sua igreja cavaleiresca, que esmaga o inimigo debaixo de seus pés:

A imagem era chocante. Jesus Cristo, ensanguentado, dilacerado, cravado na cruz. Estava na cerimônia de adoração ao Senhor Morto, assim chamado pelo Clero Romano. (...) Cadê o Deus Todo-Poderoso, invencível nas batalhas? O Senhor da grandeza e da glória? (MACEDO, 2012, p. 69).

Um Deus forte nas batalhas também devia ser desejado por Nun'Álvares Pereira, ao fazer essa conclamação na revista de tropa de seus cavaleiros para o combate contra Castela:

E, todo esto feyto e concertado, começou d'andar pelas batalhas em cima de huã mulla, esforçando todollas jeentes com boas pallavras e gesto ledo, e dizendo a todos que lhes lembrassem bem, em seus corações, quatro cousas: a primeira, que se encomendassem a Deos e à Virgem Maria, sua madre, e o tevessem asy em suas vontades; e a segunda, que eram ally por servir seu senhor e acalçar honrra grande que a Deos prazeria de lhe dar; e a terceyra, como ally vinham por defender sy e suas casas e a terra que possuiam e se tirar da sujeição em que os el'rey de Castella queria poer; e a quarta, que sempre tevessem nos entendimentos de sofrer todo trabalho e d'aperfiar em pellejar nom huã hora, mais hũu dia todo e mais, se comprisse (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 67).

O cavaleiro anima seu pelotão para a luta em nome de Deus, que podia dar mais uma vitória sobre os “çismaticos” castelhanos, uma guerra santa, portanto. Mais adiante, outra guerra santa se travaria, mais difícil e numa terra distante. Tratar-se-ia do conflito armado mais famoso do Medieval, entre cristãos e os muçulmanos nas Cruzadas. Liderados por seu profeta Maomé, os muçulmanos levantaram entre os séculos VII e XI um vasto e duradouro império que se estendeu do noroeste da Índia, através da Ásia Central, Oriente Médio, África do Norte, Península Itálica Meridional e Península Ibérica, até os Pireneus. Como os impérios que lhes antecederam, os discípulos de Mohammad impuseram sobre os territórios tomados leis severas de manutenção do seu controle, que incluíam escravidão e tributação pesada, além da sufocação violenta a revoltas que

³¹⁸ Lembremos do caso célebre de Antônio Conselheiro e seu levante contra o exército da recém estabelecida República, em 1896, que é um dos primeiros movimentos chamados de “messianismo” no Brasil. Ao contrário do sucesso numérico e financeiro da IURD das últimas décadas, os liderados do Conselheiro foram derrotados e seu comandante morto nesta Guerra dos Canudos, história, aliás, brilhantemente contada por Euclides da Cunha n'Os Sertões, de 1902.

ameaçavam a unidade do Islã³¹⁹. E tais mecanismos asseguraram durante esses séculos um rígido controle sobre as terras possuídas. As campanhas de subjugo dos povos envolviam, como esperado de quaisquer guerras, irrupções, assaltos sorrateiros e grande morticínio de inocentes.³²⁰

O mundo cristão, representado pelos reinos da Europa Ocidental, reagiu através de guerras locais e através das Cruzadas, *ideologia* presente ainda no tempo de Nun'Álvares Pereira, dois séculos depois destes eventos nas campanhas realizadas ao Norte da África para tomar terras estratégicas dos islâmicos, no atual Marrocos. Os cavaleiros comandados pelos seus reis católicos desejaram expelir heróica e violentamente os “infiéis” da terra. O intento, aliado obviamente a pretensões econômicas, se materializa por meio de razias e morte sob uma bandeira cristã, cujo fundamento é originariamente de amor e paz. O *discurso* cruzadístico, portanto, permanece ainda bem vivo para inflamar os corações dos cavaleiros ávidos pela salvação obtida numa morte gloriosa em batalha e para servir de bandeira ideológica para recrutar homens que conquistem novos e lucrativos territórios.

O serviço militar, então, era de combate em nome de Deus, sob a perspectiva do cavaleiro, que fez o juramento de proteger acima de tudo a fé cristã por meio das armas:

O escudeiro, diante do altar, deve ajoelhar-se, e que levante seus olhos a Deus, corporais e espirituais, e suas mãos a Deus. E o cavaleiro deve cingir-lhe a espada, para significar castidade e justiça; e, como significado de caridade deve beijar seu escudeiro e dar-lhe uma bofetada para que se lembre disso que prometeu e do grande cargo a que se obriga e da grande honra que recebe pela ordem da cavalaria (LLULL, 2010, p. 73).

³¹⁹ “Ele (Maomé) expulsou e massacrou os judeus de Medina e confiscou suas terras. Posteriormente, em Khaybar e Fadak, adotou um outro método instituindo a categoria dos protegidos tributários; de fato o regime dos tributários só foi verdadeiramente organizado sob os califas” (MANTRAN, 1977, p. 84).

³²⁰ Apresentamos, no dia 9 de outubro de 2019 na Uerj a comunicação intitulada *Crônicas de defesa das expansões muçulmanas nos livros didáticos de ensino fundamental do Rio de Janeiro* por ocasião do Sapuerj 2019, em que debatemos a cronística medieval que ressurgue na pós-modernidade nos livros didáticos do 7º ano usados na rede municipal do Rio de Janeiro que inconscientemente (ou conscientemente?) atenua os danos causados pelo imperialismo islâmico dos séculos IX a XV. *Caderno de resumos do Sapuerj 2019*. Disponível em <<https://sapuerj2019.files.wordpress.com/2019/10/caderno-de-resumos-sapuerj-1.pdf>> Acesso em 09/02/2021.

Na *Crónica do Condestabre*, os cavaleiros capitaneados pelo Condestável entregam suas vidas pela causa contra os cismáticos e infiéis honrando seu voto sagrado. Nun'Álvares luta pelo seu Deus e o clama mesmo no meio da peleja, demonstrando bem qual é o motivo de seu sacrifício: ver sua fé triunfar sobre o que acha ser heresia e engano:

E quando ja hy chegou achou toda a jeente que hyam na avanguarda, que estavam assentados e com muy pouco esforço, do que lhe muyto pesou, e feze os logo todos levantar e correger em sua batalha como aviam de estar, e ele se pos em giolhos antre huas pedras a rezar e a louvar a Deos, como era seu costume. (...) A todas estas cousas o conde estabre nom respondya nem fazia nenhũa mudança, ante mostrava o mayor asessego do mundo e sem nenhũu cuydado, e todavia entento em rezar e louvar a Deos (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 132).

Sob a liderança do rei D. Duarte, vão travar esta batalha e outras contra os mouros, representantes maiores da dicotomia que se vivia naqueles tempos medievais. Era preciso combater o sarraceno, segundo pensavam, ameaça ainda bem presente na época da pós-Reconquista, visto que ergueram, na Alta Idade Média e Central, o maior império que o planeta já vira. Mais tarde poriam fim a esta Idade Média conquistando a retumbante Constantinopla em 1453, revelando-se ainda muito poderosos, inspirando receio nos reinos cristãos europeus.

Portugal resolve empreender uma invasão a Ceuta, e o fato é retratado na *Crónica* exclusivamente como uma luta contra o Islã. Era o “*serviço de Deos*”, ou seja, interpretava-se a guerra com um mandado do Alto, na profunda convicção nas próprias razões, crendo radicalmente de que o seu lado estava certo. Assim como servia a Deus no mosteiro, onde se recolhia ajudando os mais necessitados, decidiu fazê-lo novamente com a espada, como em toda a sua vida belicosa:

...apartou'se a servir Deos em estado de pobre em Sancta Maria do Carmo da cidade de Lixboa, que elle mandara fazer. E, estando ja per tempo no moesteyro em serviço de Deos, a el'rey veeo recado que rey de Tunez se viinha sobre Çepta com grande frota... (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 197).

Debates mais panorâmicos sobre as circunstâncias do confronto como causas e consequências para a população não recebem luzes na obra medieval, pois a incursão lusitana simplesmente era vista como o “*serviço de Deos*, remetendo novamente ao *Deus vult* dos tempos das Cruzadas:

Depoys da morte da condessa grande tempo, el'rey, por serviço de Deos e seu, hordenou de hiir tomar a çidade de Çepta, que he em Bellamarim, e mandou armar hũa muy grande frota qual nunca foy em Espanha (...). (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 193).

Era no que se acreditava, numa guerra santa onde o lado oposto persistia numa doutrina religiosa equivocada e que precisava ser controlada ou aniquilada, caso os sobreviventes insistissem nas suas crenças originais. Nun'Álvares Pereira era um homem intensamente devoto e cria desta maneira, que o cristianismo romano devia prevalecer, para o bem do mundo. Mesmo depois de velho, embarcou nas naus para seguir rumo a mais um combate perigoso, talvez o maior que enfrentara. De boa vontade e resolução firme, pôs a vida em risco para ver sua fé se sobrepor por meio das armas à ameaça de uma religião iníqua, segundo concebia:

O Condestável, quando pelo príncipe D. Duarte o soube, lembrando-se que era guerra santa contra os Infieis, e da grande afeição que sempre tivera ao Rei e a sua cada, mau grado aquele estado em que vivia, resolveu-se ir com eles (*Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*, 1972, p. 226).

O ataque ao importante entreposto comercial africano, em 1415, revelou-se exitoso para os portugueses, marcando, inclusive, o início das campanhas ultramarinas que dariam feições à nação até os dias de hoje. Com a missão cumprida, o Condestável enfim se permite ausentar das batalhas físicas, prosseguindo, contudo, nas espirituais, que, na verdade, considerava a mesma coisa. Nun'Álvares termina seus dias recluso no convento de Santa Maria do Carmo, em Lisboa, mas fazendo suas preces e muitas obras de caridade, o que considerava “*serviço de Deos*” também:

E este em seus dias rezava suas oras, levantandose continuamente a rezar aa meea noyte como hũu religioso, e esto emquanto no mundo viveo, e depois que se apartou a servir Deos, emquanto o fazer pôde. E jejuava tres dias na somana sempre emquanto foy em hydade que podia soportar, convém a saber, à quarta feyra e sesta e sábadado e todollas festas e dias que a Ygreja manda guardar, como fiell catholico. Era muy caritativo a todos, especialmente aos pobres (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 199).

Este, enfim, foi o celebrado D. Nun'Álvares Pereira, combatente pela causa que elegeu digna de sangue e morte. Há, na “*objectividade* e honestidade da

narrativa”,³²¹ a *ideologia* da guerra com a intenção de enaltecer o herói em plena ação ou fazendo algo relacionado a ela, como preces, decisões e estratégias.

Com possivelmente o mesmo *discurso*, chamado *parafrásico* e *autoritário*, segundo conceituação de Eli Orlandi, Edir Macedo elege seus “mouros” da contemporaneidade. São os adeptos das religiões de matriz africana sobre os quais se lançam “as naus portuguesas *iurdianas*” para acusá-los de adoradores do diabo e, portanto, combatê-los argumentativamente para tirá-los de cena. A operação, que não chama de “desrespeito à fé alheia”,³²² consiste no ataque verbal direto àquelas crenças que se iniciam com a afirmativa de que ele mesmo estava com demônios, antes de criar a IURD³²³, único lugar onde se pode retirá-los, segundo sua teologia. Citando seu livro mais controverso, *Orixás, caboclos e guias: Deuses ou demônios?*,³²⁴ afirma que a fé espírita é ineficiente, diabólica e enganosa, daí a falha em não salvar sua irmã Elcy, que sofria de bronquite asmática:

³²¹ Calado propõe que a *Crônica* apresenta uma escrita pouco preocupada com virtuosismos literários ou maiores detalhes visuais, que chama de “potencialidades linguísticas” dando mais valor à celeridade na apresentação dos fatos, uma vez que se trata de um louvor ao brio cavaleiresco na guerra, onde a ação e a estratégia objetiva é o que contam: “Esta negação para grandes voos literários é particularmente evidente na descrição da batalha de Aljubarrota, onde, sem, na verdade, faltar com os elementos essenciais (melhor diríamos esquemáticos) dos movimentos dos exércitos, os reduz ao mínimo que se poderia esperar. Quer isto dizer que, embora na posse de dados suficientes, o autor não soube tirar partido deles. Mas a narrativa nada perdeu em *objectividade* e em honestidade” (*Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira*, 1991, Introdução, CXXX).

³²² “Não se trata de desrespeito ou agressão à fé de uma religião ou de outra, mas do que necessita ser dito em nome da verdade. A verdade que liberta. Não a minha verdade, mas a verdade da Palavra de Deus” (MACEDO, 2012, p. 70).

³²³ *Idem*, 2012, p. 106.

³²⁴ “Nosso objetivo sempre foi o mesmo desde o início: guerrear contra o mal com todas as forças. O livro *Orixás, Caboclos e Guias* abriu os olhos de muita gente” (*Ibidem*, 2013, p. 141). O compêndio neopentecostal citado, alvo de ações judiciais que visavam proibir sua publicação, tem como intuito a própria essência da guerra santa retórica que criou: o ataque às religiões de matriz africanas e a outras similares, muito embora também critique ardorosamente as cristãs como a Católica Romana e protestantes históricas. “Neste livro, denuncia as manobras satânicas através do kardecismo, da umbanda, do camdomble e outras seitas similares; coloca a descoberto as verdadeiras intenções dos demônios que se fazem passar por orixás, exus eres e ensina a fórmula pata que a pessoa se liberte do demônio que a domina” (MACEDO, 2001, p. 7). Procura-se sistematizar as ações dos demônios classificando-os dentro da mitologia afro-brasileira, desmerecendo-os como deuses intercessores dos homens para alcinhá-los como seres malignos, que segundo o cristianismo, são os agentes do Mal a serviço de Lúcifer (p. 13-26). O autor reitera que o fiéis daquelas religiões estão enganados, precisam se libertar para o seu próprio bem, sua comida é amaldiçoada e que sua fé é o principal canal de demônios para o Brasil, cujo atraso econômico se deve a isto: “É aí que entra a umbanda, quimbanda, candomblé e as religiões e práticas espíritas de um modo geral, que são os principais canais de atuação dos demônios, principalmente em nossa pátria” (*Ibidem*, p. 30, 38, 40, 90). Nesta guerra todos os seres humanos estão envolvidos e a causa de doenças é o resultado da presença de espíritos malignos no mundo, o que exige tomada de posição: “Toda doença tem uma vida; isto é, algo que a faz aumentar e continuar a sobreviver. Se a pessoa sofre de ulceração na pele, essa doença é provocada por um germe que só é visto por intermédio do microscópio, mas o germe está vivo. Há uma força que o faz viver e essa força tem vida. É o espírito de enfermidade” (*Ibidem*, p. 54).

O espírito que está causando a doença se manifesta no médium que vai fazer a suposta cura ou a operação, ou então, entra em acordo com o outro espírito maligno que está no médium. Assim, se afasta e, mediante esse acordo, deixa a pessoa curada ou “melhor” (MACEDO, 2012, p. 76).

Contra o espiritismo, Macedo lançou várias investidas, o que caía nas graças do povo e fazia sua igreja prosperar muito. Criou a campanha “Corrente da mesa branca”, onde se esmerava em propagar cura, da mesma maneira da praticada por aqueles fiéis, mas “eficazmente”. Promovia embates discursivos constantes contra a religião usando como lema “O Deus da Igreja Universal vs o deus do dr. Fritz”, médium que fazia curas espirituais, segundo se divulgou, inclusive na mídia.

Com as bases de seu neopentecostalismo aguerrido e cavaleiresco prontas, o bispo parte para o confronto verbal mais incisivo usando, além dos cultos de libertação, programas de rádio em que acusava os líderes como babalorixás e mães-de-santo de propagar uma fé maligna e derrotada. Num caso específico, seu programa era transmitido logo depois de uma atração comandada por uma babalorixá de nome Ivete Brum. Macedo, com instinto combativo, aceitou rapidamente a proposta de ter um programa que sucedesse a outro de uma religião de matriz africana para investir contra ela. Pela intensa campanha maniqueísta que fez usando como alicerce a guerra espiritual, relata que sua igreja cresceu por consequência desta batalha:

E foi o que aconteceu. Passei a falar a verdade sobre o papel dos espíritos, a exibir histórias reais e impressionantes de vidas transformadas e a desafiar o resultado das promessas feitas pela mãe de santo. Ela conquistava inúmeros adeptos com a distribuição de uma “moeda da felicidade” e, ao saber disso, rapidamente convoquei à igreja os ouvintes frustrados com o resultado da mandinga. Os cultos entupiram (MACEDO, 2013, p. 18).

Em outro momento, conta que certo jovem, possuído pelo demônio, comia restos mortais humanos e o ameaçou de morte, mas foi logo vencido diante de duas mil pessoas. O ritual de exorcismo e subjugo do diabo atrairia milhares de pessoas pelo rádio e TV nesta batalha contra os poderes do mal. Há grande fascínio do povo em querer se libertar das trevas nesta luta infundável e vibrante. Outro jovem, também endemoniado, apresentava bolhas de sangue pelo corpo todo, mas com a poderosa oração do bispo, ficou curado, em mais um demonstração de que sua fé é superior e triunfante:

Um dos casos mais marcantes para mim, naqueles anos, foi o de um jovem carioca que comia restos mortais em cemitérios em rituais de bruxaria. O rapaz tinha me jurado de morte. Seu propósito era me matar apenas com o “poder dos olhos” e, para isso, havia se entregue com ímpeto às entidades. Ao chegar na igreja, os espíritos para quem ele “batia cabeça” caíram de joelhos. As entidades que possuíam o corpo, a mente e a alma dele foram desmascaradas diante de quase 2 mil pessoas. (...) Outro moço, vítima de ritual semelhante, apareceu na igreja com o corpo coberto de pequenas bolhas. No momento da oração, as feridas escorriam tanto sangue que me sujavam de alto a baixo (MACEDO, 2013, p. 54).

Os combates contra o maligno se intensificam cada vez mais, pois dizia que as enfermidades causadas pelo diabo ocorriam onde se realizavam mais despachos, oferendas ou rituais de um adepto de religião afro-brasileira a uma entidade da qual são devotos. Aqui a peleja santa está no auge. Macedo atribui claramente os males do mundo às práticas daqueles religiosos. E se auto afirma como o profeta que veio salvar o país da influência que julga nefasta.

Gente com os mais variados e tenebrosos males entraram pelas portas da Universal. Cada pessoa trazia uma história dramática de possessão maligna. Os sintomas eram penosos. Ouvir vozes e ver vultos, feridas por todo o corpo, desmaios contínuos, alteração profunda de estado emocional, insônia e dores de cabeça sem explicação médica. Vítimas de todos os tipos de doenças físicas e emocionais. Com a imensa procura pelas correntes de libertação, decidi criar as vigílias da meia-noite. Reuniões de orações fortes no mesmo dia e horário em que ocorriam os despachos mais pesados em todo o Brasil (MACEDO, 2013, p. 57).

Santos do sincretismo religioso brasileiro são eleitos como responsáveis pelo infortúnio de alguém, o que leva o cavaleiro neopentecostal a erguer suas armas espirituais para combater a ameaça, que destrói as famílias, causando discussão e agressividade física, segundo sua suposição. Os demônios, sendo retratados como possuidores de força física sobrenatural, são atacados, exigindo até do bispo que também use de força física proporcional para conter e reprimir os espíritos³²⁵. Em alguns momentos torna-se, de fato, uma briga, na medida em que objetos e corpos de pessoas são movidos no ambiente:

³²⁵ “Vários pastores tentam segurá-lo, mas ele passa a se debater com uma força incomum. Quanto mais oração, mais ele nos afrontava. E mais eu usava a fé. A libertação espiritual é assim: quanto mais o demônio reage, mais aumentam nossa raiva e a vontade de reagir. Após minutos de manifestação, ele é liberto e abraçado por mim. O público aplaude” (*Ibidem*, p. 61).

Em outras vezes, a batalha contra os demônios foi renhida. O espírito no corpo de Tânia chegou a jogar um banco para o alto, atitude difícil para alguém com a estatura e o peso dela. Com a voz alterada, o espírito maligno contou tudo o que fazia em seus caminhos. Antes de um culto no dia de Cosme e Damião, Tânia discutiu com Renato e, cheia de ódio, encravou as unhas no pescoço dele. (...). Mal ela terminou de falar, eu pulei por cima da mesa, empurrei uma cadeira no caminho e ordenei a manifestação do demônio causador de toda a angústia. O espírito gritou na hora. Em outras situações, eu era obrigado a usar os joelhos para imobilizar seus braços e evitar o choque de sua cabeça no chão. Tânia viveu um intenso processo de libertação até entregar totalmente sua vida no altar (MACEDO, 2013, p. 57).

Assim como são descritos os locais de conquista de Nun'Álvares Pereira em suas batalhas contra os castelhanos para assegurar a independência portuguesa, que no fim da carreira distribuiu aos seus cavaleiros e escudeiros pelos serviços prestados e por caridade, conforme o trecho da *Crónica* abaixo:

Primeiramente, começando Antre Tejo e Udiana, deu Alter do Chaão, com seu castello e todas suas rendas, a Gonçall'Eanes d'Abreu, e deu Evoramonte, com suas rendas, a Martim Gonçalves do Carvalhal, seu tio; as rendas d'alcaydaria d'Estremoz, porque o castello nom era seu, com outras certas rendas do dito lugar, a Lopo Gonçalves; e as rrendas de Borba a Joham Gonçalves da Rramada; e Monsaraz a Rodrigu'Alvrez Pimintell; e parte das rendas de Portel, com as rendas todas de Villa de Frades, a Fernam Dominguez, seu thesoureyro; e a parte das rendas da Vidigueira a hũu bom e estramado escudeyro que chamavam Afonssso Estevez Perdigam; e Villa Alva e Villa Ruyva a Rodrig Affonso de Coymbra; e as rendas de Montemoor o Novo a hũu bõo escudeyro de hy que chamam Rodrigu'Eanes Azeyteiro; e as rendas d'Almadaa a PedrEanes Lobato; e o barco de Sacavém a Joham Afonssso, contador seu, que depouys foy veedor da fazenda del'rey; e o regueêgo d'Alvella a Estev'Eanes Berbereta de Lixboa; e as rendas de Porto de Moos e de Rryo Mayor a Pedro Afonssso do Casal; e Alvayazer a Alvaro Pereira ; e o Rrabaçall a Mãe Rrodriguez de Vaasconçellos; e terra de Balltar, que he Antre Doyro e Minho, a Martim Gonçalves Alcoforado; o Arco de Baulhe, com três ou quatro quintãas que o conde estabre naquella comarca avia, a Joham Gonçalves, seu meyrinho moor; e certas rendas que avia em terra de Basto e de Pena a Afonssso Pirez, que foy seu veedor; e certas rendas de Barçellos a hum bõo escudeyro de seu corpo, e que bem servio, que chamavam Gill Vaasquez Fream; e Montaalegre, com terra de Barroso, a Diego Gill d Ayroo, seu alferez; e Chaves, com todas suas rendas, a Vasco Machado, seu criado, que no começo das guerras foy seu page. Todas estas terras e rendas o conde estabre tiinha dadas em prestemo, e cada hũu per ellas avia de teer certos escudeiros pera serviço del'rey e seu, como seus vassallos. E por estas terras e rendas que asy o conde estabre tinha dadas, escassamente lhe ficou com que se podesse manter com sua honrra, e vivia muy estreitamente, porem em sy era sempre muyto ledor porque lhe parecia que era desencarregado daquelles que o serviram" (Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereira, 1991, p. 148-150).

Edir Macedo conta suas vitórias e conquistas na guerra que travou contra o Mal, crendo que as obtivera pela obra de Deus. Seria a recompensa pela fé e coragem no esforço contra o reino das trevas e seus demônios:

Avançamos para uma fase avassaladora de crescimento no Brasil logo de início. O impulso para frente foi veloz. Em oito anos, já havia 195 templos em 14 estados brasileiros e no Distrito Federal. Em média, 24 templos por ano, dois a cada mês. Um a cada 15 dias. No final dos anos 1980, o número de templos cresceu 2.500%. Em menos de três décadas, a Igreja Universal se transformou no mais surpreendente e bem-sucedido movimento de fé do país. Nenhuma outra igreja evangélica brasileira crescera tanto em tão pouco tempo. (...). Cinemas pornô viraram Universal. Terreiros viraram Universal. Templos do Vaticano viraram Universal. Templos evangélicos viraram Universal. Boates viraram Universal. Teatros e salões em todo o Brasil se transformaram em espaços de oração. Em poucos anos, com o avançar da década de 1990, chegamos a mais de 4 mil igrejas de norte a sul do país. Em cada município, pobre ou rico, nos centros urbanos ou nas zonas rurais, existe uma Universal. Atualmente, são mais de 10 mil templos em todo o território nacional (MACEDO, 2013, p. 74).

No fim da vida, o Condestável manda construir muitas igrejas como demonstrativo de sua devoção cavaleiresca. Já o bispo, como prova de seu triunfo, financia a construção do seu Templo de Salomão, na pretensão de estimular a devoção ao Deus de Israel, onde, aliás, busca inspiração nas peregrinações hagiográficas que fez. O bispo intenta também expor a força política da denominação que criou, visto que, como já dissemos, muitas autoridades brasileiras estiveram presente no evento de inauguração:

O objetivo de erguer a réplica do Templo é puramente espiritual. Desejo que as pessoas vejam a Santidade de Deus. A minha intenção é que quem ali pisar sinta o respeito, o temor, a reverência ao nosso Senhor (MACEDO, 2014, p. 218).

Eis, portanto, muitas semelhanças entre os cavaleiros medievo e neopentecostal, que, em nome de suas crenças, influenciaram nos destinos de seus países. Com a força do *discurso*, guerrearam, cada um à sua maneira, contra aqueles que foram eleitos como inimigos, conseguindo se firmar como homens marcantes e o relevo que terão politicamente na história do país será decidido conforme as circunstâncias de cada época.

CONCLUSÃO

Chegamos ao termo desta pesquisa impressionados com os universos nos quais fomos obrigados a submergir, da Antiguidade Tardia até a contemporaneidade, viajando desde o Oriente Médio até os extremos do Ocidente, nos Estados Unidos. Foi um prazeroso, embora árduo, voltar a uma das bases da cultura ocidental numa tentativa de explicar de onde vêm as mentalidades que nos formam e como são transformadas ao longo dos tempos.

A insuficiência de respostas é uma das motivações que nortearam nossa investigação. Por que haveria agressividade armada em nome de um Deus de amor e paz? Por que existiu uma ordem de cavalaria, da qual fez parte orgulhosamente um Nun'Álvares Pereira, cuja fama e honra advém basicamente disto? Por que, apesar dos avanços dos debates na modernidade de tolerância, ainda assistimos ressurgir uma espécie de cavalaria no neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus? Por fim, quais são os elementos histórico-literários formadores do *discurso* de guerra santa?

Mergulhamos nos inícios da era cristã até a presente época para tentar responder a tais indagações, começando com o próprio Jesus, o “Príncipe da Paz”, segundo uma leitura evangélica do profeta Isaías. Seus discípulos passaram à posteridade uma mensagem de amor e entrega sem resistência violenta aos inimigos mais sanguinários, a exemplo dele próprio, que se deixou executar para cumprir sua palavra de “oferecer a outra face”. A literatura nos mostra, no entanto, com a expansão de suas palavras, o ressentimento crescer diante de tanta perseguição, na acusação que se faz aos algozes bem como a retratação do final funesto que tiveram por conta disto. Orígenes e Lactâncio começam a introduzir na história do cristianismo, com suas obras, certo sentimento de vingança pelo que os romanos infligiram aos primeiros seguidores de Cristo. A reação formal, porém, nasce com a nova condição de religião estatal, em cuja escrita Eusébio de Cesareia já mostra mais dureza contra os perseguidores dos crentes do passado, que culmina, por fim, na caçada constantiniana aos pagãos do Império Romano cristianizado.

Combinar o monopólio estatal da violência com uma filosofia cristã hegemônica foi tarefa de pensadores como S. Agostinho de Hipona e Isidoro de Sevilha, que sistematizaram o uso da força sob uma teologia evangélica, que lança

as bases ideológicas das lendárias cavalaria. No período merovíngio, já se fala abertamente em “reinos cristãos” e por intermédio da escrita do bispo Gregório de Tours, percebemos a estatização da força bélica cristã na figuração heróica dos reis e príncipes daquela linhagem, operação também feita no carolíngio *Liber Sancti Jacobi*, que enaltece a guerra em nome de Deus contra os sarracenos na Alta Idade Média. A literatura de ficção também (ou principalmente?) dará sua grande contribuição à construção dessa imagem de guerreiro cristão, nas figuras lendárias das novelas de cavalaria, dentre elas a mais influente, o Ciclo da Bretanha, que encantarão e fascinarão até os dias de hoje.

Com o alicerce pronto, segue a construção do *discurso* belicoso de revestimento cristão. A cavalaria tendo sua *ideologia* formada, caminha para a formalização. A própria Bíblia, reinterpretada, dará seu aval, na medida em que se destacam heróis que combatem em nome do seu Deus, no Antigo Testamento, eliminando, assim, muitos adversários infiéis, adoradores de outros deuses.

Os primórdios exatos da cavalaria ainda são alvo de muitos estudos, mas teoriza-se, em geral, que tenha surgido, como instituição à parte, no final da Alta Idade Média, em que “o termo *militēs* substitui *equites*, como se os verdadeiros guerreiros só pudessem estar a cavalo” (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 187). Mais adiante, Odon de Cluny, criando o termo *miles Christi*, ou os *bellatores*, ajuda a elaborar a tripartição social medievá tão conhecida, cuja fama e prestígio aumentarão sobremaneira nas guerras religiosas conhecidas como Cruzadas. Este período será um dos apoios ideológicos da cavalaria que levará até as últimas consequências o ideal de guerra santa, que era adotado por ambos os lados, cristão e muçulmano. Nesta época, surgem as Ordens de Cavalaria mais famosas, como os Templários (que mais tarde se torna a Ordem de Cristo, radicada também em Portugal), os Hospitalários e os Teutônicos, cujas diretrizes são arraigadas pelo ecoante bispo Bernardo de Claraval.

Abrimos uma nota, contudo, explicando que o Medievo não se caracterizou apenas por sangue e morte, para combater ideias lugares-comuns, reduplicadas infelizmente por parte expressiva da academia e produção cultural midiática. Houve no período diversos movimentos missionários pacifistas como de Martinho de Tours, S. Adalberto, São Brunon, S. Arnaldo de Brescia e o principal deles, de S. Francisco de Assis, que pregava uma mensagem de condenação ao acúmulo de riquezas pelo clero. O monge, que foi seguido por outros influentes religiosos como São

Domingos, retomou certa ideia do cristianismo primitivo de desapego a bens materiais em detrimento do Outro, anunciando caridade a quem precisa na criação das Ordens dos mendicantes. Encerramos o primeiro capítulo com o também ecoante S. Tomás de Aquino, escolástico que, a exemplo de S. Agostinho, busca coadunar a força armígera estatal com o cristianismo, regulando o procedimento dos cavaleiros servidores do rei e da população. Tivemos, como objetivo geral deste capítulo, expor a formação da mentalidade de guerra santa bem como sua contradição maior à essência do cristianismo, que é amor e paz. Queríamos responder, então, nessa etapa incipiente, de onde surgiu o *discurso* de luta pela fé cristã, base da *Crónica do Condestável* e do *Nada a perder*.

Ocupamo-nos da historicidade do Condestável no segundo capítulo, mostrando o contexto de sua época assim como a obra que o traz como protagonista. Expusemos algo da tradição do gênero crônica no cenário ocidental, antes de entrar necessariamente na história de Nun'Álvares, querendo dizer que a *Crónica do Condestável* segue uma cultura literária de prestígio, desde o Egito Antigo dos faraós até à nação portuguesa medieval, que têm como intuito a exaltação do poder régio e sua autoridade divina, atribuição de certas ações a deuses e glorificação de heróis coletivos ou individuais. Método, aliás, que aplicamos na análise da guerra santa nas duas obras do corpus da nossa pesquisa.

Passamos a considerar a posição ilustre na história de seu país do “melhor cavaleiro de Portugal” como o comandante na campanha da independência contra Castela e seguimos para a construção de sua imagem como cavaleiro cristão ideal na sua *Crónica*. Percebemos que o *discurso*, entendido com base nas propostas da Análise do Discurso, é manifestação de *ideologia* e que forma, por grande apreço do seu escritor anônimo à arte da guerra, um ideal de cavaleiro cristão, na medida em que o retrata com as virtudes fixadas sobretudo pel'O *Livro da Ordem da Cavalaria*, de Ramon Llull. Além disto, aproxima-o de passagens bíblicas para reforçar o seu caráter de combatente *segundo a vontade de Deus*, expressão, aliás, que se repete muitas vezes. O vocábulo *Deos*, inclusive, que aparece majoritariamente na posição de termos integrantes e acessórios, o que indica a sujeição do Ser Supremo à leitura e interpretação unilateral dos portugueses da História. Na *Crónica*, o empreendimento armígero em nome de Deus está plenamente justificado, cabendo aos *maos* portugueses, castelhanos e mouros apenas a ponta da espada dos verdadeiros fiéis, estes que estão do lado certo, o da Igreja Católica e sua ortodoxia.

A matéria do terceiro capítulo foi apresentar as origens do movimento neopentecostal, do qual a obra *Nada a perder* reduplica o *discurso* de guerra santa na atualidade. Começamos lutando para desconstruir mais um pernicioso lugar-comum em relação à Idade Média, de que era uma fase de trevas por ser dominada pelo pensamento religioso, quando, na verdade é o que se verifica nos dias de hoje também, na orgulhosa modernidade com seus valores de tolerância. Assistimos, desse modo, a um surto de misticismo nesta época presente que já descaracterizaria o tal rótulo “idade da trevas” para o Medievo que lamentavelmente é massificado. Dos exemplos mais expressivos, temos o crescimento do neopentecostalismo que exalta a prosperidade e bem estar material e principalmente a guerra santa, o ideal de cavaleirismo ressuscitado em tempos de pluralidade e celebração do respeito às diferenças.

Alguns casos mais emblemáticos divulgados pela imprensa foram mostrados como demonstração da volta dessa mentalidade hostil contra adeptos de outras religiões. Casos envolvendo a polícia como o famoso “chute na santa” de um bispo da IURD, um ataque a um centro espírita por jovens neopentecostais e a criação de um grupo de traficantes chamados de “bonde de Jesus” e de uma igreja na sede do BOPE evidenciam bem a realidade desta guerra santa do século XXI.

Seguimos com um percurso do protestantismo na Europa ocidental, de onde saem grupos de religiosos para colonizar a América do Norte, dos quais se desenvolveram as igrejas evangélicas que deram origem ao pentecostalismo, inaugurado pelo movimento da Rua Azuza, ou de *holiness* (batismo no Espírito Santo). Depois recuperamos um pouco da história do protestantismo no nosso país, iniciado em 1823, com os luteranos, presbiterianos, metodistas e batistas, o grupo das chamadas igrejas evangélicas históricas. Estas denominações logo seriam suplantadas em número pelas igrejas pentecostais, de caráter mais popular, chegadas aqui em 1910, a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus, um ano depois. Sua marca principal seriam os dons espirituais, sendo o principal o fenômeno da glossolalia. Já a segunda onda do pentecostalismo, representada pela Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja O Brasil para Cristo, a Igreja Pentecostal Deus é Amor e a Casa da Bênção, inauguradas na década de 50 e 60, caracterizavam-se pelas grandes cruzadas evangelísticas realizadas em estádios, que redundaram num imenso crescimento dos pentecostais no país. É na década de 70, contudo, que surgirá a terceira onda do pentecostalismo ou neopentecostalismo,

cujas denominações mais expressivas são a Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo e a Igreja Evangélica Cristo Vive e a Igreja Universal do Reino de Deus, que se pautam pelo uso largo das mídias para divulgação, prosperidade material e nosso interesse maior nesta pesquisa: batalha espiritual ou guerra santa.

Mostramos a significativa influência da igreja no cenário político nacional que passou de religião de pobres e ex-escravos do início do século XX para formar uma “Bancada da Bíblia” no Congresso Nacional e Senado Federal, elegendo também seus candidatos para o Executivo, como Marcelo Crivella, prefeito do Rio de Janeiro de 2017 a 2020, tendo sido, aliás, afastado do cargo faltando oito dias para cumprir seu mandato, por denúncias de corrupção.

Fechando nosso foco na Universal e suas doutrinas, expusemos algo da chamada teologia da prosperidade, que exalta o consumo e o bem-estar como bênçãos dos céus, em contraponto aos protestantes históricos e católicos romanos e finalmente a teologia da guerra santa, que lança os fiéis contra os denominados inimigos da fé cristã, como kardecistas, católicos, protestantes históricos e principalmente os adeptos das religiões de matriz africana. Lembra-se, desse modo, o ideal de cruzada contra estes caracteres, acusando-os de servidores do diabo, usando para isto todo o imenso conglomerado midiático acumulado ao longo destes 44 anos de existência. Há, contudo, uma interessante operação de tomada das características daquelas religiões (modo de culto, materiais, vocabulário etc.) para combatê-las, numa *umbandização* (ORO, 1997, p. 32), do pentecostalismo. Foi interessante ressaltar também que a guerra santa é dos dois lados, pois o segmento religioso tem sido alvo de contra-ataques por parte de setores da imprensa, universidades e da própria Igreja Católica, que criou o “Movimento Carismático” para combater a evasão que vem sofrendo de fiéis para as igrejas evangélicas nas últimas décadas.

No último capítulo desta Tese, buscamos estabelecer a conexão entre a *Crônica do Condestabre* e o *Nada a perder* cujo elo é o *discurso*. Com base nos estudos da Análise do Discurso, especialmente da corrente francesa, dissemos que a *ideologia*, conduzida pelo *discurso*, que é a guerra santa, é algo que une as obras medieval e contemporânea, embora haja obviamente muitas diferenças de caráter literário e cultural entre elas. Fizemos uma sucinta apresentação da história da disciplina da Linguística e a relevância dada por ela à *ideologia*, nosso interesse primordial. Passando por Michel Foucault em suas teorias sobre o poder do discurso

e como e para quê se realiza (propõe o sistema de *exclusão* externo e interno), seguimos até as valiosas contribuições de Dominique Maingueneau, dando também grande relevo à *ideologia* no *discurso*, mas oferecendo um ótimo contraponto ao pensamento marxista formador da escola francesa, pois a Análise do Discurso não se dispõe apenas a fazer uma leitura sociológica ou psicológica de seu “contexto”, mas “articular sua enunciação sobre certo lugar social” (MAINGUENEAU, 1996, p. 13, 14).

A partir desse momento, apresentamos o *Nada a perder* e suas características cronísticas e hagiográficas, para aproximá-la, pelo *discurso*, da *Crônica do Condestabre*. O bispo se descreve na trilogia como homem sofredor, santo, obstinado e com a missão de pregar o Evangelho, à semelhança dos santos retratados por Jacopo de Varazze, na *Legenda Áurea*. Assim como na obra medieval, Macedo é um homem que se dispõe a enfrentar as oposições de um mundo hostil à pregação cristã e principalmente a enfrentar o diabo e seus anjos.

Intentamos fazer algumas considerações sobre as duas obras classificando-as, de acordo com as conclusões de Eli Orlandi, como um *discurso autoritário*, em que há contenção e apagamento do referente, estabelecimento do locutor como agente exclusivo e a anulação do contato com o interlocutor. E associamo-las com a vasta tradição cronística do ocidente com suas características de exaltação do poder régio e sua autoridade divina, atribuição de certas ações a deuses e glorificação de heróis coletivos ou individuais, embora estejamos certos de que essa concepção de crônica a que nos referimos sofreu alterações ao longo dos tempos e adquiriu novos significados e novos objetivos. Por fim, integramos, no conceito de guerra santa, os personagens que encarnam a figura do *infiel* nas duas obras (mouro e adepto de religião afro-brasileira), e demonstramos como há um sistemático esforço para subjugar-los na legitimação de ataques contra eles.

Os dois “cavaleiros”, medieval e contemporâneo, coadunam, portanto, em diversos aspectos, mas principalmente na intenção de um confronto contra o semelhante. Embora separados por séculos, objetivam ver suas crenças vencerem ainda que por métodos agressivos. As duas literaturas que estudamos empreendem a luta dando uma nova perspectiva ao cristianismo que aprenderam, belicoso e conquistador, detentor do Estado coercitivo e poderoso, em que não cabem maiores debates sobre a vontade do Outro. Suas fés são absolutas e a construção do seu *discurso* atesta, por meio das estratégias que abordamos aqui, tal realidade. O uso

da Bíblia, autenticadora maior de qualquer alocução cristã, da história e da necessidade de ordem pública são elementos empregados na elaboração deste *discurso*. Essas são uma arma poderosíssima, senão a única, que forma mentalidades capazes de erigir impérios, reinos e domínios às custas quase sempre de morte e destruição. Percebemos, à guisa de conclusão, a autoridade da palavra, do *discurso*, não da política, pois esta se constrói através do primeiro, fato que pode ser um dos alertas da pequena contribuição desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA anotada – *The Ryrie Study Bible*. Texto bíblico versão Almeida revista e atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie, trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

A BÍBLIA vida nova. trad. João Ferreira de Almeida, ed. revista e atualizada no Brasil, editor responsável, Russell P. Shedd. 16. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1992.

A HISTÓRIA secreta do descobrimento do Brasil. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/a-cruzada-do-descobrimento/>. Acesso em: 19 out. 2021.

AGUSTÍN, S. *Obras completas de San Agustín: La ciudad de Dios* (2º). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988. v. 17.

AINDA existem os templários? Disponível em <https://history.uol.com.br/knightfall/ainda-existem-os-cavaleiros-templarios>. Acesso em: 19 out. 2021.

ALCORÃO, “Márium”, 19. Surata, 33, 34 e Al Hadid, 57. Surata, 27. Disponível em: <https://cibp.org.br/quran/?sourate=al-fatiha-1&lang=portuguese>. Acesso em: 08 mar. 2020.

ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus*, origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte editorial, 2005.

ALMEIDA, Ronaldo de. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos padres da igreja*. São Paulo: Paulinas, 1988.

ANÔNIMO. *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*. Com revisão, prefácio e notas por Mendes dos Remédios. Coimbra: Editora Lvmen, 1911.

ANÔNIMO. *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira. Por um Autor anônimo do Século XV*. Adaptação de Jaime Cortesão; ilustração de Martins Barata. 7. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1972.

ANÔNIMO. *Crônica Pseudo-Turpin, In: Liber Sancti Jacobi “Códex Calixtinus”* tradução: A. Moralejo; C. Torres & J. Feo. Viveiro: Xunta de Galícia, 1999, p. 403-494.

ANÔNIMO. *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra*. Ed. crítica com introdução, notas e glossário de Adelino de Almeida Calado. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1991.

ANÔNIMO NORMANDO. *Tratados*. In: KANTAROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

APÓS decisão do STF, justiça do RJ expede alvará de soltura para o ex-prefeito Marcello Crivella. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/02/13/justica-expede-alvara-de-soltura-ao-ex-prefeito-marcelo-crivella.ghtml>. Acesso em 15 nov. 2021.

ARAÚJO, Vinicius Cesar Dreger de. Judas Macabeu: de herói do Velho Testamento a herói da cavalaria medieval. *La caballería y el arte de la guerra en el mundo antiguo y medieval, Mirabilia 8*. Disponível em (PDF) Judas Macabeu: de herói do Antigo Testamento a herói da cavalaria medieval [Judas Maccabeus, from hero of the Old Testament to hero of medieval chivalry] | Vinicius Dreger - Academia.edu. Acesso em: 10 fev 2020.

ASSIM como tropa de elite, evangélicos contam suas histórias. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/assim-como-tropa-de-elite-evangelicos-do-bope-contam-suas-historias.html>. Acesso em: 05 nov. 2020.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BARDY, Gustave. *Histoire Ecclésiastique*. In: BARDY, Gustave. *Eusèbe de Césarée*. Paris: Les Éditions du Cerf, Sources Chrétiennes, 1960.

BARK, Willian Carroll. *Origens da Idade Média*. Trad. Waltensir Dutra. 3. ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores: 1974.

BARROS, Angélica. ROBERTO, Cláudio. Evangélicos de raiz. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 87, p. 1, dez. 2012.

BARONAS, Roberto Leiser; MIOTELLO, Valdemir *Análise de discurso: teorizações e métodos*. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 309, 2011.

BARTHÉLEMY, Dominique. Qu'est-ce que la chevalerie, em France aux Xe et XIe siècles?, *Revue Historique*. Paris: Presses Universitaires de France, t. 290. p. 15-74, 1994.

BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. SOARES, Luiz Eduardo. *Elite da Tropa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2005.

BENTO 16 canoniza herói nacional de Portugal. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/04/090426_papasantoportugues_np.shtml. Acesso em: 06 ago. 2020.

BLASCO VALLÈS, Almudena, COSTA, Ricardo da (coord.). La Edad Media y las Cruzadas. The Middle Ages and the Crusades, *Mirabilia* 10, p. 184-195, jan-jun. 2010.

BLASUCCI, Antonio. *Martírio, imolação, sacrifício*. In: GUIMARÃES, Almir Ribeiro (org.). *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 416-420).

BERNARDO DE CLARAVAL. *De Consideratione*. In: *Los monjes cistercienses de España* (org.). *Obras Completas de San Bernardo*. Madrid: BAC, 1983-1990. v. 2, p. 49-233.

BERNARDO DE CLARAVAL. *De Laude Novae Militiae*. In: EMERY, Pierre-Yves (org.). *Sources Chrétiennes*. Paris: Éditions du CERF, 1990. v. 367, t. 31, p. 48-133.

BERNARDO DE CLARAVAL. *De Laude Novae Militiae*. In: RAMOS, Gregório Diez (ed.). *Obras Completas de San Bernardo*. Madrid: BAC, 1953-1955. v. 2, p. 853-881.

BÍBLIA apologética de estudos. Traduzida por João Ferreira de Almeida, ed. revista e corrigida fiel ao texto original. 4. ed. Jundiaí: Instituto Cristão de Pesquisas, 2008.

BÍBLIA de estudo NTLH. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 2008.

BÍBLIA de estudo pentecostal. Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BANCADA Evangélica declara apoio ao impeachment de Dilma. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bancada-evangelica-declara-apoio-ao-impeachment-de-dilma/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

BISPO da Universal que chutou santa tem sua prisão decretada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/24/brasil/22.html>. Acesso em: 31 out.2020.

BISPO Rodrigues deixa cadeia e começa a cumprir prisão domiciliar. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/mensalao/noticia/2014/09/bispo-rodrigues-deixa-cadeia-e-comeca-cumprir-prisao-domiciliar.html>. Acesso em: 21 nov. 2020.

BOBBIO, Norberto. *A teoria das formas de governo*. 6. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

BOPE abre templo evangélico e utiliza versículos para justificar letalidade.

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/07/1901929-bope-abre-templo-evangelico-e-utiliza-versiculos-para-justificar-letalidade.shtml>. Acesso em: 05 nov. 2020.

BORDOLETO, Milton. “*Não viemos para fazer aliança*” – Faces do conflito entre adeptos das religiões pentecostais e afro-brasileiras. 119 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, 2014.

BOULLUEC, Alain Le. Heresias e ortodoxia. *In*: CORBIN, Alain (org.). *História do cristianismo* – para compreender melhor nosso tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL é o maior país pentecostal. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2901200708.htm>. Acesso em: 06 nov. 2020.

BRASIL tem primeiras prisões por intolerância religiosa. Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,ERT79088-15565,00.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

BRUCE, Steve. *Pray TV: Televangelism in America*. Londres: Routledge, 1990.

BURGESS, R.; KULIKOWSKI, M. *Chronicles in the Middle Ages, Mosaics of Time: The Latin Chronicle Traditions from the First Century BC to the Sixty Century AD. A Historical Introduction to the Chronicle Genre from its Origins to the High Middle Ages*. p. 189-208. Brepols: Turnhout, 2013.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos* - uma história da Igreja cristã. Trad. Israel Belo de Azevedo. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CAMARGO, Cândido P. Ferreira. *Católicos, protestantes e espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980.

CAMPOS, Adhemar de. *Nosso General*. Intérprete: Adhemar de Campos. *In*: *Momentos de louvor 1*, 1995. CD. faixa 2.

CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada, São Paulo: *Revista USP*, n. 67, p. 100-115, set-nov, 2005.

CAMPOS, Leonildo S. Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, p. 01-26, set. 2008.

CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado: organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e São Paulo: UMESP, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dominios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASOS de sucesso. Disponível em: <https://www.universal.org/eu-sou-a-universal/cases/>. Acesso em: 04 dez. 2020.

CAVEIRAS DE CRISTO: BOPE INAUGURA IGREJA EVANGÉLICA. Disponível em: <https://overbo.news/caveiras-de-cristo-bope-inaugura-igreja-evangelica/>. Acesso em: 05 nov. 2020.

CENSO DEMOGRÁFICO. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 12 out. 2020.

CENTRO espírita é depredado no Catete. Disponível em: [https://extra.globo.com/noticias/rio/centro-espirita-depredado-no-catete520675.html#:~:text=RIO%20%2D%20O%20Centro%20Esp%C3%ADrita%20Cruz,do%20%2C%20BA%20BPM%20\(Botafogo\).&text=Por%20isso%2C%20eles%20resolveram%20quebr%C3%A1,las%20%2D%20contou%20um%20dos%20policiais](https://extra.globo.com/noticias/rio/centro-espirita-depredado-no-catete520675.html#:~:text=RIO%20%2D%20O%20Centro%20Esp%C3%ADrita%20Cruz,do%20%2C%20BA%20BPM%20(Botafogo).&text=Por%20isso%2C%20eles%20resolveram%20quebr%C3%A1,las%20%2D%20contou%20um%20dos%20policiais). Acesso em: 31 out. 2020.

CERIMÔNIA de inauguração da estátua de D. Nuno Álvares Pereira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S_SXYAkp34w&ab_channel=Presid%C3%AAdaRep%C3%BABlicaPortuguesa. Acesso em: 08 set. 2020.

CHRISTIANSEN, Eric. *The Northern Cruzades. The Baltic and the Catholic Frontier 1100-1535*, Londres: Macmilian, 1980.

CIPRIANO DE CARTAGO. *Patrística, Padres Apostólicos*. Trad. Antonio Marchionni, Monjas Beneditinas, vol 35, São Paulo: Paulus, 2016.

CLEMENTE ROMANO. *Patrística, Padres Apostólicos*, trad. Euclides M. Balancin, Ivo Storniolo, introdução e notas explicativas Roque Frangiotti. vol 1, São Paulo: Paulus, 1995.

COELHO, António Borges. *A revolução de 1383*. 3. ed. Lisboa: Portugália, 1965.

COMO Edir Macedo se tornou um dos cavaleiros do apocalipse pandêmico brasileiro. Disponível em: https://www.academia.edu/43648625/Como_Edir_Macedo_se_tornou_um_dos_cavaleiros_do_apocalipse_pandemico_brasileiro20200717_10357_kevse. Acesso em: 21 dez. 2020.

CORDEIRO, Valério A. *Vida do beato Nuno Alvarez Pereira (Santo Condestável)*. 2. ed. Lisboa: Edição da Livraria Cathouca, 1921.

CUNHA, Magali do Nascimento. "*Vinho novo em odres velhos*": um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. 2004. 347 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CUNHAL, Álvaro. *As lutas de classe em Portugal nos fins da Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1975.

CUSPE unguado! pastor cospe na boca do crente fiel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pkmj3JxMvls>. Acesso em: 08 dez. 2020.

DANTAS, Bruna Suruagy do A. *Religião e política: ideologia e ação da “Bancada Evangélica” na Câmara Federal*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 2011.

DAWSON, C. *St. Augustine and his Age, apud PARKER, Th.-M. St. Augustine and the Conception of Unitary Sovereignty*. Paris: Augustinus Magister II, 1954.

DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo: Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

DEUS é pop. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI77113-15228,00.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

DIREÇÃO da Câmara decide por unanimidade enviar caso flordelis para o Conselho de Ética. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/28/direcao-da-camara-decide-por-unanimidade-enviar-caso-flordelis-para-o-conselho-de-etica.ghtml>. Acesso em: 02 out. 2021.

DREHER, Martin. *Brasil e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. Tradução Antônio de Pádua Danesil, São Paulo: Martins, Fontes, 1989.

DUBY, Georges. *O ano mil*. trad. Tereza Matos. Lisboa: Editora 70, 1967.

É ‘encenação’, diz deputado federal em defesa dos ‘gladiadores do altar’. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/03/e-encenacao-diz-deputado-federal-em-defesa-dos-gladiadores-do-altar.html>. Acesso em: 05 nov. 2020.

ELEIÇÕES 2018: bancada evangélica cresce na Câmara e no Senado. Disponível em Eleições 2018: bancada evangélica cresce na Câmara e no Senado - DIAP - Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar. Acesso em: set. 2020.

ENTENDA a polêmica envolvendo o Porta dos Fundos, cristãos e grupo integralista. Disponível em: <https://diariodamanha.com/noticias/entenda-a-polemica-envolvendo-o-porta-dos-fundos-cristaos-e-grupo-integralista/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. trad. Wolfgang Fischer. São Paulo: Fonte Editorial, 2002.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *Historia eclesiástica*. [version, introduccion y notas: Argimiro Velasco-Delgado, O.P.]. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2001.

FERNANDES, Fatima Regina. *A guerra e a sociedade na Idade Média. A construção da sociedade política de Avis a luz da trajetória de Nuno Alvares Pereira*. In.: VI Jornadas Luso-espanholas de Estudos Medievais, 2009, *Revista da História*,

Sociedade e Cultura. p. 421-446. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: Actas das VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais, 2009.

FERNANDES, Fatima Regina. Dinis, o infante, e Nuno, o Condestável: dois modelos de nobre na época de Aljubarrota. *Revista Territórios & Fronteiras*. Disponível em Dinis, o Infante, e Nuno, o Condestável: dois modelos de nobre na época de Aljubarrota | Revista Territórios e Fronteiras (ufmt.br). Acesso em: 10 jul. 2020.

FLORI, Jean. *A cavalaria, a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. trad. Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras Editora, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios).

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. Edições Loyola: São Paulo. 1999.

FOX, John *O Livro dos Mártires*. Tradução do espanhol para o português realizada por Daniela Raffo. CPAD: Rio de Janeiro, 2008.

FRANCO, José Eduardo; MOURÃO, José Augusto; GOMES, Ana Cristina da Costa, (org.). *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 2010.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente* 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREITAS, Edmar Checon de: *Gregório de Tours e a sociedade cristã na Gália dos séculos V e VI*: 1. ed. Niterói: Editora Eduff, 2015.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil – da constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado em Sociologia. Campinas: IFCH-Unicamp, 1993.

GIANDOSO, Daniel Marques. *As práticas judaicas e a fé cristã no diálogo com Trifão de Justino mártir*. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i89.31542/pdf>. Acesso em: 21 abr. 2020.

GLADIADORES do altar. Disponível em: https://www.instagram.com/p/zs0XEQckkR/?utm_source=ig_embed. Acesso em: 03 nov. 2020.

GLADIADORES do altar em Fortaleza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZJvcfsfaLELI>. Acesso em: 03 nov. 2020.

GONÇALVES, Delmo. *Neopentecostalismo: nascimento, desenvolvimento e contemporaneidade; uma análise da IURD e seus elementos ético-religiosos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GONZÁLEZ, Justo L. *E até aos confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo*. Título original: *Y hasta lo último de la tierra: una historia ilustrada del cristianismo*. Conteúdo: v. I. A era dos mártires. trad. Key Yuasa. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GREGOIRE DE TOURS. *Histoire des Francs*. Livres I-VI – Texte du manuscrit de Corbie. Ed. Henri Omont. Paris Alphonse Picard, 1886.

'GUARDIÕES do Crivella': funcionários da prefeitura fazem plantão na porta de hospitais para impedir trabalho da imprensa. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/31/guardioes-de-crivella-funcionarios-da-prefeitura-fazem-plantao-na-porta-de-hospitais-para-atrapalhar-reportagens-sobre-a-saude-do-rio.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2020.

HÁ 25 anos bispo da Universal dava chute na santa e chocava o país. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/10/12/ha-25-anos-bispo-da-universal-dava-chute-na-santa-e-chocava-o-pais-152378.php>. Acesso em: 31 out. 2020.

HARBIN, Leonnie Byron. *O Espírito Santo na Bíblia, na História, na Igreja*. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

HERÁLDICA do exercito português. Disponível em: <https://heportugal.wordpress.com/2016/04/27/regimento-de-infantaria-no-2/>. Acesso em: 06 ago. 2020.

HERNÁNDEZ, Pablo Castro. La construcción narrativa de Lactancio: una aproximación a la intención historiográfica en *De Mortibus Persecutorum* (s. IV d.C.) *Revista Talia Dixit. Revista Interdisciplinar de Retórica e Historiografía Universidad de Extremadura*, n. 12, p. 39-66, 2017. Disponível em: Microsoft Word - td12.Castro.doc.pdf (unex.es). Acesso em: 20 fev. 2020.

HIPÓLITO de Roma. *New Catholic Encyclopedia*. 2. ed. Farmington Hills: The Catholic University of America, The Gale Group, 2003. v. 6.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da igreja cristã*. Traduzido do original inglês *The story of the christian church*. São Paulo: Editora Vida, 1979.

IGREJA queria lucrar R\$ 1 bi com Netflix e ficou no prejuízo na justiça. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/cultura/2020-02-12/igreja-evangelica-pede-r-1-bilhao-de-indenizacao-ao-porta-dos-fundos-e-netflix.html>. Acesso em: 10 dez. 2020.

IGREJAS controlam 9 dos 50 veículos mais influentes do país, mostra pesquisa. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/igrejas-controlam-9-dos-50-veiculos-mais-influentes-do-pais/>. Acesso em: 17 out. 2020.

IMPEACHMENT de Dilma: saiba como votou cada um dos partidos na Câmara. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-04/impeachment-de-dilma-saiba-como-votou-cada-um-dos-partidos-na-camara>. Acesso em: 28 nov. 2020.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Patrística, Padres Apostólicos*, trad. Euclides M. Balancin, Ivo Storniolo, introdução e notas explicativas Roque Frangiotti. vol 1, São Paulo: Paulus, 1995.

IRENEU DE LYON. *Patrística, Padres Apostólicos, Contra as heresias*. Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro, organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; trad. Lourenço Costa. vol 4. São Paulo: Paulus, 1995.

IRENEU DE LYON. *Patrística, Padres Apostólicos, Demonstração da pregação apostólica*. trad. Ari Luis do Vale Ribeiro. vol 33. São Paulo: Paulus, 2014.

ISIDORO DE SEVILHA, *Etimologias*, tradução de J. Oroz Reta & E. A. Marcos Casquero, introdução de M. C. Díaz. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.

ISIDORO DE SEVILHA. *Sentencias*. Edição crítica de Julio Campos e Ismael Roca. (Santos Padres Españoles, II). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1971.

JOVENS da Igreja Universal marcham e se dizem “prontos para batalha” em culto. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/jovens-da-igreja-universal-marcham-se-dizem-prontos-para-batalha-em-culto-15490716>. Acesso em: 03 nov. 2020.

JUSTINO DE ROMA. *Patrística - Padres Apostólicos, Justino de Roma I, II Apologias, Diálogo com Tritão*, trad. Euclides M. Balancin, Ivo Storniolo. 2ª ed. vol. 3. São Paulo: Paulus, 2014.

KAEUPER, Richard W., *Holly Warriors: the Religious Ideology of Chivalry*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2009.

LACTANCIO. *Sobre la muerte de los perseguidores*. Introducción, traducción y notas de Ramon Teja. Madrid: Editorial Credos S. A. Sánchez Pacheco, 1982.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Tradução: José Colaço Barreiros e Artur Guerra. 2. ed. Lisboa: Ed: Caminho, AS, 1993.

LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa: época medieval*. 10. ed. p. 396-403. Coimbra: Coimbra Editora, 1981.

LE GOFF, Jacques. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. Coord. da tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: Editora EDUSC, 2006.

LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média*. Conversas com Jean-Luc Pouthier; trad. Marcos de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LE GOFF, Jacques. *Por uma longa Idade Média*. In: *O imaginário medieval*. p. 35-41. Lisboa: Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. Coord. da tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: Editora EDUSC, 2006.

LEAL, Ernesto Castro. Nun'Álvares – Símbolo e Mito nos séculos XIX e XX. *Revista Lusitânia Sacra*. Lisboa: Editora do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, n. 12. p.143-183, 2000.

LEMES, Fernando Lobo. In.: Seminário Internacional de História Medieval, III Encontro da DA ABREM Centro-Oeste, *A crise no campo e a proteção à nobreza: a lei das sesmarias em Portugal durante o reinado de D. Fernando (1367-1383)*. *História, política e poder da Idade Média*, Goiânia: Editora da PUC-GO. anais, vol 1, n. 1, 2014.

LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

LIBANIO, João Batista. CUNHA, Carlos. *Linguagens sobre Jesus – As linguagens tradicional, Neo-tradicional Pós-moderna, Carismática, Espírita e Neo-pentecostal*. São Paulo: Paulus, 2011.

LLULL, Ramon. *Livro da Ordem de Cavalaria*. Introdução, tradução e notas de Ricardo da Costa, São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2010.

LOPES, Fernão. *Crónica del rei dom João I da boa memória e dos reis de Portugal o décimo – Parte primeira*. Reprodução facsimilada da edição do Arquivo Histórico Português, preparada por Anselmo Braamcamp Freire, 1915. Prefácio por Luís Felipe Lindley Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1977.

LOPES, Fernão. *Quadros da Crônica de D. João I*. Seleção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1960.

LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Trad. Álvaro Cabral; revisão técnica, Hilário Franco Junior. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

LUPI, João. *Uma viagem pela Idade Média*. In.: *Uma Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares*. ZIERER, Adriana, SOUZA, Neila, GOMES, Flavia Santos. p. 127 – 144. São Luís: Editora UEMA, 2010.

MACEDO, Edir. *Apocalipse hoje*. 5. ed. Col. Reino de Deus, Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1993.

MACEDO, Edir. *Libertação da Teologia*. 9. ed. Col. Reino de Deus, Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1993.

MACEDO, Edir. *Mensagens*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1995.

MACEDO, Edir. *Nada a perder*. Livro 1. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2012.

MACEDO, Edir. *Nada a perder*. Livro 2. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

MACEDO, Edir.. *Nada a perder*. Livro 3. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

MACEDO, Edir. *O avivamento do Espírito de Deus*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, 1998. (Série Caráter de Deus).

MACEDO, Edir.. *O poder sobrenatural da fé*. 3. ed. Col. Reino de Deus, Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1996.

MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos & guias: deuses ou demônios?* 15. ed. Col. Reino de Deus, Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 2000.

MACEDO, Edir. *Vida com abundância*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. *Plano de Poder – Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

MAIS de 10 mil pedem o fim da intolerância no Rio. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/adblock.shtml?origin=after&url=https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2008/09/447346-mais-de-10-mil-pedem-fim-da-intolerancia-religiosa-no-rio.shtml?loggedpaywall>. Acesso em: 08 dez. 2020.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *A estória de Dom Nuno Alvrez Pereyra ou Cronica do Condestabre*. In: *Fontes e edições* [recurso eletrônico] / Gladis Massini-Cagliari, Márcio Ricardo Coelho Muniz, Paulo Roberto Sodré, organizadores. – p. 111-139. (Série Estudos Medievais; n. 3). Araraquara: ANPOLL, 2012.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Ainda sobre Nun'Álvares Pereira e o ideal de cavalaria*. In: *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*. Organizadora Lênia Márcia Mongelli. p. 441-454. São Paulo: Humanitas, 2012.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Fernão Lopes e a retórica medieval*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

MANIFESTO à nação. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2018/10/Manifesto-a-Nacao-frenteevangelica-outubro2018.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2020.

MANTRAN, Robert. *Expansão Muçulmana (Séculos VII-XI)*. Trude von Laschan Solstein (trad.). São Paulo: Pioneira, 1977.

MARCHA Para Jesus 2019 reúne milhares de fiéis em São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/20/marcha-para-jesus-2019-reune-milhares-de-fieis-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 03 nov. 2020.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de Estudos da Religião*. p. 68-95, dez, 2008.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Revista Estudos Avançados*, n. 18, p. 121-138, 2004.

MARIANO, Ricardo. *Os neopentecostais e a teologia da prosperidade*. Novos Estudos CEBRAP, n. 44, p. 24-44. mar. 1996.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 2014.

MARIANO, Ricardo *Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTIN, José Carlos. *La "Crónica Universal" de Isidoro de Sevilla: circunstancias históricas e ideológicas de su composición y traducción de la misma*. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/La-%22Cr%C3%B3nica-Universal%22-de-Isidoro-de-Sevilla-%3A-e-de-Martin/2fbaf7bdeb659d3e9c015153223e04bedb2adb59>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MARTINS, J. P. Oliveira. *A vida de Nun'Álvares, História do estabelecimento da dynastia de Aviz*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1893.

MAXIMILIANO DE TEBESSA. In.: *New Catholic Encyclopedia*. 2. ed. vol. 9, Catholic University of America. Farmington Hills: Gale Group, 2003.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos - o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.

MOMIGLIANO, A. *Ensayos de historiografía antigua y moderna*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MONTEIRO, João Gouveia. Fernão Lopes e os cronistas coevos: o caso da Cronica do Condestabre. In: *Revista de História das Ideias*, vol. 11. Coimbra: Instituto de História e Teoria da Ideias Faculdade de Letras, p. 37-61, jan. 1989.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. *Revista de Estudos da Religião*, p. 01-19, jun, 2010.

MP do Ceará gladiadores do altar. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=mp+do+cear%C3%A1+gladiadores+do+altar&rlz>

=1C1AVNG_enBR652BR652&oq=mp+do+cear%C3%A1+gladiadores+do+altar&aqs=chrome..69i57.15640j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 03 nov. 2020.

NASCIMENTO, Robson Rafael de Oliveira. *A reprodução ideológica d'ó livro da Ordem da Cavalaria, de Raimundo Lúlio, no estatuto dos Policiais Militares do Estado do Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://www.nehmaat.uff.br/revista/2017-1/artigo02-2017-1.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

NASCIMENTO, Robson Rafael de Oliveira. Crônicas de defesa das expansões muçulmanas nos livros didáticos de ensino fundamental do Rio de Janeiro. *Caderno de resumos do Sapuerj*, 2019. Disponível em: <https://sapuerj2019.files.wordpress.com/2019/10/caderno-de-resumos-sapuerj-1.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2021.

NASCIMENTO, Robson Rafael de Oliveira. *Risos na “Idade das Trevas” provocados pelas Cantigas de Escárnio e Maldizer de Afonso X*. Disponível em: <https://www.pem.historia.ufrj.br/CadernoDeResumos.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

N'DIAYE, Tidiane. *O genocídio ocultado*. Tiago Marques (trad.). Lisboa: Gradiva Publicações, 2019.

NIEBUHR, Richard, H. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: ASTE-Ciências da Religião, 1992.

O chute na santa – um chute no estômago. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QiNJ8mQU6g8>. Acesso em: 30 out. 2020.

ODON DE CLUNY. *Vita Sancti Geraldii Aurelianensis*. Bultot, A. (ed.). Bruselas: Société des Bollandistes, 2009.

OLIVEIRA, Maria Carmen Martiniano de. *As facetas de São Tiago no Liber Miraculorum do Codex Calixtinus. Ordens religiosas na Idade Média (séc. XII-XV) [recurso eletrônico]: concepções de poder e modelos de sociedade*. In: Congresso de Estudos Medievais: atas do congresso realizado nos dias 26 a 29 de maio de 2014 na Universidade Federal de Minas Gerais. Laboratório de Estudos Medievais/UFMG - Belo Horizonte: LEME/UFMG, 2015.

ORÍGENES, *Contra Celso. Patrística, Padres Apostólicos*, trad. Orlando dos Reis, introdução e notas Roque Frangiotti. vol 20. São Paulo: Paulus, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso, princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORO, Ari Pedro. *Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil*, Dossiê: *Pentecostalismo no Brasil* Belo Horizonte: Horizonte v. 9, n. 22, p. 383-395, jul-set. 2011.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-brasileiros: Quem vencerá esta guerra? *Debates do NER*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, ano 1, n. 1, p. 10-36. nov, 1997.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. In: *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis: Editora da UFSC, n. 1, v. 3, p. 071-085, 2001.

ORO, Ari Pedro . *O neopentecostalismo macumbeiro*. In.: *Revista USP*, n. 68, p. 319-332, São Paulo: Editora da USP, dez-fev 2005-2006.

PACAUT, Marcel. A Europa românica ou o tempo das primeiras sementeiras (Meados do século X a meados do século XII). In: *História Geral da Europa I*. Georges Livet e Roland Mousnier (dir.). Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.

PACOMIO, Luciano; PADOVESE, Luigi (org.). *Lexicon: dicionário teológico enciclopédico*. p. 467-468. São Paulo: Loyola, 2003.

PASTOR Everaldo e filhos são presos em operação que afastou witzel do governo do RJ. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/28/pastor-everaldo-e-presos-em-operacao-que-afastou-witzel-do-governo-de-rj.ghtml>. Acesso em 20/09/2020.

PASTORI, Aurélio. *¿Dos modelos de "valores bélicos"? Análisis comparativo de la Vita Sancti Geraldii Auriliacensis de Odón de Cluny y el tratado De Laude Novae Militiae de Bernardo de Claraval*. In.: Jornadas Internacionales de Estudios Medievales. Livro digital, p. 77-86. 2016.

PERRONE, Lorenzo. Eusébio de Cesareia – filologia, história e apologética para um cristianismo triunfante. In: MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina*. São Paulo: Loyola, 1996.

PESSOA, Fernando. *Poemas publicados em vida II – Mensagem*. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional, 2020.

PÊCHEUX, M. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Brasileira Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PHILIPS, Charles; AXELROD Alan, *Encyclopedia of wars*. New York: Facts on File, 2005.

POLICARPO DE ESMIRNA. *Patrística - Padres Apostólicos*, trad. Euclides M. Balancin, Ivo Storniolo, introdução e notas explicativas Roque Frangiotti, vol 1. São Paulo: Paulus, 1995.

PORTA dos Fundos: especial de Natal da Netflix revolta grupos religiosos. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/religiao/porta-dos-fundos-especial-de-natal-revolta-grupos-religiosos/>. Acesso em: 09 dez. 2020.

"PRECISAMOS de uma pessoa normal", diz Bolsonaro sobre futuro presidente.

Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/14/precisamos-de-uma-pessoa-normal-diz-bolsonaro-sobre-futuro-presidente.htm?cmpid=copiaecola>.

Acesso em: 25 nov. 2020.

PROCURA-SE Jesus Cristo. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/historia/procura-se-jesus-cristo/>. Acesso em: 24 mar. 2020.

RAMALHO, Jefferson. *O Eusébio de Constantino, o Constantino de Eusébio. O início das relações de poder entre a Igreja e o Estado*. 170 p. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2012. Disponível em:

https://www.academia.edu/28034217/O_Eus%C3%A9bio_de_Constantino_e_o_Constantino_de_Eus%C3%A9bio_o_in%C3%ADcio_das_rela%C3%A7%C3%B5es_de_poder_entre_a_Igreja_e_o_Estado?email_work_card=title. Acesso em 04 abr. 2020.

REI, Antonio. *Da crónica moçárabe de 754 à crónica general de Afonso X: A 'laude' e o 'dolo', os cimentos do discurso da Reconquista*. In: Colóquios Internacionais sobre Fontes Não Árabes sobre a Conquista Árabe. Universidade de Granada. Granada: Real Academia de la Historia, p. 83-96, 2013.

REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1993. p. 388-391.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

RESPOSTA aos espíritas, Globo e às "autoridades". Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IDibSEjt-Zo>. Acesso em: 02 nov. 2020.

ROCHA, Décio. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (Dis)curso*. Disponível em: Wayback Machine (archive.org). Acesso em 20 nov. 2020.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. *Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: o linguístico e seu entorno*. v. 22, n. 1, São Paulo: D.E.L.T.A., 2006.

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo; Mundo Cristão, 2005.

ROSAS, Nina. "Dominação" evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono. *Revista Contemporânea. Dossiê Desafios contemporâneos da sociologia da religião*. Disponível em: Vista do "Dominação" evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono (ufscar.br). Acesso em: 20 set. 2020.

RUST, Leandro Duarte. *Bispos Guerreiros: violência e fé antes das Cruzadas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

SANT'ANA, Rachel. *O som da marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus*. *Revista Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, 2014.

SANTO AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, Vol. I (Livro I a VIII). Trad., prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. 2 ed. Trad. do original latino intitulado *De Civitate Dei*, de Santo Agostinho, baseada na quarta edição de B. Dombart e A. Kalb. Lisboa: Serviço de Educação Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Disponível em: <https://www.academia.edu/40891063/Suma-teologica>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SARAIVA, Antonio J, LOPES. Óscar. *História da literatura portuguesa*, 17. ed. Porto: Porto Editora, 2001.

SARAIVA, José Hermano. *A Alma e a Gente – II #23 – O Santo Condestável*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wSjaPoRqNf8>. Acesso em: 03 set. 2020.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 7. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1981.

SEGUNDO o Ministério Público, estevam e sônia hernandes, fundadores da renascer, respondem a processos como estelionato, lavagem de dinheiro e falsidade ideológica. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG76167-6009-452-4,00.html>. Acesso em: 25 nov. 2020.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. *Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval: um estudo comparativo do Liber Sancti Jacobi e das Vidas dos Santos de Gonzalo de Berceo*. Niterói: EdUff, 2008.

SILVA FILHO, Luiz Marcos da. *Desnaturalização da política n'A cidade de Deus, de Agostinho*. 154 p. Tese, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Programa de Pós-graduação em Filosofia. São Paulo: 2012. Disponível em: 2012_LuizMarcosDaSilvaFilho_VCorr.pdf (usp.br) Acesso em: 17 jul. 2020.

SILVA, Gilvan Ventura da. SOARES, Carolline da Silva. Orígenes e a definição das fronteiras entre o cristianismo e o judaísmo no Contra Celso. *Revista Caminhos da História*, v. 15, n. 1, p. 85-100, 1 set. 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. O pentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 207-236, 2007.

SINGUL, Francisco. *O caminho de Santiago: a peregrinação ocidental na Idade Média*. Tradução: Maria do Amparo Tavares Maleval. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

SÍNODO DE BAMBERGE. Artigos 12 e 16 do Editio de Paz da Diocese de Bamberg. In: SHWALM, Jackob Theodor; WEILAND, Ludwig (ed.). *Monumenta Germaniae Historica: Constitutiones et Acta Publica Imperatorum et Regum*, v. 01. Hannoverae: [s.n.], 1893.

SOARES, Carolline da Silva. Vida e obra do filósofo pagão Celso. *Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo* – Universidade Federal do Pampa, v. 1, p. 138-155, 2013.

SOARES, M., C. Guerra Santa no País do Sincretismo. In: LANDIM, L. (org.). *Sinais dos tempos: diversidade religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: [s.n.], p. 75-104, 1990. (Cadernos do Iser, n. 23).

SOUZA, Néri de Almeida. Hipóteses sobre a natureza da santidade: o Santo, o Herói e a Morte. *Signum*, n. 4, p. 11-46, 2002.

TAYLOR, Craig. *Chivalry and the Ideals of Knighthood in France in the Hundred Years War, Chivalry and the Ideals of Knighthood in France during the Hundred Years War*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

TERTULIAN-MINUCIUS, *Felix*.

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0570%3Achapter%3D50%3Asection%3D12>. Acesso em 27 mar. 2020.

TERTULIANO, *Apologia*. trad. José Fernandes Vidal & Luiz Fernando Karpas Pasquotto, Capítulo I. 13. Disponível em: https://ibpan.com.br/images/stories/Downloads/Estudos_Biblicos/Tertuliano%20-%20Apologia.pdf. Acesso em 26 mar. 2020.

TERTULIANO. *Apologia*. Traduzido por José Fernandes Vidal & Luiz Fernando Karpas PASQUOTTO, Capítulo XXI. p. 24. Disponível em: https://ibpan.com.br/images/stories/Downloads/Estudos_Biblicos/Tertuliano%20-%20Apologia.pdf. Acesso em 26 mar. 2020.

TRAFICANTES evangélicos causam terror a religiões africanas. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/traficantes-evangelicos-causam-terror-a-religioes-africanas,1780cd9c3e66e3685264918be080ac4db4ddw64t.html>. Acesso em 14 out. 2020.

UNIVERSAL processa Globo por danos morais. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/23/brasil/25.html>. Acesso em: 09 dez. 2020.

VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea; vida de santos*. Trad. Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII) I*; tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VAUCHEZ, André. *La Santità nel Medioevo*. Bologna: Molino, 1989.

ZURARA, Gomes Eanes de. *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, Larry King (ed.). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1978.

ANEXO A - Representatividade dos evangélicos no Legislativo nacional brasileiro

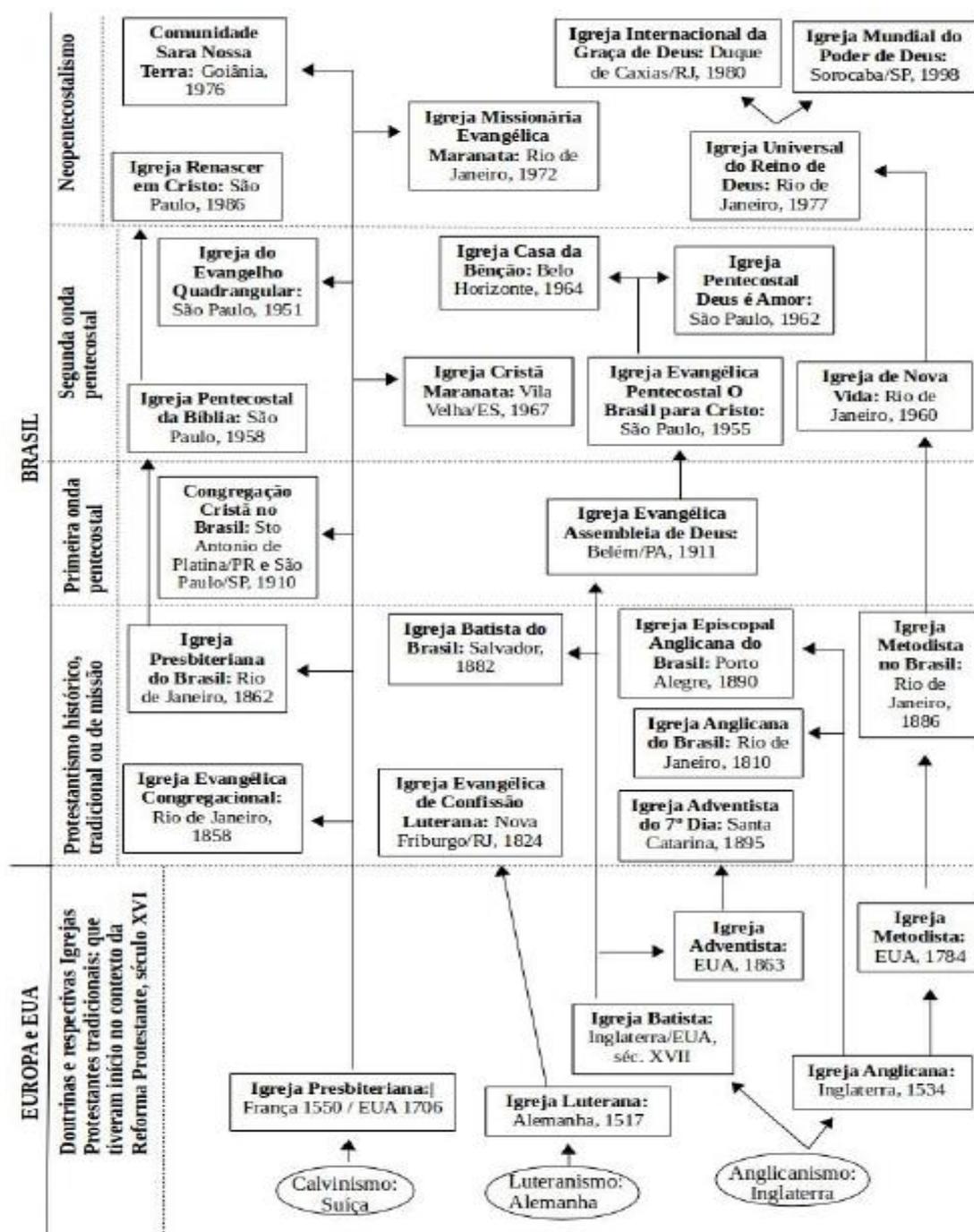
Representatividade dos evangélicos no Legislativo nacional brasileiro³²⁶

Filiação/Igreja	Classificação	2015-2018	2019-2022
Assembleia de Deus	Pentecostal	24	30
Assembleia de Deus - Catedral do Avivamento	Pentecostal	1	1
Assembleia de Deus – Missão Vida	Pentecostal	-	1
Assembleia de Deus – Vitória em Cristo	Pentecostal	1	1
Batista	Histórica	8	11
Batista Nacional	Pentecostal	1	2
Catedral do Reino de Deus	Pentecostal	1	-
Congregação Cristã no Brasil	Pentecostal	2	2
Igreja Adventista	Histórica	-	1
Igreja Cristã Maranata	Pentecostal	1	2
Igreja do Evangelho Eterno	Pentecostal	-	1
Igreja do Evangelho Pleno	Pentecostal	-	1
Igreja do Evangelho Quadrangular	Pentecostal	4	2
Igreja Internacional da Graça de Deus	Pentecostal	2	-
Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo	Pentecostal	-	1
Igreja Fazei Discípulos	Pentecostal	-	1
Igreja Fonte da Vida	Pentecostal	1	-
Igreja Luterana	Histórica	1	3
Igreja Metodista	Histórica	1	1
Igreja Mundial do Poder de Deus	Pentecostal	2	-
Igreja Nova Vida	Pentecostal	1	1
Igreja O Brasil para Cristo	Pentecostal	1	1
Igreja Presbiteriana	Histórica	6	6
Igreja Sara Nossa Terra	Pentecostal	2	-
Igreja Universal do Reino de Deus	Pentecostal	12	18
Não identificado	-	1	1
Projeto Vida Nova	Pentecostal	1	-

³²⁶ Dados disponibilizados pelo DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar logo após as eleições, antes dos parlamentares eleitos tomarem posse. Há mudanças nesses números ao longo das legislaturas, de acordo com o modo como votam ou se identificam os parlamentares, pela entrada e saída formal da FPE (Frente Parlamentar Evangélica) ou ainda por possíveis substituições com entrada de suplentes etc. E fundamental sinalizar que estes dados são objeto de disputa, e de acordo com os interesses de quem apresenta, pode indicar uma Bancada mais ou menos fortalecida. Neste sentido, buscamos padronizar os dados em uma fonte única, o DIAP, que sinaliza que “classifica como integrante da bancada evangélica, além dos que ocupam cargos nas estruturas das instituições religiosas - como bispos, pastores, missionários e sacerdotes - e dos cantores de música gospel, aquele parlamentar que professa a fé segundo a doutrina evangélica ou que se alinha ao grupo em votações de temas específicos” (DIAP, 2020, *grifo do autor*).

ANEXO B - Genealogia das principais igrejas evangélicas brasileiras

Genealogia das principais igrejas evangélicas brasileiras



ANEXO C - Analogia entre o neopentecostalismo e o Candomblé e suas consequências culturais

Analogia entre o neopentecostalismo e o Candomblé e suas consequências culturais³²⁷

AUTORIDADE ESPIRITUAL

NEOPENTECOSTALISMO	CANDOMBLÉ	CONSEQUENCIAS CULTURAIS
<ul style="list-style-type: none"> • O crente não pode adoecer pois “Cristo levou sobre si todas as nossas enfermidades e não pode ser pobre porque “Deus é dono de toda a prata e de todo o ouro”. • ênfase numa vida sem doenças. • mito da saúde perfeita e da prosperidade dada por Deus. • aburguesamento da igreja, a mensagem “pentecostal” atingindo a classe média e alta. • “ética yuppie” (Freston, 1994;132). • riqueza é símbolo de bênção de Deus – individualmente. • conquista de um paraíso na terra. • “grana, glamour e gospel” (Revista <i>Veja</i>, 1688, ano 34, nº 7, 21/02/2001). 	<ul style="list-style-type: none"> • o corpo aqui é elemento fundamental, pois todas as atividades passam por ele até o elemento espiritual – a entidade que vem do transcendente – ao se manifestar, necessita de um corpo para literalmente, incorporar. • a sensualidade é incentivada. • por fim, o “corpo fechado” é protegido de todo e qualquer ataque tanto físico como espiritual. • pai/ mãe de santo precisa e é respeitado por sua riqueza e fama. 	<ul style="list-style-type: none"> • geração saúde/academia, culto ao corpo. • mito do progresso; saúde e riqueza para todos. • os ricos ficando cada vez mais ricos. • riqueza é símbolo de competência e capacidade pessoal. • o fim da história. • rico pode tudo.

Consequência:

NOVA ÉTICA: religião utilitarista. Os interditos são relativizados. A ética do trabalho é substituída pela ética do consumo.

³²⁷ ALENCAR, 2005, p. 115-117.

ANEXO D - Saúde e prosperidade

SAÚDE E PROSPERIDADE

NEOPENTECOSTALISMO	CANDOMBLÉ	CONSEQUENCIAS CULTURAIS
<ul style="list-style-type: none"> • O crente não pode adoecer pois “Cristo levou sobre si todas as nossas enfermidades e não pode ser pobre porque “Deus é dono de toda a prata e de todo o ouro”. • ênfase numa vida sem doenças. • mito da saúde perfeita e da prosperidade dada por Deus. • aburguesamento da igreja, a mensagem “pentecostal” atingindo a classe média e alta. • “ética yuppie” (Freston, 1994;132). • riqueza é símbolo de bênção de Deus – individualmente. • conquista de um paraíso na terra. • “grana, glamour e gospel” (Revista <i>Veja</i>, 1688, ano 34, nº 7, 21/02/2001). 	<ul style="list-style-type: none"> • o corpo aqui é elemento fundamental, pois todas as atividades passam por ele até o elemento espiritual – a entidade que vem do transcendente – ao se manifestar, necessita de um corpo para literalmente, incorporar. • a sensualidade é incentivada. • por fim, o “corpo fechado” é protegido de todo e qualquer ataque tanto físico como espiritual. • pai/ mãe de santo precisa e é respeitado por sua riqueza e fama. 	<ul style="list-style-type: none"> • geração saúde/academia, culto ao corpo. • mito do progresso; saúde e riqueza para todos. • os ricos ficando cada vez mais ricos. • riqueza é símbolo de competência e capacidade pessoal. • o fim da história. • rico pode tudo.

Consequência:

NOVA ÉTICA: religião utilitarista. Os interditos são relativizados. A ética do trabalho é substituída pela ética do consumo.

ANEXO E - Confissão positiva

CONFISSÃO POSITIVA

NEOPENTECOSTALISMO	CANDOMBLÉ	CONSEQUENCIAS CULTURAIS
<ul style="list-style-type: none"> • Existe poder nas palavras que se profere, portanto “decreta-se o bem e “amarra-se” o mal; daí o “poder que tem o nome de Jesus. • predomínio das experiências pessoais. • quebra de maldições. • “lairibeirização da fé” (Gondim, 1990). 	<ul style="list-style-type: none"> • religião utilitarista. • predomínio das experiências pessoais. • “abracadabra”; uma série de ritos, palavras mágicas que, se pronunciadas e realizadas dentro do estabelecido, se efetivam como poder espiritual. 	<ul style="list-style-type: none"> • retorno ao misticismo pagão. • neurolinguística (Fonseca, 1998). • pessoas que transmitem e têm energia positiva.

Consequência:

NOVO ESTILO: “A experiência é o princípio fundante. A experiência é moderada da realidade (Bernardo Campos).

ANEXO F - Tabela comparativa entre as escolas de Análise de Discurso Francesa e Anglo-Saxã

Tabela comparativa entre as escolas de Análise de Discurso Francesa e Anglo-Saxã (MAINGUENEAU, 1997, p. 16)

	AD francesa	AD anglo-saxã
Tipo de discurso	Escrito Quadro institucional doutrinário	Oral Conversação cotidiana comum
Objetivos determinados	Propósitos textuais Explicação – forma construção do objeto	Propósitos comunicacionais descrição – uso Imanência do objeto
Método	“estruturalismo” Linguística e história	Interacionismo psicologia e sociologia
Origem	linguística	antropologia